unesp **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ADRIANA VIANA POSTIGO

Língua Wauja (Arawak):

uma descrição fonológica e morfossintática

ARARAQUARA – S.P.
2014

ADRIANA VIANA POSTIGO

Língua Wauja (Arawak):

uma descrição fonológica e morfossintática

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Bolsa: FAPESP – Processo: 2010/03000-3

ARARAQUARA – S.P.
2014

Postigo, Adriana Viana
Língua Wauja (Arawák): uma descrição fonológica e morfossintática / Adriana Viana Postigo – 2014
244 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)
Orientador: Cristina Martins Fargetti

l. Linguística. 2. Índios. 3. Índios -- Línguas. 4. Gramática comparada e geral -- Fonologia. I. Título.

ADRIANA VIANA POSTIGO

Língua Wauja (Arawak):

uma descrição fonológica e morfossintática

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática
Orientadora: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti
Bolsa: FAPESP – Processo n.2010/03000-3

Data da defesa: 08/04/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora:	**Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti** UNESP/Araraquara
Membro Titular:	**Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari** UNESP/Araraquara
Membro Titular:	**Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues** UNESP/Araraquara
Membro Titular:	**Profa. Dra. Mônica Veloso Borges** UFG/Goiânia
Membro Titular:	**Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori** UNICAMP/Campinas

Local: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Ao povo wauja... crianças, jovens, homens e mulheres.

A todos aqueles que lutam pela preservação da cultura e da língua wauja.

AGRADECIMENTOS

A todos os wauja, pela amável acolhida, compreensão e disponibilidade, em especial à liderança composta pelos caciques Kamalá, Itsautaku, Awaulukumã e Atamai (*in memorian*) e, também, ao Sr. Arapawá, sua esposa Wayakumalu e seus filhos (Laul, Sokuto e Araci), principais colaboradores desta pesquisa, sem os quais este trabalho jamais teria se concretizado.

A todos os professores, alunos e funcionários da Escola Estadual Indígena Educação Básica Piyulaga, especialmente, Ixanu, Tamuwã, Mayawakai, Kapulupenu, Atukumã e Piratá.

À orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti, que me acolheu em seu grupo de pesquisa, dedicou-se a me ajudar nesta tarefa árdua, mas muito gratificante, que é descrever a gramática de uma língua indígena. Agradeço pelas valiosas orientações teóricas e práticas, tanto na análise dos dados quanto no trabalho de campo.

Aos professores da banca de defesa: Profa. Dra. Mônica Veloso Borges, Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori, Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari e Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues, pela valiosa leitura e contribuição ao trabalho.

Aos professores da banca de defesa que atuaram como suplentes: Profa. Dra. Denise Silva, Profa. Dra. Beatriz Protti Christino e Prof. Dr. Francisco Vanderlei Ferreira da Costa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo auxílio à pesquisa com bolsa de estudos concedida durante o curso de Doutorado e Reserva Técnica para o custeio da pesquisa (Processo: 2010/03000-3)

À FUNAI, por conceder a autorização necessária à entrada na área indígena para a realização do trabalho de campo (Autorização n.129/AAEP/10, processo n.1574/07).

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, pelo atendimento, pela competência e pelos auxílios financeiros concedidos para os trabalhos de campo, especialmente à Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, então coordenadora.

A todo o corpo docente da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara que contribuíram para a minha formação acadêmica, em especial, Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari e Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva.

A todos os colegas e amigos dos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado, especialmente, Flávia Berto, Elisângela Gusmão, Mateus Carvalho e Kelly Loddo.

A todos os amigos de Araraquara, especialmente, à Dona Norma Pirolla, Sr. Mirto Pirolla e Dona Eugênia (*in memorian*), pela hospitalidade e carinho e à família da Flávia Berto: Dona Regina, Sr. Flávio, Carine e Guilherme, minhas amigas Keila Daianny (de Ilha Solteira) e Gisele dos Santos.

À minha família, pelo apoio e pela contribuição em todos os momentos da pesquisa, em especial à minha querida e amada mãe, Dona Maria, que me acompanhou em alguns eventos e sempre se preocupou com as noites “mal dormidas”, as viagens de ônibus e avião, os medicamentos para campo e tantos outros “cuidados e perigos” que uma pesquisa de campo pode representar para uma mãe.

Ao meu amigo, namorado e marido, Reinaldo Correa Paravisini, por me apoiar em todos os momentos, por entender as ausências necessárias e me acompanhar durante os trabalhos de campo.

A minha querida e amada filha, Helena, por me alegrar com lindos sorrisos nos momentos mais difíceis.

Aos familiares e amigos sul-matogrossenses de Três Lagoas: Elaine Postigo e família, Sueli Militão e família, de Corumbá: Margareth Paravisini e família e tantos outros que sentiram minha falta durante o curso de Doutorado e sempre me acolheram com amor.

Por fim, agradeço a todos os futuros leitores deste trabalho, pessoas interessadas em Linguística, Antropologia, áreas afins e em conhecer um pouco mais sobre a língua wauja, sua fonologia e morfossintaxe.

Obrigada!

Você deve viver sua vida do início até o fim, pois ninguém mais pode fazer isto por você!

(Provérbio Hopi)

RESUMO

Esta tese tem por objetivo analisar a língua wauja em seus aspectos fonológicos e morfossintáticos. A língua wauja pertence à família linguística arawak e é falada por aproximadamente 410 pessoas que vivem na aldeia Piyulaga, localizada no Parque Indígena do Xingu, no Estado de Mato Grosso. No presente trabalho, há informações sobre o povo wauja, sua situação linguística, algumas considerações sobre a escola na aldeia e, também, uma explicitação do modelo teórico-metodológico utilizado para a coleta de dados em campo. A revisão bibliográfica aborda as primeiras notícias publicadas sobre os wauja, as listas de palavras, os estudos prévios e a filiação genética da família arawak. Na análise fonológica, foram descritos os segmentos consonantais, vocálicos, aproximantes, padrões silábicos, acento, nasalidade, processos morfofonológicos e, ainda, algumas considerações sobre as convenções ortográficas utilizadas na escola da aldeia. Em relação à morfologia, a tese descreve as seguintes categorias gramaticais: nomes, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes, formas interrogativas e quantificadores. Na análise sintática, a tese apresenta os tipos de predicados, as sentenças declarativas, interrogativas, imperativas e as orações complexas, que por sua vez, dividem-se em coordenadas (conjuntivas, adversativas e disjuntivas) e subordinadas (orações complemento, relativas, adverbiais, temporais e causais). Esta tese, portanto, busca contribuir para a documentação, descrição e análise das línguas indígenas brasileiras, em especial, as línguas da família arawak.

Palavras-chave: Linguística. Línguas indígenas brasileiras. Língua wauja. Fonologia. Morfossintaxe.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to analyse the phonological and morphosyntathic aspects of Wauja language. Wauja is part of the Arawak linguistic family and is spoken by approximately 410 people living in Piyulaga village, located in the Xingu Indigenous Park, state of Mato Grosso. This work presents information about Wauja people, their linguistic situation, some considerations on the school of the village, and a presentation of the theoretical-methodological framework applied to the collecting of field data. The bibliographical review contains the first notes published about Wauja, word lists, early studies of the language, and the genetic affiliation of the Arawak family. In the phonological analysis it is described consonantal, vocalic and approximant segments, syllabic patterns, stress, nasality, morphophonological processes, and some considerations on the orthographical conventions used in the school of the village. Concerning the morphology, this thesis describes the following grammatical categories: nouns, verbs, adjectives, adverbs, pronouns, interrogative forms and quantifiers. In the syntactical analysis, this dissertation presents the kinds of predicates, declarative, interrogative, and imperative sentences. It also presents complex sentences, which can be coordinate (conjunctive, adversative and disjunctive) and subordinated (complement, relative, adverbial, temporal and causal). This thesis therefore aims to contribute to the documentation, description and analysis of Brazilian indigenous languages, specially the languages of Arawak family.

Keywords: *Linguistics. Brazilian indigenous languages. Wauja language. Phonology. Morphosyntax.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casa tradicional wauja (POSTIGO, A. V. – janeiro/2011) 25
Figura 2: Descanso após a Dança do Beija-flor (POSTIGO, A. V. – janeiro/2011) 31
Figura 3: Localização das aldeias (ISA, 2013) 33
Figura 4: Arte wauja em cerâmica (POSTIGO, A. V. - janeiro/2012) 34
Figura 5: Visão aérea da Aldeia Piyulaga (POSTIGO, A.V. – janeiro/2012) 35
Figura 6: Dança do macaco (POSTIGO, A. V. - janeiro/2011) 35
Figura 7: Córrego Kuluene (POSTIGO, A. V. janeiro/2012) 37
Figura 8: Capa do livro wauja ogatakojataku (2004) 47
Figura 9: Casa tradicional wauja (POSTIGO, A. V. – janeiro/2011) 67
Figura 10: Dança do beija-flor (POSTIGO, A. V. – janeiro/2012) 75
Figura 11: Caminho para o banho (POSTIGO, A. V. – janeiro/2012) 129
Figura 12: Cozinha externa em construção (POSTIGO, A. V. – janeiro/2012) 191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Inventário fonológico de Jackson e Richards (1966) 43
Quadro 2: Exemplos extraídos de Richards (1988) 44
Quadro 3: Prefixos pessoais (singular) de Corbera Mori (2005) 45
Quadro 4: Prefixos pessoais (plural) de Corbera Mori (2005) 45
Quadro 5: Comparação entre consoantes e vogais (CORBERA MORI, 2006) 46
Quadro 6: Consonants (BALL, 2007, p.ix) 47
Quadro 7: Vowels (BALL, 2007, p.x) 47
Quadro 8: Classificação da família arawák por Payne (1991) 49
Quadro 9: Classificação da família arawak por Aikhenvald (1999) 51
Quadro 10: Afixos do proto-arawak por Aikhenvald (2006) 52

Quadro 11: Classificação da família arawak por Ramirez (2001)..... 53
Quadro 12: Línguas arawak no Brasil por Rodrigues (1986)..... 54
Quadro 13: Línguas arawak no Brasil por Moore et alii (2008) 55
Quadro 14: Classificações da língua wauja na família arawak 56
Quadro 15: Inventário fonético das consoantes em wauja..... 78
Quadro 16: Distribuição entre vogais e consoantes..... 85
Quadro 17: Inventário fonológico das consoantes em wauja..... 85
Quadro 18: Inventário fonético das vogais em wauja..... 87
Quadro 19: Inventário alternativo das vogais em wauja..... 91
Quadro 20: Ponto e abertura das vogais..... 92
Quadro 21: Sequências com glides em wauja 93
Quadro 22: Moldes silábicos da língua wauja..... 100
Quadro 23: Ditongação em wauja 102
Quadro 24: Elisão em Wauja..... 102
Quadro 25: Fusão vocálica em wauja 103
Quadro 26: Representação da nasalização fraca/leve 110
Quadro 27: Processos morfofonológicos 116
Quadro 28: Correspondências entre o *IPA* e a Ortografia Wauja..... 125
Quadro 29: Funções semânticas de Givón (1984)..... 134
Quadro 30: Prefixos pronominais e alomorfes em wauja 142
Quadro 31: Sufixos de gênero em wauja 145
Quadro 32: Coletivizadores em wauja..... 150
Quadro 33: Prefixos pronominais nos verbos 159
Quadro 34: Sufixos aspectuais em wauja..... 164
Quadro 35: Principais características dos adjetivos..... 170
Quadro 36: Pronomes e prefixos pronominais em wauja 180
Quadro 37: Pro-formas interrogativas em wauja..... 184

Quadro 38: Expressões numéricas em wauja 187

Quadro 32: Padrões sintáticos (DRYER apud SHOPEN, 2007:253) 197

Quadro 40: Predicados não-verbais 201

Quadro 41: Partículas interrogativas 208

LISTA DE SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS

~	alterna com
...	espalhamento ou associação
ǂ	dissociação
-	juntura de morfema
#	fronteira de palavra
σ	sílaba
→	passa a...
.	fronteira silábica
[ ]	representação fonética
/ /	representação fonológica
{ }	representação de morfema
| |	representação de alomorfe
‘ ’	tradução livre
(~)	traço de nasalidade
ɸ	vazio
1s	1ª pessoa do singular
1p	1ª pessoa do plural
2s	2ª pessoa do singular
2p	2ª pessoa do plural
3s	3ª pessoa do singular
3p	3ª pessoa do plural
A	ataque
Ab	abertura
ADV	advérbio
AFIRM	afirmação
AFIRM	adversativo
ANIM	animacidade
Arg	argumento
AUM	aumentativo
C	consonante
CAA	Contraste em ambiente análogo
CAI	Contraste em ambiente idêntico
CL	classificador
COL	coletivizador
CONCR	Traço concreto
CONS	Traço consonantal
CONT	Traço de continuidade
CONJ	conjunção
COMP	comparativo
COMPL	complexo
DAT	dativo
DEM	demonstrativo
DIM	diminutivo
DISTR	distribuído
EEI	Escola Estadual Indígena
ENT	entidade
ENF	ênfase

Ep	epêntese
FEM	feminino
FUT	futuro
G	glide
HUM	humano
IMPF	imperfectivo
INT	interrogativo
Intr	intransitivo
LOC	locativo
MASC	masculino
N/Nu	núcleo silábico
NEG	negação
NPOSS	não-possuído
O	*onset* ou ataque
OBJ/O	objeto
Or	oração
PASS	passado
PASS.IMD	passado imediato
PERF	perfectivo
PC	ponto de constrição
PCO	Princípio do contorno obrigatório
PRED	predicado
POSS	possessivo
PV	ponto de vogal
Qu	questão
R	rima silábica
RECIPR	recíproco
REL	relativo
SUJ/S	sujeito
TEMP	temporal
Tran	transitivo
V	vogal/verbo
VBL	verbalizador
VOZ	Traço de vozeamento
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
SIL	Summer International Linguistic
FUNAI	Fundação Nacional do Índio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 27

2 O POVO E A LÍNGUA WAUJA 33
2.1 O povo wauja 33
2.2 Apontamentos bibliográficos 37
2.2.1 A língua wauja 40
2.2.1.1 Listas de palavras 41
2.2.1.2 Estudos prévios 42
2.2.1.3 Filiação genética: família arawák 48
2.3 Situação linguística 57
2.4 A escola na aldeia 57
2.5 Sobre a educação escolar indígena 62

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA 69
3.1 Trabalho de campo 70
3.1.1 Coleta de dados 72

4 ASPECTOS FONOLÓGICOS 77
4.1 Descrição dos segmentos 77
4.1.1 Consoantes 77
4.1.2 Vogais 87
4.1.3 Aproximantes /j/ e /w/ 92
4.2 A sílaba 96
4.2.1 Padrões silábicos 99
4.2.2 Ressilabificação 100
4.3 Acento 104
4.3.1 O acento em wauja 106
4.4 A nasalidade em wauja 109
4.5 Processos morfofonológicos 113
4.5.1 Representações pela geometria de traços 116
4.6 Convenções ortográficas 124

5 ASPECTOS MORFOLÓGICOS 131
5.1 As classes de palavras ou partes do discurso 132
5.1.1 Classes abertas 133
5.1.1.1 Nomes 133
5.1.1.1.1 A marcação de posse 136
5.1.1.1.1 Prefixos pronominais na marcação de posse 139
5.1.1.1.2 Gênero 142
5.1.1.1.2.2 Nomes próprios 144
5.1.1.1.3 Número 145
5.1.1.1.4 Avaliativos 150
5.1.1.1.5 Classificadores 153
5.1.1.2 Verbos 155
5.1.1.2.1 Prefixos pronominais nos verbos 156
5.1.1.2.2 Tempo 159
5.1.1.2.3 Aspecto 162
5.1.1.3 Adjetivos 165
5.1.1.4 Advérbios 171
5.1.2 Classes fechadas 175
5.1.2.1 Pronomes 176
5.1.2.1.1 Pronomes pessoais 176
5.1.2.1.2 Pronomes demonstrativos 180
5.1.2.2 Formas interrogativas 181
5.1.2.3 Quantificadores 185
5.1.2.3.1 Expressões numéricas 185
5.1.2.3.2 Palavras quantificadoras 188

6 ASPECTOS SINTÁTICOS 193
6.1 A ordem dos constituintes 193
6.2 Tipos de predicados em wauja 194
6.2.1 Predicados verbais 194
6.2.1.1 Sentenças existenciais 197
6.2.1.2 Sentenças possessivas 198
6.2.2 Predicados não-verbais 199
6.3 Sentenças declarativas 202
6.4 Orações interrogativas 202

6.4.1 As interrogativas polares 203
6.4.2 As interrogativas não-polares 205
6.5 As sentenças imperativas 208
6.5.1 Imperativas positivas..... 209
6.5.2 Imperativas negativas 210
6.6 Orações complexas..... 211
6.6.1 As construções coordenadas..... 211
6.6.1.1 Orações conjuntivas 212
6.6.1.2 Orações adversativas..... 213
6.6.1.3 Orações disjuntivas 214
6.6.2 As construções subordinadas..... 214
6.6.2.1 As construções complemento 215
6.6.2.2 As construções relativas 216
6.6.2.3 As orações adverbiais 217
6.6.2.3.1 Adverbiais temporais..... 217
6.6.2.3.2 Adverbiais causais 218

CONCLUSÕES..... 219

REFERÊNCIAS..... 225

ANEXO: FORMULÁRIO PADRÃO..... 235

==========

SEÇÃO 1
INTRODUÇÃO

==========

Figura 1: Casa tradicional wauja (POSTIGO, A. V. – janeiro/2011)

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta tese foi analisar os aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua wauja, que são componentes intrinsecamente imbricados no funcionamento de toda língua natural.

A língua wauja pertence à família linguística arawak, considerada como a maior família das Américas no que se refere ao número de línguas, incluindo as ramificações internas, e abrange a maior área geográfica de qualquer grupo linguístico da América Latina.

Em relação à filiação genética, Steinen (1894) propôs o agrupamento Nu-Aruak, composto pelas línguas wauja, mehinaku, yawalapiti e Kustenau. Payne (1991) considerou tais línguas como “Eastern” e Aikhenvald (1999) como grupo “Pareci-Xingu”. Já Ramirez (2001) propõe a “Família oriental”, “Divisão Xingu-Tapajós”, formada pelas línguas pareci-saraveca, yawalapiti e wauja-mehinaku, ou seja, o autor propõe que o wauja e o mehinaku são uma mesma língua. Em trabalhos mais recentes, Corbera Mori (2005, 2006, 2008) apresenta algumas comparações entre as línguas wauja e mehinaku, concluindo que o wauja e o mehinaku compartilham algumas características, porém devem ser consideradas como duas línguas distintas.

Em relação à autodenominação wauja, na literatura há também os termos “aurá” e “waurá”. Embora, ortograficamente,wauja se escreva com a letra <j>, trata-se foneticamente da consoante fricativa pós-alveolar retroflexa sonora [ʐ], que pode se realizar como fricativa pós-alveolar retroflexa surda [ʂ]em contexto intervocálico, ou seja, foneticamente a autodenominação é [waˈuʐa] ou [waˈuʂa].

O primeiro trabalho que apresentou o termo “wauja” foi o deIreland (1991), em uma nota que diz: “os Wauja são comumente referidos como ‘Aurá’ ou ‘Waurá’. Estes nomes são incorretos, resultam de uma pronúncia errada. Os Wauja querem ser conhecidos pelo seu nome verdadeiro” (IRELAND, 1991, s/p).

Ao questionar os wauja sobre a ocorrência dos termos “aurá” e “waurá”, eles disseram preferir o termo “wauja”. Assim, utilizamos o termo “wauja” em toda a tese, como também fizeram Ireland (1991), Mello (1999), Ball (2007) e Barcelos Neto (1999, 2000, 2001, 2002, 2004a, 2004b, 2004c, 2006).

Estimados em aproximadamente 410 pessoas, os wauja vivem em três aldeias, são elas: Piyulaga, Piyuluene eUlupuene. Todas as aldeias estão situadas no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso. Porém, apenas a aldeia Piyulaga é reconhecida pela FUNAI, por ser

a primeira aldeia e, também, por apresentar uma população muito maior em relação às demais. As outras aldeias foram constituídas mais recentemente e encontram-se, ainda, em processo de demarcação de terras.

Nesta pesquisa, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre o povo, a língua e a filiação genética da língua wauja. Além disso, foram realizadas viagens para o trabalho de campo na aldeia Piyulaga e, também, na cidade de Canarana-MT. Os dados foram coletados junto aos falantes nativos, com a aplicação de questionários, propostos por Samarin (1967), Kibrik (1977), Payne (1997), Vaux e Cooper (1999), Dixon (2007) e outros. Além de questionários, a coleta contou com diálogos, narrações sobre o cotidiano na aldeia e autobiografias.

Após a transcrição e sistematização dos dados coletados em campo, deu-se início à análise linguística do *corpus*.

Na fonologia, foram elaborados os inventários fonéticos e fonológicos das consoantes, vogais e aproximantes. Em seguida, foram descritos os padrões silábicos CV e V, os processos de ressilabificação, o acento, a nasalidade e os processos morfofonológicos. E, ainda, foram tecidas algumas considerações sobre as convenções ortográficas utilizadas na escola da aldeia.

Na morfologia, são descritas as seguintes categorias gramaticais:

(i) Nomes – queocorrem com prefixos pronominais, sufixos de gênero, sufixos avaliativos,sufixos coletivizadores e sufixos classificadores;
(ii) Verbos – que ocorrem com prefixos pronominais, sufixos temporais e sufixos de aspecto;
(iii) Adjetivos – que ocorrem com prefixos pronominais, sufixos de gênero, sufixos temporais, sufixos de aspecto e sufixos classificadores;
(iv) Advérbios – locativos, temporais, intensificadores, de afirmação e de negação;
(v) Pronomes – pessoais, demonstrativos e interrogativos;
(vi) Formas interrogativas e
(vii) Quantificadores – expressões numéricas e palavras quantificadoras.

Na análise sintática, são descritos os tipos de predicados (verbais e não-verbais), as sentenças declarativas, interrogativas (polares e não-polares), imperativas (positivas e negativas) e as orações complexas, que, por sua vez, dividem-se em coordenadas (conjuntivas, adversativas e disjuntivas) e subordinadas (orações complemento, relativas, adverbiais, temporais e causais).

Como a maioria das línguas arawak, a língua wauja conta com poucos estudos linguísticos. A partir do levantamento bibliográfico, pode-se verificar que há os artigos de Richards (1973, 1977, 1988), Richards e Jackson (1960), Jackson e Richards (1966), Corbera Mori (2003, 2005, 2006, 2008). E, também, as listas de palavras de Steinen (1940[1894]), Carvalho (1951), Bridgeman (s.d.) e a lista do *Intercontinental Dictionary Series* (IDS, s.d.).

Como se pode observar, não há, portanto, uma descrição linguística como a que foi proposta nesta tese. Desse modo, esta pesquisa buscou descrever os principais aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua wauja, que não haviam sido tratados antes.

Além das contribuições que esta pesquisa fornece às teorias linguísticas, principalmente em relação ao conhecimento das línguas arawak, esta pesquisa enquadra-se nas preocupações atuais em relação às línguas indígenas. Essas preocupações intensificaram-se após a publicação do artigo de Krauss (1992, p.7-10), em que se estima que 90% das línguas do mundo possam ser extintas no século XXI.

Para concluir, vale dizer que ao propor a descrição de uma língua, muitas vezes as análises são refeitas ao passo que novos dados são inseridos ao *corpus*. Desse modo, analisar uma língua pressupõe abranger o máximo de sua complexidade de uma forma mais simples possível.

Entretanto, há questões que, pelo tempo limitado que a pesquisa impõe, devem ser estudadas posteriormente, tais como a distinção entre nomes alienáveis e inalienáveis, harmonização vocálica e outros aspectos que merecem ser melhor investigados, como a realização do acento, da nasalidade e do alongamento vocálico, além, é claro, da morfologia sintaxe, que foi estudada apenas preliminarmente.

Embora haja, ainda, questões que podem ser melhor respondidas no futuro, sabe-se que este trabalho constitui uma contribuição válida, pois trata-se de um trabalho acadêmico, que analisou dados pela própria pesquisadora, por meio de trabalho de campo *in locu*, e abordou aspectos da língua que não haviam sido tratados antes.

==========

SEÇÃO 2
O POVO E A LÍNGUA WAUJA

==========

Figura 2: Descanso após a Dança do Beija-flor (POSTIGO, A. V. – janeiro/2011)

2 O POVO E A LÍNGUA WAUJA

2.1 O povo wauja

Estimado em aproximadamente 410 pessoas (IPEAX, 2011)[1], o povo wauja está dividido em três aldeias: Piyulaga, Piyulewene e Ulupuene, localizadas no Alto Xingu, Parque Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso[2]. Apenas a aldeia Piyulaga é reconhecida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), as demais são extremamente pequenas e constituídas por algumas poucas famílias. A seguir, disponibilizamos um mapa[3] com a localização geográfica das aldeias wauja (circuladas em vermelho).

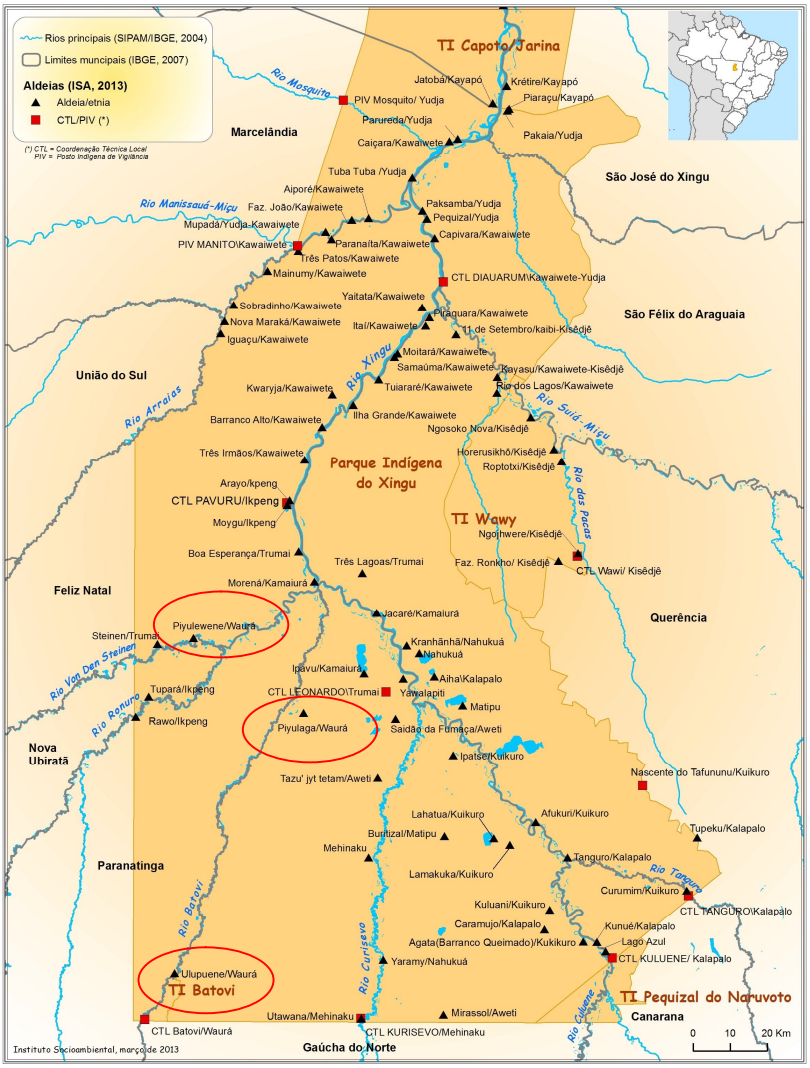


Figura 3: Localização das aldeias (ISA, 2013)

[1] Instituto de Pesquisa Etnoambiental do Xingu.
[2] Localização geográfica: latitude - 12.2554; longitude - 53.5899, disponível pela UNESCO (MOSELEY, 2010).
[3] Mapa cedido por Renato Mendonça em outubro de 2013, a quem agradeço imensamente.

Os wauja, à diferença de outros povos indígenas do Brasil, mantêm vivo o uso da língua materna, ela é usada na comunicação diária por todas as faixas etárias: crianças, jovens, adultos e anciãos.

A riqueza de cultura material dos wauja é imensa. São conhecidos pela beleza de sua arte cerâmica, reprodução de padrões gráficos em cestos, arte plumária e máscaras rituais. Além disso, possuem uma mito-cosmologia complexa e fascinante, na qual os animais, humanos e extra-humanos (sobrenaturais) possuem vínculos que permeiam a concepção de mundo e as práticas de xamanismo.

Figura 4: Arte wauja em cerâmica (POSTIGO, A. V. - janeiro/2012)

Em Coelho (1993), há uma análise formal dos motivos geométricos da arte wauja. Segundo a autora os wauja:

> [...] consideram que a adição de ornamentação geométrica os embeleza, sem acrescentar-lhes outro valor (de ordem eficaz ou mágica) que não o estético [...]. Os motivos geométricos da arte aurá parecem ser muito mais exercícios formais que mensagens de significado explícito. O fato de que a maioria dos motivos recebe nome de animais não tem maiores implicações que as de uma alusão a aspectos geométricos da natureza, e de recurso mnemônico para facilitar a visualização e aprendizagem do sistema decorativo. A relação entre motivos e os animais, que eles supõem retratar, é bastante tênue" (COELHO, 1993, p.603).

O povo wauja vive em grandes casas feitas de madeira nativa e cobertas com folhas. As casas são dispostas de forma circular, contendo apenas uma casa no centro, conhecida como a "casa dos homens"[4], local onde ocorrem as reuniões com a liderança da aldeia

[4] É importante mencionar que apenas homens possuem a autorização para entrar na "casa dos homens". Antes de tocar a flauta sagrada, todas as mulheres se recolhem às suas casas e não saem de lá até que termine o ritual dos homens. Durante as pesquisas de campo, esses e outros costumes foram respeitados pela pesquisadora.

(formada pelos caciques Kamalá, Awaulukumã e Ataká) e, também, o local onde são guardadas as flautas, inclusive a flauta sagrada, que as mulheres não podem ver.

Figura 5: Visão aérea da Aldeia Piyulaga (POSTIGO, A.V. – janeiro/2012)

No centro da aldeia são feitas as festas e as danças. Durante as pesquisas de campo, pôde-se observar a dança do macaco, que é realizada quando alguma criança encontra-se enferma, algumas danças da festa do pequi[5] e um dos rituais preparatórios para a "furação de orelha", conhecido como *pohoká* [pɨhɨˈka][6].

Figura 6: Dança do macaco (POSTIGO, A. V. - janeiro/2011)

[5] Na "Festa do pequi", o dono do pequi é o beija-flor. Nessa festa, há a apresentação de diversos pássaros como *mimi (beija-flor), tapa-tapa (garça), kajujuto (arara), curica, periquito, tulumã (pica-pau)* e, também, há a apresentação da raposa, *awaulu*. Nessa festa, não há apresentação do macaco.

[6] A "Furação de orelha" dos meninos é uma etapa importante na vida dos wauja. São várias etapas até escolherem os futuros líderes da comunidade. Na ocasião havia seis meninos com seus respectivos pais.

Como base alimentar, os homens wauja pescam, caçam e cultivam a mandioca brava (ou selvagem), pequi e pimentas. É possível encontrar também pequenos cultivos familiares de milho, abóbora, abacaxi, cana e outros.

Da mandioca brava, as mulheres wauja extraem o *uleikitsãj* 'polvilho', que é utilizado para fazer o *ulépe* 'beiju'[7]. O beiju é o principal alimento, pois com ele são servidos os pedaços de peixe assado, carne de caça e, também, é feito o *usixúwi* 'mingau', tomado por todos da aldeia ao longo do dia. Também são apreciados pelo povo o *akãja* 'mingau de pequi' e a *perereba* 'mingau de abóbora'.

Os animais prediletos para suas refeições são aves, tracajás, macacos-prego e cutias, que são caçados pelos homens e preparados (assados) pelas mulheres. Os demais animais presentes ao redor da aldeia não são apreciados, como antas, cervos, capivaras e outros. Com a influência de outros indígenas presentes na aldeia, como mehinako, kalapalo, kuikuro e outros, os costumes têm sido alterados. Os casamentos inter-étnicos propiciam essa mudança, fazendo com que as crianças comam animais que antes os wauja não possuíam o hábito de ingerir. Dos não-índios, os wauja consomem arroz, feijão, macarrão, café e carne de frango. No preparo, utilizam sal, açúcar, óleo e temperos, que antes eram desconhecidos por eles.

No que se refere à eletricidade na aldeia, há alguns geradores de energia à gasolina e algumas placas de energia solar que servem, sobretudo, para manter em funcionamento a bomba d'água que transporta água potável por meio de encanamentos às torneiras das casas. Em geral, há uma torneira para cada três casas na aldeia. Além disso, a energia gerada é utilizada para movimentar os motores do equipamento para triturar a mandioca para a obtenção do polvilho e, ainda, para manter o funcionamento de dois computadores e algumas lâmpadas na escola.

Os banhos podem ser feitos em um dos três córregos ou na lagoa, onde também podem ser lavadas as roupas. Esses locais ficam, em média, a dois quilômetros da aldeia. O local mais distante é a lagoa Piyulaga, cerca de três quilômetros.

Geralmente, as pessoas vão a pé até o local de banho, em grupos familiares. Há muitas bicicletas e algumas motos que auxiliam no transporte das pessoas até os locais para o banho. As crianças, por vezes, tomam banho nas torneiras da aldeia, mas sempre preferem ir até o

[7] O beiju é um item da alimentação muito valorizado pelos wauja. Para o preparo do beiju, as mulheres ralam e peneiram a mandioca brava, para extrair o polvilho, que deve ficar seco para poder ser armazenado. Posteriormente, umidecem o polvilho e o colocam em um recipiente de cerâmica grande, plano e circular/redondo, que é a "beijuzeira'. Nesse recipiente, o polvilho umidecido é assado. Quando o beiju acompanha outros alimentos, como o peixe, sua textura é mais espessa. Por sua vez, quando o beiju é consumido isoladamente ou utilizado para preparar o mingau, sua textura é mais fina. O consumo do beiju é

córrego ou até a lagoa, por disporem de maior liberdade e contato com a natureza. Além disso, na aldeia, cada pessoa é responsável por sua própria vestimenta e adornos, inclusive as crianças, que lavam seus chinelos, suas próprias toalhas, roupas e qualquer tipo de tecido que utilizarem.

Figura 7: Córrego Kuluene (POSTIGO, A. V. janeiro/2012)

Esta seção teve por objetivo fazer uma breve apresentação sobre o povo wauja. Na seção "2.2 Apontamentos bibliográficos", há uma revisão bibliográfica, elaborada a partir de levantamentos realizados em bibliotecas universitárias durante a pesquisa. Os apontamentos bibliográficos dizem respeito ao povo wauja e sua cultura.

2.2 Apontamentos bibliográficos

Nesta seção, apresentamos algumas informações sobre os wauja, encontradas por meio de levantamentos bibliográficos realizados durante a pesquisa.

As primeiras notícias publicadas sobre os wauja e outros povos do Brasil foram de autoria de Karl von den Steinen (1894), sob o título *Unter den naturvölkern Zentral-Brasiliens*, que no Brasil foi editado sob o título "Entre os aborígenes do Brasil Central" (STEINEN, 1940). Nessas obras encontram-se os resultados etnográficos de sua segunda viagem ao Xingu, realizada em 1887, com descrições sobre diversos povos e o registro de línguas por meio de vocabulários, entre eles, um vocabulário da língua wauja.

---

sempre partilhado pelos membros da família que, geralmente, mantêm o hábito de comerem juntos os alimentos recém-preparados.

Outro importante pesquisador foi Max Schmidt (1942, 1947), que visitou o Brasil em fevereiro de 1927, permanecendo no país até março de 1928. Como resultado de sua viagem, elaborou um relatório com notícias sobre as transmigrações dos bakairi e wauja e outros povos, mencionando os encontros com os outros pesquisadores e comparando os vocábulos que coletara em 1927, com um jovem wauja no Posto Simões Lopes, com palavras da mesma língua coletadas por von den Steinen.

Após as obras de Steinen e Schmidt, temos Petrullo (1932), que visitou a região do vale do rio São Lourenço, Kurisevo e Kuluene. Esse autor apresentou um relatório com ligeiras notas sobre os povos encontrados, entre eles, os wauja. Além disso, temos ainda Vasconcelos (1945), que apresentou um resumo do diário do chefe da expedição organizada pela Comissão Rondon, realizada em 1924 para o reconhecimento geográfico da bacia do formador do Xingu. Na obra, o autor apresentou ligeiras referências aos povos da região, entre eles, o povo wauja.

Uma contribuição especial sobre o povo wauja foi elaborada por Fritz Krause (1936, pp.14-33), que reuniu todas as notícias sobre os wauja, obtidas pelas expedições de Karl e Willhelm von den Steinen, Herrmann Meyer, Max Schmidt, Heinrich Hintermann e V. M. Petrullo. De acordo com Krause, os wauja eram descritos como amáveis e célebres pelos seus lindos potes de barro[8]. Posteriormente, Krause (1939, pp.25-40) apresenta uma descrição dos objetos wauja, que se encontram nos museus de Berlim, Rio de Janeiro e Philadelphia.

Em 1947, Pedro E. de Lima visitou a região dos formadores do rio Xingu, conhecida como a "área do ulurí" e fez um estudo sobre os wauja, pois esses exerciam grande influência na área, principalmente pela cerâmica que confeccionavam. Em sua obra, o autor apresentou Figuragrafias e anotações em diferentes fases de elaboração e utilização da cerâmica wauja. De acordo com Lima (1950a, p.10):

> A cerâmica Waurá é fabricada exclusivamente pela mulher. Os homens somente ajudam a apanhar o barro, visto como mergulhar repetidas vêzes exige grande esfôrço. Dentre as mulheres Waurá, umas têm mais habilidade que as outras. Não se pense que sômente as velhas possuem maior desembaraço, adquirido pela experiência repetida. Encontramos algumas mulheres, de pouca idade, que confeccionavam artisticamente seus vasos, tornando-os, por isso, admirados dentro da própria comunidade. Por êsse trabalho, as mulheres Waurá têm uma posição de certo prestígio ou consideração, que não encontramos em outras comunidades do Xingu.

[8] Até hoje, os wauja são excelentes na arte cerâmica, sendo esta uma grande marca em sua cultura material.

Em outro trabalho, Lima (1950b) examinou o sangue de 377 pesssoas das etnias bakairi, mehinako, wauja, kamaiurá e kalapalo, chegando à conclusão de que todos eles aprentavam o grupo sanguíneo “O”.

Em Carvalho, Lima e Galvão (1949) são apresentados os resultados da expedição do Museu Nacional, realizada em 1947. Em nota final, Galvão propõe para a área limitada ao sul pelas nascentes do rio Batovi, ao norte pela confluência dos rios que vêm a formar o Xingu, o nome de “área do ulurí”. O ulurí é uma peça triangular utilizada pelas mulheres para ornamentação na região púbica, porque:

> [...] constitui um característico único das tribos da área. Como tribos participantes da cultura da *área do ulurí* indicaríamos, do sul para o norte, Bakairi, Kalapalo, Kuikuru e Nahukwa (Cariba), Mehinaku e Waurá (Aruaque), Auety e Kamaiurá (Tupi-guarani), Trumaí (isolado) (CARVALHO; LIMA; GALVÃO, 1949, p.47).

Em Rondon (1953), podemos observar a coleção de Figuragrafias dos índios do Brasil tiradas em épocas diversas, desde 1890, por membros de vários serviços dirigidos pelo general Rondon. As Figuragrafias são acompanhadas de notas e comentários de Botelho de Magalhães, Boaventura Ribeiro da Cunha e Eurico Fernandes.

Posteriormente às obras citadas, há muito material etnográfico sobre o povo wauja, como por exemplo, os trabalhos de Schultz (1965, 1966) e Schultz; Chiara (1967, 1971) sobre os mitos wauja, a pá semilunar da mulher, histórias e outras informações etnográficas. Temos ainda, os trabalhos de Myazaki (1966, 1965, 1978, 1981), que tratam da socialização da criança wauja e mehinako, da cerâmica e do mundo cromático (das cores) da cultura do povo. E, também, os estudos de Coelho (1981, 1982, 1983, 1988, 1991, 1992, 1993, 1995), que tratam sobre a cerâmica wauja, algumas histórias[9], instrumentos musicais, a festa do pequi e as figuras zoomórficas na arte.

Estudos mais atuais sobre o povo wauja podem ser encontrados em Barcelos Neto (1999), uma dissertação de mestrado em Antropologia Social que trata sobre a arte, a estética e a cosmologia dos wauja. Há, ainda, uma dissertação de mestrado em Antropologia de Mello (1999), que analisa o sistema musical entrelaçado com a mitologia wauja. Segundo Mello (1999, p.187): “[...] mito e música Wauja se interconectam de forma indissociável com a temática do poder e do controle, da política [...], do erotismo, do medo e da morte. E as relações de gênero são fundamentais neste complexo”.

[9] “História de Pica-Pau”, “Sol rouba fogo de raposa”, “Origem da menstruação” e “História da Anta”.

Vale dizer que há um importante trabalho de Barcelos Neto (2004a), uma tese de doutorado em Antropologia Social, que trata dos rituais de máscaras no Alto Xingu e um artigo (BARCELOS NETO, 2006), que trata sobre alguns mitos relacionados com a patologia como o "nascimento do sol e da lua", "a criação dos humanos", "os regimes alimentares da transformação", "multiplicação da alma" e outros. E, também, explora as diferenças e as relações entre feitiçaria e xamanismo entre os wauja, com ênfase nos processos de transformações corporais, nas noções de agência letal e na ontologia da predação. Segundo o autor:

> Quase todo feiticeiro descende de um feiticeiro, pois é dito pelos Wauja que a feitiçaria é um saber transmitido de pai para filho ou de avô para neto, mas também seria possível aprender o ofício letal em um suposto círculo restrito de feiticeiros. Somente um feiticeiro é capaz de *fazer* outro feiticeiro. Não se trata apenas de um saber transmitido, mas sobretudo de uma incorporação, que é devida a um tipo especial de reclusão, na qual o tempo do jovem feiticeiro é investido em atividades como suportar doloridíssimas picadas de formigas tocandira (*mẽĩ*, em wauja — elas são as companheiras dos feiticeiros e o modelo animal da alta feitiçaria) e o calor de objetos incandescentes (BARCELOS NETO, 2006, p.287).

Por fim, não podemos deixar de citar a tese de Christopher Gordon Ball (2007), a qual contém um discurso transcrito em wauja e inglês, consideravelmente extenso, pronunciado pelo cacique. Essa tese do estudioso norte-americano focaliza as condições discursivas das transformações socioculturais e linguísticas contemporâneas da sociedade wauja. Privilegiando o espaço e as trocas em relação à língua, o autor mostra como os wauja concebem as relações sociais intra e interlocais, no nível local, regional e nacional.

2.2.1 A língua wauja

Esta seção está dividida em quatro partes. A primeira apresenta algumas características das "Listas de palavras" e a segunda dos "Estudos prévios", nos quais tratamos dos materiais linguísticos existentes que abordam alguns aspectos da fonologia e da morfossintaxe da língua wauja. Em seguida, apresentamos algumas características, na terceira parte, sobre a "Filiação genética" da família arawak e, por último, a quarta parte, com uma descrição da "Situação sociolinguística" encontrada na aldeia Piyulaga.

2.2.1.1 Listas de palavras

As listas de palavras são fragmentos do léxico da língua, que foram coletadas em um determinado momento da história, e que devem ser levados em consideração para estudos comparativos futuros[10].

Este acervo sobre a língua wauja é relativamente pequeno, sendo formado pelas listas de Steinen (1940[1894]), Carvalho (1951), Bridgeman (s.d.) e a lista do *Intercontinental Dictionary Series* (IDS, s.d.), disponível no site do Departamento de Linguística do Instituto Max Planck de Leipzig, na Alemanha.

O primeiro pesquisador a apresentar dados sobre o wauja foi Karl von den Steinen (1894), com um relato sobre o resultado da segunda viagem ao Xingu realizada em 1887, traduzida sob o título "Entre os aborígenes do Brasil Central" (1940). No apêndice da obra, o autor disponibiliza onze vocabulários (listas de palavras), entre eles, a quinta lista com o vocabulário wauja. Essas listas de palavras limitam-se ao registro de substantivos, pronomes pessoais, cores, números, animais e outros.

Na quinta lista, Steinen (1940[1894]) registra 186 palavras da língua wauja, aparentemente organizadas pelos campos semânticos "partes do corpo", "elementos da natureza", "parentesco", "utensílios", "fauna", "flora", "cores", "números" e "negação".

Para compreensão da grafia, Steinen (1940, pp.662-663) propõe as correspondências: "*a* como *a* inglês em *walk, y* como em *York, v* como *w* alemão, χ, som gutural correspondente ao *ch* alemão [...], *s* equivale ao *ch* francês, *s* equivale ao *s* francês, *z* equivale ao *z* francês" (STEINEN, 1940, p.662).

José Cândido M. Carvalho (1951), por sua vez, registra 288 itens sobre a fauna regional do Xingu em 11 línguas indígenas: kuikuro, kalapalo, matipú, naruóto, ualapiti, mehinaku, waurá, suiá, trumai, kamaiurá e auetí. A lista de Carvalho (1951) está organizada em colunas, que permitem a visualização de cada item nas 11 línguas, facilitando a comparação entre as mesmas. No que se refere à organização dos itens, estes estão em ordem pelos campos semânticos: "mamíferos", "aves", "répteis e anfíbios", "peixes" e "invertebrados". Na transcrição das palavras, Carvalho (1951) utiliza as consoantes e vogais ortográficas do Português, sendo a vogal central alta /ɨ/ representada por *ü*. Há, ainda, a presença dos diacríticos agudo (´) e circunflexo (^).

[10] Em Postigo (2011), "Uma análise fonológica das listas de palavras wauja (Arawák)", há uma interpretação fonológica da língua wauja, tomando por base as listas de palavras coletadas por Carvalho (1951), Bridgeman (s.d.) e a lista do *Intercontinental Dictionary Series* (IDS). Neste trabalho, analisamos a transcrição/grafação utilizada pelos autores citados, tendo como respaldo teórico o método linguístico de Adolfo Constenla Umaña

A lista de Loraine Bridgeman (s.d.) registra 318 itens, contendo palavras e orações curtas. Na transcrição, a autora utiliza os símbolos fonéticos do alfabeto americano e, também, os diacríticos agudo (´) e til (~) sobre as vogais e os dois pontos (:) para indicar o alongamento vocálico, possivelmente.

A última lista de palavras em wauja é do *Intercontinental Dictionary Series* (IDS, s.d.). A finalidade do *IDS* é estabelecer uma base de dados, onde o material lexical em todos os continentes é organizado de tal modo que possam ser feitas comparações. Trata-se de um projeto de cooperação entre pesquisadores, voltado para a compreensão e cooperação internacional. Portanto, não há menção do autor desta lista, mas pode-se perceber que uma parte dos dados coincide com as palavras registradas por Richards e Jackson.

A lista do IDS é composta por muitos itens repetidos e alguns que não possuem correspondência com dados atuais. Porém, pode-se contabilizar aproximadamente 1.000 palavras transcritas com símbolos fonéticos do alfabeto americano e do *International Phonetic Alphabet* (IPA).

2.2.1.2 Estudos prévios

Nesta seção, apresentamos alguns apontamentos sobre os estudos já realizados sobre a língua wauja. Trata-se de um acervo limitado, constituído por trabalhos fragmentados/superficiais, que abordam aspectos da fonologia, morfologia nominal, verbal e da estrutura das orações, elaborados pelos membros do *Summer Institute of Linguistics* (SIL)[11]: Richards (1973, 1977, 1988), Richards e Jackson (1960) e Jackson e Richards (1966). Há, também, os artigos do linguista Corbera Mori (2003, 2005, 2006, 2008), um livro para alfabetização na língua wauja "Wauja Ogatakojataku" (ISA, 2004) e a tese de Ball (2007).

Os primeiros estudos sobre a língua wauja foram realizados por Richards e Jackson (1960) e Jackson e Richards (1966), que publicaram análises preliminares. A primeira obra traz uma transcrição de vocábulos a partir de um formulário padrão para estudos comparativos e a segunda apresenta uma tentativa de estabelecer para o wauja um quadro de fonemas e propor uma representação gráfica para a língua. De acordo com as autoras, o inventário fonológico seria composto por 16 consoantes e 10 vogais, dispostos a seguir:

(2000). Este artigo foi publicado nos *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*, em Curitiba-PR (POSTIGO, 2011).

[11] Conhecido, atualmente, como Sociedade Internacional de Linguística (SIL).

Consoantes					Vogais		
p	t				i ĩ	ɨ ɨ̃	u ũ
	k				ɛ ɛ̃	a ã	
	c	č					
	s			š			
	h						
m	n	ñ					
	l	ř					
ƀ				ɣ			
	ɠ						

Quadro 1: Inventário fonológico de Jackson e Richards (1966)

Richards (1973) faz uma descrição sobre os marcadores de posse dos substantivos, sistematizados em três classes: (1) obrigatoriamente não-possuídos, pois os itens não podem ser possuídos por uma pessoa; (2) obrigatoriamente possuídos por alguém, sendo o morfema de possuidor especificado representado por {-la} ~ {-ra} e não-especificado por {-i}, e (3) opcionalmente possuídos, com os itens que podem ou não ser possuídos, pois a posse não é exigida pela gramática da língua. Exemplos extraídos de Richards (1973):

<u>Classe I: obrigatoriamente não-possuídos</u>
ˈkamɨ ‘sol’
aˈnapi ‘arco-íris’
kaːˈlũtɨ ‘estrela’

<u>Classe II: obrigatoriamente possuídos</u>
ˈpɨža-**i** ‘criação (de alguém)’
nu-ˈpɨža-**la** ‘minha criação’

<u>Classe III: opcionalmente possuídos</u>
kunumaˈtai ‘linha’
nu-kunumaˈtai-**ra** ‘minha linha’

Richards (1973) descreve as dificuldades de análise que dizem respeito: (i) aos alomorfes do morfema de possuidor especificado, (ii) aos alomorfes do morfema de possuidor não-especificado, e (iii) ao fato de que ambos os morfemas têm um componente determinante da posição da sílaba tônica. A solução oferecida pela autora é a de que existem alomorfes morfologicamente determinados, com variantes fonológicas.

De acordo com Richards (1973, p.2) os alomorfes são:

> (1) -la ~ -ra ~ -le, com intensidade na penúltima sílaba da palavra; (2) -ža ~ -ca ~ -že, com intensidade na penúltima sílaba da palavra; (3) nasalização e intensificação da última vogal do radical e (4) zero (não marcado patentemente).

Em “Orações em Waurá”, Richards (1977, p.3) descreve “[...] oito grupos principais [...] As orações bitransitiva, transitiva direta, transitiva indireta e intransitiva descrevem fatos. As orações de opinião, as atributivas, as atributivas indiretas e de ambiente são descritivas”. De acordo com a autora:

> Cada predicado exige certos atuantes nucleares [...] Alguns predicados exigem 3, 2, 1 ou mesmo nenhum atuante. Isto não significa que uma oração que tenha um predicado particular possua todos os seus atuantes representados na estrutura de superfície da oração, mas, sim, que esses atuantes estão implícitos e que podem ser recuperados a partir do contexto (RICHARDS, 1977, p.1).

Em Richards (1988) há uma análise sobre “A Estrutura Verbal Waurá”, na qual os verbos são compostos por prefixos pronominais, radicais, sufixos e os radicais verbais podem ser causativos ou não-causativos, podendo ser modificados pela inclusão de classificadores dentro do radical. Conforme Richards (1988, p.2): “Os radicais verbais são derivados de radicais nominais, de classificadores, de ideofones e de raízes verbais; por meio de vários afixos derivacionais”. Exemplos:

Afixo Derivacional	Radical Nominal	Classificador	Ideofone	Raiz Verbal
ka- ‘ter’	ka-tai (ter-fruto) ‘frutificar’	ka-tũpa (ter-morto) ‘estar de luto’		ka-tunuka (ter-empurrar) ‘ter correnteza forte’
-ta ‘causativo’	uku-ta (flecha-causativo) ‘flechar’	ana-ta (desenho-causativo) ‘desenhar’	walu-ta (som-causativo) ‘mexer’	

Quadro 2: Exemplos extraídos de Richards (1988)

Os estudos mais recentes sobre a língua wauja foram realizados pelo linguista Corbera Mori (2003, 2005, 2006, 2008), descritos a seguir.

O primeiro trabalho de Corbera Mori (2003), “Estrutura silábica e nasalidade em Waurá”, descreve o processo de nasalização da língua. Diferentemente de Jackson e Richards (1966), que consideravam as vogais nasais como fonemas subjacentes, o autor propõe que essas vogais são produzidas pelo espalhamento de um autossegmento nasal na estrutura fonética. De acordo com Corbera Mori (2003, p.7) o padrão silábico da língua wauja é (C)V, sem o preenchimento da posição de coda, assim, “é possível sugerir que há um traço nasal

flutuante que não se manifesta foneticamente na Coda, ele projeta-se sobre o Núcleo, fazendo com que as vogais fiquem nasais na emissão fonética". Alguns exemplos:

kuɾu'wau[N][12]	'gato'
aɾu'i[N]	'arroz'
alata'tai[N]	'caldeirão'

Corbera Mori (2005) analisa a posse nominal nas línguas Arawak do Sul (Waurá, Mehináku, Yawalapiti) e Arawak Central (Ashaninka, Asheninca, Caquinte, Nomatsiguenga, Machiguenga). O autor propõe outra classificação para os marcadores de posse, diferente da apresentada por Richards (1973). Segundo o pesquisador, os itens das classes II e III podem ser diferenciados em termos de possessão inalienável e alienável, respectivamente. Assim, os prefixos marcadores de pessoa são:

1sg	2sg	3sg
nu-, n (V)-	pi-, p(V)-	ɨ

Quadro 3: Prefixos pessoais (singular) de Corbera Mori (2005)

1pl	2pl	3pl
ai-, aw-, a(V)	yi-, y(V)-	ɨ

Quadro 4: Prefixos pessoais (plural) de Corbera Mori (2005)

O linguista Corbera Mori (2006) considerou as listas de palavras das línguas wauja e Mehináku dispostas em Steinen (1894[1940]) e apresentou uma proposta de análise, que resulta em um possível inventário de fonemas que podem corresponder aos grafemas utilizados na transcrição de Steinen. A seguir, disponibilizamos apenas os inventários das consoantes e vogais do wauja (CORBERA MORI, 2006, p.155):

12 O símbolo [N] indica que é um traço autossegmento nasal.

Consoantes			
p	t	t^j	k
m	n		
		$z_ɻ$	h
	ts		
	l		
	ɾ		
w		j	

Vogais		
i	ü(ɨ)	u
e		
	a	

Quadro 5: Comparação entre consoantes e vogais (CORBERA MORI, 2006)

Em Cobera Mori (2008) há uma retomada do trabalho de 2006, com uma análise mais detalhada sobre a representação utilizada por Steinen (1940[1894]). Embora os inventários construídos sejam os mesmos mostrados anteriormente, o autor faz algumas considerações importantes acerca dos segmentos, tais como: a fricativa retroflexa sonora /$z_ɻ$/ corresponde aos grafemas <ž>, <rz> e <rž>; a fricativa surda /s/ corresponde ao grafema <z>; a fricativa pós-alveolar /tʃ/ corresponde aos grafemas <ty> e <ky>; a velar surda /k/ pode ocorrer com sonorização correspondendo ao grafema <g>; a vogal /ɨ/ corresponde aos grafemas <ü> e <ö>; a vogal /e/ corresponde ao grafema <ä> e a vogal /o/ corresponde ao grafema <u>, entre outros.

No que se refere a trabalhos de investigação linguística encontramos apenas os trabalhos citados. No entanto, há outros voltados para a Educação e a Antropologia, que merecem atenção especial.

Com a finalidade de contribuir no processo ensino/aprendizagem da língua wauja, o Instituto Socioambiental, por meio do Programa Xingu, desenvolveu o projeto “Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu para o Magistério”, com a participação dos povos xinguanos, entre eles, os wauja, que teve como um dos resultados a publicação do livro *Wauja Ogatakojataku* (ISA, 2004), apoiado pela Fundação Nacional do Índio. Este livro foi elaborado para alfabetização na língua wauja e teve como assessor o Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori, do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP). Neste trabalho, há o alfabeto e muitos nomes de animais, exemplificados com frases curtas, além de exercícios, textos, números e diversas ilustrações realizadas pelos wauja (Cf. seção “4.6 Convenções ortográficas”). A seguir, apresentamos a capa do livro:

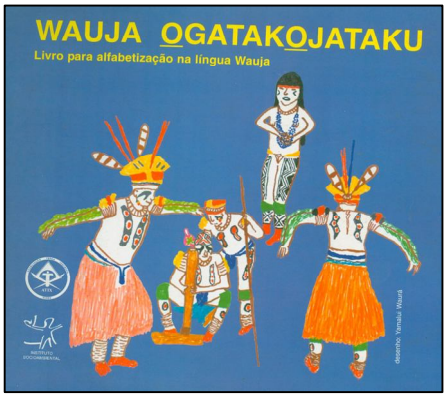


Figura 8: Capa do livro wauja ogatakojataku (2004)

Outro trabalho importante para a língua e a cultura wauja é a tese de doutorado de Ball (2007), sob o título *Out of the park*: trajectories of Wauja (Xingu Arawak). Embora o autor tenha tido a preocupação essencial em descrever aspectos culturais, ele apresenta algumas convenções linguísticas e ortográficas, pois seu corpus de dados são textos de narrações, todos transcritos em Wauja, com glosas em Inglês. A seguir, apresentam-se as consoantes e vogais utilizadas na transcrição de Ball (2007):

Consonants					
	Labial	*Alveolar*	*Palatal*	*Velar*	*Glottal*
Stops	p	t	x, ts	k	-
Fricatives	(f)	s	j	g	h
Nasals	m	n	ny		
Liquids		l, r			
Glides	w		y		

Quadro 6: Consonants (BALL, 2007, p.ix)

Vowels			
	Front unrounded	*Central unrounded*	*Back rounded*
High	i	o	u
Mid	e		
Low		a	

Quadro 7: Vowels (BALL, 2007, p.x)

Por enquanto, esses foram os trabalhos que encontramos disponíveis sobre a língua wauja. Trata-se de um acervo pequeno, que aborda apenas alguns aspectos da língua.

As descrições e informações contidas nessa seção representam o acervo linguístico existente sobre a língua wauja e funcionam como base para estudos posteriores e, também, como um retrato da língua no tempo em que os dados foram coletados.

2.2.1.3 Filiação genética: família arawák

O parentesco entre as línguas da família arawák[13] foi reconhecido por diversos autores. Em 1782, o missionário italiano Filippo Salvatore Gilij identicou essas línguas e as nomeou como maipure e, posteriormente, Brinton (1892) e Steinen (1894) as denominaram como família arawák. Entretanto, foi Steinen (1940 [1894]) o primeiro a apresentar evidências para o agrupamento dessas línguas.

Em Steinen (1940[1894]), encontram-se as primeiras notícias sobre os povos indígenas do Xingu. Segundo o autor, "Os waurá devem habitar o ângulo formado pelo Batovi e pelo Kulisehu[14], muito mais perto, entretanto, do primeiro". (STEINEN, 1940, p.142).

Em relação à filiação linguística, Steinen afirma que:

> Os Nu-Aruak se dividem em duas sub-tribus: Os Nu e os Aruak. "Nu" é o prefixo dominante dessas tribus, é o prefixo característico pronominal da primeira pessoa e com o qual topamos muitas vezes desde a Bolívia e o Matto Grosso até as Pequenas Antilhas. Nas Guianas vemos os Nu-Aruak em íntimo contato com os Caraíbas. [...] os Mehináku, Kustenaú, Waurá e Yawalapiti são Nu-Aruak (STEINEN, 1940, p.197).

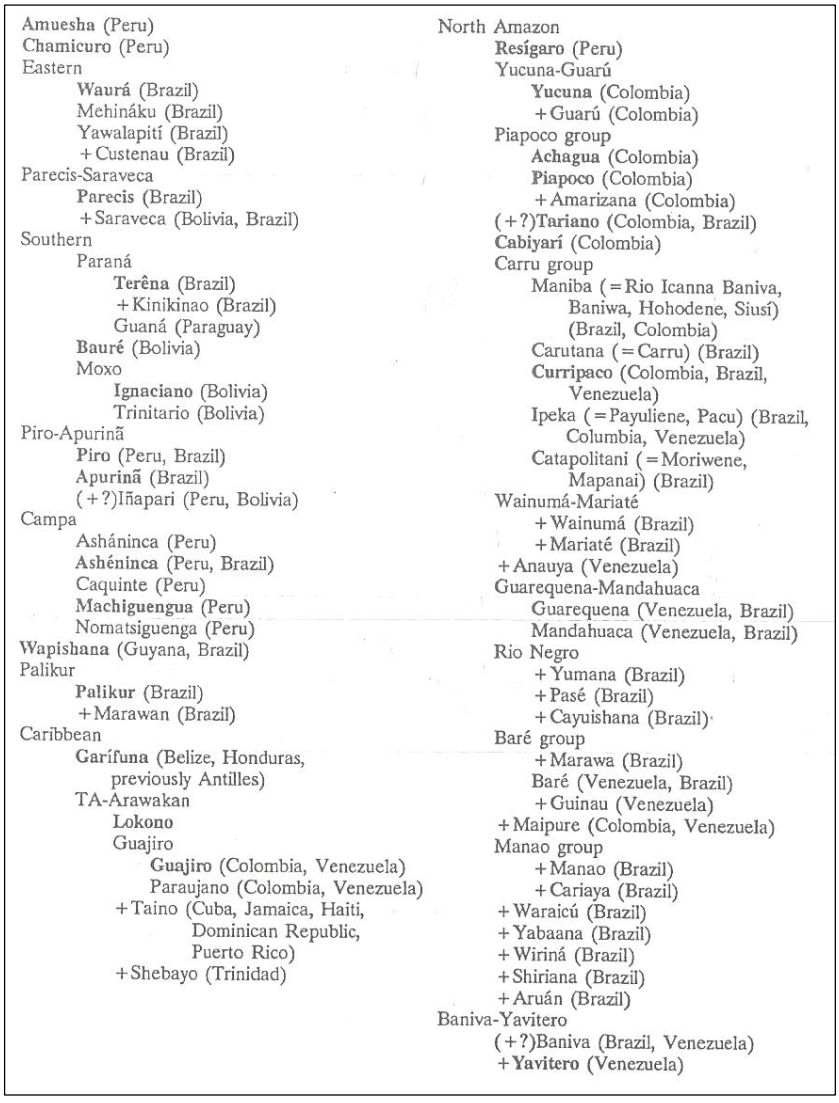
Após os autores mencionados, temos as classificações propostas por Adam (1890) e Goeje (1928), que são muito geográficas, e a de Rivet (1924), que inclui mais línguas à família. Há, também, as classificações de Mason (1950) e Shafer (1959), que "[...] são consideradas rudimentares e pouco fiáveis para a Amazônia Setentrional" (RAMIREZ, 2001, p.22). As classificações mais modernas iniciaram-se com os estudos de Greenberg (1960, 1987), Noble (1965) e Loukotka (1968). Atualmente, as propostas de classificação da família arawák mais conhecidas são as de Payne (1991) e Aikhenvald (1999).

Payne (1991) propõe uma classificação interna baseada em 203 cognatos de vinte e quatro línguas, representando todos os ramos principais da família. Segundo Payne (1991,

[13]Também chamadas de Aruák, Arahuacan e Maipure.

p.356), “The most salient characteristic of Maipuran languages is that they are, for the most part, extremely agglutinative. Naturally, a good deal of the grammatical complexity of the languages is found in the morphology”[15].

A seguir, reproduzimos a classificação das línguas arawák dada por Payne (1991, p.364). Nesta classificação, o wauja está agrupado juntamente com as línguas Mehináku, Yawalapití e Custenau (extinto) como *Eastern* (oriental):



Quadro 8: Classificação da família arawák por Payne (1991)

[14] Rio Kurisevo.

[15] A característica mais saliente das línguas Maipuran é que elas são, na maioria das vezes, extremamente aglutinantes. Naturalmente, uma boa parte da complexidade gramatical das línguas é encontrada na morfologia (tradução nossa).

A classificação mais difundida, atualmente, é a proposta de Aikhenvald (1999), que considera cerca de 40 línguas arawák vivas e que, geograficamente, são faladas em oito países da América do Sul: Bolívia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela, Colombia, Peru e Brasil. Há, ainda, línguas faladas na América Central, em países como Belize, Honduras, Guatemala e Nicarágua.

Ao tratar da classificação das línguas arawák, Aikhenvald (1999) reconhece como principal obstáculo para a linguística comparativa arawák e para o subagrupamento interno da família, a falta de estudos sistemáticos e abrangentes sobre a maioria dessas línguas. Além disso, a vasta extensão geográfica e a complexa diversidade linguística interna da família criam problemas para estabelecer, com precisão, a distinção entre os fenômenos areais dos correspondentes genéticos, fato crucial em se tratando da reconstrução morfológica.

Mesmo considerando essas limitações geográficas, Aikhenvald (1999) propõe uma classificação interna da família arawák, baseando-se, parcialmente, no princípio "areal-geográfico". Nessa classificação, a língua wauja, objeto de nossa pesquisa, é inserida no grupo Arawak do Sul e Meridional, no subgrupo Pareci-Xingu, em conjunto com as línguas mehináku, yawalapiti e kustenau. A seguir, reproduzimos a proposta de Aikhenvald (1999, pp.66-71)[16].

ARAWAK DO SUL E MERIDIONAL	
Arawak do Sul	
	Terena
	Kinikinao +
	Guane/Layana +
	Chane/Izoceno +
	Baure
	Moxo ou Ignaciano
	Moxo: Trinitario
	Paiconeca +
	Pauna +
	Apolista
	Enawene-Nawe
Pareci-Xingu	
	Waura
	Mehinaku
	Yawalapiti !
	Kustenau +
Pareci-Saraveca	
	Pareci (Haliti) !
	Saraveca +

[16] As línguas marcadas com (+) estão extintas e as marcadas com (!) apresentam uma situação de grave ameaça. A grafia dos nomes das línguas segue o original.

ARAWAK SETENTRIONAL	
Piro-Apurina	
	Piro (Manchineri)
	Chontaquiro
	Apurina
	Inapari + ?
	Mashko-Piro
Campa	
	Ashaninca
	Asheninca
	Caquinte !
	Machiguenga
	Nomatsiguenga
	Pajonal Campa
Amuesha	
	Amuesha
Chamicuro	
	Chamicuro +
Rio Branco	
	Wapishana
	Mawayana !
Palikur	
	Palikur
	Marawan +
	Aruan +
Extremo norte	
	Ineri
	Garifuna
Subgrupo TA-Arawak dos Karib	
	Lokono
	Guajiro
	Anun
	Taino +
	Caquetio +
	Shebayo +
Norte amazonico Colombia	
	Resigaro
	Yucuna !
	Achagua !
	Piapoco
	Cabiyari !
	Maipure +
Alto Rio Negro	
	Baniwa do Icana
	Tariana !
	Guarequena !
Orinoco	
	Bare !
	Baniwa da Guiânia !
	Yavitero +
	Mandawaka +
	Yabaana +
Medio Rio Negro	
	Kaixana !
	Manao +
	Chiriana !

Quadro 9: Classificação da família arawak por Aikhenvald (1999)

Arawák é a maior família linguística das Américas no que se refere ao número de línguas, incluindo as ramificações internas, e abrange a maior área geográfica de qualquer grupo linguístico da América Latina. Uma das características relevantes que define as línguas arawak, e dentro delas, o Wauja, é sua morfologia altamente aglutinante com características típicas de línguas polissintéticas, pois as relações gramaticais são especificadas, sobretudo, no núcleo do predicado, dispensando a ocorrência de SNs plenos na estrutura das sentenças.

No que se refere à reconstrução do Proto-Arawák, Aikhenvald (2006, p.448) diz que deve haver um sistema de quatro pessoas: 'primeira', 'segunda', 'terceira' e 'impessoal', e que os prefixos e sufixos reconstruídos devem ser conforme o seguinte quadro:

Person	*Prefixes*		*Suffixes*	
	Singular	*Plural*	*Singular*	*Plural*
1	*nu- or ta-*	*wa-*	*-na, -te*	*-wa*
2	*(p)i-*	*(h)i-*	*-pi*	*-hi*
3nf	*r i-, i-*	*na-*	*-r i, -i*	*-na*
3f	*thu-, ru-*	*na-*	*-thu, -ru, -u*	*-na*
'impersonal'	*pa-*	—	—	—

Quadro 10: Afixos do proto-arawak por Aikhenvald (2006)

Dentro dos estudos tipológicos, as línguas arawák são definidas como polissintéticas e predominantemente aglutinantes com alguns elementos de fusão. Nas classes de palavras todas as línguas fazem diferença entre a classe nomes e a classe verbos, e a maioria delas também possui uma classe aberta de adjetivos. Como afirma Aikhenvald (1999, p.81):

> […] all Arawak languages are polysynthetic and predominantly agglutinating with a few elements of fusion […] usually have a rich noun class and/or classifier system and a separate system of two or three genders restricted to pronouns and cross-referencing markers […] Verb morphology varies more and can be very complicate, especially in South America.[17]

Além dessas propostas de classificação, há também a proposta de Ramirez (2001), que é ainda pouco difundida entre os linguistas. Segundo Ramirez (2001, p.1): "[...] Com uma população atual de mais de 400 mil pessoas ao todo, são um pouco menos de 30 línguas arawak que permanecem vivas e faladas até hoje [...] 50% das línguas desta família cessaram

[17] "[...] todas as línguas Aruak são polissintéticas e predominantemente aglutinantes com alguns elementos de fusão [...] têm geralmente uma classe rica de substantivo e/ou um sistema de classificadores e um sistema separado de dois ou três gêneros restritos a pronomes e marcadores de referência cruzada [...] A morfologia do verbo varia mais e pode ser muito complexa, especialmente na América do Sul" (tradução nossa).

de ser faladas desde a chegada dos europeus". A seguir, apresentamos a proposta de classificação de Ramirez (2001, p.3):

FAMÍLIA ARAWAK

Línguas não classificadas: Amuesha, + Chamicuro.

A. SUBFAMÍLIA OCIDENTAL (21 línguas vivas + 18 mortas)
I. Divisão Japurá-Colômbia (7 vivas + 5 mortas)
Não classificadas: + Yumana, + Passé (2)
I.1.1. Piapoco, Achagua (2)
I.1.2. Baniwa-Curripaco-Tariano (1)
I.1.3. Warekena, + Mandawaka (2)
I.1.4. Kabiyari (1)
I.1.5. Yukuna, + Wainuma-Mariate (2)
I.2. + Kauixana (1)
I.3. Resígaro (1)
II. Divisão Alto Negro (1 viva + 2 mortas)
Baré, + Guinau, + Anauyá-Yabahana (3)
III. Divisão Alto Orinoco (1 viva, + 2 mortas)
III.1. Baniva de Maroa, Yavitero-Pareni (2)
III.2. + Maipure (1)
IV. Divisão Negro-Roraima (2 vivas + 5 mortas)
IV.1. + Aruã (1)
IV.2. + Manao, + Wirina, + Bahuana, + Cariaí (4)
IV.3. Wapixana-Atorai (1)
IV.4. +! Mawayana (1)
V. Divisão Juruá-Jutai (2 mortas)
V.1. Marawa (1)
V.2. Waraiku (1)
VI. Divisão Purus-Ucayali (3 vivas)
VI.1. Apurinã, Piro-Kuniba-Canamari-Mantineri (2)
VI.2. Kampa (1)
VII. Divisão Bolívia-Mato Grosso (3 vivas)
VII.1. Bauré, Mojo (2)
VII.2. Terena-Kinikinao (1)
VIII. Divisão Caribe-Venezuela (4 vivas + 2 mortas)
VIII.1. Lokono, Island Carib-Garifuna, + Taino, + Caquetio (4)
VIII.2. Guahiro, Parauhano (2)

B. SUBFAMÍLIA ORIENTAL (4 vivas)
IX. Divisão Amapá (1 viva)
Palikur-Marawan (1)
X. Divisão Xingu-Tapajós (3 vivas)
X.1. Waurá-Mehinaku, Yawalapiti (2)
X.2. Pareci-Saraveca (1)

Quadro 11: Classificação da família arawak por Ramirez (2001)[18]

Diferentemente das propostas apresentadas por Payne (1991, p.364) e Aikhenvald (1999, pp.66-71), Ramirez (2001, p.3) classifica o wauja e o mehináku como uma única língua, que juntamente com o Yawalapiti e o Pareci-Saraveca formam a "Subfamília Oriental", no grupo denominado "Divisão Xingu-Tapajós".

[18] Detalhes em negrito, grifos nossos.

No caso específico do Brasil, as línguas arawák estão "situadas no noroeste e oeste do país e também na região do Alto Xingu e ao sul da mesma" (SEKI, 1999, p.260), sendo reconhecidos nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Acre, Roraima, Amapá e São Paulo. Rodrigues (1986, p.72) apresenta uma proposta de 17 línguas arawák no Brasil:

Línguas	**Estado**
Apurinã (Ipurinã)	AC, AM
Baníwa do Içana	AM
Baré	AM
Kámpa	AC
Mandawáka	AM
Mehináku	MT
Palikúr	AP
Paresi (Halití)	MT
Piro	
Manitenéri	AC
Maxinéri	AC
Salumã (Enawenê-nawê)	MT
Tariána (Taliáserii)	AM
Yuruparí-tapúya (Íyemi)	AM
Teréna (Teréno)	MS, SP
Wapixána	RR
Warekéna (Werekéna)	AM
Waurá	**MT**
Yabaána	AM
Yawalapití	MT

Quadro 12: Línguas arawak no Brasil por Rodrigues (1986)[19]

Sobre a classificação interna da família, Rodrigues (1986, p.66) afirma que:

> As relações das línguas da família Aruák entre si são ainda pouco conhecidas nos seus detalhes. Embora um grande número dessas línguas esteja sendo estudado, tanto no Brasil como em outros países (Bolívia, Peru, Venezuela), não há ainda bons estudos comparativos para determinar como se relacionam umas com as outras. Essa falta de estudos comparativos afeta sobretudo línguas ou grupos de línguas a que se tem atribuído filiação à família Aruák, mas até agora sem a apresentação de evidências claras.

A falta de estudos comparativos é ainda mais problemático em se tratando, sobretudo, da classificação interna da família como um todo, como afirma Facundes (2002, p.83):

[19] Detalhes em negrito, grifos nossos.

> The problem in trying to correlate language and culture is that despite the undeniable fact that they are always in close and dynamic interaction, as noted long ago by Edward Sapir […] the linguistic genetic classification should never be equated with ethnological classification.[20]

Outra proposta, mais recente, é apresentada por Moore, Galúcio; Gabas Jr. (2008, p.8)[21]. Essa proposta contém a informação de que o wauja está próximo ao Mehinako e vice-versa.

Família Aruák (Maipure)						
Unidade linguística	**Dialetos, Grupos**	**No. Falantes**	**Popula -ção**	**Trans- missão**	**Estu -dos**	**Ur- gen- te**
Apurinã (Ipurinã)		2000-3000?	4087	med	2	
Baníwa do Içana (Kurripako, Kuripako)		maioria	5141 [5000]	alta	3	
Baré		0?	2790	sem	1	!
Kaixána		1	224	sem	0	!
Kámpa (Axíninka)		maioria	813	alta	0	
Kinikinau		poucos	250	sem	1	!
Mawayána		<10	[<10]	sem?	0	!
Mehináku	**próx Waurá**	Todos	1999	alta	1	
Palikúr		maioria	918	Boa?	1	
Paresí (Arití, Haliti)		1000-1200	1293	boa	1	
Píro	Manitenéri Maxinéri	maioria	937 total	boa	0	
Salumã (Enawenê-Nawê)	próx Paresi	Todos	320	alta	2	
Tariána	Yurupari-Tapúya (Iyemi)	100	1914	baixa	3	
Teréna (Tereno)			15795	baixa	1	
Wapixána		3000-5000	6500	varia	1	
Warekéna		20-40	491	Baixa?	2	!
Wauja (Waurá)	**próx Mehináku**	**Todos**	**321**	**alta**	**2**	
Yawalapití		4-8	208	sem	1	!

Quadro 13: Línguas arawak no Brasil por Moore et alii (2008)[22]

Nesse quadro, podemos verificar que o wauja foi considerado como "Estudos 2", que corresponde a línguas que possuem "um bom esboço geral ou uma tese de doutorado". No entanto, discordamos dessa classificação e acreditamos que, na verdade, trata-se de "Estudos 1", pois há apenas alguns artigos que abordam aspectos específicos sobre a língua e listas de palavras e frases (Cf. seção 2.2 Apontamentos bibliográficos).

[20] "O problema em tentar relacionar língua e cultura é que, apesar do fato inegável de que eles estão sempre em estreita colaboração e interação dinâmica, como foi observado há muito tempo por Edward Sapir [...] a classificação linguística genética nunca deve ser igualada com a classificação etnológica". (tradução nossa).
[21] De acordo com Moore; Galúcio; Gabas Jr. (2008, p.5), "Línguas com pouca ou nenhuma descrição científica significativa são classificadas como 0 em termos de estudos; aquelas com uma dissertação de mestrado ou vários artigos são classificadas como 1; aquelas com um bom esboço geral ou uma tese de doutorado em algum aspecto da língua são classificadas como 2; e aquelas com descrição razoavelmente completa são classificadas como 3".
[22] Detalhes em negrito, grifos nossos.

Em suma, no que se refere à filiação genética da língua wauja, temos, pelo menos, 4 propostas principais: Steinen (1940[1894]), sob o título *Nu-Aruak*; Payne (1991, p.364), sob o título *Eastern*; Aikhenvald (1999, pp.66-71) sob o título *Pareci-Xingu* e Ramirez (2001, p.3) sob o título *Subfamília oriental* e subtítulo *Divisão Xingu-Tapajós*. A seguir, apresentamos um quadro resumido com as línguas apresentadas pelos autores:

Steinen (1940[1894], p.197)	**Payne (1991, p.364)**	**Aikhenvald (1999, pp.66-71)**	**Ramirez (2001, p.3)**
Nu-Aruak	Eastern	Pareci-Xingu	B. SUBFAMÍLIA ORIENTAL
Mehináku	Waurá	Waura	X. Divisão Xingu-Tapajós (3 vivas)
Kustenaú	Mehináku	Mehinaku	X.1. Waurá-Mehinaku, Yawalapiti (2)
Waurá	Yawalapití	Yawalapiti !	X.2. Pareci-Saraveca (1)
Yawalapiti	+Custenau	Kustenau +	

Quadro 14: Classificações da língua wauja na família arawak

Ao comparar as classificações, podemos notar que Steinen (1940[1894]), Payne (1991) e Aikhenvald (1999) não se diferenciam, ao passo que Ramirez (2001) propõe que Waurá e Mehinaku sejam uma mesma língua. Além disso, Ramirez (2001) classifica a língua Pareci-Saraveca no mesmo grupo, o que o diferencia dos outros autores.

O pesquisador e linguista Corbera Mori, atualmente, tem se dedicado ao estudo da língua Mehinako. Ao comparar essa língua de estudo com o wauja, o autor publicou três artigos importantes que mostram as semelhanças e/ou distinções entre essas línguas. São eles: "A posse nominal em línguas arawák do sul e arawák central: uma abordagem descritiva" (CORBERA MORI, 2005); "Relações entre grafemas e segmentos nos vocabulários Waurá e Mehináku de Steinen (1866[1940])" (CORBERA MORI, 2006) e "Correspondencias entre grafemas y segmentos en los vocabularios Waurá e Mehináku de Steinen (1940[1894])" (CORBERA MORI, 2008). Esses trabalhos já foram descritos na seção "2.2.1.2 Estudos prévios".

A partir da leitura de estudos sobre as línguas semelhantes ao wauja (mehináko, yawalapití e paresi), questionamo-nos sobre a coerência dessas classificações. Por enquanto, a língua mehináko está mais próxima, ao passo que o Yawalapití e o Pareci estão mais distantes do wauja. Em trabalhos futuros, buscaremos corrigir e/ou consolidar melhores conclusões sobre a filiação genética da língua wauja dentro da família arawák. Por enquanto, limitamo-nos à apresentação das propostas e estudos existentes sobre o assunto.

2.3 Situação linguística

O povo wauja possui uma postura privilegiada em relação à sua língua materna. Na aldeia, todos falam a língua wauja, sendo monolíngues até a idade de aproximadamente nove anos, quando iniciam as atividades escolares.

No cotidiano, toda a população utiliza a língua wauja para se comunicar. Em geral, mulheres e idosos não falam Português. O Português é utilizado apenas no contexto escolar e falado por algumas pessoas que frequentam as cidades, tais como os representantes da FUNASA e da Associação Indígena Waurá, em Canarana-MT.

Os casamentos são, geralmente, entre os wauja. Porém, há alguns homens que trouxeram mulheres de outras etnias, em especial, mehinako, trumai, kuikuro e yawalapiti. Isso não significa, contudo, que essas línguas sejam faladas na aldeia. A língua de maior prestígio é, sem dúvida, o wauja. As crianças aprendem o wauja como primeira língua, ou seja, como língua materna, e aprendem o Português apenas na escola, no contato com não-índios no Posto Leonardo ou nas cidades.

Os professores wauja são bilíngues, com boa fluência em Português falado, porém ainda possuem dificuldades de leitura e escrita, tanto em Português quanto em wauja. O interesse dos professores em aprender cada vez mais o Português consiste justamente em proporcionar um ensino melhor para as crianças, fazendo cursos de capacitação no Posto Leonardo, na cidade de Canarana-MT ou em outros lugares.

2.4 A escola na aldeia

O ambiente escolar na aldeia Piyulaga ainda é precário. A escola possui apenas três salas de aula, com ensino regular de 3ª, 4ª e 5ª séries. Atualmente, o diretor da escola é o Sr. Arapawá Waurá, que conta com o auxílio de apenas um funcionário para limpar a escola e alguns professores indígenas: Ixanu, Tamuwão, Mayawakai, Kapulupenu, Atakumã.

Figura 9: E.E.I Educação Básica Piyulaga (POSTIGO, A. V. – janeiro/2012)

A infraestrutura da escola segue o padrão das casas da aldeia. É feita de madeira e coberta com folhas. Nas salas de aula, de chão batido, há algumas carteiras e cadeiras, lousa e giz. O material didático é oferecido pelo Governo do Estado de Mato Grosso e, atualmente, os professores assumiram a missão de elaborar um material específico para o ensino da língua wauja, atividade que está em andamento.

O Projeto Político Pedagógico (PPP, 2011) da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Piyulaga está dividido em 12 seções, são elas: "1.Características da escola indígena", "2.Princípios metodológicos", "3.Diário de classe dos professores", "4.Acompanhamento pedagógico", "5.Organização da Escola Piyulaga", "6.Currículo interdisciplinar", "7.Eixo norteador/planejamento", "8.Avaliação na escola indígena", "9.Avaliação institucional", "10.Formação continuada/Produção de material/Elaboração de projetos", "11.Currículo" e "12.Calendário". Esse documento foi elaborado pelos professores, pela direção da escola e pela liderança da aldeia. A seguir, apresentamos algumas considerações sobre alguns pontos do PPP.

Na seção "Características da escola indígena", o PPP da EEIEB Piyulaga descreve seu caráter comunitário, intercultural, bilingue/multilingue, específico e diferenciado.

O PPP da escola possui um caráter comunitário, porque é conduzido pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. "Isto refere-se tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao

calendário escolar, a pedagogia, aos objetivos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada" (PPP, 2011, p.4).

Sobre a característica intercultural, o PPP busca reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística, promovendo, assim, uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes. Segundo o PPP (2011, p.4.):

> [...] não considerando uma cultura superior a outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades éticas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vem ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política.

No que se refere à característica "bilingue/multilingue", o PPP reconhece as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosa e as representações simbólicas. Assim, de acordo com o PPP (2011, p.5):

> [...] a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas é, na maioria dos casos, manifestações através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolingues em língua portuguesa, continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso, por onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro biliguístico importante.

Por sua vez o PPP (2011, p.5) é específico e diferenciado, porque é concebido e planejado "[...] como reflexo de aspirações particulares de cada povo e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento da escola não indígena".

Os princípios metodológicos expostos no PPP da EEIEB Piyulaga são os seguintes:

> - que a Escola Piyulaga seja reconhecida oficialmente;
> - explicar bem para a liderança e a comunidade o que é educação diferenciada;
> - a educação deverá ser bilíngue e a alfabetização na língua wauja;
> - os professores devem ser wauja, devem respeitar os costumes e tradições do povo wauja;
> - todas as decisões de como deve funcionar a escola terão de ser discutidas com a comunidade;
> - a escola deverá ensinar a história do povo wauja para as crianças a fim de garantir a continuidade da cultura wauja;
> - a comunidade deve escolher os professores, fazer o planejamento e discutir a formação dos professores;
> - os professores escolhidos farão um levantamento daqueles que vão estudar na escola;

> - criar uma comissão de professores wauja para discutir as formas de trabalho;
> - a assessoria pedagógica deverá ajudar as discussões nas comunidades e nos órgãos oficiais para que estes assumam a educação indígena.

Pode-se notar, nesse sentido, a suma importância de destacar que o PPP é pautado nos pressupostos estabelecidos pelo Ministério da Educação e na vontade do povo wauja em possuir uma escola diferenciada.

No PPP da EEIEB Piyulaga, destaca-se uma tarefa muito almejada na Educação Indígena de diversos povos do Brasil que é, justamente, a questão da formação do professor indígena. Assim, o PPP (2011, p.6) descreve a tarefa do assessor pedagógico:

> [...] outra tarefa do assessor pedagógico é dar continuidade à formação do professor indígena, buscando o aperfeiçoamento de seus textos nas línguas indígenas e na língua portuguesa, ampliando, desse modo, seu vocabulário, bem como orientá-los em dúvidas nas diversas áreas de conhecimento. Deve estimular, também, o interesse do professor indígena pela leitura de livros, jornais, revistas e contribuir com orientações em propostas de pesquisa desenvolvidas pelo professor.

Assim, o papel do assessor pedagógico, na prática, consiste em conversar com alunos, pais e liderança da comunidade, buscando refletir sobre as questões pedagógicas e sobre a política educacional, avaliando a aceitação do trabalho do professor pela comunidade de maneira geral. Entre os critérios mais importantes para a avaliação do professor estão: assiduidade, pontualidade, paciência e respeito com os alunos, participação do professor nas tarefas e demais atividades culturais, bem como nas reuniões e trabalhos coletivos promovidos pela liderança da aldeia.

Sobre a organização da escola indígena, o PPP da EEIEB Piyulaga apresenta um breve histórico, afirmando que antigamente a escola era tradicional, muito rígida e o professor usava uma postura autoritária. Porém, com o passar do tempo, a escola passou por diversas modificações. Entretanto, o PPP (2011, p.7) destaca que "[...] a sociedade indígena waurá ainda segue a forma tradicional".

Apesar do PPP da escola destacar que segue a forma tradicional de ensino, nos parágrafos seguintes observa-se uma preocupação com o desenvolvimento do ensino. Abaixo, reproduzimos algumas afirmações extraídas do PPP (2011, p.7):

> [...] o que queremos é uma escola diferenciada, com a participação da comunidade e das lideranças, pois sendo assim podemos planejar o calendário anual contemplando as festas e os costumes da cultura waurá.
> Desta forma a escola indígena deve ser planejada, construída com a participação da comunidade. Os aspectos culturais são tratados na vida comunitária, como o incentivo à aquisição de conhecimentos e valores próprios, baseados nas experiências vividas, são repassados pelos anciãos e adultos às crianças e jovens através da oralidade. E para a transmissão da cultura, o wauja utiliza a memória e a repetição para fixação das informações.

Além dessas questões, o PPP deixa claro algumas funções que a comunidade exerce, dentre elas, o fato de que "os pais ensinam a respeitar os mais velhos, as formas de comportamento e de participação na comunidade conforme os grupos de idade".

Outra questão interessante abordada no PPP da escola é, examente, sobre a permanência do povo na aldeia. Segundo o PPP (2011, p.7):

> Hoje a escola dentro da aldeia é importante para que o jovem permaneça na comunidade e acompanhe a sua cultura, preservando as tradições e língua. E, também, para evitar que sofra influência da sociedade envolvente e cuidando para que não perca a sua identidade.
> A escola indígena piyulaga tem como objetivo: incentivar o conhecimento próprio, como base de toda ação escolar, resgatar a história antiga da própria etnia e registrá-la através da escrita; defender a própria cultura e respeito às diferenças; garantir os direitos indígenas; preparar o jovem para se relacionar com a sociedade envolvente e para a vida futura; aprender a ler, escrever e elaborar documentos; aprender a língua para se defender e ter acesso aos conhecimentos universais.

A partir do que foi exposto, fica claro que a escola tem que ser integrada (e não tradicional) e trabalhar de forma a complementar o conhecimento intercultural. A organização da escola deve estar de acordo com os interesses da comunidade, num trabalho de parceria, com a colaboração da liderança, pais e jovens. Os anciãos devem participar junto aos professores no que se refere aos rituais, à história, às festas e à cultura material.

A parte destinada às diferentes disciplinas é dividida em: Línguas, Matemática, História, Geografia, Ciências, Arte e Educação Física.

A principal discussão sobre "Línguas" refere-se à necessidade do bilinguismo escolar, de modo a proporcionar aos alunos e professores o estudo e o uso das duas línguas: wauja e português. O grande desafio é, ainda, a elaboração de materiais didáticos e de leitura para que a aprendizagem seja facilitada na escola.

O grande objetivo das aulas de "Português" seria o de ensinar o português padrão oral e escrito, possibilitando "que o aluno continue a se expressar na variedade local do português" (PPP, 2011, p.123). Dessa maneira, fica evidente que o Referencial Curricular Nacional para

as Escolas Indígenas – RCNEI (BRASIL, 2005) adota a concepção de bilinguismo por nós também assumida, a de que o sujeito bilíngue seria aquele que transita entre as duas línguas, sem necessariamente adquirir habilidades semelhantes a de falantes nativos delas, mas com a capacidade de intercompreensão. Entretanto, esses falantes devem ter acesso à norma padrão oral e escrita para que possam fazer uso de tal habilidade na luta de garantia de seus interesses.

2.5 Sobre a Educação Escolar Indígena

No Brasil, o ensino nas comunidades indígenas era desenvolvido pela Fundação Nacional do Índio, porém essa responsabilidade foi passada para o Ministério da Educação em 1991. Segundo Weber (2004, p.14), iniciou-se:

> [...] um processo de oficialização e unificação de várias experiências dispersas, levadas a cabo por organizações da sociedade civil. Tais experiências, os chamados "projetos de educação indígena", haviam proliferado consideravelmente ao longo dos anos 80 e, até aquela data, constituíam iniciativas alternativas à política educacional do órgão oficial (FUNAI).

Essas iniciativas alternativas para a educação escolar indígena, em sua maioria, foram levadas adiante por antropólogos, linguistas, educadores e instituições religiosas, que conheciam a necessidade de um ensino diferenciado e específico para os diferentes povos indígenas do Brasil.

Somente após essas iniciativas foi que a nova Constituição pôde legitimar o desenvolvimento desses projetos, possibilitando a conquista de muitos avanços na área educacional por parte das comunidades. Nesse aspecto, é relevante retomar o artigo 231 da Constituição Federal do Brasil que diz:

> São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre suas terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos seus bens (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) orienta os currículos do ensino fundamental. No artigo 32, a LDB afirma que o ensino será ministrado em língua portuguesa. Porém, assegura aos indígenas a utilização de suas línguas maternas e, também, seus processos próprios de aprendizagem, que são diversificados:

> Art. 32º. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão [...]
> § 3º. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. (BRASIL, 1996)

A LDB apresenta, no título VIII, nos artigos 78º e 79º, as disposições gerais sobre a educação escolar indígena. A seguir, reproduzimos os referidos artigos.

> Art. 78º. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:
> I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;
> II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.
> Art. 79º. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.
> § 1º. Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.
> § 2º. Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:
> I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;
> II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;
> III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
> IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado (BRASIL, 1996).

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (BRASIL, 2005), elaborado em 1998 e reeditado em 2005 pelo Ministério de Educação, traz possibilidades de trabalho nas escolas indígenas do Brasil. De acordo com o próprio documento, possui a "função formativa e não normativa". Propõe, como objetivos, fornecer bases para a melhoria dos programas escolares indígenas a partir dos interesses e desejos dos grupos específicos e subsídios para a formação de educadores habilitados.

O referencial é destinado apenas ao Ensino Fundamental, da primeira à oitava série, não contemplando o Ensino Médio. Isso provavelmente ocorreu porque na época de sua elaboração não havia demanda. Nos dias de hoje, porém, é preciso que novos documentos sejam elaborados, para que contemplem também o Ensino Médio, já que passou a ser uma

demanda dos povos indígenas, evitando-se, assim, que os indígenas busquem dar continuidade aos estudos fora das comunidades.

A busca pelo Ensino Médio fora das comunidades implica numa série de fatores que devem ser levados em conta, principalmente, porque a maioria dos alunos já constituiu família. Em outras palavras, a maioria dos alunos do Ensino Médio são responsáveis pelo sustento de seus filhos. Assim, para que o aluno conclua seus estudos, ele deve levar sua família para a cidade ou, então, deixar sua família na responsabilidade de irmãos e/ou outros parentes.

Geralmente, os jovens que vão para fora das comunidades deparam-se com um "mundo novo", cheio de "oportunidades". O fato de não dominarem muito bem o Português, causa certos desencontros e mal-entendidos que, por vezes, geram conflitos entre a comunidade e a cidade. Além, é claro, da falta de trabalho, que faz com que os indígenas voltem para a comunidade ou se "percam", sendo marginalizados.

Esta questão do indígena buscar "oportunidades" nas cidades é bastante complexa. Porém, a escola pode amenizar um pouco a pressão de jovens e adultos que buscam o Ensino Médio e melhores condições de trabalho. Por vezes, leigos nas questões indígenas acreditam que indígenas não necessitam de estudos. Assim, vale ressaltar que para ocupar cargos dentro da comunidade, nos postos de atendimento da Funasa (Fundação Nacional da Saúde Indígena) e do ISA (Instituto Socioambiental), os indígenas precisam ter, no mínimo o Ensino Médio concluído. Além disso, o estudo propicia uma expectativa de melhoria na comunidade[23].

O RCNEI (BRASIL, 2005) possui duas partes principais. A primeira parte traz questões como a burocratização do sistema educacional indígena e seus consequentes problemas, como a seriação, os problemas geralmente encarados na carreira e na formação dos professores indígenas, a falta de suporte financeiro aos projetos e as dificuldades enfrentadas na elaboração dos materiais didáticos específicos e diferenciados. No entanto, o objetivo é, principalmente, conscientizar os técnicos das secretarias estaduais e municipais sobre a importância do auxílio aos projetos indígenas, adequando-os às necessidades e desejos de cada etnia presente em nosso país.

Por sua vez, a segunda parte do RCNEI (BRASIL, 2005) traz sugestões de trabalho aos professores indígenas do Ensino Fundamental, sem uma divisão em séries ou ciclos, "de forma a permitir que os professores e seus colaboradores reflitam sobre quando e com quem

[23] Atualmente, por exemplo, a comunidade wauja criou a Associação Indígena Wauja, que tem por objetivo estabelecer um elo com a comunidade não-indígena. Na Associação são resolvidas questões sobre diversos assuntos, entre eles: saúde, escola, transporte, venda de artesanatos, turismo, pesquisas, etc.

trabalhar as idéias propostas e outras a serem identificadas" (BRASIL, 2005, p.53). Essa parte do RCNEI (BRASIL, 2005) é dividida em: "Orientações Pedagógicas", "Temas Transversais", "Línguas", "Matemática", "História", "Geografia", "Ciências", "Arte" e "Educação Física".

Antes de finalizar essa discussão, vale lembrar que o RCNEI (BRASIL, 2005, p.41) traz um conjunto de noções simplificadoras entre aspas e depois destaca porque essas noções são errôneas, não-fundamentadas e não avaliadas criticamente pelas pessoas. A seguir, algumas noções:

> **"são todos iguais":** desconhece-se e nega-se a grande diversidade sociocultural e lingüística entre os povos indígenas;
> **"são do passado":** primeiro, nega-se a presença dos povos indígenas como parte da população brasileira e como integrantes do futuro do país; segundo, considera-se o índio como representante da "infância" da humanidade, como remanescente de um estágio civilizatório há muito ultrapassado pelos "civilizados";
> **"os índios não têm história':** decorrente da noção anterior, esta baseia-se na falsa certeza de que os povos indígenas "pararam no tempo", "não evoluíram", vivem como na "nossa" pré-história. Como conseqüência, imagina-se erroneamente que as sociedades e culturas indígenas não se transformam, não se desenvolvem, e que suas tradições são absolutamente imutáveis;
> **"são seres *primitivos",* "**atrasados", que precisam ser "civilizados": nega-se aos povos indígenas o direito à autodeterminação e à autonomia de suas escolhas e desqualifica-se seu patrimônio histórico e cultural. Isto impede que se admita e reconheça a existência de ciências e de teorias sociais indígenas, de uma arte e religião próprias etc;
> **"são *aculturados",*** não são mais "índios": imagina-se que quando os povos indígenas alteram alguns aspectos no seu modo de viver tornam-se "aculturados", deixam de ser "autênticos" e não podem mais reivindicar terras ou outros direitos relativos à condição de índios. (BRASIL, 2005:41)

==========

SEÇÃO 3
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

==========

Figura 9: Casa tradicional wauja (POSTIGO, A. V. – janeiro/2011)

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O tratamento teórico dado a esta pesquisa leva em consideração que quando se trata de aspectos fonológicos e morfossintáticos de uma língua sem descrição ou parcialmente descrita, como é o caso, apenas uma base metodológica de análise não é suficiente. Isso se deve, principalmente, ao fato de que fonologia e morfossintaxe são indissoluvelmente ligadas pelo fio condutor da interação social. Entretanto, optar por uma exclusividade metodológica não significa justapor de maneira pacífica métodos incompatíveis, mas buscar a partir de um referencial teórico relevante instrumentos de análise que satisfaçam generalizações cabíveis na análise da língua. Nesse sentido, apresentamos algumas considerações sobre as abordagens teóricas que foram seguidas nesta pesquisa com a língua wauja.

Na fonologia, adotamos, primeiramente, os procedimentos propostos por Pike (1947), que se baseiam em uma análise fonêmica, nos moldes da Fonêmica Clássica, mais precisamente uma abordagem taxonômica em item-e-arranjo, com: (i) construção de um inventário fonético, no qual listam-se todos os segmentos consonantais e vocálicos, em todos os ambientes de ocorrência; e (ii) formalização de um inventário fonológico, no qual são estabelecidos os segmentos que compõem o sistema.

Devemos salientar que tal prática é relevante para uma primeira visão sobre o *corpus* da língua em estudo. Além disso, Jackson e Richards (1966) também utilizaram esse método de análise (cf. seção "2.2.3 Estudos prévios"), portanto, utilizar esse procedimento, com novos dados, nos fornece uma melhor visão comparativa.

A partir da primeira abordagem, iniciou-se uma nova etapa da pesquisa, ainda na fonologia, com a utilização de uma perspectiva da Fonologia Não-Linear[24], autossegmental, da Geometria de Traços de Clements e Hume (1995). Esse modelo teórico foi utilizado para representar os processos morfofonológicos da língua wauja. Esse modelo teórico opera não só com segmentos completos e com matrizes inteiras de traços, mas também com autossegmentos, o que permite a segmentação independente de parte de sons das línguas (HERNANDORENA, 1999). O uso desse modelo teórico no estudo da fonologia wauja explica de forma mais adequada os processos que envolvem a nasalidade e a palatalização que ocorrem na língua. Em outras palavras, a teoria da Geometria de Traços permitiu uma sistematização mais eficiente dos processos morfofonológicos da língua wauja.

[24] Proposta por autores como Liberman (1975), Prince (1975) e Hayes (1981).

O estudo da morfossintaxe da língua incluiu, inicialmente, a análise da morfologia nominal e verbal, seguindo os pressupostos analíticos descritos em obras de autores como Bickford (1998), Payne (1997), Haspelmath (2002), Dryer (1991), Booij (2005) e Bosque (1991).

Na parte estritamente sintática, principalmente para a identificação da ordem dos constituintes e para os vários tipos de construções sintáticas que ocorrem no wauja, foram seguidos essencialmente os delineamentos de descrição sintática descritos pelos diversos artigos que compõem os três volumes de livros organizados por Shopen (1985), complementados com os aportes teóricos funcionalistas, como apresentados em Givón (2001), Comrie (1989), Dixon (1994), Tallerman (1998) e Foley e Van Valin (1984).

Em conclusão, na coleta e na análise dos dados, demos especial atenção à interface entre a fonologia e a morfologia, por um lado, e à interface entre a morfologia e a sintaxe, por outro. A relação fonologia-morfologia é um aspecto altamente relevante na descrição de vários processos morfofonológicos que ocorrem na língua wauja, principalmente a palatalização (Cf. 3.5 Processos morfofonológicos).

3.1 Trabalho de campo

Esta seção tem por objetivo esclarecer alguns pontos sobre a importância do trabalho de campo enfrentado pelos linguistas que investigam línguas que ainda não possuem descrições gramaticais.

Segundo Vaux e Cooper (1999, p.5), há uma intersecção relativamente pequena entre a linguística teórica, que pretende elucidar a estrutura da linguagem humana como um todo e a linguística de campo, que deseja estudar novas línguas. De acordo com os autores, de um lado temos a linguística teórica, que condena o trabalho de campo, pois poderia utilizar o tempo para reflexão e análise de um *corpus* limitado de dados. Por outro lado, temos a linguística de campo, que considera a teórica excessivamente estreita em seu escopo e prefere estar em campo coletando novos dados.

Vaux e Cooper (1999) buscam uma mediação entre esses dois métodos linguísticos, de forma que seja possível que linguistas teóricos saibam conduzir a pesquisa teórica no campo e que linguistas de campo organizem seus esforços de maneira teoricamente esclarecida. Os autores incentivam este diálogo entre campo e teoria, pois:

> […] as Morris Halle often points out, data on their own are meaningless; it is the theoretical framework which dictates what facts are interesting and what facts are not. The theory, moreover, tells us what questions to ask; without a well-articulated linguistic theory, the field worker (like most pre-nineteenth century scholars) is limited to disconnected anecdotal observations. (VAUX;COOPER, 1999, p.5)[25]

Para Dixon (2007, p.309) há muitos equívocos sobre o que é e como fazer trabalho de campo. Para o autor, o trabalho de campo é "[...] going into a community where a language is spoken, collecting data from fluent native speakers, analysing the data, and providing a comprehensive description, consisting of grammar, texts, and lexicon"[26]. Conforme Dixon (2007, pp.309-310):

> A linguist must actually work on describing a language (preferably a language that has not been fully described before) in order to understand the principles of linguistic analysis [...] A linguist must take pleasure in what they are doing to be able to do it well and produce worthwhile and exciting results[27].

O pesquisador que faz trabalho de campo ainda é esteriotipado como alguém que "[...] lives a life of deprivation and austerity, comforted and nourished by weird insects and by the satisfaction that they are preserving a knowledge system for humanity", de acordo com Bowern (2008, p.2)[28]. A autora deixa claro que a importância do trabalho de campo (assim como em outros métodos de pesquisa utilizados em ciências como a Biologia, Arqueologia, entre outras) consiste em coletar dados em seu ambiente natural e não em descrever sobre quão árduo é o trabalho do pesquisador.

A metáfora utilizada por Bowern (2008, pp.2-3) para o trabalho do linguista é a utilização de diversos chapéus, com funções diferentes. Segundo a autora, a coleta de dados é um dos chapéus, mas não resume todo o trabalho de campo, pois não se trata apenas de coletar dados, porque há decisões que precisam ser tomadas, tais como: o que gravar, o que recolher, o que escrever e como interpretar os dados. Outro chapéu é do administrador, pois o

---

[25] "[...] *como Morris Halle frequentemente aponta, dados por si próprios não têm sentido, é o referencial teórico que determina quais fatos são interessantes e quais não são. A teoria, por outro lado, nos diz que perguntas fazer, sem uma teoria linguística bem articulada, o pesquisador de campo (como a maioria dos estudiosos do século pré-XIX) é limitado a observações anedóticas sem ligação* "(tradução nossa).

[26] "*[...] entrar em uma comunidade onde a língua é falada, coletar dados de falantes fluentes, analisar os dados e fornecer uma descrição completa, composta de gramática, textos e léxico (tradução nossa).*

[27] "*Um linguista deve realmente trabalhar em descrever uma língua (de preferência, uma língua que não tenha sido totalmente descrita antes), a fim de entender os princípios de análise linguística [...] Um linguista deve ter prazer naquilo que está fazendo para ser capaz de fazê-lo bem e produzir resultados interessantes e emocionantes"* (tradução nossa).

[28] "[...] *vive uma vida de privação e austeridade, confortado e alimentado por insetos estranhos e pela satisfação de preservar um sistema de conhecimento para a humanidade*" (tradução nossa).

linguista vai precisar de formas para pagar seus consultores pelo tempo, além disso, vai precisar de alojamento e alimentação no local da pesquisa, ou seja, terá que administrar as verbas de subvenção e, também, providenciar a adequada divulgação dos seus resultados de pesquisa dentro da comunidade de campo (o que nem sempre ocorre). O chapéu de ética é usado quando envolve não só a obtenção dos dados, mas como coletá-los eticamente, sem violar os costumes locais, pois ir a uma comunidade que fala uma língua ainda não descrita tem também implicações não linguísticas. Há, ainda, o chapéu antropológico, pois é impossível fazer o trabalho de campo sem observar a interação humana e as práticas culturais. Assim, aprender sobre a cultura dos falantes, cuja língua é objeto de estudo, é vital, não apenas como uma chave para a linguagem, mas também como uma chave para um trabalho melhor.

A seguir, apresentamos algumas considerações sobre como ocorreram as sessões de coletas de dados junto à comunidade wauja.

3.1.1 Coleta de dados

O trabalho com coleta de dados linguísticos realizou-se junto à comunidade indígena na aldeia Piyulaga, com a devida autorização da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)[29] e, também, na cidade de Canarana-MT, quando os indígenas foram fazer cursos de capacitação na Secretaria de Educação.

Os métodos utilizados compreenderam a coleta sistemática de dados com o auxílio de falantes nativos, com transcrição e tradução no momento da elicitação. Os questionários aplicados foram inicialmente elaborados a partir do material existente sobre a língua e seguindo as recomendações dadas por autores como Samarin (1967), Kibrik (1977), Payne (1997), Vaux e Cooper (1999), Dixon (2007), entre outros. Os questionários elaborados levaram em conta as sugestões de perguntas incluídas no "Lingua descriptive questionaries" (COMRIE; SMITH, 1977) e o questionário do *South American Indian Languages Documentation Project* (SAILDP, s/d). Também recorremos aos questionários para estudos tipológicos disponibilizados para esse tipo de pesquisa pelo Departamento de Linguística do Instituto Max Planck em Leipzig (http://www.eva.mpg.de), e complementado com a base de dados das propriedades estruturais das línguas naturais que aparece no *World Atlas of Language Structures* (DRYER; HASPELMATH, 2011).

[29] Autorização n.129/AAEP/10, processo n.1574/07.

Junto à aplicação de questionários para a elicitação de dados específicos, a coleta priorizou diversos tipos de textos: diálogos espontâneos, narrações sobre eventos históricos, autobiografias, explicações sobre a confecção de artesanato, atividades de caça e pesca, contos, mitos, histórias, entre outros.

Os dados foram gravados com o auxílio de um gravador digital e como suportes computacionais utilizamos os programas *Audacity e Praat*. Com o auxílio do *Audacity* fizemos a fragmentação dos dados para melhor organização do *corpus*. Já o *Praat* foi utilizado para análises mais específicas, como o alongamento das vogais e o acento.

Após a explanação sobre os métodos utilizados na coleta dos dados, trataremos adiante sobre as viagens que foram necessárias a esta pesquisa.

Primeiro, realizamos uma viagem até a cidade de Canarana-MT, entre os dias 16 e 20 de outubro/2010, local onde situa-se a Associação Indígena Waurá, representada pelo Sr. Yanahin Waurá. Nessa ocasião, o projeto de pesquisa foi apresentado ao Sr. Yanahin e, também, ao cacique Sr. Atamai, com as respectivas contribuições para o ensino da língua wauja na aldeia, ressaltando que não se tratava de um trabalho antropológico, mas sim de um trabalho linguístico e sem fins lucrativos[30]. Após a apresentação do projeto, o cacique Sr. Atamai concordou com a entrada na aldeia e o Sr. Yanahin consultou a comunidade, que também concordou. Assim, com a aceitação da Associação, da comunidade e do cacique Sr. Atamai, a entrada na aldeia foi agendada para o dia 22 de dezembro de 2010.

Com a data de entrada agendada, iniciamos o processo de cotação da viagem (Canarana-aldeia Piyulaga), que poderia ser feita por via fluvial ou via aérea. Por uma diferença financeira insignificante entre ambos, optamos pelo transporte aéreo.

Então, a primeira viagem para coleta de dados se realizou entre os dias 18 de dezembro de 2010 e 3 de janeiro de 2011. Na aldeia, a hospedagem se deu na casa do Sr. Arapawá Waurá (irmão do Sr. Yanahin), que é casado com Wayakumalu (filha do cacique Atamai). O referido casal tem duas meninas Sukuto e Araci, e o menino Laul. Vale dizer que foi do cacique, Sr. Atamai, a recomendação para a estada da pesquisadora nessa casa, pois Wayakumalu é sua filha e o Sr. Arapawá é o atual diretor da Escola Wauja. Desde o início, essa família colaborou com a pesquisa.

A segunda viagem foi realizada até a cidade de Canarana-MT. Como dito anteriormente, os indígenas estavam na cidade para os cursos de capacitação da Secretaria de

[30] É importante mencionar que, a priori, a Associação solicitou um valor a ser pago para a entrada na aldeia, o que ocorre geralmente com turistas, fotógrafos e pessoas interessadas em divulgar imagens e vídeos. Porém, após explicar o trabalho à liderança da comunidade, foi autorizada a minha entrada sem o referido pagamento.

Educação. A coleta de dados ocorreu entre os dias 9 e 22 de julho de 2011. Os dados foram obtidos com o auxílio do Sr. Arapawá e sua família e, também, com os professores Amutu, Piratá e outros.

A terceira coleta de dados foi realizada na Aldeia Piyulaga, entre os dias 4 e 16 de janeiro de 2012. Como antes, a hospedagem ficou, novamente, por conta do Sr. Arapawá e sua família.

==========

SEÇÃO 4

ASPECTOS FONOLÓGICOS

==========

Figura 10: Dança do beija-flor (POSTIGO, A. V. – janeiro/2012)

4 ASPECTOS FONOLÓGICOS

Nesta seção, abordamos a fonologia da língua wauja. Primeiramente, apresentamos uma descrição dos segmentos consonantais, vocálicos, aproximantes e a distribuição entre os segmentos (em 4.1). Posteriormente, tratamos dos padrões silábicos (em 4.2), acento (em 4.3), nasalidade (4.4) e, finalmente, dos processos morfofonológicos (em 4.5).

4.1 Descrição dos segmentos

O objetivo desta seção é propor uma descrição fonética dos fones consonantais e vocálicos, para chegarmos, ao final, aos inventários fonológicos da língua wauja. Desse modo, primeiramente, abordamos os fones e suas ocorrências variáveis e, em seguida, os contrastes idênticos e/ou análogos[31], responsáveis pela distinção de significados e, por último, representamos os segmentos em classes naturais, conforme Clements e Hume (1995).

4.1.1 Consoantes

Em wauja, encontramos 24 fones consonantais, que se distinguem por características articulatórias de ponto e modo. Pelos modos de articulação relevantes para o wauja, as consoantes podem ser: oclusivas (ou plosivas), africadas, fricativas, nasais, lateral, tepe e aproximantes. Por sua vez, as consoantes distinguem-se pelos pontos de articulação: bilabial, alveolar, pós-alveolar, retroflexa, palatal, velar, uvular e glotal. Quanto à vibração das pregas vocais, os segmentos consonantais são classificados em vozeados e desvozeados e a articulação secundária em aspirada. A seguir, o inventário fonético dos segmentos consonantais:

[31] Com a utilização dos procedimentos de descoberta propostos por Pike (1947).

	Bila-biais	Alveo-Lares	Pós-alveolares	Retro-flexas	Pala-tais	Vela-res	Uvular	Glotais
Oclusivas	p	t				k		ʔ
							ɢ	
	p^h	t^h				k^h		
	b							
Africadas		ts	tʃ					
Fricativas		s		ʂ				h
	β	z		ʐ				
Nasais	m	n			ɲ			
Lateral		l						
Tepe		ɾ						
Aproximantes	w				j			

Quadro 15: Inventário fonético das consoantes em wauja

Em wauja encontramos raros pares mínimos e apenas alguns pares análogos, que não são suficientes para determinar, em termos de contraste, todos os segmentos da língua. Então, disponibilizamos alguns dados que constituem pares idênticos e outros análogos encontrados em nosso *corpus* de análise. A seguir, os exemplos:

(1) [p] e [m] possuem contraste em ambientes análogos. Logo, /p/ e /m/ são fonemas:

[awta'**paj**]	'está caçando'	vs	[ata'**maj**]	'casca de árvore'
['i:**pi**]	'margem do rio'	vs	['i**mi**]	'óleo de pequi'
['**pa**ka]	'batata'	vs	[**ma**ka'na]	'Anambé-branco'

(2) [t] e [n] possuem contraste em ambiente idêntico e análogo. Logo, /t/ e /n/ são fonemas:

['a**ta**]	'árvore'	vs	['a**na**]	'pilão'
['a:ka**ta**]	'falar'	vs	[a:'ku**na**]	'gavião-tesoura'

(3) [k] e [ɢ] possuem contraste em ambientes idênticos. Logo, /k/ e /ɢ/ são fonemas:

['a:**ka**]	'defecar'	vs	['a:**ɢa**]	'perguntar'
[a'**kã**ma]	'morrer'	vs	[a'**ɢã**ma]	'veado do campo'

(4) [n] e [m] possuem contraste em ambientes idênticos. Logo, /n/ e /m/ são fonemas:

[jete'**ne**]	'seu remo'	vs	[je'te**me**]	'escutar'
[ma'**ma**]	'mãe'	vs	[ma'**na**]	'peneira'
[i'tʃa**na**]	'feitiço'	vs	[i'tʃa**ma**]	'amargo'

(5) [ts] e [tʃ] possuem contraste em ambientes análogos. Logo, /ts/ e /tʃ/ são fonemas:

[ˌaj**tse**'neke]	'ainda não'	vs	['aj**tʃe**]	'pó de pimenta'
[maj'ki**tsi**]	'grão de milho'	vs	[maj'ki**tʃe**]	'fubá'

(6) [m] e [w] possuem contraste em ambientes idênticos. Logo, /m/ e /w/ são fonemas:

['ju**ma**]	'pirarara (peixe)'	vs	['ju**wa**]	'aranha negra'
[**ma**'kula]	'panela'	vs	[**wa**'kula]	'pirão'

Os demais segmentos não possuem, em nosso *corpus*, pares em ambientes idênticos ou análogos. A seguir, apresentamos os fones e suas ocorrências encontradas em nossos dados.

Posteriormente, apresentamos a distribuição das consoantes em relação às vogais, para determinar com maior fidelidade os segmentos fonológicos da língua wauja.

Os fones oclusivos bilabiais desvozeado [p], aspirado [p^h] e vozeado [b] variam livremente. Em outras palavras, essas ocorrências não possuem distinção, o que nos permite dizer que trata-se de apenas um fonema com três realizações fonéticas possíveis, que ocorrem com todas as vogais. Nesta análise, postula-se o segmento /p/ como fonema e os demais como alofones (variações fonéticas) Exemplos:

(7) /p/

[p] ~ [p^h] ~ [b]	[ata'**pa**na] ~ [ata'**p^ha**na] ~ [ata'**ba**na]	‘folha de árvore’
	[u'le:**pe**] ~ [u'le**p^he**] ~ [u'le**be**]	‘beiju’
	[**pi**:'sulu] ~ [**p^hi**:'sulu] ~ [**bi**:'sulu]	‘grilo’
	[**pɨ**'kɨzɻɨ] ~ [**p^hɨ**'kɨzɻɨ] ~ [**bɨ**'kɨzɻɨ]	‘cutia’
	[**pu**'lãma] ~ [**p^hu**'lãma] ~ [**b**u'lãma]	‘trairão (peixe)’

Os fones oclusivos alveolares desvozeado [t] e aspirado [t^h] apresentam variação livre e ocorrem com todas as vogais. Desse modo, os fones aspirados foram analisados como variantes, ou alofones, do segmento sem aspiração /t/. Exemplos:

(8) /t/

[t] ~ [t^h]	['a**ta**] ~ ['a**t^ha**]	‘árvore’
	['**te**me] ~ ['**t^he**me]	‘anta’
	[**ti**'wi] ~ [**t^hi**'wi]	‘cabeça’
	['**titu**] ~ ['**t^hit^hu**]	‘tipo de cipó’
	[**tu**'api] ~ [**t^hu**'api]	‘esteira’

Os fones oclusivos velares desvozeado [k] e aspirado [k^h] também apresentam variação livre e ocorrem com todas as vogais. Nesta análise, o fone aspirado foi considerado como variante, ou alofone, do segmento sem aspiração /k/. Exemplos:

(9) /k/

[k] ~ [k^h]	[ja'**ka**] ~ [ja'**k^ha**]	‘jacaré’
	['**ke**zɻɨ] ~ ['**k^he**zɻɨ]	‘lua’
	[**ki**tsa'paj] ~ [**k^hi**tsa'paj]	‘pé de alguém’
	['**kɨ**zɻu] ~ ['**k^hɨ**zɻu]	‘tucano’
	[**ku**'patɨ] ~ [**k^hu**'patɨ]	‘peixe’

A oclusiva glotal desvozeada [ʔ] ocorre nas posições inicial ou final de palavra, contígua a vogais, e seguida de pausa/silêncio; nos demais contextos não ocorre. Logo, não temos evidências para afirmar o *status* fonológico desse segmento, sendo considerado estritamente fonético, por ter sua ocorrência previsível. Exemplos:

(10)	[ʔ]	[jaˈka**ʔ**]	‘jacaré’
		[ˈ**ʔ**ata]	‘árvore’
		[**ku**ˈpatɨ**ʔ**]	‘peixe’

Os fones fricativos alveolares desvozeado [s] e vozeado [z] variam em posição medial de palavra e nos demais contextos não variam. Assim, em início de palavra temos apenas a ocorrência de [s]. Vale dizer que tanto [s] quanto [z] ocorrem com todas as vogais. Logo, poderíamos postular que o segmento [z] é variante de [s], pois [z] é mais restrito, ocorrendo apenas entre vogais.

Entretanto, não haveria problema se fosse postulado o contrário, pois o vozeamento não é prioritário nesta língua. Nesses termos, a outra possibilidade de interpretação é postular como fonema o segmento [z] e como variante alofônica o segmento [s]. Esta interpretação aproxima o segmento [z] do segmento retroflexo [ʐ], como veremos adiante, tornando a análise fonológica mais simétrica para os dados. Assim, nesta pesquisa, postulamos /z/ como fonema, que pode realizar-se como [z] ou [s] entre vogais e, ainda, como [s] em início de palavra. Exemplos:

(11)	/z/		
	[s]	[**sa**ˈkalu]	‘papagaio’
		[**se**ˈpi]	‘banco’
		[**si**ˈɲãlu]	‘gavião pequeno’
		[**si**ˈkutɨ]	‘periquito’
		[**su**ˈla]	‘lagartixa’
	[z] ~ [s]	[iˈ**zi**ɲa] ~ [iˈ**si**ɲa]	‘vento’
		[ki**z**uˈa] ~ [ki**s**uˈa]	‘branco(cor)’
		[u**z**iˈtʃuj] ~ [u**s**iˈtʃuj]	‘mingau’
		[aˈmu**za**] ~ [aˈmu**sa**]	‘sobrar’
		[waˈ**z**itʃa] ~ [waˈ**s**itʃa]	‘jogar’
		[pi**z**eˈpepe] ~ [pi**s**eˈpepe]	‘costurar’

Os fones fricativos alveolares retroflexos desvozeado [ʂ] e vozeado [ʐ] apresentam características semelhantes de [s] e [z], descritas anteriormente, ou seja, variam apenas em posição medial de palavra. Porém, em início de palavra temos apenas a ocorrência [ʐ] e não de [ʂ], como poderíamos esperar. É importante dizer que ambos [ʂ] e [ʐ] não ocorrem diante de vogal anterior alta [i]. Assim, postulamos /ʐ/ como fonema e [ʂ] como alofone[32]. Exemplos:

[32] Outra possibilidade de interpretação, considerando que o vozeamento não é prioritário nesta língua, como já foi mencionado anteriormente, é postular como fonema o segmento [ʂ] e como alofone o segmento [ʐ]. De

(12)	/ʐ̩/		
	[ʐ̩]	[ʐ̩**a**ta'naku]	‘telhado’
		[ʐ̩**a:**'paj]	‘pergunta’
	[ʐ̩] ~ [ʂ]	[a**ʐ̩a**ta'pa] ~ [a**ʂa**ta'pa]	‘raíz’
		[ku'**ʐ̩a**ma] ~ [ku'**ʂa**ma]	‘kará vermelho (tipo de peixe)’
		[tutu'**ʐ̩e**me] ~ [tutu'**ʂe**me]	‘tipo de cobra venenosa’
		['ki**ʐi**] ~ ['ki**ʂi**]	‘tucano’
		[ma'**ʐ̩u**pa] ~ [ma'**ʂu**pa]	‘gilete’

O fone oclusivo uvular sonoro [ɢ] não apresenta variações, ou alofones, e não ocorre com as vogais anterior alta [i] e posterior alta [u]. Embora este fone ocorra com pouca frequência na língua, sua classificação fonética foi descrita de maneira distinta por outros autores[33]. Nesta pesquisa, o identificamos foneticamente como uma oclusiva uvular sonora, pois trata-se de um segmento que não possui fricção e, ainda, é mais posterior que um segmento velar. Assim, pode-se postular o status fonológico desse fonema. Exemplos:

(13)	/ɢ/		
	[ɢ]	[a'**ɢa**ma]	‘veado de campo’
		[a**ɢa**'numa]	‘saliva’
		[kehe'pe**ɢe**]	‘água com espuma’
		[uni'**ɢi**u]	‘esta água’

O fone fricativo glotal desvozeado [h] não apresenta variação e não ocorreu com vogal anterior alta [i] em nossos dados. Esse segmento ocorre em posição inicial e medial de palavra. Assim, por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /h/. Exemplos:

---

qualquer forma, estaríamos buscando uma simetria entre os segmentos [ʂ] e [ʐ̩] em oposição aos segmentos [s] e [z].

[33] Em Jackson; Richards (1966), este segmento é representado como [g] e descrito como “a voiced uvular fricative”. Exemplos: /nãtagá/ ‘hot’, /ɨkumahapái ɨtɨgihũã/ ‘many seeds’, /igatakɨsa/ ‘language’, /nukága/ ‘a drink’, /agama/ ‘let’s go’. Em Richards (1973, p.14, 1977, p.26, 1988, p.12) este segmento é representado da mesma maneira [g], porém descrito como “semivocóide”, fazendo referência a uma análise fonêmica arquivada no Museu Nacional do Rio de Janeiro, como trabalho inédito (não publicado). Corbera Mori (2003, 2005, 2006, 2008), a partir dos estudos de Jackson e Richards já citados, representa este segmento como [ɣ] e insere no quadro de fonemas como uma “aproximante velar”, seguindo a classificação de “semivocóide” dada nos estudos anteriores.

(14) /h/

[h]	[**ha**ti'wi]	‘cocar’
	['**he**ɻe]	‘bijuzeira’
	['**hɨ**ka]	‘fumo/cigarro’
	['**hu**:pa]	‘escorpião’
	[**hu**'maka]	‘dormir’
	[aɻka**ha**'kata]	‘molhar’
	[e'**he**ɻe]	‘esconder’

A consoante nasal bilabial [m] não apresentou variação e ocorreu com todas as vogais. Este segmento ocorre em posição inicial e medial de palavra. Portanto, por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /m/. Exemplos:

(15) /m/

[m]	['**maj**ki]	‘milho’
	[**me:**'neke]	‘espera’
	[**mi**tʃa'napɨ]	‘escuro’
	[**mɨmɨ**'kuwa]	‘assustar’
	[**mu**'kutɨ]	‘rato’

A consoante nasal alveolar [n] também não apresentou variantes e ocorreu com todas as vogais, em posição inicial, medial e final de palavra. Por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /n/. Exemplos:

(16) /n/

[n]	[**na**la'tã]	‘minha panela’
	[**ne**me'heɻe]	‘limpei o bumbum (da criança)’
	[we'**ni**ɲã]	‘nome do rio’
	[ja**nu**'maka]	‘onça pintada’
	[jete'**ne**]	‘seu remo’
	['**ni**ɲa]	‘eu fui’
	['u**nɨ**]	‘água’

O fone africado alveolar desvozeado [ts] não possui variantes e ocorre com todas as vogais do sistema. Este segmento ocorreu em posição inicial, medial e final de palavra, ou seja, em posição de *onset*. Por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /ts/[34]. Exemplos:

[34] Além do fone africado alveolar desvozeado [ts] possuir *status* fonológico é, também, uma variação do segmento [t] quando sofre processo de palatalização (cf. seção “3.5 Processos morfofonológicos”).

(17) /ts/

[ts]	[ˈ**tsa**ma]	‘balançar’
	[kana**tse**ˈpe]	‘de onde’
	[aˈ**tsi**]	‘avó’
	[ˈ**tsɨ**ka]	‘fritar’
	[iˈ**tsu**hɨ]	‘anzol’

A consoante africada pós-alveolar desvozeada [tʃ] não apresenta variações, ou alofones e, ainda, não ocorrre com vogal anterior alta [i] e central alta [ɨ]. Este segmento ocorreu em posição inicial e final de palavra, não sendo encontrado, em nossos dados, em posição medial de palavra. Por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /tʃ/. Exemplos:

(18) /tʃ/

[tʃ]	[**tʃ̬a**naˈlai]	‘remédio’
	[ˈ**tʃ̬e**hɨ̃]	‘faca/facão’
	[**tʃ̬e**ˈtuwi]	‘joelho de alguém’
	[iˈ**tʃ̬u**]	‘tracajá’

O fone lateral alveolar [l] não apresentou variações e não ocorreu com a vogal central alta [ɨ] em nossos dados. Esse segmento ocorreu em posição inicial, medial e final de palavra. Por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /l/. Exemplos:

(19) /l/

[l]	[ɨuˈta**la**]	‘onça parda’
	[piˈsu**lu**]	‘grilo’
	[ˈ**lɨ:**ma]	‘lima’[35]
	[**lɨ:**maˈtãw]	‘lima para motoserra’
	[maku**le**ˈpetɨ]	‘barqueiro’

O tepe alveolar [ɾ] não demonstrou nenhuma variação, ou alofone e, também, não ocorreu com a vogal central alta [ɨ]. Esse segmento ocorreu nas posições medial e final de palavra, não sendo encontrado, em nossos dados, em posição inicial. Por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /ɾ/. Exemplos:

(20) /ɾ/

[ɾ]	[kuwe**ɾe**ˈtete]	‘pica-pau’
	[ahu**ɾi**ˈ**ɾi**tʃa]	‘espremer’
	[ku**ɾu**ˈwãw]	‘gato’
	[tãˈkua**ɾa**]	‘flauta’

A aproximante palatal [j] ocorre com todas as vogais (Cf. seção 3.1.3) e varia com [ɲ] diante das vogais nasais [ã], [ẽ] e [ũ]. Este segmento ocorre nas posições inicial, medial e final de palavra. Por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /j/. Exemplos:

(21) /j/

[j]	[**ja**ˈka]	‘jacaré’
	[**je**ˈtula]	‘mangaba’[**ju**ˈlama] ‘piranha’
	[ˈ**ji**w]	‘vá embora (imperativo)’
	[**jɨ**ˈwɨtu]	‘neta de vocês’
	[ˈwajtsu]	‘vassoura’
	[iˈjepe]	‘nuvem’
	[ˈmajki]	‘milho’
[j] ~ [ɲ]	[iˈ**ɲãw**] ~ [iˈ**jãw**]	‘pessoa’
	[aˈmi**ɲã**] ~ [aˈmi**jã**]	‘não mexe’
	[kuˌlupi**ɲẽ**ˈne] ~ [kuˌlupi**jẽ**ˈne]	‘desenho de losango’
	[iˈ**ɲũlu**] ~ [iˈjũlu]	‘árvore de Biribá’

A aproximante bilabial [w] varia livremente com a fricativa bilabial [β]. Ambas não ocorrem com a vogal posterior alta [u]. Em nossos dados, este segmento ocorre nas posições inicial e final de palavra. Por sua ocorrência não ser previsível, postulamos o *status* fonológico de /w/ (Cf. seção 3.1.3). Exemplos:

(22) /w/

[w] ~ [β]	[**wa**ˈkula] ~ [**βa**ˈkula]	‘pirão’
	[ˈ**we**ne] ~ [ˈ**βe**ne]	‘rio’
	[iˈtʃu**wi**] ~ [iˈtʃu**βi**]	‘caramujo listrado’
	[**wɨ**ˈka] ~ [**βɨ**ˈka]	‘torrar beiju’

Para resumir as ocorrências entre as consoantes e as vogais, elaboramos um quadro com a distribuição entre os segmentos, a fim de melhor visualizar as restrições encontradas na língua.

[35] A ocorrência da lateral [l] diante de vogal anterior alta [i] só ocorreu nos empréstimos do Português referentes

	[a]	**[e]**	**[i]**	**[ɨ]**	**[u]**
[p]	pa	pe	pi	pɨ	pu
[p^{h}]	p^{h}a	p^{h}e	p^{h}i	p^{h}ɨ	p^{h}u
[b]	ba	be	bi	bɨ	bu
[t]	ta	te	ti	tɨ	tu
[t^{h}]	t^{h}a	t^{h}e	t^{h}i	t^{h}ɨ	t^{h}u
[k]	ka	ke	ki	kɨ	ku
[k^{h}]	k^{h}a	k^{h}e	k^{h}i	k^{h}ɨ	k^{h}u
[z]	za	ze	zi	zɨ	zu
[s]	sa	se	si	sɨ	su
[z̪]	z̪a	z̪e	*z̪i	z̪ɨ	z̪u
[s̪]	s̪a	s̪e	*s̪i	s̪ɨ	s̪u
[ɢ]	ɢa	ɢe	*ɢi	ɢɨ	*ɢu
[h]	ha	he	*hi	hɨ	hu
[m]	ma	me	mi	mɨ	mu
[n]	na	ne	ni	nɨ	nu
[ts]	tsa	tse	tsi	tsɨ	tsu
[tʃ]	tʃa	tʃe	* tʃi	* tʃɨ	tʃu
[l]	la	le	li	*lɨ	lu
[ɾ]	ɾa	ɾe	ɾi	*ɾɨ	ɾu
[j]	ja	je	ji	jɨ	ju
[ɲ]	ɲa	ɲe	*ɲi	*ɲɨ	ɲu
[w]	wa	we	wi	wɨ	*wu
[β]	βa	βe	βi	βɨ	*βu

Quadro 16: Distribuição entre vogais e consoantes

Como podemos observar no quadro exposto, as consoantes [z̪], [s̪]e [h] não ocorreram com a vogal anterior alta [i]. Já a consoante [ɢ] não ocorreu com as vogais anterior alta [i] e posterior alta [u]. As consoantes [tʃ] e [ɲ] não ocorreram com as vogais anterior alta [i] e central alta [ɨ]. Por sua vez, as consoantes [l] e [ɾ] não ocorreram com a vogal central alta [ɨ]. Por fim, as consoantes [w] e [β] não ocorreram com a vogal posterior alta [u]. No que diz respeito às demais consoantes, essas ocorreram com todas as vogais, são elas: [p], [p^{h}], [b], [t], [t^{h}], [k], [k^{h}], [z], [s], [m], [n], [ts], [j].

A partir da análise e das descrições apresentadas, postulamos o seguinte inventário fonológico para as consoantes da língua wauja:

Obstruintes	[-cont]	[-voz]	p	t	ts	tʃ	k		
		[+voz]						ɢ	
	[+cont]	[-voz]		s					h
		[+voz]		z̪					
Soantes	[-cont]	nasais	m	n					
	[+cont]	não-nasais	w	l	ɾ	j			

Quadro 17: Inventário fonológico das consoantes em wauja

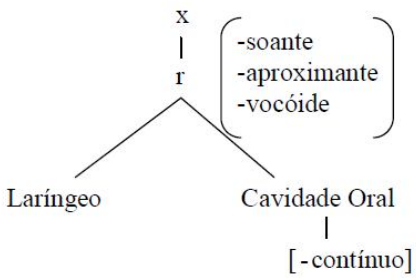
---

a ‘lima’.

No inventário fonológico proposto para a língua wauja, as obstruintes opõem-se pelos traços de continuidade [cont] e vozeamento [voz]. As soantes opõem-se pelo traço de continuidade [cont] e nasalidade, pois todas são vozeadas. Assim, podemos, a partir desse momento, representar três classes naturais de consoantes, conforme o modelo da Geometria de Traços de Clements e Hume (1995).

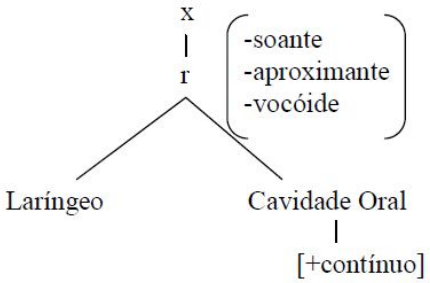
Classe 1: Obstruintes [-contínuo]

/p/, /t/, /ts/, /tʃ/, /k/, /ɢ/



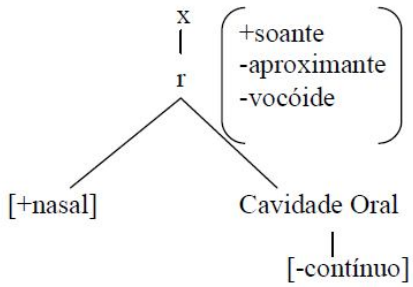
Classe 2: Obstruintes [+contínuo]

/s/, /z̪/, /h/



Classe 3: Soantes nasais [-contínuo]

/m/, /n/



Sobre as consoantes /w/ e /j/, de acordo com Clements e Hume (1995), essas possuem as mesmas características articulatórias que as vogais /u/ e /i/, respectivamente (cf. seção "4.1.3 Aproximantes"), sendo distintas pela função que ocupam na sílaba da língua[36]. Já as consoantes /l/ e /ɾ/ se distinguem em relação aos traços [lateral] e [contínuo][37].

Em wauja, portanto, postulamos o *status* fonológico de 15 consoantes, são elas: /p/, /t/, /ts/, /tʃ/, /k/, /ɢ/, /h/, /z/, /ʐ/, /m/, /n/, /w/, /l/, /ɾ/, /j/. A seguir, apresentamos a descrição das vogais.

4.1.2 Vogais

Na língua wauja encontramos 22 fones vocálicos (orais, nasais e longos), distintos pelos pontos de articulação: anterior, central e posterior. Ainda, segundo a altura, os fones distinguem-se pelos traços: alto, médio (aberto, fechado) e baixo.

		Anterior	central	posterior
Alta		i ĩ i: ɪ	ɨ ɨ̃ ɨ:	u ũ u: ʊ
média	Fechada	e ẽ e:	ə	
	Aberta	ɛ ɛ̃ ɛ:	ɐ	
Baixa			a ã a:	

Quadro 18: Inventário fonético das vogais em wauja

Primeiramente, apresentaremos uma descrição para as vogais orais, em seguida para as vogais nasais e, por fim, para as vogais longas.

Da mesma maneira que as consoantes, as vogais orais também apresentam raros pares mínimos e análogos. Exemplificam-se, adiante, alguns itens encontrados em nosso *corpus*:

(23) [ɨ] e [u]: possuem contraste em ambiente idêntico e análogo

[ˈ**ɨtɨ**]	'semente'	vs	[ˈ**ɨtu**]	'dele/dela'
[awˈ**tɨ**]	'grosso (cilíndrico)'	vs	[ˈawt**u**]	'porco caititu'

(24) [a] e [ɨ]: possuem contraste em ambientes análogos

[ˈ**ata**]	'árvore'	vs	[**ɨ**ˈ**tɨ**]	'semente'
[aˈkã**ma**]	'morrer'	vs	[ˈkã**mɨ**]	'sol'

[36] Os pares /i/ e /j/; /u/ e /w/ podem ser distintos apenas pelo traço [silábico]. Esse traço é responsável por caracterizar os "segmentos que constituem pico de sílaba; *não-silábicos* são os segmentos que ocupam as margens da sílaba" (BISOL, 1999, p.22).

[37] Segundo Bisol (1999, p.23), "Laterais são os sons produzidos com a elevação da lâmina da língua e o abaixamento do centro da língua, permitindo o escape do ar por um lado ou por ambos os lados: o ar sai da boca na vizinhança dos dentes molares; nos sons não-laterais" tal passagem para o ar não é aberta. Esse traço é restrito a sons consonantais coronais.

(25) [e] e [i]: possuem contraste em ambientes análogos

[te'**e**]	‘irmã mais velha’	vs	[tu'**i**]	‘bengala’
[**e**'pi]	‘machado’	vs	['**i**:pi]	‘margem do rio’
['se**pe**]	‘costurar’	vs	[se'**pi**]	‘banco’

Os contrastes em ambientes idênticos puderam atestar o *status* fonológico das vogais /ɨ/ e /u/. Entretanto, os contrastes em ambientes análogos são insuficientes para atestar as demais vogais. Por conta disso, a seguir, apresenta-se a ocorrência dos segmentos vocálicos e seus alofones, para que se possa chegar a uma comprovação mais eficiente sobre as vogais fonológicas da língua wauja.

A vogal central baixa [a] varia apenas com a central média aberta [ɐ] em sílabas átonas, ocorrendo com todas as consoantes do sistema. Logo, postulamos o fonema /a/ e [ɐ] seu alofone. Exemplos:

(26) /a/

[a]	['k**a**pi]	‘quati’
	[ku'p**a**]	‘carrapato’
	['w**a**lu]	‘caramujo branco’
[a] ~ [ɐ]	[u'put**a**] ~ [u'put**ɐ**]	‘dar/entregar’
	['kut**a**] ~ ['kut**ɐ**]	‘saúva-içá (formiga)’
	[t**a**'kut**a**] ~ [t**ɐ**'kut**ɐ**]	‘achar’

A vogal média fechada [e] varia livremente com a vogal média aberta [ɛ], ambas ocorrendo tanto em posição tônica quanto átona nas palavras em wauja. Porém, diante da aproximante palatal [j], temos a ocorrência apenas da vogal média fechada [e], formando ditongos [ej] ao invés de *[ɛj]. Em outras palavras, [e] e [ɛ] são variantes do fonema /e/ e estão em distribuição complementar nesse contexto. Exemplos:

(27) /e/

[e] ~ [ɛ]	[**e**'pi] ~ [**ɛ**'pi]	‘machado’
	[**e**'mu] ~ [**ɛ**'mu]	‘pão de milho’
	['t**e**m**e**] ~ ['tɛmɛ]	‘anta’
[ej]	[i'ts**ej**]	‘fogo’
	[u'l**ej**]	‘mandioca’
	[nɛ:'ts**ej**]	‘colar’

A vogal anterior alta [i] possui apenas a variante [ɪ], que ocorre em sílabas átonas, ambas não ocorrendo com as consoantes [z], [h], [ɲ] e [tʃ]. Assim, nessa análise postula-se o fonema /i/, com seu alofone [ɪ]. Exemplos:

(28) /i/

[i]	[ma'p**i**]	‘pena’
	['p**i**tsu]	‘você’
	[tu't**i**]	‘bengala’
[i] ~ [ɪ]	[te'mep**i**] ~ [te'mep**ɪ**]	‘jibóia’
	[i'tʃuw**i**] ~ [ɪ'tʃuw**ɪ**]	‘caramujo listrado’
	[kulup**i**je'ne] ~ [kulup**ɪ**jẽ'ne]	‘desenho de losangos’

A vogal central alta [ɨ] varia com a vogal central média fechada [ə] apenas em sílabas átonas, não ocorrendo com as consoantes [ɲ], [tʃ], [l] e [ɾ]. Logo, postula-se o fonema /ɨ/ e /ə/ seu alofone. Exemplos:

(29) /ɨ/

[ɨ]	['**ɨ**tu]	‘dele(a)’
	[aw'p**ɨ**]	‘grande’
	['**ɨ**wta]	‘chifres’
[ɨ] ~ [ə]	[a'tat**ɨ**] ~ [a'tat**ə**]	‘vara’
	[**ɨ**'map**ɨ**] ~ [ə'map**ə**]	‘penas dele(a)’
	[t**ɨ**'pepe] ~ [t**ə**'pepe]	‘barro vermelho’

A vogal posterior alta [u] varia somente em sílabas átonas com [ʊ], não ocorrendo com as consoantes [ɢ], [ɲ] e [w]. Assim, postula-se o fonema /u/ e [ʊ] seu alofone. Exemplos:

(30) /u/

[u]	[a't**u**]	‘avô’
	['h**u**ka]	‘tecer’
	[i'tʃ**u**wi]	‘caramujo listrado’
[u] ~ [ʊ]	['awt**u**] ~ ['awt**ʊ**]	‘porco caititu’
	['t**ɨ**t**u**] ~ ['t**ɨ**t**ʊ**]	‘cipó’
	[k**u**'pat**ɨ**] ~ [k**ʊ**'pat**ɨ**]	‘peixe’

A partir dos exemplos expostos, podemos postular o *status* fonológico dos segmentos vocálicos orais /a/, /e/, /i/, /ɨ/, /u/, sendo os demais apenas alofones desses.

As vogais orais podem ocorrer com dois tipos de nasalização. O primeiro tipo se dá quando estão precedidas pelas consoantes nasais (nasalização fraca ou leve), ou seja, trata-se de uma nasalidade fonética. Já o segundo tipo se dá sem a presença de consoantes nasais

(nasalização forte ou pesada)[38], em outras palavras, trata-se de uma nasalidade fonológica, porque não é previsível[39].

Para ilustrar os tipos de nasalização, expomos em (31) dados com a nasalidade leve e em (32) com a nasalidade pesada:

(31)	[ã]	[mãku'i]	'óleo'
	[ũ]	[nũta'i]	'corda'
	[ɨ̃]	['ũnɨ]	'água'
(32)	[ẽ]	['**ẽ:**pi]	'tipo de cipó'[40]
	[ɛ̃]	['tʃɛ̃hɨ̃]	'facão'
	[ĩ]	[**ĩ**tsuku]	'bem-te-vi (pássaro)'
	[ĩ]	[piki'tsĩ]	'telhado da casa'
	[ɨ̃]	[**ɨ̃**:'taj]	'arco'
	[ũ]	['**ũ**:taj]	'lagartixa'

Em wauja, encontram-se, ainda, segmentos vocálicos longos. Entretanto, em nosso *corpus*, há apenas três itens que podem evidenciar que a duração vocálica seja contrastiva. Exemplos:

(33)	[i:] e [i]: possuem contraste em ambiente idêntico					
	[w**i:**'tʃa]	'assovio do vento'	vs	[wɨ'tʃa]	'baixo'	
(34)	[ɨ:] e [ɨ]: possuem contraste em ambiente idêntico					
	[w**ɨ:**'ka]	'assovio de pessoa'	vs	[wɨ'ka]	'torrar beiju'	

Por nosso *corpus* conter apenas esses itens que contrastam a duração vocálica, não podemos postular que, fonologicamente, haja vogais longas fonológicas em wauja[41]. Provavelmente, tais dados tenham ocorrido pela velocidade de fala na elicitação de dados ou, então, são realizações fonéticas de duas vogais fonológicas que se fundiram. É importante

[38] Conferir seção "4.4.1 Nasalidade".

[39] Outra alternativa de interpretação para os dados é reconhecer a existência de um autossegmento nasal flutuante, que não sendo licenciado para se manifestar como consoante plena em posição de coda silábica (ver seção "4.2.1 Padrões silábicos"), espalha o traço nasal sobre o núcleo da sílaba, ou seja, sobre as vogais orais. Por esta interpretação, excluiríamos do inventário fonológico as vogais nasais. Assim, em uma análise mais abstrata, pode-se assumir que o segundo tipo de nasalidade (a fonológica) é o resultado de um traço nasal flutuante que se espraia, no nível fonético, sobre as vogais (TRIGO, 1988). Com este tipo de argumento, podemos dizer que trata-se de vogais orais com um traço nasal. Porém, há autores que não levam em consideração tal argumento.

[40] Itens semelhantes que podem ser comparados: ['pe:si] 'pão (da cidade)'; [i'tʃɛhɨ] 'capivara', [i'tʃutɨ] 'ovos de tracajá'; [pi'kitsi] 'teu nariz'; [ɨ'taj] 'festa', ['hu:kapaj] 'derramar'.

[41] Outra interpretação é considerar as realizações fonéticas [V:] como duas vogais idênticas /V.V/, que pertencem a sílabas distintas, sem o preenchimento da posição de ataque (*onset*), ou seja, a separação silábica de palavras como [**a:**'kuma] 'gavião-tesoura' poderia ser /a.a.'ku.ma/. Então, a partir dessa interpretação poderíamos excluir todas as vogais longas do inventário fonológico, permanecendo apenas as vogais orais.

dizer que assim como as vogais orais, as vogais longas ocorrem, foneticamente, com todas as consoantes do sistema. A seguir, expomos alguns exemplos:

(35)	[a:]	[ˈ**a:**ɢa]	‘defecar’
		[**a:**ˈkuma]	‘gavião-tesoura’
		[ɢan**a:**ˈti]	‘lápis’
(36)	[e:]	[ˈm**e:**ke]	‘cobra coral texana’
		[j**e:**ˈtulaɢa]	‘bola’
		[ˈw**e:**ke]	‘grande’
(37)	[i]	[ˈw**i:**tʃa]	‘assovio do vento’
		[p**i:**ˈsulu]	‘grilo’
		[ˈk**i:**ru]	‘cabaça’
(38)	[ɨ]	[h**ɨ:**ˈka]	‘fumo’
		[w**ɨ:**ˈka]	‘assovio de pessoa’
(39)	[u]	[ˈk**u:**ɲã]	‘assar com fumaça’
		[h**u:**kaˈpaj]	‘derramar’

Embora sejam mais raros, em wauja, há, ainda, a realização de segmentos vocálicos longos nasais, são eles, [ã:], [ɨ̃:], [ũ:]. Abaixo, seguem os dados encontrados:

(40)	[ã:]	[tʃal**ã:**taˈpa]	‘prego’
	[ɨ̃:]	[**ɨ̃:**ˈtaj]	‘arco’
	[ũ:]	[ˈ**ũ:**tɨ]	‘lagartixa’

Em trabalhos futuros, buscaremos explicitar mais sobre a realização desses segmentos vocálicos longos e longos nasais. Por enquanto, apenas descrevemos os dados encontrados em nosso *corpus* para uma análise preliminar sobre a língua.

Assim, postulamos cinco vogais fonológicas, são elas: /a/, /e/, /i/, /ɨ/, /u/, conforme o seguinte inventário fonológico:

	anterior	**central**	**posterior**
alta	i	ɨ	u
baixa	e	a	

Quadro 19: Inventário alternativo das vogais em wauja

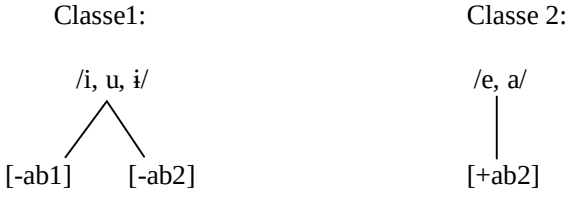
Nesta proposta de interpretação, portanto, temos apenas as vogais orais representadas fonologicamente, distintas pelos traços de ponto de articulação [anterior], [central], [posterior] e graus de abertura que se distinguem em [alta] e [baixa].

Após a análise, os fonemas vocálicos foram distintos pelos traços de ponto de articulação [coronal], [labial], [dorsal] e aberturas [ab1] e [ab2], de acordo com a proposta de Clements e Hume (1995)[42], no seguinte quadro:

Traços	[coronal]		[labial]	[dorsal]	
Abertura	i	e	u	ɨ	a
[ab1]	-	-	-	-	+
[ab2]	-	+	-	-	+

Quadro 20: Ponto e abertura das vogais

A partir desse quadro de traços, reunimos os segmentos vocálicos de acordo com o nó "Ponto de V", seguindo o modelo proposto por Clements e Hume (1995), utilizando apenas os traços relevantes para a representação de duas classes naturais em wauja, como segue:



4.1.3 Aproximantes /j/ e /w/

A representação das aproximantes (ou glides) sempre apresenta complicações de análise, pois a aproximante palatal [j] possui as mesmas características articulatórias da vogal anterior alta [i], assim como a aproximante bilabial [w] semelhante à vogal posterior alta [u].

De acordo com Halle e Vergnaud (1978) e Selkirk (1982), a realização desses segmentos deve ser tratada enquanto constituintes da sílaba (*onset*, núcleo ou coda), na qual a distinção do traço "menos consonantal" [-cons] é estabelecida em função da estrutura silábica de cada língua, ou seja, se o segmento ocupar a posição de núcleo será interpretado como vogal, se ocupar outra posição (*onset* ou coda), será interpretado como consoante.

[42] Nesse modelo, uma classe natural pode corresponder a cada um dos traços de ponto no trato oral (CLEMENTS; HUME, 1995, p.277).

Em wauja, temos a ocorrência de duas aproximantes, são elas: a palatal /j/ e a bilabial /w/. Esses segmentos podem ser interpretados como consoantes quando ocorrem em posição de ataque ou *onset* ou, então, como elementos vocálicos que formam, junto a outras vogais, os ditongos fonéticos (crescentes e decrescentes). A seguir, apresentamos um quadro com as sequências formadas por glide-vogal e vogal-glide, encontradas em nosso *corpus* de dados e, em seguida, os respectivos exemplos em (41):

Sequências com glides					
	a	**e**	**i**	**ɨ**	**u**
j	ja	je	ji	jɨ	ju
	aj	ej	*ij	*ɨj	uj
w	wa	we	wi	wɨ	*wu
	aw	ew	*iw	ɨw	*uw

Quadro 21: Sequências com glides em wauja

Exemplos com a aproximante palatal [j]:

(41) (a) [ja] [**ja**ˈka] ‘jacaré’
[aj] [anataˈ**paj**] ‘ele está escrevendo’

(b) [je] [**je**ˈtula] ‘mangaba’
[ej] [kehekeleˈp**ej**] ‘é feio’

(c) [ji] [ˈ**ji**w] ‘vá embora (imperativo)’
*[ij] não ocorre

(d) [jɨ] [**jɨ**ˈwɨtu] ‘neta de vocês (exclusivo)’
*[ɨj] não ocorre

(e) [ju] [**ju**ˈlama] ‘piranha’
[uj] [numasaˈk**uj**] ‘queixo’

Exemplos com a aproximante bilabial [w]:

(42) (a) [wa] [**wa**ˈkula] ‘pirão’
[aw] [kam**aw**ˈkula] ‘três’

(b) [we] [ˈ**we**ne] ‘rio’
[ew] [meneˈk**ew**] ‘daqui a pouco’

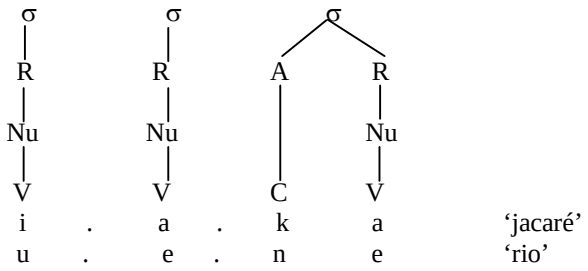
(c) [wi] [**wi**ˈtʃuku] ‘vaga-lume’
*[iw] não ocorre

(d)	[wɨ]	**[wɨ**ˈka]	‘torrar beiju’
	[ɨw]	[s**ɨw**ˈtiɾ̪u]	‘periquito rei’
(e)	*[wu]	não ocorre	
	*[uw]	não ocorre	

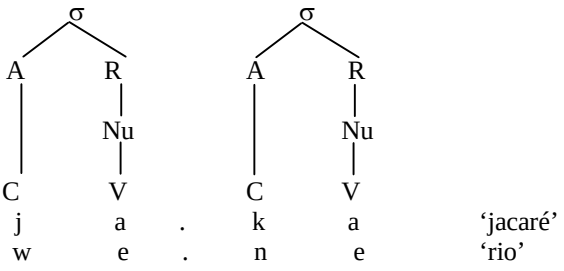
Como é possível observar, em nossos dados não encontramos as sequências vogal-glide *[ij], *[ɨj], *[iw], *[uw] e glide-vogal [*wu].

Para interpretação das sequências glide-vogal, temos, pelo menos, duas hipóteses em termos silábicos:

1ª hipótese: O glide palatal [j] seria uma manifestação fonética da vogal anterior alta /i/ e o glide bilabial [w] uma manifestação fonética da vogal posterior alta /u/ em sílabas distintas, sem o preenchimento da posição de ataque. Em termos silábicos, manteria, então, os padrões V e CV da língua. Exemplos: /i.aˈ.ka/ [jaˈka] ‘jacaré’ e /ˈu.e.ne/ [ˈwene] ‘rio’:



2ª hipótese: Os glides palatal [j] e bilabial [w] seriam consoantes que ocupariam a posição de ataque da sílaba CV. Em termos silábicos, manteriam, então, os padrões V e CV da língua. Exemplos: /jaˈ.ka/ [jaˈka] ‘jacaré’ e /ˈwe.ne/ [ˈwene] ‘rio’:

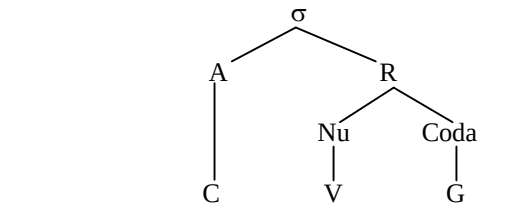


Ao analisar as duas hipóteses, optamos pela segunda proposta, pois, em wauja, temos os glides ocorrendo com quase todas as vogais, exceto *[wu]. Além disso, os falantes tendem

a pronunciar os glides em um só impulso de voz e não silabam vogais na sequência. E, ainda, na ortografia, os wauja utilizam as consoantes “y” e “w” em início de palavra.

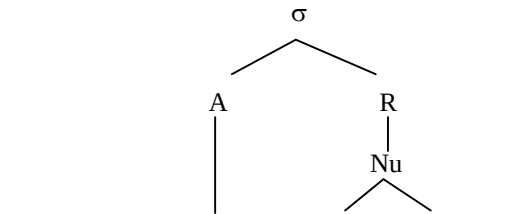
Para interpretação das sequências vogal-glide, temos, também, duas hipóteses em termos silábicos:

1ª hipótese: Os glides palatal [j] e bilabial [w] seriam consoantes e, portanto, constituiriam as únicas possibilidades de coda silábica, formando, assim, o padrão silábico CVC. Exemplos: /nu.ma.sa.ˈk**uj**/ [numasaˈk**uj**] ‘queixo’ e /me.ne.ˈk**ew**/ [meneˈk**ew**] ‘daqui a pouco’:



nu . ma . sa .	k	u	j	‘queixo’
me. ne .	k	e	w	‘daqui a pouco’

2ª hipótese: Os glides [j] e [w] corresponderiam às vogais anterior alta /i/ e posterior alta /u/, na formação de ditongos decrescentes. Assim, como na hipótese anterior, teríamos a mesma separação silábica, porém, com a manutenção dos padrões silábicos V e CV, sendo o núcleo silábico um segmento complexo. Exemplos: /nu.ma.sa.ˈk**uj**/ [numasaˈk**uj**] ‘queixo’ e /me.ne.ˈk**ew**/ [meneˈk**ew**] ‘daqui a pouco’:



nu . ma . sa .	k	u	j	‘queixo’
me. ne .	k	e	w	‘daqui a pouco’

Ao analisar as hipóteses das sequências vogal-glide, optamos pela última interpretação, pois assim poderíamos explicar o deslocamento do acento, que recai sempre sobre a sílaba que possui esse tipo de sequência fonológica. A vantagem dessa segunda hipótese é a de que não precisamos criar um novo tipo silábico, apenas concordamos que o núcleo silábico pode ser complexo, mantendo, dessa maneira, os padrões silábicos V e CV.

Em wauja, portanto, postulamos que as aproximantes /j/ e /w/ que ocorrem em sequências glide-vogal devem ser consideradas como consoantes, na posição de ataque da sílaba, enquanto que em sequências vogal-glide devem ser consideradas como parte do mesmo núcleo silábico. Em ambas interpretações, mantêm-se os padrões silábicos V e CV. Tem-se, assim, fonologicamente, as sequências fonológicas glide-vogal: /ja/, /je/, /ji/, /jɨ/, /ju/, /wa/, /we/, /wi/ e /wɨ/, formando sílabas CV. E, ainda, as sequências vogal-glide: /aj/, /ej/, /uj/, /aw/, /ew/, /ɨw/, formando os núcleos complexos de sílabas V.

4.2 A sílaba

Embora a teoria proposta por Chomsky e Halle (1968) não tenha abordado a sílaba como uma unidade descritiva, Hooper (1972) propõe o reconhecimento dessa unidade, considerando a sílaba como um domínio de aplicação das regras fonológicas. Posteriormente, Vennemann (1972), Hooper (1976) e Kahn (1976) discutiram a importância de delimitar a sílaba como uma unidade fonológica de análise. Desde então, diversos pesquisadores têm se dedicado ao estudo da sílaba e suas implicações, como também do papel desempenhado por ela na fonologia das línguas naturais.

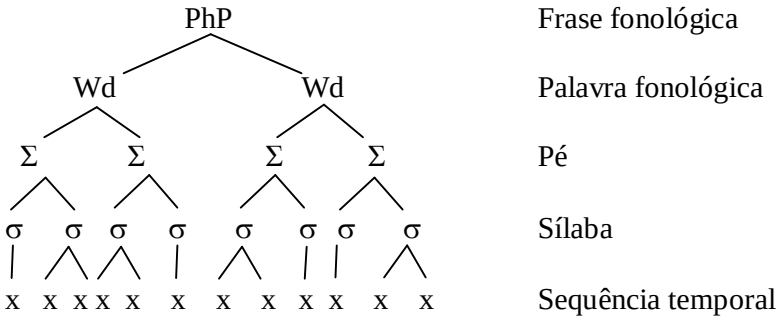
De acordo com Blevins (1995, p.207), *"[…] there are phonological processes and/or constraints which take the syllable as their domain of application. Such rules and constraints are sensitive to a domain that is larger than the segment, smaller than the word"*[43]. Além disso, a autora afirma que essa unidade deve conter um "pico de sonoridade".

Outra importante ferramenta de análise da sílaba é reconhecer a intuição que o falante nativo possui de sua própria língua. Ewen e Hulst (2001, p.122) afirmam que:

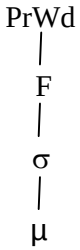
> Although it is clear that there is a unit which native speakers recognise as a syllable, we still have to demonstrate that it is required in phonological analysis. One kind of evidence involves the native speaker's ability to judge whether or not an arbitrary string of segments is a possible word in the language. As we will show, this ability hinges crucially on the fact that the native speaker can only assign a well-formed syllabic organization to a string of segments if the string in question is a possible word of the language[44].

[43] "[...] há os processos e/ou restrições fonológicas que tomam a sílaba como seu domínio de aplicação. Tais regras e restrições são sensíveis a um domínio maior que o segmento, menor do que a palavra". (Tradução nossa)
[44] Embora seja claro que há uma unidade que os falantes nativos reconhecem como uma sílaba, nós ainda temos que demonstrar que isso é exigido na análise fonológica. Um tipo de evidência envolve a habilidade do falante nativo de julgar se uma cadeia arbitrária de segmentos é ou não uma palavra possível na língua [...] esta habilidade depende fundamentalmente do fato de que o falante nativo pode somente atribuir uma organização

A sílaba (σ), nos estudos de prosódia, também tem sua importância e está hierarquicamente relacionada com o pé métrico e os segmentos (*syllable terminals*) na "Hierarquia Prosódica Universal":



A proposta de uma "hierarquia prosódica" foi apresentada primeiramente por Selkirk (1980), para quem as moras ocupam a posição dos segmentos, como segue:



Não pretendemos discutir aqui as hierarquias de representação prosódica. Essas representações apenas corroboram para mostrar a importância da sílaba como domínio das generalizações fonológicas presentes nas línguas naturais.

Em relação à estrutura interna da sílaba, Kentowicz (1994) considera o núcleo como constituinte obrigatório na formação da base, em seguida o ataque e, posteriormente, a coda.

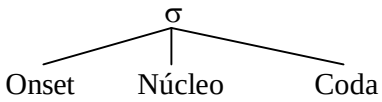
Há pelo menos quatro tipos de representações possíveis para os subconstituintes que podem compor uma sílaba:

1) *Flat structure*[45]: esse modelo considera a sílaba como um conjunto de três elementos dispostos com a mesma relevância. Os pressupostos são de Hockett (1955), Haugen (1956), Kahn (1976) e Clements e Keyser (1983). O modelo é representado da seguinte forma:

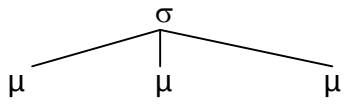
---

silábica bem-formada a uma cadeia de segmentos se a cadeia em questão é uma palavra possível da língua. (Tradução nossa)

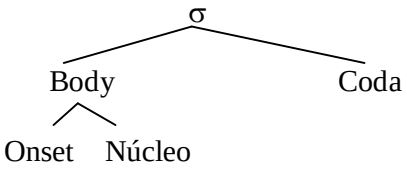
[45] Estrutura chata ou plana, ou seja, sem hierarquia (tradução nossa).



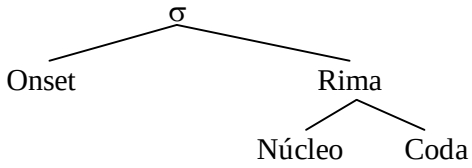
2) *Moras*: nesse modelo, considera-se que uma sílaba consiste de $C_o\mu(\mu)C_o$ como constituintes. O modelo foi proposto por Hyman (1981), McCarthy e Prince (1986), e Hayes (1991). A representação do modelo está a seguir:



3) *Binary branching with body*[46]: esse modelo apresenta *body* (corpo) composto por *onset* (ataque) e núcleo, estabelecendo uma relação de hierarquia e proximidade entre os elementos e distanciamento da coda. Os precursores desse modelo são McCarthy (1979) e Vennemann (1988). A seguir, a representação arbórea:



4) *Binary branching with rime*[47]: esse modelo apresenta a rima composta por núcleo e coda, diferentemente da hierarquia proposta em (3). Esse modelo é estrutural e baseia-se em Pike (1947), Kurylowicz (1948), Fudge (1969), Halle e Vergnaud (1978), Selkirk (1982) e outros. A seguir, a representação:



Em nossa pesquisa, adotamos o modelo (4), por melhor representar o peso silábico na rima, pois, em wauja, há a hipótese de que o núcleo silábico seja ramificado, com a ocorrência de glides palatal /j/ e bilabial /w/, que contribuem para o peso silábico e, consequentemente, para o deslocamento do acento. Acreditamos que esse modelo represente melhor o peso

[46] Estrutura com ramificação binária (tradução nossa).

silábico na rima e satisfaça os objetivos propostos nessa pesquisa.

4.2.1 Padrões silábicos

A partir do inventário fonológico proposto para as consoantes e vogais, apresentamos uma análise para os padrões silábicos que se realizam na língua wauja.

A sílaba fonológica possui, pelo menos, um segmento vocálico (V) obrigatório, que pode conter um núcleo simples (V) ou ramificado (V_g)[48]. A posição de ataque é opcional, sendo preenchida pelas consoantes C_1 e C_2. As consoantes C_1 são aquelas que ocorrem em posição inicial de palavra e as C_2 que ocorrem nas posições medial e final de palavra. A posição de coda não é preenchida e, por isso, não será representada.

Embora haja dois padrões, CV e V, o padrão CV é muito mais produtivo, o que nos leva a admitir que o wauja possui um padrão silábico universal CV, denominação proposta na classificação de Clements e Keyser (1983).

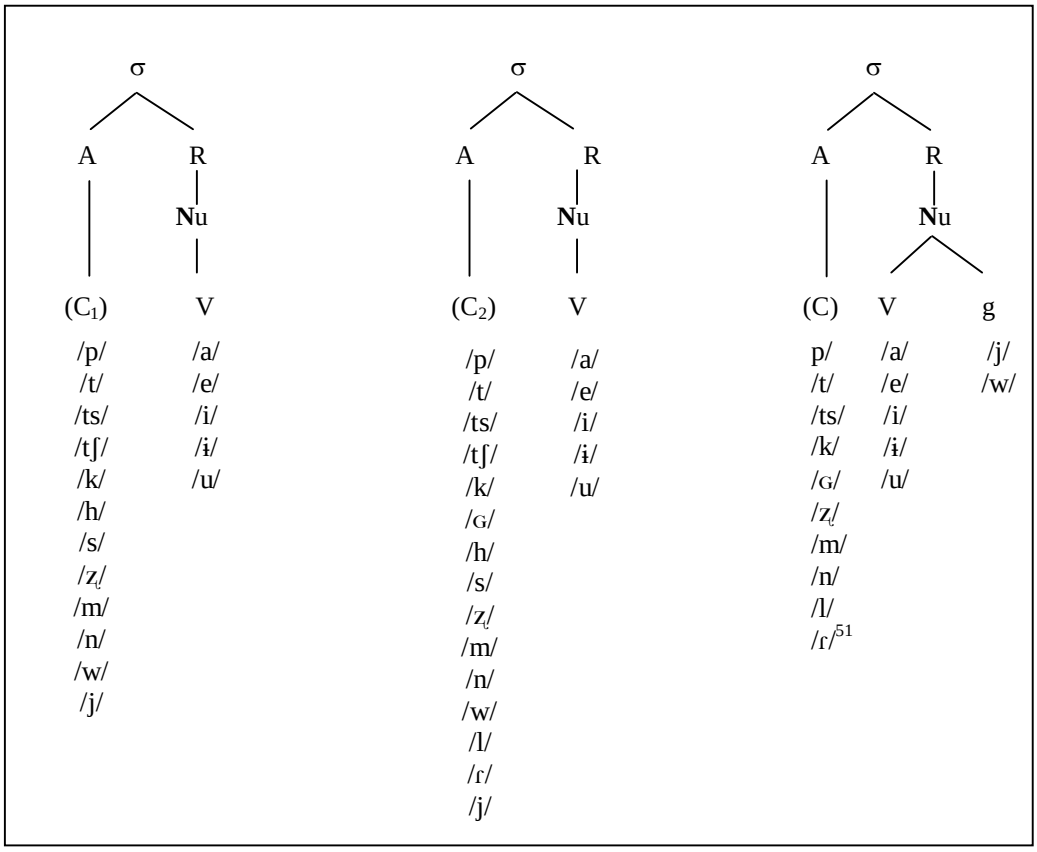
No que se refere à distribuição de sílabas nas palavras, em wauja encontramos raras palavras monossilábicas. Temos apenas duas em nosso *corpus* de dados, são elas: ['aj] 'pimenta'(V_g) e ['taw] 'metal'[49] (CV_g).

Das 15 consoantes que compõem o sistema fonológico da língua, apenas /ɢ/, /l/[50] e /ɾ/ não ocorrem em posição inicial de palavra. As demais consoantes ocorrem nas posições inicial, medial e final.

A seguir, apresentamos os moldes silábicos "C_1V", "C_2V" e "CV_g" e alguns exemplos para ilustração. Em (42a) temos exemplos de sílabas com núcleo ramificado e em (42b) temos sílabas com núcleo simples:

---

[47] Ramificação binária com rima (tradução nossa).
[48] O núcleo ramificado ocorre com os glides palatal /j/ e bilabial /w/.
[49] Empréstimo do Português.
[50] Essa consoante ocorreu, nos nossos dados, em início de palavra apenas em empréstimos do Português, são elas: ['ɬi:ma] 'lima' e [ɬima'tãw] 'lima para motossera'.



Quadro 22: Moldes silábicos da língua wauja

(43)	(a)	V_g	/aj/	['aj]	'pimenta'
		C_1V_g	/mej/	['mej]	'tocandira'
		V_g.CV	/'aw.tu/	['awtu]	'caititu'
		$V.C_2V_g$	/a.'paj/	[a'paj]	'canção'
		$V.C_2V_g$	/a.'zˌaw/	[a'zˌaw]	'papagaio-trombeteiro'
		$V.C_2V_g$	/u.'lej/	[u'lej]	'mandioca'
		$V.C_2V.C_2V_g$	/a.ta.'maj/	[ata'maj]	'casca de árvore'
	(b)	$V.C_2V$	/'i.tsa/	['itsa]	'canoa'
		$V.C_2V$	/iˈ.tʃu/	[i'tʃu]	'tracajá'
		$C_1V.C_2V.\ C_2V$	/jeˈ.tu.la/	[je'tula]	'mangaba'
		$C_1V.C_2V.C_2V$	/kuˈ.zˌa.ma/	[ku'zˌama]	'cará vermelho (tipo de peixe)'

4.2.2 Ressilabificação

Como vimos na seção anterior, o padrão silábico mais produtivo em wauja é o tipo CV, considerado um padrão silábico universal na classificação de Clements e Keyser (1983).

[51] Essa consoante seguida de vogal e glide ocorreu em apenas um item do *corpus* de dados e trata-se de um empréstimo do Português: [a'ɾũj] 'arroz'.

Desse modo, parece-nos fazer muito sentido que nos processos de ressilabificação (ou ressilabação) a língua também opte por este tipo de sílaba, evitando sequências de vogais com sílabas do tipo *(C)VV.

Em relação aos processos de palatalização e africação, esses, geralmente, não ressilabificam, o que ocorre, na verdade, é a assimilação de um ou dois traços, fazendo com que a consoante da palavra se modifique, mantendo o mesmo padrão silábico antes de tais processos (Cf. seção "3.5 Processos morfofonológicos").

A ressilabificação em wauja ocorre, frequentemente, com processos de *sândi*, desfazendo possíveis encontros vocálicos. Para Xavier e Mateus (1990, pp.327-28), *sândi* é um "[...] fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra".

Esta tese limitou-se à análise do "sândi externo". Em estudos futuros, o "sândi interno" será investigado. Os processos de "sândi externo", em wauja, envolvem dois itens lexicais sob o domínio do mesmo enunciado, na fronteira entre palavras no contexto /V/ # /V/, produzindo como resultados: a ditongação, a elisão ou a degeminação.

Em wauja, quando à direita há vogais anterior alta /i/ e posterior alta /u/ e à esquerda qualquer outra vogal na fronteira entre palavras, tem-se foneticamente uma ditongação, como: [aj] e [aw]. Na ditongação, há a perda de uma sílaba em função do choque de dois núcleos silábicos em fronteira vocabular, porém todos os segmentos são preservados. Nos exemplos (em 44), a ditongação ocorre em contextos em que há uma vogal átona e/ou uma vogal alta.

(44) Ditongação: /V_1/ # /V_2/ → /Vj/, /Vw/ (*V_1V_2)

(a) /ka # i/ → [kaj]

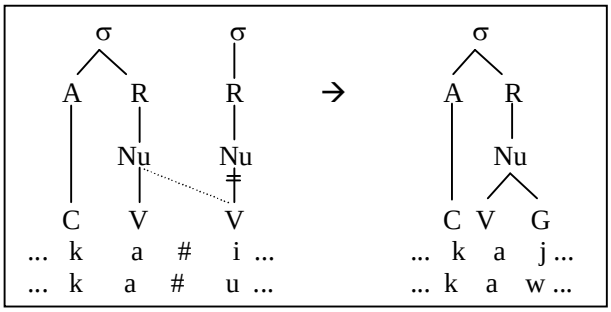
[awˌawlukuˈmã	ˈtuwa	uˌnu**kaj**ˈtʃehɨ]	
/awˌawlu-kuˈmaN	ˈtuwa	uˈnu**ka**	**i**ˈtʃehɨ/
lobo?	ADV(quase)	pegar	capivara)

'o cachorro quase pegou a capivara'

(b) /ka # u/ → [kaw]

[zˌaˌhã	paˌha**kaw**ˈlej]	
/zˌa-ˈhaN	paˈha**ka**	**u**ˈlei/
3s-ENF	apanhar	mandioca

'Ele apanha a mandioca'



Quadro 23: Ditongação em wauja

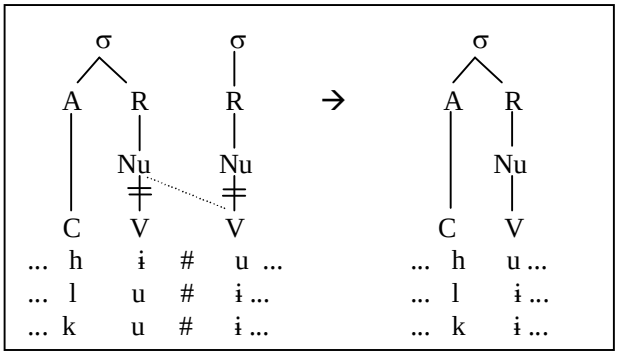
Em wauja, a *elisão* ocorre em contextos em que a primeira palavra termina com vogal e a segunda começa com vogal de qualidade diferente. Nesses casos, a vogal elidida está sempre à esquerda e, ainda, é sempre átona, conforme exemplificado em (45):

(45) Elisão: $/V_1/ \# /V_2/ \rightarrow /\emptyset V_2/ \rightarrow V_2$ ($^*V_1V_2$)

(a) /hɨ # u/ → [hu]
[ˌpa**hu**tukuˈtɨ]
/ˈpa**hɨ** **u**ˌtukuˈtɨ/
macaco fígado
‘o fígado do macaco’

(b) /lu # ɨ/ →[lɨ]
[uˌka**lɨ**ˈhupa]
/uˈka**lu** **ɨ**ˈhupa/
(garra bicho)
‘a garra do bicho’

(c) /ku # ɨ/ → [kɨ]
[iˌtsa**kɨ**ˈzˌata]
/iˈtsa**ku** **ɨ**ˈzˌata/
grossa casca
‘a casca está grossa’



Quadro 24: Elisão em Wauja

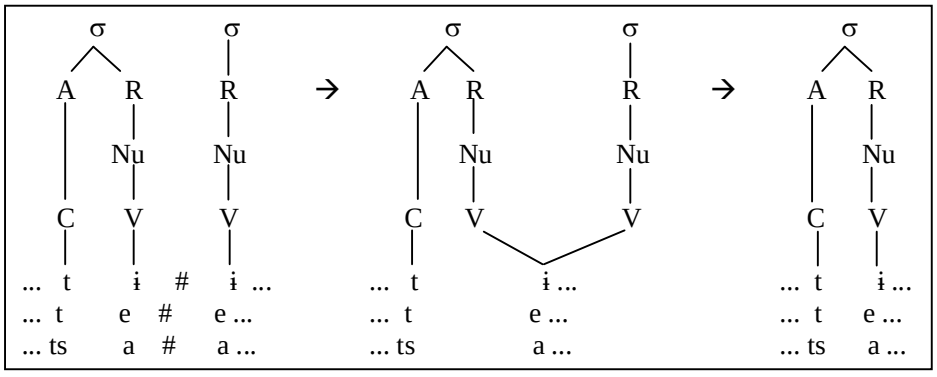
Por último, a *degeminação* ocorre com sequências de vogais idênticas na fronteira das palavras, ou seja, trata-se de uma fusão e não de um apagamento, como observado anteriormente. A *degeminação*, segundo Collinchonn (2005, p.127) "[...] ocorre quando as duas vogais que se encontram são semelhantes (restrição segmental) [...], desde que a segunda vogal não tenha acento primário (restrição rítmica)". Nesses termos, portanto, a degeminação corresponde à regra de encurtamento ou simplificação, sendo necessária a ressilabificação, como exemplificado em (46). Vale dizer que a ressilabificação é uma consequência do Princípio do Contorno Obrigatório e que o encurtamento é um processo de simplificação temporal. Em outras palavras, as vogais idênticas que ocupavam dois tempos na linha prosódica passam a ocupar apenas um tempo. Exemplos:

(46) Degeminação: $/V_i/ \# /V_i/ \rightarrow /V_i/ (*V_iV_i)$

(a) /tɨ # ɨ/ → [tɨ]
[kazᵘzᵘ**tɨ**ˈtana]
/kazᵘˈzᵘ**tɨ** **ɨ**ˈtana/
arara asa
'a asa da arara'

(b) /te # e/ → [te]
[te**me**ˈnezᵘa]
/ˈtem**e** **e**ˈnezᵘa/
anta macho
'anta macho'

(c) /tsa # a/ → [tsa]
[ˌaj**tsa**ˈwɨzᵘɨ]
/ˈaj**tsa** **a**ˈwɨzᵘɨ/
NEG bom)
'não é bom/é ruim/é mau'



Quadro 25: Fusão vocálica em wauja

A partir dessa análise, pode-se verificar, portanto, que os processos de silabificação estão intimamente relacionados com os processos de "sândi externo", são eles: ditongação, elisão e degeminação. Por conseguinte, em wauja, conclui-se que há sempre a tendência em manter o padrão silábico CV.

4.3 Acento

Foneticamente, segundo Ladefoged (1993, p.249), o acento refere-se "[...] ao grau de força ou intensidade ao se produzir uma sílaba".

As línguas naturais existentes no mundo distinguem-se quanto a sua proeminência, que pode ser caracterizada como um sistema acentual e/ou tonal (WOO, 1969). Ao analisar o acento nas línguas, Hyman (1975, pp.273-274) apresenta as tipologias da proeminência, expondo algumas diferenças existentes, entre sistemas acentuais e sistemas tonais, que devem ser observadas ao se fazer uma descrição linguística:

> 1 - En una lengua acentual la prominencia es *culminativa*; en una tonal, en cambio, es *no culminativa*; isto hace que sólo pueda llevar acento primario una sílaba por palabra en el primer caso, mientras que en el segundo pueden llevar tono a cualquier número de sílabas en una palabra, estando sujetas a las restricciones secuenciales de cada lengua.
> 2 - En una lengua acentual la prominencia es *sintagmática*; en una lengua tonal la prominencia es *paradigmática*. Así, en una lengua acentual sólo se destaca una sílaba con acento en cada palabra, mientras que en una lengua tonal cada sílaba lleva tono, escogido a menudo de entre un número de valores contrastivos [...] o *tipos* de prominencia.
> 3 - En una lengua acentual la presencia frente a la no presencia del acento puede provocar cambios segmentales (por ejemplo, diptongación, bajo acento, reducción vocálica por ausencia del mismo, etc.); en cambio en una lengua tonal las consoantes suelen afectar al tono, pero no al revés. [52]

Segundo o autor, ao analisar uma língua, deve-se observar a diferença entre acento "livre" e "fixo". Se o acento é livre, pode recair na primeira ou na segunda sílaba das palavras, logo, sua posição exata forma parte da entrada léxica de cada palavra. Porém, se o acento recai sempre na mesma sílaba, não há por que formar parte da estrutura subjacente da palavra. De acordo com Hyman (1975, p.274), "Las lenguas acentuales pueden pertenecer a uno u outro tipo, o incluso a un tipo intermedio, siendo el acento libre en parte y en parte fijo".

[52] Hyman (1981, p.274) afirma, também, que existem outros critérios empregados para catalogar os sistemas de proeminência nas línguas como, por exemplo, a proposta de Voorhoeve (1973), que centra-se na diferença entre "proeminência léxica" e "proeminência sujeita a regras". O estabelecimento de uma tipologia adequada para a

Na Fonologia Métrica, a concepção hierárquica dos traços permite uma melhor representação do acento. De acordo com esse modelo, as línguas podem apresentar acento primário, secundário e principal[53]. Assim, o acento é relacional, como uma propriedade da sílaba "[...] não é um traço, mas uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos: sílaba, pé e palavra fonológica" (BISOL, 1999, p.79).

Liberman e Prince (1977) consideram o acento como uma proeminência originada na relação rítmica e hierárquica entre sílabas, em especial, entre as rimas silábicas (com núcleo obrigatório). Para a atribuição do acento, leva-se em consideração o peso silábico, estabelecendo uma distinção entre sílabas leves e pesadas. O conceito de sílaba leve e pesada é tratado por Hayes (1995) da seguinte forma: (i) sílaba leve é constituída por apenas uma vogal; (ii) sílaba pesada é constituída por VOGAL+CONSOANTE ou VOGAL+VOGAL (formando ditongo ou vogal longa).

Liberman e Prince (1977) propõem para a Fonologia Métrica dois tipos de diagramas: "árvore" e "grade métrica". O diagrama de "árvore" é estabelecido a partir de sílabas que formam pés binários: "s" (*strong* = forte) e "w" (*weak* = fraco). Já a "grade métrica" representa os elementos mais proeminentes.

A principal crítica feita ao modelo proposto por Liberman e Prince (1977) foi, justamente, a utilização de dois diagramas, porque as grades são derivadas das árvores métricas, ou seja, apresentam parte da informação já contida nas árvores. Logo, os modelos desenvolvidos posteriormente favoreciam um ou outro diagrama. Os autores que favoreceram o diagrama de árvore são: Kiparsky (1979) e Hayes (1980). Por sua vez, os que favoreceram o diagrama de grade métrica são: Prince (1983), Selkirk (1980) e, Halle e Vergnaud (1978).

Na representação do acento em wauja, utilizamos a grade métrica proposta por Halle e Vergnaud (1978), formada por asteriscos e constituintes, sendo seus limites indicados entre parênteses. Segundo Halle e Vergnaud (1978), os constituintes podem ser classificados como:

i) ilimitado com cabeça à esquerda

***** . . . .
(* * * * *)

ii) ilimitado com cabeça à direita

. . . . *****
(* * * * *)

---

proeminência nas línguas tem recebido a atenção de vários linguistas, como: Pike (1947), Welmers (1959), Martinet (1960/1964), McCawley (1964, 1968, 1970), Woo (1969) e outros.

[53] Segundo Bisol (1999, p.74): a) acento primário: é o acento mais forte de uma palavra [...]; b) acento secundário: é o acento relativamente menos forte que o acento primário de uma palavra [...]; c) acento principal: é o acento mais forte de uma sequência de palavras.

iii) ternário

. * .
(* * *)

iv) binário de cabeça à esquerda

* .
(* *)

v) binário de cabeça à direita

. *
(* *)

Na seção seguinte, apresentamos uma análise preliminar sobre o acento em wauja, buscando descrever sua ocorrência.

4.3.1 O acento em wauja

Nessa língua, palavras monossilábicas raramente ocorrem. Nas elicitações obtivemos apenas três itens. Todas as palavras monossilábicas foram consideradas tônicas, como exemplificado em (47):

(47) Palavras monossilábicas

/ˈaj/	[ˈaj]	‘pimenta’
/ˈmej/	[ˈmej]	‘tocandira’
/ˈkuN/	[ˈkũ]	‘armadilha de peixe’

Nas palavras com duas ou mais sílabas, o acento não é previsível, sendo considerado fonológico, por ter a função de distinguir os significados. Em wauja, há raros pares mínimos para análise, os únicos dados de que dispomos estão expostos em (48a), em que contrastam significados em ambientes idênticos e em (48b), que contrastam itens em ambientes análogos:

(48)

(a)	/ˈ**pa**ka/	[ˈ**pa**ka]	‘cará (tipo de peixe)’
	/paˈ**ka**/	[paˈ**ka**]	‘rede de pesca’
(b)	/ˈ**ku**ta/	[ˈ**ku**ta]	‘saúva-içá (tipo de formiga)’
	/kuˈ**pa**/	[kuˈ**pa**]	‘carrapato’
	/ˈ**ka**pi/	[ˈ**ka**pi]	‘quati’

A grande maioria das palavras simples, formas primitivas ou básicas, são constituídas por duas sílabas, podendo receber acento na última ou penúltima sílaba, da direita para a esquerda. Já nas palavras trissilábicas, o acento sempre recai na penúltima sílaba e nunca na última.

Logo, isso evidencia que nas palavras trissilábicas o acento é “fixo” e sempre ocorrerá na penúltima sílaba. Já nas palavras dissilábicas o acento é “livre”, ou seja, pode ocorrer na última ou penúltima sílaba, fazendo parte da entrada léxica (HYMAN, 1981). Exemplos:

(49) Palavras dissilábicas com acentos nas últimas sílabas

/a.ˈ**tu**/	[aˈ**tu**]	‘avô’
/i.ˈ**ʧu**/	[iˈ**ʧu**]	‘tracajá’
/ma.ˈ**pi**/	[maˈ**pi**]	‘pena’
/e.ˈ**pi**/	[eˈ**pi**]	‘machado’
/tu.ˈ**ti**/	[tuˈ**ti**]	‘bengala’
/u.ˈ**ku**/	[uˈ**ku**]	‘flecha’

(50) Palavras dissilábicas com acentos nas penúltimas sílabas

/ˈ**aw.**tu/	[ˈ**aw**tu]	‘caititu’
/ˈ**wa.**lu/	[ˈ**wa**lu]	‘caramujo branco’
/ˈ**mu.**tu/	[ˈ**mu**tu]	‘jequi’
/ˈ**a.**ta/	[ˈ**a**ta]	‘árvore’
/ˈ**i.**pi/	[ˈi:pi]	‘margem do rio’
/ˈ**ka.**mɨ/	[ˈ**ka**mɨ]	‘sol’

(51) Palavras trissilábicas com acentos nas penúltimas sílabas

/ni.ˈ**se.**ʐu/	[niˈ**se**ʐu]	‘irmã mais nova’
/ma.ˈ**ku.**la/	[maˈ**ku**la]	‘panela de barro’
/i.ˈ**je**.pe/	[iˈ**je**pe]	‘nuvem’
/e.ˈ**tsi.**tsi/	[eˈ**tsi**tsi]	‘mosquito’
/ke.ˈ**hi**.tɨ/	[keˈ**hi**tɨ]	‘terra’
/sa.ˈ**ka**.lu/	[saˈ**ka**lu]	‘papagaio’

Outra situação em que o acento parece ser previsível em wauja e, portanto, pode ser considerado “fixo”, é na fronteira morfológica.

O acento pode ser atraído por sufixos monossilábicos com sílaba CV, sendo V um segmento complexo, tais como: {-paj} ‘IMPF’e {-wiu} ‘PERF’. A ocorrência desses sufixos faz com que o acento se desloque para a última sílaba da palavra fonológica. Exemplos:

(52)

(a)	/aˈnata/ escrever	[aˈ**na**ta]	‘escrever’
	/aˈnata-paj/ escrever-IMPF	[ạnataˈ**paj**]	‘está escrevendo’
(b)	/aˈwɨʒɨ/ bom	[aˈ**wɨ**ʒɨ]	‘bom’
	/aˈwɨʒɨ-wiw/ bom-PERF	[awɨʒɨˈ**wiw**]	‘Está bom’

Em (53b) tem-se um sufixo monossilábico com estrutura V {-i} ‘NPOSS’ que designa o elemento ‘não possuído’. A ocorrência desse sufixo provoca, fonetimente, um ditongo decrescente, atraindo, assim, o acento para a última sílaba da palavra fonológica. Exemplos:

(53)	(a)	/nu-tulu-ˈnaku/ 1s-ouvido-LOC	[nutuluˈ**na**ku]	‘meu ouvido’
		/tulu-ˈnaku-i/ ouvido-LOC-NPOSS	[tu˛luna**ˈkuj**]	‘ouvido’
	(b)	/nu-ˈtʃetu/ 1s-joelho	[niˈ**ʧe**tu]	‘meu joelho’
		/ˈtʃetu-i/ joelho-NPOSS	[tʃeˈ**tuj**]	‘joelho’

Outros dados que evidenciam o deslocamento do acento podem ser observados em (54a) e (54b). Nesses casos, o sufixo {-i} ‘NPOSS’ também atrai o acento. Porém, segundo McCarthy (1986 *apud* Clements e Hume, 1995, p.264), pelo “Princípio do Contorno Obrigatório (PCO): dois segmentos idênticos adjacentes são proibidos”[54]. Logo, há um processo de *degeminação*[55], não permitindo sílabas *CVV. O acento, portanto, contribui para manter o padrão silábico da língua em CV. Exemplos:

(54)	(a)	/nu-kɨˈ**z˛a**pi/ 1s-lábio	[˛nɨkɨˈ**z˛a**pi]	‘meus lábios’
		/kɨˈz˛api-**i**/ lábio-NPOSS	[kɨz˛aˈ**pi**]	‘lábios’
	(b)	/nu-tukuˈ**na**tɨ/ 1s-umbigo	[nu-tukuˈ**na**tɨ]	‘meu umbigo’
		/tukunaˈti-**i**/ umbigo-NPOSS	[tukunaˈ**ti**]	‘umbigo’

Além das sílabas com núcleo complexo, há, ainda, sufixos com sílabas CV, com núcleo simples, que atraem o acento na fronteira morfológica, tais como {-ha} ‘ENF’ e {-wɨ} ‘PASS’. Exemplos:

[54] “*Obligatory Contour Principle (OCP): adjacent identical elements are prohibited” (*McCARTHY, 1986 *apud* CLEMENTS; HUME, 1995, p.264)*).*
[55] Ver seção 2.2.2 Ressilabificação.

(55)	(a)	/ˈajtsa/ NEG	[ˈajtsa]	‘não’
		/ˈajtsa-**ha**/ NEG-ENF	[ajtsaˈ**ha**]	‘não (enfático)’
	(b)	/aˈiNtʃa/ comer	[aˈ̃itʃa]	‘comer’
		/aˈiNtʃa-**wɨ**/ comer-PASS	[aˈ̃itʃaˈ**wɨ̃**]	‘comeu’

A partir dos dados expostos em (55), não podemos dizer que o acento recai apenas sobre sequências em que há, foneticamente, uma vogal com núcleo complexo. Em wauja, parece haver, também, uma necessidade de marcação do acento na fronteira morfológica, quando não há uma vogal com núcleo complexo.

Em suma, o acento em wauja pode ser considerado como: fixo, nas palavras monossilábicas, pois todas são tônicas; livre, nas palavras dissilábicas, pois pode ocorrer na última ou penúltima sílabas; fixo, nas palavras trissilábicas, pois sempre ocorre na penúltima sílaba e fixo, na fronteira morfológica (com sufixos monossilábicos).

Sobre o acento secundário, por vezes, pode ser observado apenas como um resquício do acento primário que foi deslocado, como em [aˈnata] ‘escrever’ e [aˌnataˈpaj] ‘está escrevendo’. Entretanto, ao observar o dado em (55a), nota-se que o acento secundário não recai sobre a posição que antes era do acento primário: [nuˌtuluˈnaku] ‘meu ouvido’ e [tuˌlunaˈkuj] ‘ouvido’. Ao analisar este último, nota-se que, se o acento secundário se realizasse sobre a sílaba que antes possuía o acento primário, teriam-se, então, dois acentos seguidos, o que não é permitido em wauja (*[tuluˌnaˈkuj]). A estratégia da língua consiste, portanto, em deslocar o acento secundário para mais uma sílaba à esquerda.

Futuramente, essas e outras questões pormenorizadas sobre o acento poderão ser retomadas, principalmente em relação ao acento secundário. Por enquanto, limitou-se, nesta tese, apenas a uma descrição preliminar sobre a sua ocorrência.

4.4 A nasalidade em wauja

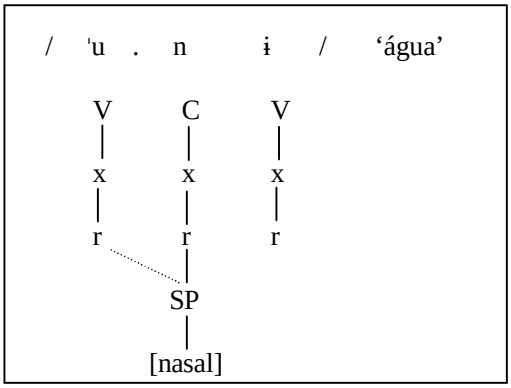
Como dito anteriormente, a língua wauja possui duas consoantes nasais: nasal bilabial [m] e nasal alveolar [n], que são caracterizadas fonologicamente como soantes nasais /m/ e /n/, em oposição às consoantes soantes não-nasais (/w/, /ɾ/, /l/, /j/)[56].

[56] Conferir seção “4.1 Descrição dos segmentos”

As consoantes nasais ocorrem como ataques silábicos nas posições iniciais, mediais ou finais de palavras, com todas as vogais do sistema. Exemplos:

(56)	(a)	/m/	/tuma-ˈpaj/	[ˌtũmaˈpaj]	‘está fazendo’
			/meːˈneke/	[mẽːˈneke]	‘espera’
			/mitʃaˈnapɨ/	[ˌmitʃãˈnapɨ]	‘escuro’
			/mɨːˈma/	[mɰ̃ːˈma]	‘cabaça’
			/muˈkutɨ/	[muˈkutɨ]	‘rato’
	(b)	/n/	/waːkuˈnapu/	[ˌwaːkũˈnapu]	‘caminho do rio’
			/eˈtene/	[etẽˈne]	‘remo’
			/niˈsezˌu/	[niˈsezˌu]	‘irmã mais nova’
			/ˈunɨ/	[ˈũnɨ]	‘água’
			/januˈmaka/	[ˌjãnuˈmaka]	‘onça pintada’

A partir dos dados expostos em (56a) e (56b), nota-se que há um espraiamento do traço [nasal] da consoante nasal para a vogal à esquerda, que encontra-se na sílaba imediatamente anterior, tornando-a nasalizada. Na representação esquemática de Piggott (1992), esse processo pode ser representado a partir de uma árvore de traços, em que o nó SP (*soft palate*) é assimilado pela vogal precedente. Em outras palavras, podemos afirmar que este tipo de nasalidade sobre a vogal é considerado leve ou fraco, pois não altera o peso silábico e, além disso, não atrai o acento. A seguir, uma representação esquemática para a palavra /ˈunɨ/ [ˈũnɨ] ‘água’:



Quadro 26: Representação da nasalização fraca/leve

Sendo assim, todas as vogais que ocorrerem antes de uma consoante nasal serão, em geral, nasalizadas. Ou seja, são apenas realizações fonéticas dos segmentos vocálicos orais /a/, /e/, /i/, /ɨ/ e /u/.

Analisando, porém, outros contextos, em que as vogais não estão precedidas por consoantes nasais, podemos propor duas interpretações possíveis. Observe os dados em (56):

(57)			
	[ã]	[aˈ**kãj**]	‘pequi’
	[ẽ]	[ˈ**ẽ:**pi]	‘tipo de cipó’
	[ĩ]	[**ĩ**ˈtsuku]	‘bem-te-vi (pássaro)’
	[ɨ̃]	[**ɨ̃**:ˈtaj]	‘arco’
	[ũ]	[ˈ**ũ**:taj]	‘lagartixa’

A primeira interpretação para a ocorrência das vogais nasais em (57) é a possibilidade de postular que se trata de vogais inerentemente nasais, pois não há nenhuma consoante nasal na palavra. Assim, teríamos que postular as cinco vogais orais e, ainda, cinco vogais nasais. Já a segunda interpretação possibilita postular que há um autossegmento nasal flutuante, que não podendo ocorrer em posição de coda silábica, pois a língua não permite, manifesta-se, então, sobre a vogal. Assim, teríamos apenas as cinco vogais orais, sendo as demais apenas manifestações fonéticas.

Para decidir melhor sobre qual das duas interpretações adotar nesta análise, decidiu-se verificar em dados do Proto-Arawak algumas evidências sobre a realização das consoantes e vogais nasais ou nasalizadas.

Payne (1991) propõe uma classificação interna aplicável para as línguas da família arawák. Em seu trabalho, compila dados a partir de vinte e quatro línguas, representando cada ramo da família. Os dados foram organizados em 203 conjuntos de cognatos, com reconstruções preliminares. Segundo Payne (1991), trata-se de um estudo inicial, que pode servir como referência. Sendo assim: “It is, in general, helpful to have some idea of the reconstruction of the entire family before a reconstruction of some particular subgrouping of languages is undertaken, if for no other reason than to avoid some rabbit trails”[57].

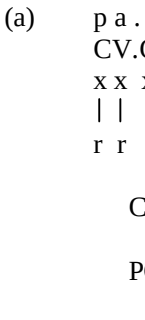
A seguir, apresentam-se alguns dados extraídos de Payne (1991). Em (58a) tem-se os dados do Proto-Arawak e em (58b) os dados no wauja atual:

(58)	(a)	Proto-Arawak	(b)	Wauja atual	
		* pa[n]a/i-		[ˈpãj]	‘casa’
		* [n]ika		[ˈaĩtʃa]	‘comer’
		* du[m]i		[ˈtãj]	‘filho’
		* ne[n]e		[ˈnẽj]	‘língua (órgão)’
		* ke[n]i		[teˈĩ]	‘minhoca/bicho geográfico’

[57] “É, em geral, útil ter uma idéia da reconstrução de toda a família antes de uma reconstrução de algum subgrupo particular de línguas ser realizada, se não por outra razão que, para evitar andar em círculos” (tradução nossa).

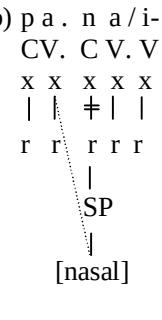
Ao comparar os dados (59a) e (59b), podemos notar que as consoantes nasais (m, n), do Proto-Arawak não se realizam no wauja atual. Porém, há indícios de nasalidade na vogal precedente. Supondo que as proto-formas sejam essas, podemos hipotetizar a seguinte derivação para a palavra ['pãj] ‘casa’, ilustrada a seguir:

(59) (a)



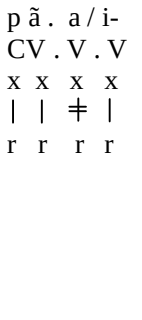
Proto-forma hipotética

→ (b)



Espraiamento do traço nasal à esquerda e apagamento da consoante nasal alveolar [n]

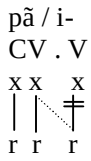
→ (c)



Apagamento da vogal [a], pelo Princípio do Contorno Obrigatório-PCO

→

(d)



Formação de núcleo complexo

→ (e)

Forma fonética: Wauja atual

Com auxílio das proto-formas registradas por Payne (1991), podemos derivar as formas fonéticas encontradas atualmente em wauja. Essas informações são fundamentais para concluir que as vogais dessa língua não são inerentemente nasais, mas sim nasalizadas. Ou seja, as vogais orais sofreram e continuam sofrendo processos de assimilação nasal regressiva (da direita para a esquerda). Logo, a melhor interpretação é a de que há 8m traço nasal flutuante, que não tendo uma posição de coda para realizar-se, então, recai sobre a vogal, fazendo com que esta se nasalize. Portanto, fonologicamente os dados (59b) devem ser transcritos, fonologicamente, como em (60):

(60)	/pajN/	['pãj]	‘casa’
	/ajN.tʃa/	['ãĩtʃa]	‘comer’
	/tajN/	['tãj]	‘filho’
	/nejN/	['nẽj]	‘língua (órgão)’
	/tejN/	[tẽĩ]	‘minhoca’

Em wauja, portanto, postula-se apenas cinco vogais orais: /a/, /e/, /i/, /ɨ/ e /u/, sendo as vogais nasalizadas apenas manifestações fonéticas de um traço [nasal] da consoante seguinte ou, diacronicamente, da consoante seguinte.

4.5 Processos morfofonológicos

Nesta seção, apresentam-se os dois processos morfofonológicos mais produtivos da língua wauja, são eles a palatalização e a africação (tornar um segmento simples em africado).

Em wauja, as consoantes /p/, /t/, /k/, /n/ e /w/, quando ocorrem em início de palavra, assimilam algumas características da vogal anterior alta /i/, considerada palatal, quando esta encontra-se em um prefixo. Em outras palavras, há uma mudança fonética na fronteira morfológica entre as consoantes /p/, /t/, /k/, /n/, /w/ e a vogal /i/.

Para exemplificar as mudanças consonantais de africação, apresentamos alguns exemplos com o prefixo {pi-} ‘2s’ (segunda pessoa do singular possessiva):

(61)	(a)	**/tu**luna'ku-i/ ouvido-NPOSS	[**tu**luna'kuj]	‘ouvido’
	(b)	/pi-**tu**lu'naku/ 2s-ouvido	[pi**tsu**lu'naku]	‘seu ouvido’
	(c)	**/tu**pu'lu-i/ calcanhar-NPOSS	[**tu**pu'luj]	‘calcanhar’
	(d)	/pi-**tu**'pulu/ 2s-calcanhar	[pi**tsu**'pulu]	‘seu calcanhar’

Em (60), podemos notar que a vogal do prefixo fez com que a primeira consoante da palavra seguinte sofresse africação, ou seja, o segmento simples /t/ realizou-se foneticamente como uma consoante africada [ts]. Vale dizer, ainda, que o sufixo {-i} ‘NPOSS’ (não possuído) indica que a palavra está sem indicação de possuidor. Assim, se a palavra receber o marcador pronominal, logo, não há necessidade de manter o sufixo {-i}, caso contrário, torna-se agramatical (*/pi-**tsu**lu'nakuj/ ‘2s-ouvido-NPOSS’). Outra observação importante a fazer é sobre a realização do acento, pois a sílaba com núcleo complexo, ou seja, com ditongo, atrai a proeminência. Nesse sentido, o sufixo {i-} ‘NPOSS’ contribui para a formação de ditongos na língua, tornando a sílaba pesada e, portanto, acentuada. Em (61) podemos observar outros itens que apresentaram africação da consoante /t/ em nosso *corpus*:

(62)	(a)	/**tu**kuna't**i-i**/[58] umbigo-NPOSS	[**tu**kuna'ti]	‘umbigo’
	(b)	/pi-**tu**ku'nat**ɨ**/ 2s-umbigo	[pi**tsu**ku'nat**ɨ**]	‘seu umbigo’
	(c)	/**te**'we-**i**/ dentes-NPOSS	[**te**'wej]	‘dentes’
	(d)	/pi-**te**'we/ 2s-dentes	[pi'**tse**we]	‘seus dentes’

O segmento /t/ não é o único a sofrer africação. Em wauja, a consoante /k/ também sofre esse processo na fronteira morfológica, diante da vogal anterior alta /i/ do prefixo. Exemplos:

(63)	(a)	/**ka**t**ɨ**ki'tsi-i/[59] canela-NPOSS	[**ka**t**ɨ**ki'tsi]	‘canela’
	(b)	/pi-**ka**t**ɨ**'kitsi/ 2s-canela	['pi**ʧa**t**ɨ**'kitsi]	‘sua canela’
	(c)	/**ka**z̨ata'pa-i/ panturrilha-NPOSS	[**ka**z̨ata'paj]	‘panturrilha’[60]
	(d)	/pi-**ka**z̨a'tapa/ 2s-panturrilha	[pi**ʧa**z̨a'tapa]	‘sua panturrilha’

Em (63b) e (63d) podemos notar que a consoante /k/ sofreu um processo de africação, realizando-se, foneticamente como [tʃ] após a vogal anterior alta /i/ do prefixo.

Outro processo interessante de africação pode ser observado em (64):

(64)	(a)	/**pu**'t**ɨ**-i/ coxa-NPOSS	[**pu**'ti]	‘coxa’
	(b)	/pi-**pu**t**ɨ** / 2s-coxa	[pi'**ʧu**t**ɨ**]	‘sua coxa’

Em (64a) e (64b) pode-se notar que a consoante /p/ sofre um processo de africação, realizando-se foneticamente como [tʃ] nos mesmos contextos anteriormente mencionados.

[58] Neste caso, há o apagamento da vogal /ɨ/ da palavra diante da vogal anterior alta /i/ do sufixo. Entretanto, o acento continua assinalando que trata-se de uma sílaba pesada, formada por duas vogais /ɨi/.
[59] Neste item ocorre um processo fonológico de degeminação, porém, a sílaba continua pesada, portando o acento.
[60] Atualmente, conhecido pelo nome científico *tríceps sural*.

Assim, em wauja, temos três pocessos de africação. O primeiro com a consoante /t/, que realiza-se foneticamente como [ts]. O segundo, por sua vez, ocorre com a consoante /k/, que realiza-se como [tʃ]. Por último, a consoante /p/, que realiza-se também como [tʃ]. Em todos os casos, observa-se que o sufixo {pi-} ‘2s’ é o principal agente desencadeador das mudanças consonantais e que tais mudanças refletem diretamente no peso silábico, alterando a marcação acentual.

Para exemplificar os processos de palatalização, observe os dados em (65):

(65)	(a)	/**nu**masa'ku-i/ queixo-NPOSS	[**nu**masa'kuj]	‘queixo’
	(b)	/pi-**nu**ma'saku / 2s-queixo	[pi**ju**ma'saku]	‘seu queixo’

Em (65a) e (65b), nota-se que há um processo de palatalização da consoante /n/, que realiza-se, foneticamente, como [j]. Esse processo ocorre no mesmo contexto dos processos descritos anteriormente, ou seja, na fronteira morfológica entre a consoante inicial da palavra e a vogal anterior alta /i/ do prefixo pronominal. Outro processo de palatalização semelhante ocorre com a aproximante bilabial /w/. Exemplos:

(66)	(a)	/**wa**'naN-i/ braço-NPOSS	[**wa**'nãj]	‘braço’
		/pi-'**wa**na/ 2s-braço	[pi'**jã**na]	‘seu braço’
	(b)	/**wa**najtupu'lu-i/ cotovelo-NPOSS	[**wã**najtupu'luj]	‘cotovelo’
		/pi-**wa**natu'pulu/ 2s-cotovelo	[pi**jã**natu'pulu]	‘seu cotovelo’

Em (66a) e (66b), nota-se que a aproximante bilabial /w/ sofre um processo de palatalização e realiza-se, foneticamente, como [j], no mesmo contexto das ocorrências já descritas anteriormente.

Então, em wauja, temos duas consoantes que sofrem o mesmo processo de palatalização, são elas, /n/ e /w/, que realizam-se foneticamente como [j].

Em suma, os processos de africação e palatalização foram representados no seguinte quadro:

Processos morfofonológicos	Consoante fonológica	Consoante fonética	Contexto
AFRICAÇÃO	/t/	[ts]	Após o prefixo terminado por vogal anterior alta /i/
	/k/	[tʃ]	
	/p/		
PALATALIZAÇÃO	/n/	[j]	
	/w/		

Quadro 27: Processos morfofonológicos

De acordo com o quadro de resumo, podemos dizer que, em wauja, temos os processos morfofonológicos de africação e palatalização, que ocorrem na fronteira morfológica entre as consoantes e a vogal anterior alta /i/.

Como exposto no quadro, a consoante /t/ realiza-se foneticamente como [ts], enquanto que /k/ e /p/ realizam-se como [tʃ]. Como [ts] e [tʃ] são consoantes africadas, dizemos, portanto, que trata-se de um processo de africação, pois um segmento simples realizou-se como um segmento complexo.

Já o processo de palatalização ocorre com as consoantes /n/ e /w/, que realizam-se foneticamente como /j/. Nesses termos, dizemos, portanto, que trata-se de um processo de palatalização.

Na seção seguinte, esses processos foram representados por meio da Geometria de Traços de Clements e Hume (1995).

4.5.1 Representações pela Geometria de Traços

Os processos morfofonológicos mais produtivos em wauja foram descritos na seção anterior, são eles, africação e palatalização.

Na Geometria de Traços, tais processos são tratados como assimilação regressiva (ou espraiamento) do traço [coronal], que por sua vez governa os traços [anterior] e [distribuído] na hierarquia e, também, de assimilação do traço [+contínuo] da vogal anterior alta /i/ na fronteira morfológica.

Em termos da Geometria de Traços, proposta por Clements e Hume (1995), o traço [±contínuo] pertence ao nó "Cavidade Oral", juntamente com o nó "Ponto de C" (ponto de constrição), que por sua vez governa o nó "Vocálico", que subdivide-se em "Abertura" e "Ponto de V". Como veremos mais adiante, os traços envolvidos na mudança consonantal de algumas consoantes em wauja estão presentes no nó "Cavidade Oral", que governa o traço

[±contínuo] e o nó “Ponto de C”. Verificou-se que em todos os casos de mudança consonantal temos, sistematicamente, a assimilação (ou espraiamento) do nó “Ponto de V” e do traço [+contínuo] da vogal anterior alta /i/, que se espraia para a consoante seguinte, alterando sua estrutura fonológica.

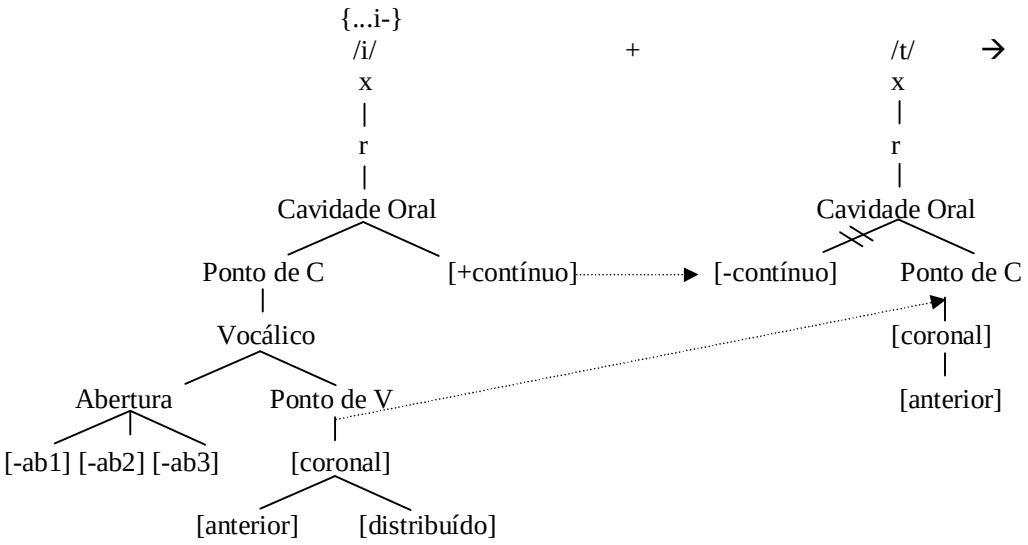
Esse processo de assimilação (ou espraiamento) ocorre, como dito na seção anterior, na fronteira morfológica entre sufixos terminados por vogal anterior alta /i/ e palavras iniciadas por consoantes /t/, /k/, /p/, /n/, /w/, que sofrem alterações fonéticas em suas estruturas. Assim, em wauja, temos as seguintes modificações consonantais:

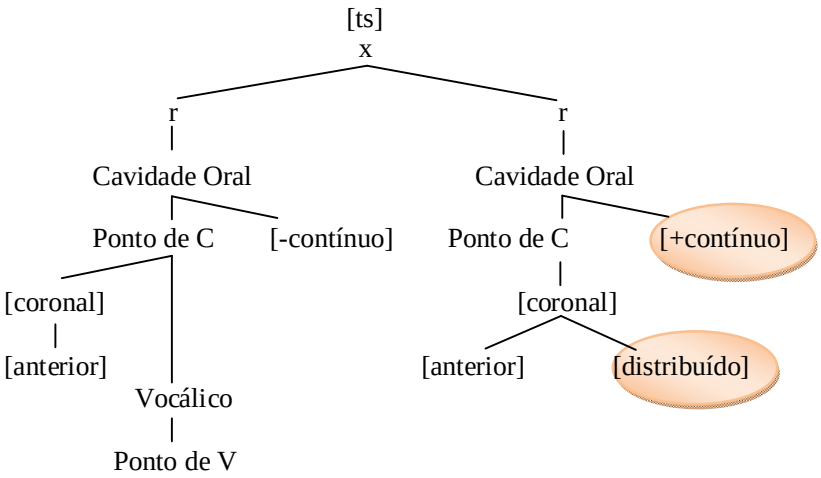
(i) /t/ realiza-se como [ts]
(ii) /k/ realiza-se como [tʃ]
(iii) /p/ realiza-se como [tʃ]
(iv) /n/ realiza-se como [j]
(v) /w/ realiza-se como [j]

Em (i), a consoante /t/ realiza-se foneticamente como [ts]. Como a consoante /t/ já possui o traço [coronal] e [anterior], o que vai modificar a consoante é a assimilação dos traços da vogal anterior alta /i/, ou seja, o traço [distribuído], que pertence ao traço [coronal] na hierarquia e, também, o traço [+contínuo], fazendo com que a consoante /t/ ocorra com africação. Exemplos e esquema arbóreo:

(67)	(a)	**/tu**lu-na'ku-i/ ouvido-LOC-NPOSS	[**tu**luna'kuj]	‘ouvido’
	(b)	/pi-**tu**lu-'naku/ 2s-ouvido-LOC	[pi**tsu**lu'naku]	‘seu ouvido’
	(c)	**/tu**pu'lu-i/ calcanhar-NPOSS	[**tu**pu'luj]	‘calcanhar’
	(d)	/pi-**tu**'pulu/ 2s-calcanhar	[pi**tsu**'pulu]	‘seu calcanhar’

Esquema arbóreo: {...i-} + /t/ → /i/ __ [ts]





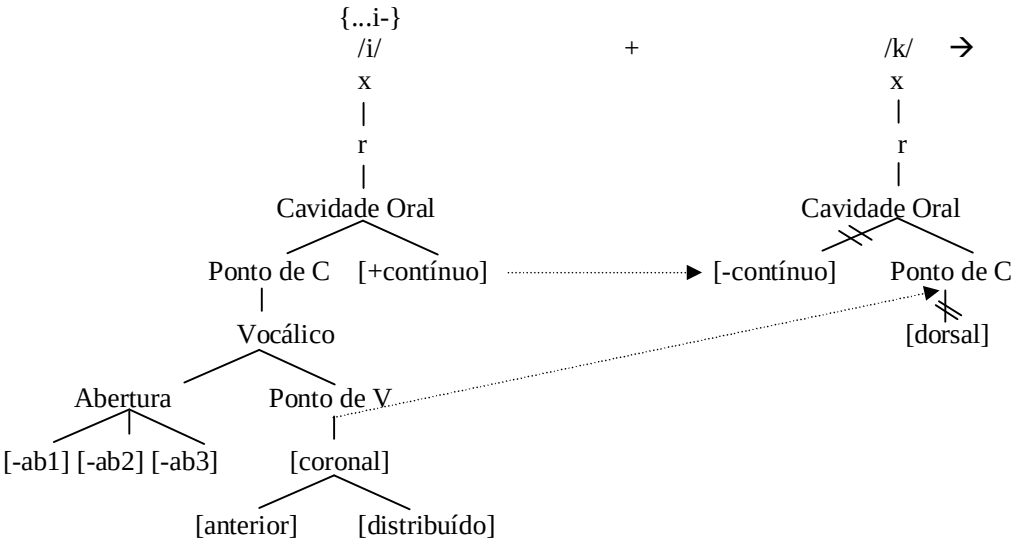
Em (ii), a consoante /k/ realiza-se foneticamente como [tʃ]. Nesse caso, a consoante /k/ dissocia o traço [dorsal] e assimila o traço [coronal] da vogal /i/, que por sua vez governa os traços [anterior] e [distribuído], além, é claro, de assimilar o traço [+contínuo], fazendo com que /k/ realize-se como [tʃ], obtendo assim uma coronalização e africação. Exemplos e esquema arbóreo:

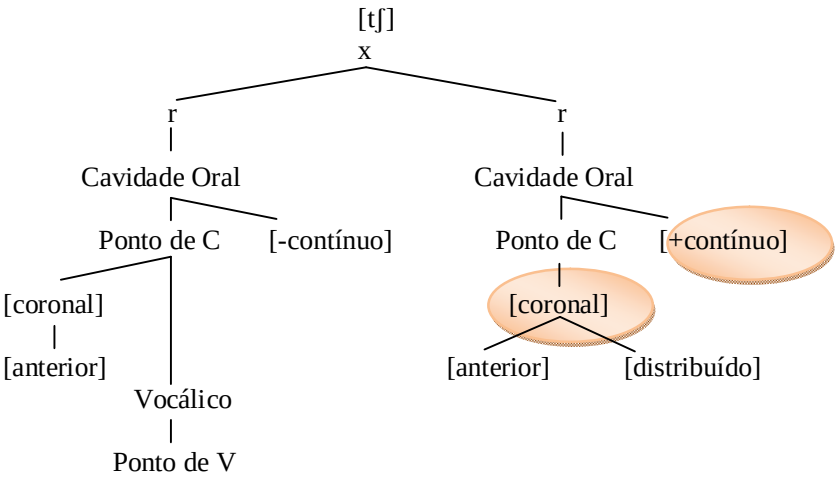
(68)	(a)	/**ka**tɨkiˈtsi-i/ canela-NPOSS	[**ka**tɨkiˈtsi]	‘canela’
	(b)	/pi-**ka**tɨˈkitsi/ 2s-canela	[ˈpi**ʧa**tɨˈkitsi]	‘sua canela’

(c) /**ka**ɀata'pa-i/ [**ka**ɀata'paj] ‘panturrilha’
panturrilha-NPOSS

(d) /pi-**ka**ɀa'tapa/ [pi**ʧa**ɀa'tapa] ‘sua panturrilha’
2s-panturrilha

Esquema arbóreo: {...i-} + /k/ → /i/ __ [tʃ]



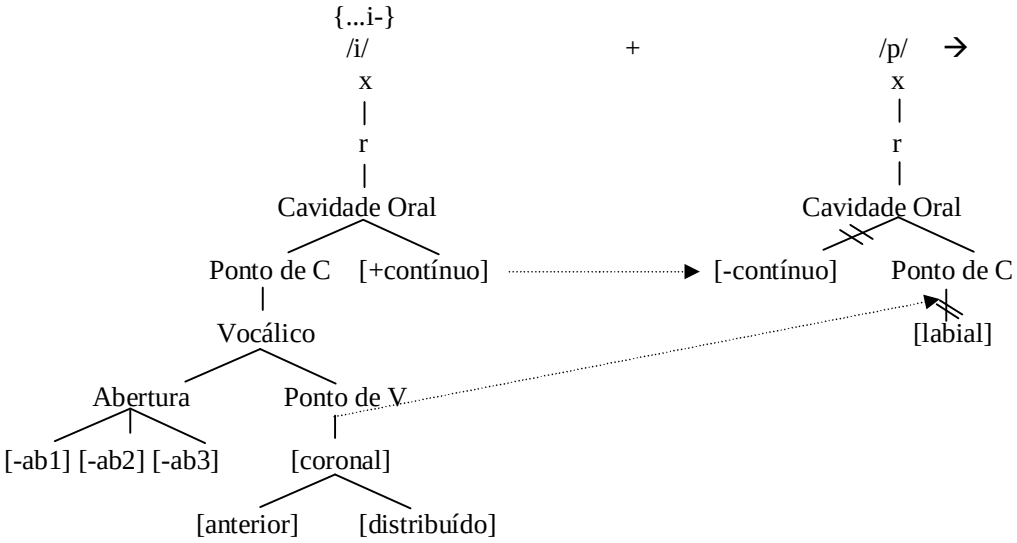


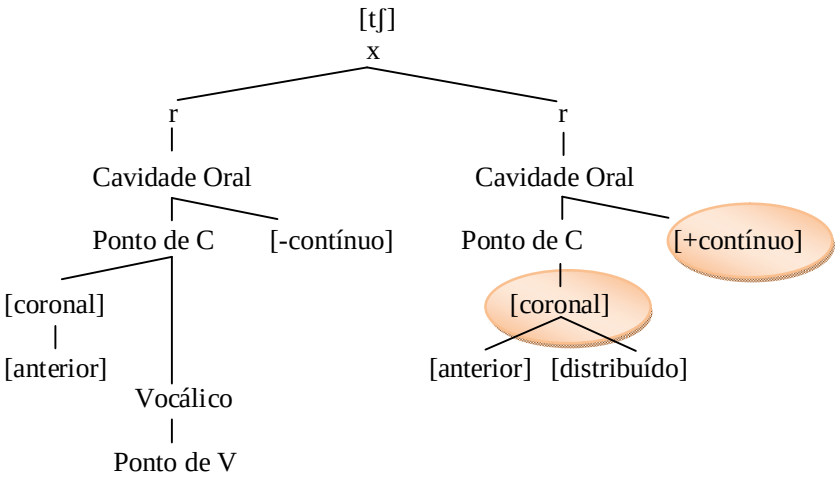
Em (iii), a consoante /p/ realiza-se também foneticamente como [tʃ]. O que ocorre é a dissociação do traço [labial] e a assimilação dos traços [coronal] e [+contínuo]. Vale dizer que o traço [coronal] governa os traços [anterior] e [distribuído], fazendo com que a consoante /p/ realize-se como [tʃ], ocorrendo uma coronalização e africação. Exemplos e esquema arbóreo:

(69) (a) /**pu**ˈtɨ-i/ [**pu**ˈti] ‘coxa’
coxa-NPOSS

(b) /pi-**pu**tɨ / [piˈ**ʧu**tɨ] ‘sua coxa’
2s-coxa

Esquema arbóreo: {...i-} + /p/ → /i/ __ [tʃ]

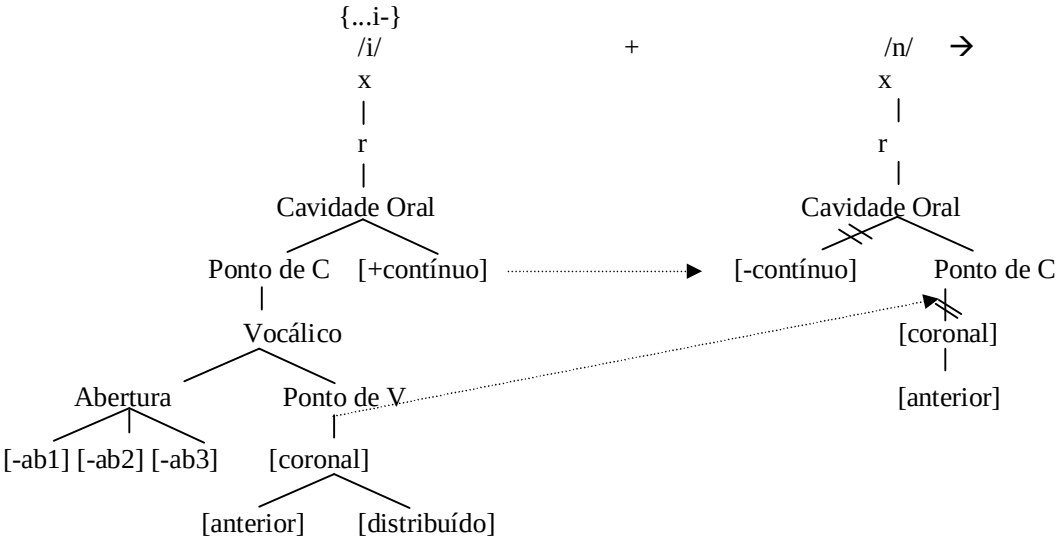


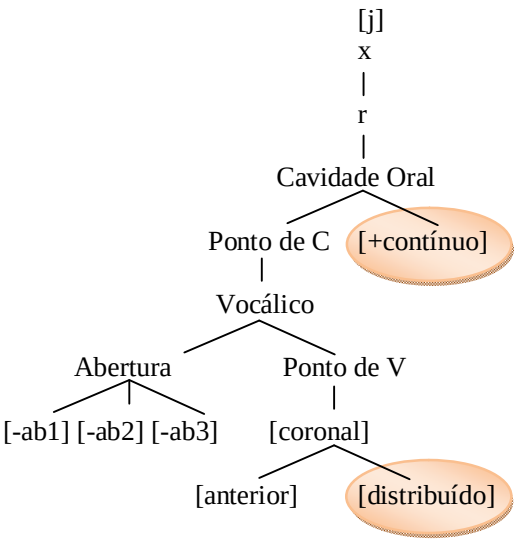


Em (iv) a consoante nasal /n/ realiza-se como [j]. Nesse caso, a consoante já possui o traço [coronal], que governa o traço [anterior], então assimilará apenas o traço [distribuído], que pertence ao traço [coronal] da vogal /i/ e, também, o traço [+contínuo], fazendo com que ocorra a palatalização de /n/. Exemplos e esquema arbóreo:

(70)	(a)	/**nu**masa'ku-i/ queixo-NPOSS	[**nu**masa'kuj]	‘queixo’
	(b)	/pi-**nu**ma'saku / 2s-queixo	[pi**ju**ma'saku]	‘seu queixo’

Esquema arbóreo: {...i-} + /n/ → /i/ __ [j]



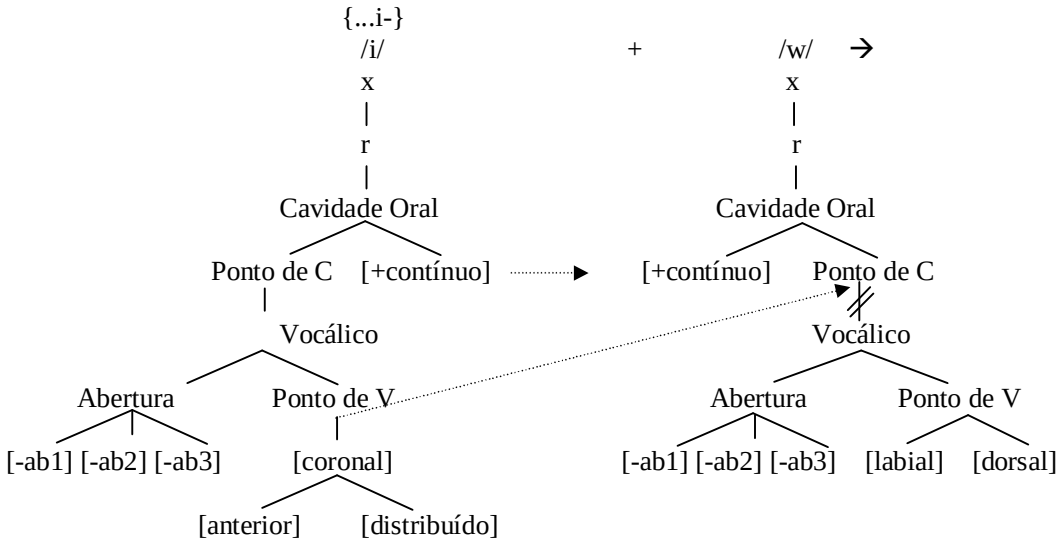


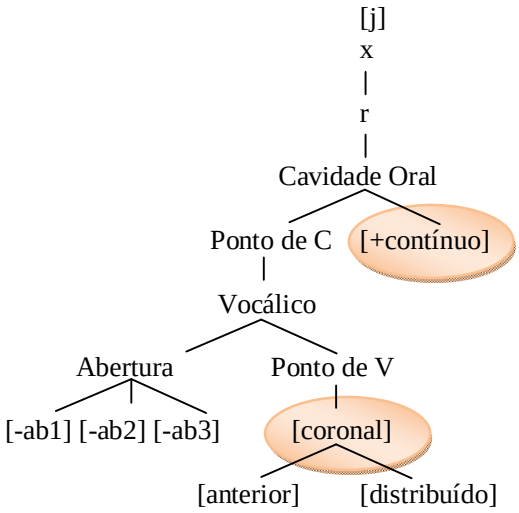
Por fim, em (v) a aproximante bilabial /w/ realiza-se também como [j]. Vale dizer que a aproximante /w/ possui as mesmas características articulatórias da vogal posterior alta /u/, sendo diferenciada apenas em termos silábicos, pois /w/ ocupa a posição de ataque (*onset*) enquanto /u/ a posição de núcleo da sílaba. Portanto, ambos os segmentos, /i/ e /w/, possuem

no “Ponto de C” o nó “Vocálico”, que subdivide-se em “Abertura” e “Ponto de V” e, ainda, ambas possuem o traço [+contínuo]. Então, a aproximante /w/ vai dissociar apenas os traços [labial] e [dorsal], assimilando o traço [coronal] da vogal /i/. Assim, ocorre a palatalização da consoante /w/. Exemplos e esquema arbóreo:

(71)	(a)	/**wa**ˈnaN-i/ braço-NPOSS	[**wa**ˈnãj]	‘braço’
	(b)	/pi-ˈ**wa**na/ 2s-braço	[piˈ**jã**na]	‘seu braço’
	(c)	/**wa**najtupuˈlu-i/ cotovelo-NPOSS	[**wã**najtupuˈluj]	‘cotovelo’
	(d)	/pi-**wa**natuˈpulu/ 2s-cotovelo	[pi**jã**natuˈpulu]	‘seu cotovelo’

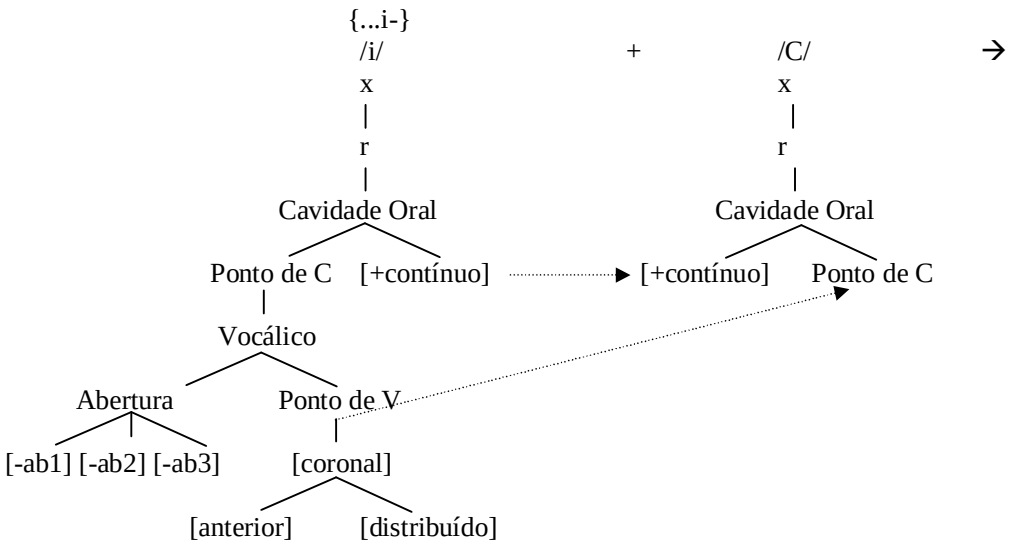
Esquema arbóreo: {...i-} + /w/ → /i/ __ [j]

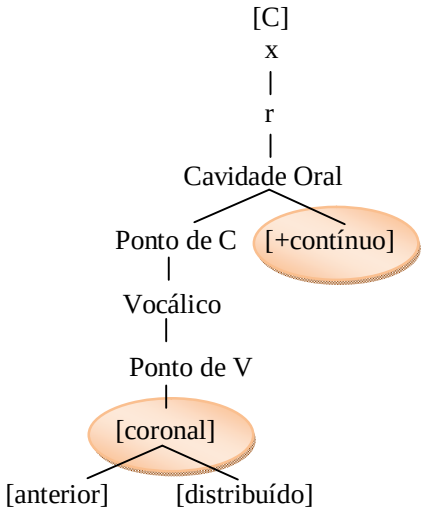




A partir da representação de todos os processos morfofonológicos em wauja, por meio da Geometria de Traços, elaborou-se uma representação mais abstrata, que concentra uma proposta de regra geral, esquematizada em (71).

(72) REGRA GERAL





Em (72), buscou-se generalizar e agrupar todos os processos a fim de observar que o deslocamento de apenas dois traços são fundamentais para a mudança consonantal em wauja, são eles: os traços [coronal] e [contínuo]. Vale dizer que o traço [coronal] governa os traços [anterior] e [distribuído] na hierarquia.

4.6 Convenções ortográficas

Esta seção tem por objetivo expor algumas questões sobre as convenções ortográficas que os wauja já utilizam e propor algumas mudanças possíveis para a representação da escrita. Antes de iniciar, destacamos aqui algumas palavras de Cagliari (2002, pp.5-6) sobre a escrita:

> A escrita obrigou os falantes a refletirem mais sobre a própria língua de uma maneira explícita e consciente, ao contrário da intuição que os falantes nativos têm ao aprender e ao usar a linguagem oral. Isso não significa que a linguagem escrita seja mais complexa, difícil ou mais perfeita do que a linguagem oral. Pelo contrário, tudo acontece primeiro na linguagem oral, e somente depois, por representação em outro meio de comunicação. Desta forma, a escrita adquire algum sentido somente quando encontra por trás a expressão da linguagem oral [...] Na sua essência, a linguagem é a soma de significados e significantes ou de idéias e sons, como bem foi definida desde os estruturalistas até os gerativistas.

A primeira ortografia proposta para o wauja foi desenvolvida pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL), com um projeto de tradução bíblica que foi realizado por volta de 1960.

Esta mesma ortografia tem sido adotada pelos professores que atuam na escola da aldeia, porém, já se pode observar algumas variações de grafia entre crianças e adultos[61].

A seguir, apresentamos um quadro comparativo entre os segmentos fonéticos e os símbolos ortográficos utilizados pelos wauja, que podem, a princípio, causar certa complexidade:

	IPA	Ortografia
Consoantes	ɲa	yã
	tʃa	xa
	ʐa	ja
	wa aw	wa au
	ja aj	ya ai
	ɢa	ga
	ɾa	ra
Vogais	a	a
	ɛ	e
	I	i
	ɨ	o
	u	u

Quadro 28: Correspondências entre o *IPA* e a Ortografia Wauja

As consoantes /p/, /t/, /ts/, /k/, /s/, /h/, /m/, /n/, /l/ não foram representadas no quadro, pois ortograficamente são escritas como “p”, “t”, “ts”, “k”, “s”, “h”, “m”, “n”, “l”, respectivamente.

O segmento consonantal [tʃ] é representado como “x”. A primeira indicação de mudança de ortografia, em relação a este fone, é alterar essa representação para “tx”, pois assim tornaria a ortografia mais dinâmica para outras pessoas que ocasionalmente possam ler em wauja. Além disso, a representação como “x” pode levar a confundir com o “x” do Português. Outro fator importante é que “tx” estaria mais próximo de “ts”, as duas únicas consoantes africadas da língua e que, ainda, são representações fonéticas das consoantes /k/ e /p/ diante de prefixos terminados por vogal anterior alta /i/.

Sobre a representação das vogais, os professores da aldeia dividem opiniões sobre a representação da vogal central alta [ɨ]. Há alguns que preferem diferenciar a vogal “o” do português, inserindo um traço subscrito “o̲” e há outros que não vêem tal necessidade, pois em wauja não há a vogal posterior baixa [o] como em Português. Em geral, os mais conservadores preferem a representação “o̲”, enquanto que os jovens preferem “o”, por

[61] Essas variações poderão ser estudadas em trabalhos futuros.

facilitar a comunicação no meio escrito. Ao analisar essa questão, acredita-se que a ausência do traço subscrito não dificulta a leitura, pois os wauja muitas vezes não conseguem inserir o traço quando digitam no computador e, ainda assim, se comunicam efetivamente. Exemplos[62]:

(73)	Fonética	Ortografia	Glosa
	[a'tat**i**]	atat**o**	'vara'
	['kez̪**i**]	kej**o**	'lua'
	['k**i**z̪u]	k**o**ju	'tucano'
	[ku'pat**i**]	kupat**o**	'peixe'

No que se refere à representação das vogais longas, estas são representadas como "aa", "ee", "ii", "oo", "uu". Exemplos:

(74)			
	[**a:**'kuma]	**aa**kuma	'gavião-tesoura'
	['m**e:**ke]	m**ee**ke	'cobra coral texana'
	[w**i:**'tʃa]	w**ii**xá	'assovio'
	[h**i:**'ka]	h**oo**ká	'pajelança'
	[h**u:**ka'paj]	h**uu**kapai	'derramar'

Para a representação da nasalidade na ortografia, os wauja colocam o traço (~) na maioria das vogais foneticamente nasais. Como sugestão, poderia ser utilizado o traço apenas quando a consoante nasal não estiver presente na palavra (75a), ou seja, se já há uma consoante nasal na palavra, a vogal não precisaria ser marcada com o traço (75b). Exemplos:

(75)				
	(a)	[t**ã**'kuaɾa]	t**ã**kuara	'flauta'
		['tʃ**ɛ̃**h**ɨ̃**]	x**ẽ**h**õ**	'facão'
		['**ũ**:taj]	**ũ**tai	'lagartixa'
		[piki'ts**ɨ̃**]	pikits**ɨ̃**	'telhado da casa'
		[**ĩ**:'taj]	**õ**tai	'arco'
	(b)	['t**ɛ̃**me]	t**e**me	'anta'
		[m**ã**ku'i]	m**a**kuí	'óleo'
		[m**ɨ̃**tʃa'napɨ]	m**i**xanapo	'escuridão'
		[m**ɨ**m**ɨ̃**'kuwa]	m**o**m**o**kuwa	'assustar'
		[aɢa'n**ũ**ma]	agan**u**ma	'saliva'

Por sua vez, a representação dos ditongos decrescentes formados com os glides /j/ e /w/ são grafados com as vogais "i" e "u", respectivamente. Os ditongos sempre atraem o acento em posição final de palavra, logo, nesses casos o acento não é representado na ortografia. Exemplos:

[62] Os exemplos estão apresentados em colunas, sendo a primeira com a transcrição fonética do IPA, a segunda com a transcrição ortográfica e a terceira com a glosa em Português.

(76)	[anataˈp**aj**]	anatapai	‘ele está escrevendo’
	[kehekeleˈp**ej**]	kehekelepei	‘é feio’
	[numasaˈk**uj**]	numasakui	‘queixo’
	[kam**aw**ˈkula]	kamaukula	‘três’
	[meneˈk**ew**]	menekeu	‘daqui a pouco’
	[s**iw**ˈtɨzᵑu]	soutoju	‘periquito rei’

Por fim, o estudo do acento pôde evidenciar que em wauja a maioria das palavras são paroxítonas e poucas oxítonas, não tendo evidências de palavras proparoxítonas. Assim, considerando o critério de maior frequência de paroxítonas na língua, sugerimos representar o acento apenas na grafia das palavras oxítonas, que constituem um grupo restrito de palavras, facilitando, desse modo, a ortografia utilizada. Exemplos:

(77)	(a)	<u>Oxítonas</u>		
		[wiːˈtʃa]	wii**xá**	‘assovio’
		[pikiˈtsɨ̃]	piki**tsɨ́**	‘telhado da sua casa’
	(b)	<u>Paroxítonas</u>		
		[mɨ̃mɨ̃ˈkuwa]	momo**ku**wa	‘assustar’
		[ˈkɨzᵑu]	**ko**ju	‘tucano’
	(c)	<u>Ditongos</u>		
		[meneˈkew]	mene**keu**	‘daqui a pouco’
		[anataˈpaj]	anata**pai**	‘ele está escrevendo’

No que se refere aos processos morfofonológicos de mudança consonantal, esses são representados na escrita e acredita-se que devem mesmo ser representados. Essa escolha é necessária, pois como vemos em (78), as alterações são consistentes e fica difícil retornar à forma de base para compreensão das palavras. No entanto, com o avanço e desenvolvimento da leitura e escrita wauja, sabemos que essa representação pode ser alterada por eles futuramente. Exemplos:

(78)	/**tu**lunaˈku-j/	[**tu**lunaˈkuj]	tulunakui	‘ouvido’
	/pi-**tsu**luˈnaku/	[pi**tsu**luˈnaku]	pitsulunaku	‘seu ouvido’
	/ˈ**ka**tɨˈkitsi/	[**ka**tɨkiˈtsi]	katokitsí	‘canela’
	/ˈpi-**tʃa**tɨˈkitsi/	[ˈpi**tʃa**tɨˈkitsi]	pixatokitsi	‘sua canela’
	/**nu**masaˈku-j/	[**nu**masaˈkuj]	numasakui	‘queixo’
	/pi-**ju**maˈsaku/	[pi**ju**maˈsaku]	piyumasaku	‘seu queixo’
	/**wa**ˈna-j/	[**wa**ˈnãj]	wanai	‘braço (inteiro)’
	/pi-ˈ**ja**na/	[piˈ**jã**na]	piyana	‘seu braço (inteiro)’

/**pu**ˈtɨ/	[**pu**ˈtɨ]	putó	‘coxa’
/pi-**ʧu**ˈtɨ/	[pi**ʧu**ˈti]	pixutó	‘sua coxa’

No que se refere ao acento secundário, este não é representado na ortografia e acredita-se que a ausência desse elemento na grafia não dificulta a leitura. Para concluir, conforme afirma Cagliari (2002, p.11):

> A fala, como fenômeno lingüístico, traz consigo o sistema da língua em sua forma plena. O fenômeno lingüístico exige teorias poderosas para poder ser descrito adequadamente. Entretanto, entre o físico e o sistema existem os falantes e ouvintes, ou seja, os usuários desse processo. Os falantes não são os donos da linguagem, não podem modificá-la à vontade, uma vez que toda mudança da língua exige a aprovação de outros usuários e um certo tempo para a incorporação do novo ao sistema.

A partir dessa citação, podemos dizer que os wauja, como escritores e leitores de sua cultura, detêm sempre a decisão de qualquer mudança que venha a ocorrer na ortografia de sua língua. As indicações apresentadas são apenas sugestões, que podem auxiliá-los em uma nova fase de comunicação escrita (impressa e virtual). Os indígenas mais jovens já perceberam a necessidade de uma representação mais simples e sistemática, porém essas alterações devem ser feitas sempre em conjunto.

==========

SEÇÃO 5
ASPECTOS MORFOLÓGICOS

==========

Figura 11: Caminho para o banho (POSTIGO, A. V. – janeiro/2012)

5 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

> *Morphology is at the conceptual centre of linguistics. This is not because it is the dominant subdiscipline, but because morphology is the study of word structure, and words are at the interface between phonology, syntax and semantics (SPENCER; ZWICKY, 2001, p.1)*[63]

Nesta seção, a morfologia da língua wauja será tratada a partir da palavra. Para depreensão dessa unidade linguística, levou-se em consideração tanto os critérios fonológicos e morfológicos, quanto os sintáticos e semânticos.

Segundo Dixon e Aikhenvald (2003, p.13) há uma distinção muito importante entre "palavra fonológica" e "palavra gramatical" que deve ser levada em consideração na descrição de línguas naturais. De acordo com os autores (DIXON; AIKHENVALD, 2003), não existe um critério único que pode servir para definir "palavra fonológica" em todas as línguas. Porém, pode-se dizer que a palavra fonológica é uma unidade fonológica maior que a sílaba (ou minimamente uma sílaba), que tem pelo menos uma das seguintes propriedades:

> (a) *Segmental features* – internal syllabic and segmental structure; phonetic realisations in terms of this; word boundary phenomena; pause phenomena.
> (b) *Prosodic features* – stress (or accent) and/or tone assignment; prosodic features such as nasalisation, retroflexion, vowel harmony.
> (c) *Phonological rules* – some rules apply only within a phonological word; others (external sandhi rules) apply specifically across a phonological word boundary. (DIXON; AIKHENVALD, 2003, p.13)[64].

Diferentemente, no caso da "palavra gramatical" é possível apresentar critérios universais, embora sejam necessárias algumas ressalvas. Podemos dizer que uma palavra gramatical consiste de um número de elementos gramaticais que:

---

[63] "*A morfologia é o centro conceptual da linguística. Isto não significa que ela seja uma subdisciplina dominante, mas que a morfologia é o estudo da estrutura da palavra, e palavras estão na interface entre a fonologia, sintaxe e semântica*" (tradução nossa).

[64] "*(a) Traços segmentais – estrutura silábica e segmental interna; realizações fonéticas em termos deste; fenômenos limitados à palavra; fenômenos de pausa. (b) Traços prosódicos – stress (ou acento) e/ou atribuição de tom; características prosódicas como nasalização, retroflexão e harmonia vocálica. (c) Regras fonológicas – algumas regras aplicam-se apenas no interior de uma palavra fonológica; outras (regras de sândi externo) aplicam-se especificamente no limite da palavra fonológica*." (tradução nossa)

> (a) always occur together, rather than scattered through the clause (the criterion of cohesiveness);
> (b) occur in a fixed order;
> (c) have a conventionalised coherence and meaning
> *(*DIXON; AIKHENVALD, 2003, p. 19*)*[65].

Em wauja, as palavras podem ser variáveis (ou flexionais) e invariáveis (ou não flexionais) quanto à sua formação. No que se refere à função que as palavras exercem, foram depreendidas as classes de palavras ou partes do discurso.

Este capítulo tem por objetivo introduzir os estudos sobre o componente gramatical da língua wauja, apresentando uma análise descritiva da estrutura morfológica e sua interface com a estrutura sintática[66].

Os pressupostos teóricos para a descrição das classes gramaticais terão por base a proposta de Schachter e Shopen (1985), que postula que todas as línguas fazem uma distinção das partes do discurso em classes (de palavras) abertas e fechadas.

Assim, a seguir, em 4.1, apresenta-se uma descrição da língua wauja no que se refere às classes de palavras ou partes do discurso. Em 4.1.1 inicia-se o estudo das "Classes abertas", com a categoria "Nome" (4.1.1.1) e suas subespecificações: gênero, número e grau. Em 4.1.1.2 continua-se o estudo com a categoria "Verbos" e suas subespecificações de tempo: presente, passado e futuro.

5.1 As classes de palavras ou partes do discurso

De acordo com Schachter e Shopen (2007, p.3), todas as línguas do mundo fazem uma distinção entre as classes abertas e fechadas das partes-do-discurso[67]. Robins (1964, p.230) afirma que as classes abertas são aquelas em que os membros são, em princípio, ilimitados e podem sofrer variações. Por sua vez, as classes fechadas são aquelas em que os membros são limitados, pois possuem uma quantidade restrita de elementos.

Partindo do ponto de vista dos autores, podemos dizer que os nomes e verbos são classes abertas e que os pronomes e conjunções são classes fechadas. Contudo, os adjetivos não constituem uma classe em todas as línguas, assim como ocorre também com os advérbios. Nesses casos, torna-se imprescindível analisar cada língua individualmente antes de fazer qualquer tipo de generalização.

---

[65] *" (a) sempre ocorrem em conjunto, ao invés de espalhadas pela cláusula (o critério de coesão); (b) ocorrem em uma ordem fixa; (c) têm uma coerência convencionalizada e significado" (tradução nossa).*

[66] Na descrição dos morfemas utilizou-se a representação dos elementos por meio de chaves { } e para a representação dos morfes (ou alomorfes) utilizaram-se as barras verticais | |.

[67] "[…] all languages make a distinction between *open* and *closed* parts-of-speech classes".

A pesquisadora Carlota Rosa (2000, p.91) afirma que:

> [...] a tradição gramatical greco-latina reconheceu na palavra características de três tipos: (a) semânticas, que nos deram definições como o *substantivo é a palavra que nomeia os seres*, ou como questões acerca de quais os elementos que podem ser suprimidos do enunciado mantendo-se, ainda assim, uma estrutura com significado; (b) morfológicas, como, por exemplo, o reconhecimento de que o nome pode flexionar-se em Gênero, Número e Caso, mas não em Tempo, Modo ou Voz; e (c) sintáticas, como a identificação de que o nome, mas não o verbo, pode funcionar como sujeito, além de questões variadas acerca dos fenômenos de *concordância* e *regência*. Em decorrência desse feixe de propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas as palavras foram distribuídas em *classes de palavras*, ou, na nomenclatura tradicional, em *partes do discurso*.

Convém esclarecer, ainda, que segundo Seki (2000, p.53):

> (i) a determinação das classes não constitui um fim em si, mas um meio de operar a descrição;
> (ii) as classes não são estabelecidas a *priori*, ou separadamente da gramática da língua, mas através de um processo contínuo de idas e vindas do todo para as partes e destas para o todo;
> (iii) embora as classes sejam designadas com termos tradicionais, o estabelecimento das mesmas, bem como das subclasses envolvidas, não se faz com base em critérios nocionais nem em referência aos equivalentes mais próximos da língua intermediária, mas com base em critérios morfológicos, gramaticais e de outros níveis, revelados pelos fatos da própria língua.

Nas seções subsequentes, deste trabalho, buscou-se descrever as classes de palavras da língua wauja.

5.1.1 Classes abertas

Nesta seção, apresentamos as classes de palavras consideradas abertas na língua wauja, são elas: os nomes, os adjetivos, os verbos e os advérbios, descritas nas subseções subsequentes.

5.1.1.1 Nomes

Para uma distinção entre as classes de nomes e verbos da língua em estudo, levou-se em consideração o que afirma Schachter e Shopen (2007, p.5):

> The distinction between *nouns* and *verbs* is one of the few apparently universal parts-of-speech distinctions [...] For convenience we can adapt the traditional definition of nouns, assigning the label *noun* to the class of words in which occur the names of most persons, places, and things[68].

A partir desse argumento, pode-se dizer que, em wauja, os nomes podem referenciar pessoas, animais, lugares e objetos/coisas[69]. Exemplos:

(79)	/teˈnezu/	[teˈnezu]	‘mulher’
	/ˈteme/	[ˈteme]	‘anta’
	/ˈiipi/	[ˈi:pi]	‘beira do rio’
	/maˈkula/	[maˈkula]	‘panela’
	/iˈjala/	[iˈjala]	‘força’

No que se refere à caracterização semântica, Givón (1984, p.56) propõe que os nomes são formados por um conjunto de traços semânticos que são organizados hierarquicamente. Assim, o conjunto mais geral das funções utilizadas para classificar os nomes são:

[ENTIDADE] → [TEMPORAL] → [CONCRETO] → [ANIMACIDADE] → [HUMANO]

Quadro 29: Funções semânticas de Givón (1984)

Nesta proposta, o traço [ENTIDADE] significa “aquilo que tem existência”; o [TEMPORAL] é atribuído a “aquilo que existe em um tempo particular”; o [CONCRETO] é um traço presente em “aquilo que tem existência no tempo e no espaço”; a [ANIMACIDADE] é o traço atribuído a “organismos vivos” e, finalmente, o traço [HUMANO] que está presente em “seres humanos”. A hierarquia, assim, é um aumento de marcação, em que, se uma entidade tem uma característica, automaticamente também terá todas as outras características que estão à sua esquerda.

Considerando a proposta de Givón (1984), o nome utilizado para pessoa /teˈnezu/ ‘mulher’ possui todos os traços da hierarquia; o nome /ˈteme/ ‘anta’ não possui o traço [HUMANO], mas possui todos os outros traços à esquerda; o nome /ˈiipi/ ‘beira do rio’ não possui o traço [ANIMACIDADE], no entanto possui o traço [CONCRETO] e todos os demais à sua esquerda; e assim por diante. A seguir, demonstramos os exemplos:

---

[68] *“A distinção entre nomes e verbos é uma das poucas distinções aparentemente universais das partes do discurso. Por conveniência nós podemos adaptar a definição tradicional de nomes, atribuindo o rótulo nome para as classes de palavras nas quais ocorrem os nomes da maioria das pessoas, lugares e coisas*” (Tradução nossa).

[69] Os elementos abstratos, como sentimentos, são expressos por meio de verbos e adjetivos.

(80)	/teˈnezu/	[ENT], [TEMP], [CONCR], [ANIM], [HUM]	‘mulher’
	/ˈteme/	[ENT], [TEMP], [CONCR], [ANIM]	‘anta’
	/ˈiipi/	[ENT], [TEMP], [CONCR]	‘beira do rio’
	/maˈkula/	[ENT], [TEMP], [CONCR]	‘panela’
	/iˈjala/	[ENT], [TEMP]	‘força’

Schachter e Shopen (2007, p.7) afirmam que: “The most common function for nouns is as arguments or heads of arguments – for example, as (heads of) subjects or objects”.[70]

Em wauja, como demonstram os nomes [januˈmaka] ‘onça-pintada’ e [ˈteme] ‘anta’, não há marcas morfológicas presentes em sentenças declarativas. Sintaticamente, os nomes ocorrem como núcleo de sintagma nominal, ocupando a função de sujeito de uma sentença intransitiva (S), ou transitiva (A), ou ainda, a função de objeto (O) de sentença transitiva. Exemplos:

(81)	(a)	[**jãnuˈmaka** huzumakaˈpaj]	‘a onça-pintada está dormindo’
		/januˈmaka huˈmaka-ˈpai/	
		onça-pintada dormir-IMPF	
		S V	
	(b)	[ˈ**tẽme** huzumakaˈpaj]	‘a anta está dormindo/a anta dorme’
		/ˈteme huˈmaka-ˈpai/	
		anta dormir-IMPF	
		S V	
	(c)	[**jãnuˈmaka** uˈnuka ˈ**tẽme**]	‘a onça-pintada matou a anta’
		/januˈmaka uˈnuka ˈteme/	
		onça matar anta	
		A V O	
	(d)	[Arapawá uˈnuka **jãnuˈmaka**]	‘Arapawá matou a onça-pintada’
		/Arapawá uˈnuka januˈmaka/	
		Arapawá matar onça	
		A V O	

As categorias típicas para as quais os nomes podem ser especificados, tanto morfologicamente quanto sintaticamente, de acordo com Schachter e Shopen (2007, p.7) são: caso, gênero, número e definitude.

Na descrição dos nomes em wauja abordaram-se as seguintes categorias: posse por prefixação; gênero (masculino e feminino), número (coletivizadores), avaliativos (dimensionais) e classificadores por sufixação.

[70] “*A função mais comum para os nomes é como argumentos ou núcleo de argumentos – por exemplo, como (núcleos de) sujeitos ou objetos*”. (Tradução nossa)

5.1.1.1.1 A marcação de posse

As construções possessivas (ou de posse) são formadas por um item possuído que se relaciona a um outro item possuidor (genitivo), embora nem todas denotem uma posse material, como, por exemplo, as relações dos termos de parentesco.

As línguas naturais, geralmente, apresentam duas estratégias de codificação sintática de posse: predicativa e atributiva. Perniss e Zeshan (2008, p.5) afirmam que:

> [...] in the case of predicative possession, the proposition as a whole consists of na assertion of the possessive relationship itself, as new information. In contrast, an attributive possession construction is phrasally embedded, as old information, within a proposition declaring something the possessed item.[71]

Segundo Stassen (2011), a marcação de posse nas línguas pode ser de dois tipos distintos: predicativa e atributiva (relação pronome-nome e nome-nome).

A posse predicativa apresenta uma estrutura oracional, pois conta com um núcleo verbal que seleciona seus argumentos. Nos exemplos a seguir, a posse predicativa está exemplificada com o verbo {ɨu-} ‘ter’, que recebe o sufixo imperfectivo {paj-} ‘IMPF’.

(82) (a) [nutuka'kalu ɨu'paj mepi'jãwa tɨˌneʒu'tãj]
/nu-tuka'ka-lu ɨu-'paj mepi'waNwaN tɨˌneʒu-'tãj/
1s-irmão-FEM ter-IMPF dois-dedo-dedo mulher-DIM
‘Minha irmã tem duas meninas’

(b) [pa'pa ɨu'paj 'uku 'ajtsa a'wapa]
/pa'pa ɨu-'paj 'uku 'ajtsa a'wapa/
papai ter-IMPF flecha NEG comprida
‘Meu pai tem uma flecha curta (não comprida)’

A posse atributiva não conta com um núcleo verbal, pois se limita ao sintagma nominal. Em (83a) exemplica-se a posse atributiva na relação pronome-nome e em (83b) a relação nome-nome:

(83) (a) ['nitsã] ‘minha canoa’
/'n-itsa-N/
1s-canoa-POSS

[71] “[...] no caso de posse predicativa, a proposição consiste como um todo de uma asserção da própria relação possessiva, como informação nova. Pelo contrário, uma construção possessiva atributiva é sintagmaticamente encaixada, como informação antiga, declarando algo sobre o item possuído dentro de uma proposição” (tradução nossa)

(b) [Laul ĩ'itsã] ‘canoa do Laul’
/Laul # i-'itsa-N/
Laul # 3s-canoa-POSS

Atualmente, tem sido verificado que há outra forma de realização fonética para o exemplo anterior. Trata-se da realização da consoante nasal [n], utilizada, em geral, pelos jovens wauja. Exemplo:

(c) [Laul ĩ'**n̈**itsã] ‘canoa do Laul’
/Laul # i-'itsa-N/
Laul # 3s-canoa-POSS

No que se refere à posse atributiva, as línguas apresentam variações em relação ao *locus* (lugar) da marcação de posse. Nichols e Bickel (2011) afirmam que as línguas podem fazer esse tipo de distinção por meio de estratégias gramaticais, tais como: marcação no item possuído ou no item possuidor; marcação no possuidor e no item possuído; justaposição. Além disso, há línguas em que os itens não podem ser utilizados sem que o seu *status* de possuído esteja formalmente marcado, ou seja, nessas línguas há uma marca de oposição entre os nomes “obrigatoriamente possuídos” e nomes “opcionalmente possuídos”. Esses dois conceitos são conhecidos na literatura como “posse inalienável” e “posse alienável”, respectivamente.

As línguas da família arawák, geralmente, exibem uma distinção entre nomes *alienáveis* e *inalienáveis* (PAYNE, 1991; AYKHENVALD, 1999).

Em wauja, os nomes considerados “alienáveis” que não recebem marcação morfológica de posse são aqueles que designam animais, como em (83a-b) e elementos da natureza como em (82c-d). Exemplos:

(84) (a) ['teme] ‘anta’
/'teme/

(b) [janu'maka] ‘onça-pintada’
/janu'maka/

(c) ['kez̬**i̬**] ‘lua’
/'kez̬**i̬**/

(d) ['kam**ɨ**] ‘sol’
/'kam**ɨ**/

Os nomes “alienáveis” que opcionalmente podem ser possuídos em wauja são: utensílios domésticos, artesanatos, objetos e outros. Nesses casos, há o uso de prefixos pronominais para a marcação de posse, como aponta Stassen (2011), trata-se de posse atributiva em uma relação pronome-nome, exemplificada em (83a-c). Exemplos do wauja:

(85) (a) [nu̧tunu'mala]
/nu-tunu'mala/ ‘minha rede’
1s-rede

(b) [pɨ'pɨna]
/p-ɨ'pɨna/ ‘sua casa’
2s-casa

(c) [ɨ'ne:tse]
/ɨ-'netse/ ‘colar dele(s)’
3-colar

Por sua vez, os nomes “inalienáveis” são aqueles obrigatoriamente possuídos, como, por exemplo, as partes do corpo em wauja. Para indicar a posse em tais nomes, a língua utiliza também os prefixos pronominais. Por outro lado, quando não há um possuidor especificado, a língua marca essa ausência com o sufixo {-j}, chamado por alguns autores de de *absolutivo* ou *absoluto* (PAYNE, 1981, p.379). Neste trabalho, porém, glosa-se tal sufixo como NPOSS ‘não possuído’. Exemplos:

(86) (a) [tupu'lu**j**]
/tu'pulu-**j**/ ‘calcanhar’
calcanhar-NPOSS

(b) [nutu'pulu]
/nu-tu'pulu/ ‘meu calcanhar’
1s-calcanhar

(c) *tu'pulu

(87) (a) [tse'we**j**]
/'tsewe-**j**/ ‘dente’
dente-NPOSS

(b) [pi'tsewe]
/pi-'tsewe/ ‘seu dente’
2s-dente

(c) *tsewe

(88) (a) [kanata'pa**j**]
/kana'tapa-**j**/ ‘braço’
braço-NPOSS

(b) [ˌɨkana'tapa]
/**ɨ**-kana'tapa/ ‘braço dele’
3s-braço

(c) *kana'tapa

Ao observar a ocorrência dos prefixos pronominais, podemos notar que há processos morfofonológicos envolvidos, que serão melhor investigados em trabalhos posteriores. A seguir, buscou-se descrever a realização de todos os prefixos pronominais que ocorrem junto aos nomes que referenciam objetos.

5.1.1.1.1 Prefixos pronominais na marcação de posse

O prefixo pronominal {nu-} ‘1s’ pode ser considerado como uma forma reduzida do pronome pessoal /'natu/ ‘eu’. Este prefixo ocorre como |nu-| em nomes iniciados por consoantes e como |n-| diante de nomes iniciados por vogais. Exemplos:

(89) {nu-} ‘1s’

|nu-| [**nu**'ne:tse]
/**nu**-'neetse/ ‘meu colar’
1s-colar

[**nu**ˌtunu'mala]
/**nu**-tunu'mala/ ‘minha rede’
1s-rede

|n-| [**nɨ**'pɨna]
/**n**-ɨ'pɨna/ ‘minha casa’
1s-casa

[**n**ete'ne]
/**n**-e'tene/ ‘meu remo’[72]
1s-remo

O prefixo pronominal {pi-} ‘2s’ pode ser considerado como uma forma reduzida do pronome /'pitsu/ ‘você’. Este prefixo ocorre como |pi-| em nomes iniciados por consoantes e como |p-| diante de nomes iniciados por vogais. Exemplos:

(90) {pi-} ‘2s’

|pi-| [**pi**ˈjẽːtse]
/**pi**-ˈneetse/ ‘seu colar’[73]
2s-colar

[ˌ**pi**tsunuˈmala]
/**pi**-tunuˈmala/ ‘sua rede’[74]
2s-rede

|p-| [**pɨ**ˈpɨna]
/**p**-ɨˈpɨna/ ‘sua casa’
2s-casa

[**p**eteˈne]
/**p**-eˈtene/ ‘seu remo’[75]
2s-remo

O prefixo pronominal {ɨ-} pode expressar a ‘3s’ ou ‘3p’, distinguindo-se apenas pelo contexto da comunicação. Esse prefixo possui algumas realizações alomórficas que dificultam a análise. Assim, o prefixo {ɨ-} pode realizar-se como |ɨ-|, |ɨN-|, |i-| e |u-|. Exemplos:

(91) {ɨ-} ‘3s’

|ɨ-| [**ɨ**ˈneːtse]
/**ɨ**-ˈneetse/ ‘colar dele(s)’
3s-colar

[**ɨ**ˈpɨna]
/**ɨ**-ɨˈpɨna/ ‘casa dele(s)’[76]
3s-casa

|ɨN-| [**ɨ**neteˈne]
/**ɨ**-eˈtene/ ‘remo dele (s)’[77]
3s-remo

[72] Nesse item o acento é deslocado para a última sílaba da palavra. É provável que seja uma marcação de ênfase, pois o possuidor já está prefixado ao nome. Esse fenômeno ocorreu com pouca frequência nos dados.
[73] Nesse dado ocorreu um processo de palatalização da consoante /n/, realizando-se, foneticamente, como [j]. Ver seção ‘3.5 Processos morfofonológicos’.
[74] Nesse dado ocorreu um processo de africação da consoante /t/, realizando-se, foneticamente, como [ts]. Ver seção ‘3.5 Processos morfofonológicos’.
[75] Nesse dado, após a prefixação, ocorreu o deslocamento do acento para a direita.
[76] Nesse item ocorreu um processo de degeminação com as vogais centrais altas /ɨ-ɨ/, realizando-se como [ɨ].
[77] Nesse dado, após a prefixação, ocorreu o deslocamento do acento para à direita.

|i-| [ˌ**i**tsunuˈmala]
/**i**-tunumala/ ‘rede dele(s)’[78]
3s-rede

|u-| [**u**ˌwalu-zɻˈtapi]
/**u**-walu-zɻˈtapi/ ‘colar de caramujo dele(s)’
3s-caramujo-colar

O prefixo pronominal {a-} expressa a ‘1p’ e, provavelmente, seja uma forma reduzida do pronome pessoal /ˈajtsu/ ‘1p’. Esse prefixo possui os alomorfes |a-|, |e-|, |i-|. Exemplos:

(92) {a-} ‘1p’

|a-| [ˌ**a**tunuˈmala]
/**a**-tunuˈmala/ ‘nossa rede’
1p-rede

[**a**jˈtsã]
/ˈ**a**-itsa-N/ ‘nossa canoa’[79]
1p-canoa-POSS

|e-| [**e**ˈne:tse]
/**e**-ˈneetse/ ‘nosso colar (meu e de outro)’
1p-colar

|i-| [**ji**ˈpɨna]
/**i**-**ɨ**ˈpɨna/ ‘nossa casa (minha e sua)’[80]
1p-casa

O prefixo pronominal {ji-} ‘2p’ pode ser considerado como uma forma reduzida do pronome /ˈjitsu/ ‘vocês’. Este prefixo ocorre como |ji-| em nomes iniciados por consoantes e como |j-| diante de nomes iniciados por vogais. Exemplos:

(93) {ji-} ‘2p’

|ji-| [**ji**ˈjẽ:tse]
/**ji**-ˈneetse/ ‘colar de vocês’[81]
2p-colar

[78] Nesse dado ocorreu um processo de africação da consoante /t/, realizando-se, foneticamente, como [ts]. Ver seção ‘3.5 Processos morfofonológicos’.
[79] Nesse item, após a prefixação, ocorre a nasalização da última vogal da palavra e, também, o deslocamento do acento para a direita.
[80] Nesse item o alomorfe |i-| realiza-se, fonetimente, como [j] diante da vogal central alta /ɨ/.
[81] Nesse item a consoante /n/ sofreu um processo de palatalização, realizando-se, foneticamente, como [j].

[**ji**ˌtsunuˈmala]
/**ji**-tunuˈmala/ ‘rede de vocês’[82]
2p-rede

|j-| [**j**ɨˈpɨna]
/**j**-**ɨ**ˈpɨna/ ‘casa de vocês’
2p-casa

[**j**eteˈne]
/**j**-eˈtene/ ‘remo de vocês’
2p-remo

Após a análise dos dados, elaborou-se o seguinte quadro para sistematizar a ocorrência dos prefixos pronominais:

Prefixos pronominais	**Alomorfes**
{nu-} ‘1s’	|nu-|, |n-|
{pi-} ‘2s’	|pi-|, |p-|
{ɨ-} ‘3’	|ɨ-|, |ɨN-|, |i-|, |ĩ-/|, |u-|
{a-} ‘1p’	|a-|, |e-|, |i-|
{ji-} ‘2p’	|ji-|, |j-|
∅	∅

Quadro 30: Prefixos pronominais e alomorfes em wauja

A partir do quadro, pode-se observar que os prefixos pronominais {nu-}, {pi-}, {a-} e {ji-} podem ser consideradas como formas reduzidas dos pronomes pessoais /ˈnatu/, /ˈpitsu/, /ˈaitsu/ e /ˈjitsu/, respectivamente. Porém, o prefixo pronominal {ɨ-} ‘3s/3p’ não apresenta correlações com os pronomes pessoais /ˈzˌa/ ‘3s’ e /ˈnala/ ‘3p’, sendo representado por {∅-} em oposição aos demais.

5.1.1.1.2 Gênero

Embora haja na literatura declarações sobre a aparente arbitrariedade do gênero em algumas línguas, Corbett (2007) afirma que há sempre um sistema por trás da distribuição de nomes sobre os gêneros. Segundo o autor, trata-se de um sistema de atribuição, ou seja, um modelo que permite ao falante nativo colocar substantivos para os gêneros com base em informações que não devem ser armazenadas como parte da entrada lexical. Para Corbett (2007), a atribuição pode depender de dois tipos de informações: semântica e formal

[82] Neste item, a consoante /t/ sofreu um processo de africação, realizando-se, foneticamente, como [ts].

(morfológica e fonológica). No entanto, *"[…] In one sense all assignment systems are semantic, since genders always have a semantic core (there are no purely formal systems)"*[83].

Nesses termos, de acordo com Corbett (2007, p.259):

> Given the meaning of a noun, its gender can be predicted without reference to its form. Thus, for example, one can be confident that a noun denoting a female will be feminine, and that a noun which is feminine will denote a female. Such systems are sometimes called *natural gender systems*[84].

Ao observar a língua wauja, nota-se que não há distinção de gênero para os nomes de seres inanimados. No que se refere aos nomes de seres animados, há a distinção do gênero natural "feminino" e "masculino", marcada por meio das palavras [eˈnezu̯a] 'homem' (93a-c) e [teˈnezu̯u] 'mulher' (94a-c) nos seres animados, não-humanos. Exemplos:

(94) (a) [ɑrauˈkuma **eˈnezu̯a**]
/ɑrauˈkuma **eˈnezu̯a**/ 'galo'
galináceo macho

(b) [jãˈnumaka **eˈnezu̯a**]
/jaˈnumaka **eˈnezu̯a**/ 'onça-pintada macho'
onça-pintada macho

(c) [ˈupi **eˈnezu̯a**]
/ˈupi **eˈnezu̯a**/ 'pato'
pato macho

(95) (a) [ɑrauˈkuma **teˈnezu̯u**]
/ɑrauˈkuma **teˈnezu̯u**/ 'galinha'
galináceo fêmea

(b) [jãnuˈmaka **teˈnezu̯u**]
/januˈmaka **teˈnezu̯u**/ 'onça-pintada fêmea'
onça-pintada fêmea

(c) [ˈupi **teˈnezu̯u**]
/ˈupi **teˈnezu̯u**/ 'pata'
pato fêmea

---

[83] *"Em certo sentido, todos os sistemas de atribuição são semânticos, uma vez que os gêneros têm sempre um núcleo semântico (não há sistemas puramente formais)"* (CORBETT, 2007, p.258) (tradução nossa).

[84] *"Dado o significado de um substantivo, seu gênero pode ser previsto, sem referência a sua forma. Assim, por exemplo, pode-se ter certeza de que um substantivo que indica uma fêmea será feminina, e que um substantivo que é feminino vai denotar uma fêmea. Tais sistemas são chamados sistemas* de gênero natural." (tradução nossa)

A complexidade da marcação de gênero nessa língua está, com certeza, nos nomes que indicam os seres humanos. Veremos, adiante, os marcadores de gênero sufixados nas palavras formadas a partir de derivações, nos termos de parentesco e nos nomes próprios.

Os nomes formados a partir de derivações, na diferenciação entre "homem" e "mulher", ocorrem com o acréscimo do sufixo {-hɨ} para representar o 'masculino' (95a-b) e {-tsu} o 'feminino' (95c-d). Esses sufixos são exemplificados com os verbos /waˈkule/[85] 'cozinhar' e /apai/ 'cantar', que recebem, também, o morfema {-weke}[86] 'dono de'.

(96) (a) [waˌkulewe'ke**hɨ**] 'cozinheiro'
/wakule-weˈke-**hɨ**/ Lit. 'dono da comida'
cozinhar-dono-MASC

(b) [aˌpaijeˈke**hɨ**] 'cantor'
/apai-weˈke-**hɨ**/ Lit. 'dono do canto'
cantar-dono-MASC

(c) [waˌkulewe'ke**tsu**] 'cozinheira'
/wakule-weˈke-**tsu**/ Lit. 'dona da comida'
cozinhar-dono-FEM

(d) [aˌpaijeˈke**tsu**] 'cantora'
/apai-weˈke-**tsu**/ Lit. 'dona do canto'
cantar-dono-FEM

5.1.1.1.2.2 Nomes próprios

Em nomes próprios, observa-se a presença do morfema {-lu} para se referir ao gênero 'feminino'[87]. Porém, para se referir ao gênero 'masculino', não encontramos marcas morfológicas, sendo representado, em nossos dados, por {**ø**}. Exemplos:

(97)

Homens		Mulheres	
[aˈɾuta]	/aˈɾuta-**ø**/	[aɾuˈta**lu**]	/aɾuˈta-**lu**/
['eju]	/'eju-**ø**/	[ejˈu**lu**]	/ejˈu-**lu**/
[uˈlepe]	/uˈlepe-**ø**/	[uleˈpe**lu**]	/uleˈpe-**lu**/
[kuˈɾatu]	/kuˈɾatu-**ø**/	[kuɾaˈtu**lu**]	/kuɾaˈtu-**lu**/
[ulawaˈkutɨ]	/ulawaˈkutɨ-**ø**/	[ulawakuˈtɨ**lu**]	/ulawakuˈtɨ-**lu**/
[ajaˈnãma]	/ajaˈnama-**ø**/	[ajãnaˈma**lu**]	/ajanaˈma-**lu**/
[maˈjuta]	/maˈjuta-**ø**/	[majuˈta**lu**]	/majuˈta-**lu**/

[85] O verbo /waˈkule/ 'cozinhar', provavelmente, vem do nome /maˈkula/ 'panela'.
[86] O morfema {-weke} sofre processo de palatalização quando ocorre após palavras terminadas por vogal anterior alta /i/, realizando-se como [-jeke].

Em suma, pode-se concluir, por meio da análise apresentada, que o wauja não possui marcação de gênero na categoria dos seres inanimados. A distinção de gêneros é restrita aos seres animados, que por sua vez, são subdivididos em 'não-humanos' e 'humanos'.

A dintinção de gênero entre os seres animados e 'não-humanos' ocorrem por meio das palavras /eˈnezaˌ/ 'masculino/macho' e /teˈnezuˌ/ 'feminino/fêmea'. Já a distinção de gênero entre os seres animados e 'humanos' podem ser subdivididos em três grupos: termos que designam parentesco, palavras formadas a partir de derivações e nomes próprios. Para uma melhor visualização desse agrupamento, elaborou-se o seguinte quadro:

Sufixos de gênero			**Masculino**	**Feminino**
Animados	Humanos	Derivações	-hɨ	-lu, -tsu
		Próprios	**ø**	-lu

Quadro 31: Sufixos de gênero em wauja

Como exposto no quadro, os nomes que referenciam seres animados e humanos contam com um sistema bastante complexo. Parece-nos que os sufixos das palavras formadas a partir de derivações e dos nomes próprios utilizam alguns dos sufixos que estão contidos no grupo de termos de parentesco: {-hɨ} e {-lu}. Todavia, o detalhamento dessas questões ficará por conta de um trabalho futuro. Neste, limitamo-nos a descrever as ocorrências da marcação de gênero nos nomes da língua wauja.

5.1.1.1.3 Número

A categoria "número" é a mais subestimada das categorias gramaticais. Como afirma Corbett (2000, p.1), *"[...] It is deceptively simple, and is much more interesting and varied than most linguists realize"*[88]. Em muitos quadros teóricos, o "número" é comparado com categorias como gênero, caso e pessoa, sendo tratado como um "traço". Este traço, por sua vez, possui certos "valores", como por exemplo, singular, dual, plural e outros.

[87] O acréscimo deste sufixo faz com que o acento seja deslocado para a próxima sílaba à direita, mantendo o padrão acentual da língua, que é, em sua maioria, com a maior proeminência na penúltima sílaba da palavra.
[88] *"Ela é enganosamente simples e é muito mais interessante e variada do que a maioria dos linguistas percebem"* (tradução nossa).

Segundo Corbett (2000, p.4), "[…] these values of the number feature have meanings and forms associated with them. The main part of the meaning of the singular is that it refers to one real world entity, while the plural refers to more than one"[89].

Em wauja, os nomes que refereciam os seres inanimados e animados (humanos e não-humanos) não possuem marcas morfológicas de singular, dual ou plural. Para indicar a quantidade de elementos, a língua faz uso de numerais, expressões numéricas, palavras quantificadoras (Cf. seção "4.1.2.3 Quantificadores") e sufixos coletivizadores.

Os sufixos coletivizadores são utilizados para referenciar os seres inanimados, animados não-humanos e humanos. Enquanto que os coletivos fazem uso de apenas uma palavra para expressar o grupo ou conjunto de seres, o coletivizador é um marcador morfossintático, sufixado ao nome. Os coletivos ou coletivizadores possuem a característica básica de abranger um conjunto de elementos, considerados como um todo.

No que se refere aos seres animados, o sufixo |-taku| ocorreu após o nome /kuˈpatɨ/ 'peixe', indicando 'pescaria' ou 'área de pesca', conforme o exemplo a seguir:

(98) (a) /nu-tu-kaˈka ˈi-ja **kupati-ˈtaku**/
1s-parente-RECIPR 3-ir peixe-área
'Meu irmão foi pescar (Lit. Meu irmão foi na área de pesca)'

Esse sufixo ocorreu apenas neste dado e, portanto, não temos evidência para postular que seja uma coletivizador neste caso isolado.

Entretanto, seres inanimados como plantas frutíferas, vegetais e tubérculos, ocorrem com o acréscimo dos sufixos |-taku|[90] (99a-d) ou |-tsaku| (100a-c), utilizados para referenciar 'plantação de...'. Exemplos:

(99) (a) /mapalakaka-ˈtaku/ [mapalaˌkakaˈ**taku**] 'plantação de abacaxi'
abacaxi- COL

(b) /ˈuhu-ˈtaku/ [ˌuhuˈ**taku**] 'plantação de batata'
batata- COL

(c) /iukuˈtapa-ˈtaku/ [iukuˌtapaˈ**taku**] 'plantação de urucum'
urucum-COL

(d) /ulei-ˈtaku/ [uleiˈ**taku**] 'plantação de mandioca'
mandioca- COL

[89] *"Estes valores do traço número têm significados e formas associadas a ele. A parte principal do significado do singular é que se refere a uma entidade do mundo real, enquanto o plural refere-se a mais de uma*" (tradução nossa).
[90] O morfema {-taku} realiza-se como |-tsaku| após vogal anterior alta /i/.

(100)	(a)	/maiki-ˈtaku/ milho- COL	[ˌmaikiˈ**tsaku**]	‘plantação de milho’
	(b)	/akaiN-ˈtaku/ pequi- COL	[akãiˈ**tsaku**]	‘plantação de pequi’
	(c)	/ˈai-ˈtsaku/ pimenta- COL	[aiˈ**tsaku**]	‘plantação de pimenta’

Esses coletivizadores apresentam uma certa complexidade de análise. Durante a coleta de dados, os colaboradores insistiram em dizer que há dois coletivizadores em wauja, sendo |-taku| para referenciar os frutos que ficam “no baixo” ou mais próximos do solo, enquanto |-tsaku| serve para referenciar os frutos que ficam “no alto”. Porém, concordam que o fruto do urucum situa-se “no alto”, mesmo utilizando o sufixo coletivizador |-taku| “no baixo” (99c) e, ainda, concordam que a pimenta encontra-se “no baixo”, mesmo utilizando o coletivizador |-tsaku| “no alto” (100c). Sobre as plantações de pimenta, poderia-se pensar em plantas mais altas e plantações de urucum com plantas mais baixas, que foram adaptando-se e tornando-se distintas atualmente, porém não há ainda um estudo aprofundado sobre essa questão.

Outra possibilidade de análise, de caráter fonológico, é postular o sufixo {-taku}, que realiza-se como |-tsaku| após vogal anterior alta /i/. Entretanto, o dado em (99d) [ulei**taku**] ‘plantação de mandioca’ é uma exceção, que pode contestar tal análise. Como há apenas esse dado em nosso corpus e, até o momento, não encontramos outro fruto ou tubérculo situado “no baixo” com a vogal anterior alta /i/, poderíamos tratá-lo como um caso isolado.[91]

Assim, por não termos, até o momento, uma definição clara sobre a realização de |-taku| e |-tsaku|, deixamos para trabalhos futuros uma melhor investigação para decidir se há um ou dois sufixos coletivizadores. Por enquanto, limitamo-nos na descrição das ocorrências encontradas.

Nos nomes que referenciam seres animados não-humanos há dois sufixos coletivizadores: {-tupa} ‘COL’ e {-pɨhɨ} ‘COL’, que distinguem-se quanto ao seu conteúdo semântico.

O sufixo {-tupa} é utilizado para referenciar um conjunto de seres, independentemente se tais seres formam um ‘grupo’ ou, como dizem os wauja, se tais seres formam uma ‘aldeia’. Já o sufixo {-pɨhɨ} é mais específico e ocorre apenas com seres que se reúnem em ‘grupo’, podendo ou não ter uma indicação de lugar. Assim, há nomes que podem apresentar os dois sufixos, como nos exemplos a seguir:

(101)	(a)	/iki'tʃunu-'**tupa**/ abelha- COL	[iki˛tʃũnu'**tupa**]	‘conjunto de abelhas’
	(b)	/iki'tʃunu-'**pɨhɨ**/ abelha- COL	[iki˛tʃũnu'**pɨhɨ**]	‘conjunto de abelhas (dentro de uma colméia)’
(102)	(a)	/ju'ta-'**tupa**/ veado-COL	[˛juta'**tupa**]	‘conjunto de veados’
	(b)	/ju'ta-'**pɨhɨ**/ veado-COL	[˛juta'**pɨhɨ**]	‘conjunto de veados (onde costumam ser encontrados)’
(103)	(a)	/'teme-'**tupa**/ anta-COL	[˛tẽme'**tupa**]	‘conjunto de antas’
	(b)	/'teme-'**pɨhɨ**/ anta-COL	[˛tẽme'**pɨhɨ**]	‘conjunto de antas (onde costumam ser encontradas)’
(104)	(a)	/e'wez˛e-'**tupa**/ ariranha-COL	[e˛wez˛e'**tupa**]	‘conjunto de ariranhas’
	(b)	/e'wez˛e-'**pɨhɨ**/ ariranha-COL	[e˛wez˛e'**pɨhɨ**]	‘conjunto de ariranhas (onde costu-’ mam ser encontradas)’
(105)	(a)	/'ui-'**tupa**/ cobra-COL	[˛ui'**tupa**]	‘conjunto de cobras’
	(b)	/'ui-'**pɨhɨ**/ cobra-COL	[˛ui'**pɨhɨ**][92]	‘conjunto de cobras (onde costumam ser encontradas durante a reprodução’

Diferentemente dos exemplos apresentados anteriormente, há alguns nomes que não aceitam nenhum dos dois sufixos como, por exemplo, em (110). A ave ‘jacu’, segundo os wauja, não vive em grupos e, dificilmente, haja uma ocasião em que sejam contados como um conjunto. Caso uma situação fosse necessária, provavelmente utilizaria o sufixo {-tupa}, porém os falantes afirmam que não existem tais formas.

(106)	(a)	/kuikui/	[kui'kui]	‘jacu’
	(b)	*/kui'**k**ui-'**tupa**/ jacu-COL	[kui˛kui'**tupa**]	‘conjunto de jacus’

[91] É importante mencionar que quando perguntamos aos colaboradores se existe a palavra [ulei'tsaku], eles respondem afirmativamente que “sim” e que significa “a planta da mandioca”, constituída do tronco e folhas, sem as raízes.

[92] Quando alguém diz ter visto um “grupo de cobras”, dizem tratar-se de um sinal de morte de algum parente.

(c) */kui'**k**ui-'**pɨhɨ**/ [kui˩kui'**pɨhɨ**] ‘conjunto de jacus’
jacu-COL

Para referir-se a um conjunto de seres animados e humanos, observou-se a ocorrência do sufixo {-nauN} ‘COL’, utilizado tanto para indicar o conjunto de nomes do gênero feminino quanto masculino. Este sufixo apresenta os alomorfes |-new| e |jãw|, condicionados pelo ambiente em que ocorrem. O primeiro ocorre sempre após sílabas com vogal anterior média alta /e/ e o segundo ocorre sempre após sílabas com vogal anterior alta /i/. Exemplos:

(107) (a) [ja˩muku'**nãw**]
/ja'muku-'nawN/
criança-COL
‘crianças ou um grupo de crianças’

(b) [ija'kapa-'**nãw**]
/ija˩kapa-'nawN/
pajé-COL
‘pajés ou um grupo de pajés’

(c) [amu˩nau'**nãw**]
/amu'nau-'nawN/
cacique-COL
‘caciques ou um grupo de caciques’

(d) [jamuku˩tɨpa'**nãw**]
/jamuku'tɨpa-'nawN/
criança-velho-COL
‘jovens ou um grupo de jovens’

(e) [autupaz̥i˩mɨna'**nãu**]
/autupaz̥i'mɨna-'nauN/
ancião-COL
‘anciãos ou um grupo de anciãos’

(f) [jamu˩kulu'**nãu**]
/jamu˩ku-lu-'nawN/
criança-FEM-COL
‘meninas que sairam da reclusão ou um grupo de meninas que saíram da reclusão’

(f) [itʃane-we˩ke-ne'**new**]
/itʃane-we'ke-ne-'nawN/
Feiticeiro-AUM-PONTUAL-COL
‘feiticeiros ou um grupo de feiticeiros’

(h) [a˩ɾipi'**jãw**]
/a'ɾipi-'nawN/
anciã-COL
‘anciãs ou um grupo de anciãs’

Em suma, no que se refere à marcação de número em wauja, os nomes não apresentam marcas morfológicas de singular, dual ou plural. Entretanto, para quantificar os elementos, a língua faz uso de numerais, expressões numéricas, palavras quantificadoras e, morfologicamente, coletivizadores sufixados aos nomes.

A seguir, apresenta-se um quadro com os sufixos coletivizadores em wauja:

<table>
<tr><th colspan="4">COLETIVIZADORES</th></tr>
<tr><td colspan="2">Inanimados</td><td>{-taku}
{-tsaku}</td><td>‘plantação/conjunto de...’</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Animados</td><td rowspan="2">Não-humanos</td><td>{-pahɨ}</td><td>‘conjunto de animais’</td></tr>
<tr><td>{-tupa}</td><td>‘conjunto de animais, localizados em um determinado lugar’</td></tr>
<tr><td>Humanos</td><td>{-nãw}</td><td>‘grupo de...’</td></tr>
</table>

Quadro 32: Coletivizadores em wauja

A partir do quadro de resumo, portanto, podemos concluir que os coletivizadores em wauja são sufixos que, ligados aos nomes, são responsáveis pela marcação de número na língua. Os sufixos {-taku} e {-tsaku} ocorrem com nomes de seres inanimados; {-pahɨ} e {-tupa} ocorrem com seres animados e não-humanos e o sufixo {-nãw} ocorre com os seres animados e humanos.

Em trabalhos futuros pode-se aprofundar a discussão a respeito do número na língua wauja, principalmente em relação à ocorrência dos sufixos {-taku} e {-tsaku}, pois, a princípio, apresenta duas possibilidades de interpretação: semântica ou fonológica. Neste trabalho, limitamo-nos à descrição das ocorrências encontradas.

5.1.1.1.4 Avaliativos

Atualmente, o termo “grau” tem sido substituído por “marcador morfológico” ou “avaliativo” (BAUER, 1997), porque apresenta um comportamento distinto do restante dos sufixos de uma língua, uma vez que nunca altera a categoria gramatical da palavra, mas apenas a informação semântica.

Segundo Rocha (1998), os sufixos avaliativos (ou graduais) podem ser: (i) *subjetivos*, quando expressam a subjetividade do falante e não a afetividade em relação a um determinado referente; (ii) *valorativos*, quando possuem a finalidade de manifestar um julgamento de valor

em relação a um dado referente (positivo ou negativo); (iii) *dimensionais*, quando expressam a noção de aumento ou diminuição de certo referente.

Em wauja, apenas os avaliativos dimensionais foram descritos, em virtude da limitação do tempo dedicado à obtenção de dados e análise. Assim, nessa língua, pode-se verificar a formação de nomes que expressam a noção de aumento ou diminuição do referente por meio de palavras adjetivas ou sufixos.

Por questões expositivas, aborda-se, primeiramente, a noção de aumento e, posteriormente, a noção de diminuição atribuída aos nomes que referenciam seres animados (humanos e não-humanos) e inanimados.

Nas construções nominais, a noção de *aumento* é expressa por meio da palavra adjetiva ['we:ke] /'weeke/ ‘grande’ tanto para os seres animados (humanos e não-humanos) quanto inanimados. Exemplos:

(108) (a) [Masa'salu '**we:ke**]
/Masa'salu 'weeke/
Masa'salu grande
‘A Massassalu é grande/alta’

(b) [te'nezu e'pehe ku'patɨ '**we:ke**]
/te'nezu e'pehe ku'patɨ 'weeke/
mulher assar peixe grande
‘A mulher assou um peixe grande’

(c) ['tɨpa '**we:ke**]
/'tɨpa 'weeke/
pedra grande
‘A pedra é grande’

A palavra adjetiva ['we:ke] /'weeke/ ‘grande’ pode ocorrer com o sufixo {-paj} ‘IMPF’ ou seu alomorfe |-pej|, como em (109):

(109) [sɨ'kutɨ ' **we:kepej** ara'ci 'ɨutsa]
/sɨ'kutɨ 'we:ke-'paj ara'ci 'ɨutsa/
Sɨkutɨ grande-IMPF Araci REL
‘A Sɨkutɨ é maior que a Araci’

Diferentemente da noção de aumento, que utiliza uma palavra adjetiva, a noção de *diminuição* se constrói com o acréscimo do sufixo {-tãj} ‘DIM’. Este sufixo pode sofrer processo de harmonização vocálica, ocorrendo como |-tẽj| diante de palavras terminadas por vogal anterior média alta [e]. Ou, então, sofrer processo de africação quando ocorre diante de

palavras terminadas por vogal anterior alta [i], realizando-se como |-tsãj|. Assim, |-tãj|, |-tẽj| e |-tsãj| são alomorfes do morfema {-tãj} ‘DIM’. Para expressar a noção de diminuição em seres animados humanos, a língua acrescenta esse sufixo diretamente ao adjetivo e não ao nome[93]. Exemplos:

(110) (a) [aˈtsule tepeˈ**tẽj**]
/aˈtsule tepe-ˈtaiN/
Atsule gorda-DIM
‘Atsule é gordinha’

(c) [aɾapaˈwa napɨˈ**tãj**]
/Aɾapaˈwa ˈnapɨ-taiN/
Arapawá magro-DIM
‘Arapawá é magrinho’

Para expressar a noção de *diminuição* em seres inanimados também utiliza-se o sufixo {-tãj} ‘DIM’ e seus alomorfes, ligados diretamente aos nomes. Exemplos:

(111) (a) [ˌtɨpaˈ**tãj**]
/ˈtɨpa-**taiN**/ ‘pedra pequena/pedrinha’
pedra-DIM

(b) [seˌpiˈ**tsãj**]
/sepi-**taiN**/ ‘banco pequeno/banquinho’
banco-DIM

Em seres animados não-humanos, o sufixo {-tãj} e seus alomorfes são utilizados para referenciar ‘filhote de...’. Exemplos:

(112) (a) [ˌtemeˈ**tẽj**]
/ˈteme-**taiN**/ ‘filhote de anta’
anta-DIM

(b) [januˌmakaˈ**tãj**]
/januˈmaka-**taiN**/ ‘filhote de onça-pintada’
onça.pintada-DIM

Nesses casos, para expressar a noção de diminuição, a língua wauja utiliza o sufixo após o enfático [ahã] /ahaN/ ‘ENF’, formando a expressão [ahãˈtãj] /ahaN-ˈtajN/ ENF-DIM ‘pequeno(a)’. Exemplos:

[93] Embora o sufixo possa ser acrescentado em nomes próprios, como [Aɾutaˈtãj] /aɾuta-ˈtajN/ (Aruta-DIM) ‘Arutazinho’, tal fenômeno ocorreu apenas nesse dado, não sendo recorrente em outros nomes próprios que foram coletados.

(113) (a) [ˌteme ahãˈ**tãj**]
/ˈteme a-ˈhaN-ˈ**taiN**/ ‘A anta é pequena’
Anta VBL-ENF-DIM

(b) [januˈmaka ahãˈ**tãj**]
/januˈmaka a-haN-**taiN**/ ‘A onça-pintada é pequena’
onça-pintada VBL-ENF-DIM

Em suma, conclui-se, por meio da análise dos dados apresentados, que, em wauja, apenas o sufixo {-tãj} faz parte da estrutura morfológica dos nomes, expressando, desse modo, a noção de *diminuição* de seres animados não-humanos e seres inanimados.

5.1.1.1.5 Classificadores

O termo “classificadores”, segundo Aikhenvald (2000, p.1), é utilizado como um “rótulo” para uma grande quantidade de categorizações, pois existem diferentes tipos de classificadores, que podem ser distinguidos pela gramática da língua, condições de uso, significado, tipos de origem, modo de aquisição, e outros.

Os classificadores, em wauja, são encontrados sufixados aos nomes que designam partes do corpo e objetos. Esses classificadores são, em geral, traduzidos como uma característica material, molde ou distribuição.

O sufixo {-Ga} ‘CL.líquido’ ocorre em palavras que referenciam elementos que são considerados líquidos em sua composição física[94]. Esse morfema pode sofrer processo de palatalização e realizar-se como |-ja| diante de palavras terminadas por vogal anterior alta /i/. Logo, |-Ga| e |-ja| são alomorfes do morfema {-Ga}. Exemplos:

(114) {-Ga} ‘CL.líquido’

|-Ga| [ˈuni**Ga**]
/ˈuni-**Ga**/ ‘água’
água-CL.líquido

|-ja| [jalaˈki**ja**]
/jalaˈki-**Ga**/ ‘café’
preto-CL.líquido

|-ja| [aˈkã**jã**]
/akãj-**Ga**/ ‘mingau de pequi’
pequi-CL.líquido

[94] A única exceção encontrada em nossos dados parece ser a palavra /jetuˈlaGa/ ‘bola de futebol’.

O sufixo {-ka} ‘CL.plano’ ocorre em palavras que referenciam objetos que se caracterizam pelo aspecto plano de disposição. Ess e morfema pode sofrer processo de africação e realizar-se como |-tʃa| diante de palavras terminadas por vogal anterior alta /i/. Logo, |-ka| e |-tʃa| são alomorfes do morfema {-ka}. Exemplos:

(115) {-ka} ‘CL.plano’

|-ka|	[aˈta**ka**]	
	/aˈta-**ka**/	‘tábua de madeira’
	madeira-CL.plano	
|-tʃa|	[seˈpi**ʧa**]	
	/seˈpi-**ka**/	‘banco de madeira’
	banco-CL.plano	

O sufixo {-kana} ‘CL.recipiente’ ocorre em palavras que referenciam objetos que possuem uma cavidade interna. Esse morfema pode sofrer processo de africação e realizar-se como |-tʃana| diante de palavras terminadas por vogal anterior alta /i/. Logo, |-kana| e |-tʃana| são alomorfes do morfema {-kana}. Exemplos:

(116) {-kana} ‘CL.recipiente’

|-kana|	[maˌkulaˈ**kãna**]	
	/maˈkula-ˈ**kana**/	‘pote’
	panela-CL.recipiente	
|-tʃana|	[iˌkitsiˈ**ʧãna**]	
	/iˈkitsi-ˈ**kana**/	‘telhado’
	nariz-CL.recipiente	

O sufixo {-taɾi} ‘CL.esférico’ ocorre em palavras que referenciam objetos ou partes do corpo que possuem uma característica redonda ou circular. Esse morfema pode sofrer processo de africação e realizar-se como |-tsaɾi| diante de palavras terminadas por vogal anterior alta /i/. Logo, |-taɾi| e |-tsaɾi| são alomorfes do morfema {-taɾi}. Exemplos:

(117) {-taɾi} ‘CL.esférico’

|-taɾi|	[ˌʧipaˈ**taɾi**]	
	/ˈʧipa-ˈ**taɾi**/	‘pedra’
	pedra- CL.esférico	

[nukaˌwalaˈ**taɾi**]
/nu-kaˈwala-ˈ**taɾi**/ ‘minha barriga’ / meu barrigão
1sg-barriga- CL.esférico

|-tsaɾi| [ataɨˌtaiˈ**tsaɾi**]
/ˈata-ɨˈtai-ˈ**taɾi**/ ‘semente de árvore’
árvore-semente- CL.esférico

O sufixo {-pana} ‘CL.foliforme’ ocorre em palavras que referenciam elementos que possuem o formato de folha. Exemplos:

(118) {-pana} ‘CL.foliforme’

|-pana| [ˌataˈ**pãna**]
/ˈata-ˈ**pana**/ ‘folha/dinheiro’
madeira- CL.foliforme

[maˌzɨˌzɨˈ**pãna**]
/maˈzˌɨzˌɨ-ˈ**pana**/ ‘inhame’
inhame- CL.foliforme

Nessa seção, buscou-se descrever a ocorrência dos sufixos classificadores mais recorrentes em wauja. É importante dizer que trata-se apenas de uma amostra, pois a língua é muito rica e, em trabalhos posteriores, esse assunto poderá ser retomado.

5.1.1.2 Verbos

Esta seção tem por objetivo descrever os verbos da língua wauja. Para tanto, apresenta uma descrição sobre a estrutura morfológica que os compõe.

Os verbos formam uma das partes-do-discurso nas quais ocorrem as palavras que expressam ações, processos, estados ou mudança de estado do sujeito (SCHACHTER; SHOPEN, 1985). Em termos morfológicos, o verbo é a classe que inclui categorias de gênero, pessoa, número, modo, tempo, aspecto, voz e outras. Em relação à sintaxe, os verbos possuem relações com os nomes, tais como: sujeito/predicado; agente/ação; paciente/ação.

De acordo com Schachter e Shopen (2007, p.9):

> In Langacker’s scheme, however, the foregrounding of relations is not a unique property of verbs, since there are certain other parts of speech that can also foreground relations. What is distinctive about verbs, he suggests, is the foregrounding of *temporal* relations (relations that are anchored in time) or of relations concerned with process. Atemporal relations, on the other

> hand, are foregrounded by adpositions, adjectives, and adverbs (as well as by infinitives and participles, which Langacker does not classify as verbs)[95].

Em wauja, o verbo pode funcionar como predicado e pode ser caracterizado como transitivo e intransitivo segundo o número de argumentos que admite. O verbo intransitivo em (121a) requer apenas um argumento (sujeito), enquanto que o transitivo em (121b) necessita de mais de um (sujeito e objeto). Exemplos:

(119)	(a)	[**jãnu**ˈ**maka**	humakaˈpaj]		‘a onça-pintada está dormindo’
		/januˈmaka	hu-amaka-ˈpaj/		
		onça.suj	?- rede-IMPF		
		Arg.1	**Verbo intr.**		
	(b)	[**jãnu**ˈ**maka**	uˈnuka	ˈteme]	‘a onça-pintada matou a anta’
		/januˈmaka	uˈnuka	ˈteme/	
		onça.suj	matar.verb	anta.obj	
		Arg.1	**Verbo tran.**	**Arg.2**	

Os verbos em wauja ocorrem com prefixos e sufixos. Os prefixos são, essencialmente, marcadores pronominais e os sufixos são marcadores de tempo, modo e aspecto. Nas próximas seções, aborda-se a estrutura morfológica dos verbos.

5.1.1.2.1 Prefixos pronominais nos verbos

Como mencionado anteriormente, na seção “4.1.1.1.1 Prefixos pronominais na marcação de posse”, os prefixos pronominais são formas reduzidas dos pronomes pessoais. Enquanto nos nomes esses prefixos marcam o caso genitivo, nos verbos expressam as pessoas do discurso. Além disso, esses marcadores passam pelos mesmos processos morfofonológicos de palatalização e africação já descritos anteriormente.

O prefixo pronominal {nu-} ‘1s’ pode ser considerado como uma forma reduzida do pronome /ˈnatu/ ‘eu’. Este prefixo ocorre como |nu-| em verbos iniciados por consoantes e como |n-| diante de verbos iniciados por vogais e pode sofrer harmonização vocálica, realizando-se como |nɨ-| diante de sílaba com vogal central alta /ɨ/. Exemplos:

[95] “*No esquema de Langacker, no entanto, o primeiro plano das relações não é uma propriedade exclusiva de verbos, já que existem outras partes do discurso que também podem ter relações em primeiro plano. O que é distintivo sobre os verbos, ele sugere, é o primeiro plano das relações temporais (relações que estão ancoradas no tempo) ou relações envolvidas com o processo. Relações atemporais, por outro lado, são em primeiro plano por adposições, adjetivos, e advérbios (bem como por infinitivos e particípios, que Langacker não classifica como verbos)*”. (tradução nossa)

(120) {nu-} ‘1s’

|nu-|	/**nu**-kuˈlepe-pei/ 1s-sujo-IMPF	[**nu**ˌkulepeˈpej]	‘eu estou sujo’
|n-|	/**nu**-awɨzɨ-pai/ 1s-bom-IMPF	[**n**aˌwɨzɨˈpaj]	‘eu sou bom’
|nɨ-|	/**nu**-mɨzɨa-pai/ 1s-medo-IMPF	[**nɨ**ˌmɨzɨaˈpaj]	‘eu tenho medo’

O prefixo pronominal {pi-} ‘2s’ pode ser considerado como uma forma reduzida do pronome /ˈpitsu/ ‘você’. Este prefixo ocorre como |pi-| em verbos iniciados por consoantes e como |p-| diante de verbos iniciados por vogais e pode sofrer harmonização vocálica, realizando como |pɨ-| diante de sílaba com vogal central alta /ɨ/. Exemplos:

(121) {pi-} ‘2s’

|pi-|	/**pi**-kuˈlepe-pei/ 2s-sujo-IMPF	[**pi**ˌtʃulepeˈpej]	‘você está sujo(a)’
|p-|	/**pi**-awɨzɨ-pai/ 2s-bom-IMPF	[**p**aˌwɨzɨˈpaj]	‘você é bom(a)’
|pɨ-|	/**pi**-mɨzɨa-pai/ 2s-medo-IMPF	[**pɨ**ˌmɨzɨaˈpaj]	‘você tem medo’

O prefixo pronominal {j-} expressa a ‘2p’. Postula-se que esse sufixo seja uma forma reduzida do pronome /ˈjitsu/ ‘2p’. O prefixo pronominal {j-} realiza-se como |j-| diante de verbos iniciados por vogais; como |je-| diante de verbos iniciados por consoante /k/; como |jɨ-| diante de sílabas com vogal central alta /i/ e como |ju-| diante de sílabas com vogal posterior alta /u/[96]. Exemplos:

(122) {j-} ‘2p’

|j-|	/**j**-awɨzɨ-pai/ 2p-bom-IMPF	[**j**aˌwɨzɨˈpaj]	‘vocês são bons(as)’
	/**j**-aNtaˈnɨ/ 2p-puxar	[**j**ãteˈnɨ]	‘vocês puxam’
|je-|	/**je**-kuˈlepe-pei/ 2p-sujo-IMPF	[**je**ˌtʃulepeˈpej]	‘vocês estão sujos(as)’

[96] A alomorfia é condicionada por harmonização vocálica.

|jɨ-|	/**ji**-mɨzᵻa-pai/ 2p-medo-IMPF	[**ji**mɨzᵻaˈpai]	‘vocês têm medo’
|ju-|	/**ju**-huᵼkuteˈpenɨ/ 2p-lavar	[ᵼ**ju**hukuteˈpenɨ]	‘vocês lavam’

O prefixo pronominal {aj-} pode ser considerado uma forma reduzida do pronome /ˈaitsu/ ‘1p’. Esse prefixo possui diversos alofones: |aj-| diante de verbos iniciados por consoantes; |aw-| diante de verbos iniciados por vogal central baixa /a/; |ew-| diante de verbos iniciados por vogal anterior baixa /e/; |aɨ-| diante de verbos iniciados com sílabas com vogal central baixa /ɨ/. Exemplos:

(123) {aj-} ‘1p’

|aj-|	/**aj**-kuˈlepe-pei/ 1p-sujo-IMPF	[**aj**ᵼtʃulepeˈpej]	‘nós estamos sujos(as)’
|aw-|	/**aj**-awɨzᵻɨ-pai/ 1p-bom-IMPF	[**aw**aᵼwɨzᵻɨˈpaj]	‘nós somos bons/boas’
|ew-|	/**aj**-etsuna-ˈtai/ 1p-andar-IMPF	[**ew**eᵼtsunaˈtaj]	‘nós andamos’
|aɨ-|	/**aj**-mɨˈhɨzᵻa-ˈpai/ 1p-vermelho-IMPF	[**aɨ**ᵼmɨhɨzᵻaˈpaj]	‘nós estamos vermelhos’

Em sintagmas com o preenchimento da posição de sujeito, os pronomes pessoais codificam as categorias de pessoa e número, que, concomitantemente, ocorrem de forma reduzida prefixados ao verbo. Ao que tudo indica, parece que o preenchimento da posição de sujeito é um elemento opcional, caracterizado por indicar ênfase. Exemplos:

(124) (a) /ˈnatu **nu**-kuˈlepe-ˈpaj/ [ˈnatu **nu**ᵼkulepeˈpej] ‘Eu estou sujo(a)’
1s 1s-sujo-IMP

(b) /ˈpitsu **pi**-kuˈlepe-ˈpaj/ [ˈpitsu **pi**ᵼtʃulepeˈpej] ‘Você está sujo(a)’
2s 2s-sujo-IMP

(c) /zᵻaˈhã **ø**-kuˈlepe-ˈpaj/ [zᵻaˈhã ᵼkulepeˈpej] ‘Ele(a) está sujo(a)’
3s-ENF 3s-sujo-IMPF

(d) /ˈajtsu **aj**-kuˈlepe-ˈpaj/ [ˈajtsu **aj**ᵼtʃulepeˈpej] ‘Estamos sujos(as)’
1p 1p-sujo-IMPF

(e) /ˈjitsu **ji**-kuˈlepe-ˈpaj/ [ˈjitsu **je**ᵼtʃulepeˈpej] ‘Vocês estão sujos(as)’
2p 2p-VL-sujo-IMPF

(f) /nala-ˈhã ɸ-kuˈlepe-ˈpaj/ [nalaˈhã ˌkulepeˈpej] ‘Eles(as) estão sujos(as)’
3p-ENF 3p-sujo-IMPF

Ao analisar esses exemplos, pode-se notar que o wauja possui seis pronomes pessoais: /ˈnatu/ ‘1s’, /ˈpitsu/ ‘2s’, /ˈzɻa/ ‘3s’, /ˈajtsu/ ‘1p’, /ˈjitsu/ ‘2p’, /ˈnala/ ‘3p’ e, ainda, cinco prefixos pronominais ligados ao verbo, são eles: {nu-} ‘1s’, {pi-} ‘2s’, {ɸ} ‘3’, {aj} ‘1p’ e {j} ‘2p’.

Pode-se observar, ainda, que a expressão [ˌkulepeˈpej] por si só não é suficiente para expressar a ‘3s’ ou ‘3p’. Assim, é necessário que haja a realização dos pronomes [ˈzɻa] ‘3s’ e [ˈnala] ‘3p’ para não causar ambiguidade, como exemplificado em (124c) e (124f). Entretanto, vale dizer que quando não há esses pronomes plenos, principalmente na narração de histórias, a ambiguidade pode ser desfeita por meio do contexto.

Para sistematizar as ocorrências dos prefixos pronominais nos verbos, elaborou-se o seguinte quadro:

Pronomes pessoais	Prefixos pronominais	Alomorfes
/ˈnatu/ ‘1s’	{nu-}	|nu-|, |n-|, |nɨ-|
/ˈpitsu/ ‘2s’	{pi-}	|pi-|, |p-|, |pɨ-|
/ˈzɻa/ ‘3s’	{ɸ-}	-
/ˈaitsu/ ‘1p’	{aj-}	|aj-|, |a-|, |aw|, |ew-|, |aɨ-|, |i-|
/ˈjitsu/ ‘2p’	{ji-}	|j-|, |je-|, |jɨ-|, |ju-|
/ˈnala/ ‘3p’	ɸ	-

Quadro 33: Prefixos pronominais nos verbos

A partir do quadro, pode-se observar que os prefixos pronominais {nu-}, {pi-}, {aj-} e {ji-} são formas reduzidas dos pronomes pessoais /ˈnatu/, /ˈpitsu/, /ˈajtsu/ e /ˈjitsu/, respectivamente. Por fim, não há formas reduzidas para os pronomes /ˈzɻa/ ‘3s’ e /ˈnala/ ‘3p’, sendo representados por {ɸ-} em oposição aos demais.

Nas próximas seções, apresenta-se uma descrição dos sufixos que ocorrem nos verbos em wauja.

5.1.1.2.2 Tempo

O tempo é uma categoria que se caracteriza pela marcação temporal das ações, processos, estados ou mudanças de estados, sendo representado de acordo com o momento da enunciação. Segundo Jakobson (1957), o tempo pode ser considerado como um elemento dêitico em relação ao acontecimento verbal e o momento em que ele é comunicado.

De acordo com Benveniste (1974 *apud* Fiorin, 2003) o tempo linguístico faz uma ancoragem no tempo cronológico. Assim, o tempo presente coincide com o momento da enunciação, o tempo passado corresponde a um momento anterior e o tempo futuro a um momento posterior ao da enunciação.

Comrie (1985, p.7) tem se dedicado à descrição do tempo linguístico, analisando diversas línguas naturais. Para o autor:

> The idea of locating situations in time is a purely conceptual notion, and is as such potentially independent of the range of distinctions made in any particular language. It does, however, seem to be the case that all human languages have ways of locating in time. They differ from one another, however, on two parameters. The first, and overall less interesting for our present purpose, is the degree of accuracy of temporal location that is achievable in different languages. The second, and more important, is the way in which situations are located in time, in particular the relative weight assigned to the lexicon and to the grammar in establishing location in time[97].

Nesta seção serão abordados alguns aspectos referentes ao tempo linguístico em wauja, com base nos dados que foram coletados durante a pesquisa.

Em wauja, o tempo pode ser expresso por meio de advérbios temporais (cf. seção "4.1.1.3 Advérbios") e sufixos que exprimem noção temporal.

O tempo em wauja, em relação ao momento de enunciação, pode ser subdividido em: presente, passado e futuro.

Embora no presente não ocorram marcas morfológicas de tempo, sendo representado por {ø} quando necessário, em wauja há o uso do aspecto imperfectivo (Cf. seção "4.1.1.3 Aspecto"). Nas palavras de Comrie (1976, p.66): "Since the present tense is essentially used to describe, rather than to narrate, it is essentially imperfective, either continuous or habitual, and not perfective"[98].

O tempo passado, por outro lado, é marcado na língua por meio do sufixo{-wɨ} 'PASS'. Esse sufixo é utilizado para indicar que o momento é anterior à enunciação e/ou que algo já

[97] "*A idéia de localizar as situações no tempo é uma noção puramente conceitual e é, como tal, potencialmente independente da gama de distinções feita em qualquer língua particular. No entanto, parece que todas as línguas humanas têm maneiras de se localizar no tempo. Elas diferem uma da outra, no entanto, em dois parâmetros. O primeiro e, em geral, menos interessante para o nosso presente objetivo, é o grau de precisão da localização temporal que é possível em diferentes línguas. A segunda, e mais importante, é a forma em que estão localizadas as situações no tempo, em particular o peso relativo atribuído ao léxico e à gramática no estabelecimento de localização no tempo*". (tradução nossa)

[98] "*Uma vez que o tempo presente é essencialmente usado para descrever, em vez de narrar, ele é essencialmente imperfectivo, contínuo ou habitual, e não perfectivo*" (Tradução nossa)

ocorreu. A seguir, apresentam-se alguns exemplos com a realização desse sufixo nos verbos em wauja:

(125) (a) /Sɨˈkutɨ hu-aˈmaka-**wɨ**/
Sɨkutɨ VBL-rede-PASS
‘A Sɨkutɨ dormiu’

(b) /Aɾapaˈwa aˈiNtʃa-**wɨ** kuˈpatɨ/
Arapawá comer-PASS peixe
‘Arapawá comeu o peixe’

(c) /ʐ̩a-ˈhaN uˈnupa-**wɨ** jaˈka/
3s-ENF ver-PASS jacaré
‘Ele viu o jacaré’

A partir dos exemplos apresentados pode-se observar a ocorrência do sufixo {-wɨ} ‘PASS’ no verbo intransitivo /aˈmaka/ ‘dormir (na rede)’ e nos verbos transitivos /aˈiNtʃa/ ‘comer’ e /uˈnupa/ ‘ver’. Até o presente momento, não identificamos nenhum alomorfe para o sufixo {-wɨ} ‘PASS’.

Por sua vez, o tempo futuro é marcado, morfologicamente, na língua por meio do sufixo{-we} ‘FUT’. Esse sufixo é utilizado para indicar que o momento é posterior à enunciação, indicando que algo irá ocorrer. A seguir, apresentam-se alguns exemplos com a realização desse sufixo nos verbos em wauja:

(126) (a) /nu-hu-amaka-**we**/
1s-VBL-dormir-FUT
‘Eu dormirei’

(b) /n-eˈpehe-**we** hɨtaj/
1s-assar-FUT carne
‘Eu assarei a carne’

(c) /ˈn-ijaN n-a-ˈwajNtsu-ta-**we** pajN/
1s-ir 1s-VBL-vassoura-VBL-FUT casa
‘Eu varrerei a casa’

A partir dos exemplos expostos, pode-se afirmar que o sufixo {-we} ocorreu com o verbo intransitivo /aˈmaka/ ‘dormir(na rede)’ e com os verbos transitivos /eˈpehe/ ‘assar’ e /wajNtsu/ ‘varrer (com vassoura)’. Em nosso *corpus* de dados, não foi encontrado nenhum alomorfe para esse sufixo.

Assim, para concluir, pode-se dizer que em wauja há dois sufixos que indicam tempo, são eles: {-wɨ} ‘PASS’ e {-we} ‘FUT’, que fazem referência ao ‘passado’ e ‘futuro’, respectivamente.

5.1.1.2.3 Aspecto

O aspecto gramatical é uma categoria que está intimamente relacionada com o tempo. Enquanto o tempo linguístico situa-se no tempo cronológico, o aspecto se caracteriza pelo tempo de constituição, em outras palavras, se caracteriza pela duração temporal das ações, estados e mudanças de estado.

De acordo com Comrie (1981, p.3) a categoria de aspecto refere-se às diferentes maneiras pelas quais pode-se ver a constituição temporal interna de uma situação. A classificação mais geral dos aspectos é justamente a subdivisão em acontecimentos “já encerrados” e “ainda não encerrados”, classicamente chamados de ‘perfectivos’ e ‘imperfectivos’, repectivamente.

A distinção inicial, proposta por Comrie (1976), e definida nos termos de Filip (1993 *apud* Borik, 2002, pp.80-81) é a seguinte: “[…] Perfective presents a situation as a single whole” e “Imperfective allows for the denoted situation not to be viewed in its entirety”[99].

Em wauja, foram identificados dois sufixos aspectuais, são eles: o perfectivo {-wiu} ‘PERF’ e o imperfectivo {-paj} ‘IMPF’.

O sufixo perfectivo {-wiu} ‘PERF’ é utilizado para indicar algo que aconteceu e que, também, já foi encerrado em algum tempo, pode ser a algumas horas atrás ou, até mesmo, ontem. Exemplos:

(127) (a) /zˌa-haN kutɨ-**wiu**/
/3s-ENF acordar-PERF/
‘Ele acordou’

(b) /Aɾapa'wa a'iNtʃa-**wiu** ku'patɨ/
Arapawá comer-PERF peixe
‘Arapawá comeu o peixe (e já parou)’

(c) /ka'ta 'ata-ɨ-'taj a'jtsa a'wɨʒɨ-**wiu**/
DEM árvore-3-fruto NEG bom-PERF
‘Essa fruta estragou/está estragada/não está boa’

(d) /se'kuN-ja ka'ka-wa kene-'kej
Adv(TEMP=antigamente)-? existir-DISTR bravo-?

[99] “O perfectivo apresenta uma situação como um todo” e “o imperfectivo permite que a situação denotada não seja vista em sua totalidade” (tradução nossa).

ˈijawN-ˈnaw-paj-**wiu** ˈɨʐɨ-ˈpaj ˈajtsa-**wiu**/
pessoa-COL-IMPF-PERF Adv(TEMP=hoje) NEG-PERF
‘Há muito tempo existia o povo bravo, mas hoje não tem mais’

O sufixo {-wiu} ‘PERF’, como se pode observar a partir dos exemplos, ocorreu com o verbo intransitivo /ˈkutɨ/ ‘acordar’ (127a), transitivo /aiNtʃa/ ‘comer’ (127b), adjetivo /awɨʐɨ/ ‘bom’ (127c), nome /jawN-naw/ ‘povo’ (127d) e negativo /ajtsa/ ‘NEG’ (127d).

Vale dizer ainda que o sufixo {-wiu} pode realizar-se, foneticamente, como |-wiu| ou |-jiu|. O alomorfe |-wiu| ocorre com a maioria das palavras da língua wauja, porém o alomorfe |-jiu| possui uma distribuição mais restrita, ocorrendo somente após palavras terminadas por vogal anterior alta /i/. Exemplos:

(128) (a) [maˈma ˈwɨka awˈtsajN-ˈ**jiu**]
/maˈma ˈwɨka awˈtsajaN-ˈ**wiu**/
mãe assar.beiju ADV(TEMP=hoje)
‘A minha mãe assou beiju hoje’

(b) [jãuˈnaw ˈaj p-iˌjetepeˈ**jiu**]
/jauNˈ-naw ˈaj p-iˌjete-paj-ˈ**wiu**/
pessoa-COL ? 2s-irritar-IMPF-PERF
‘As pessoas estão irritando você’

O sufixo imperfectivo {-pai} ‘IMPF’ faz referência a uma ação, processo ou estado que ainda encontra-se em curso, ou seja, inacabado. Esse sufixo indica que a ação tanto pode ser “durativa” quanto “pontual”, sendo a ausência deste sufixo representada por {ɸ}, que expressa o término da ação. Exemplos:

(129) (a) /Aɾapaˈwa aˈiNtʃa-**pai** kuˈpatɨ/
Arapawá comer-IMPF peixe
‘Arapawá está comendo o peixe’

(b) /jaˈka aˈiNtʃa-**ɸ** kuˈpatɨ/
jacaré comer-ɸ peixe
‘Jacaré come peixe’

A partir do dado exposto em (129a) pode-se observar que a ocorrência do sufixo {-paj} ‘IMPF’ dá a sentença um aspecto de duração da ação, que ainda encontra-se em desenvolvimento, ou seja, um aspecto imperfectivo contínuo. Já em (129b), a ausência do sufixo imperfectivo exprime um ato habitual, ou seja, o jacaré é um réptil que possui o hábito

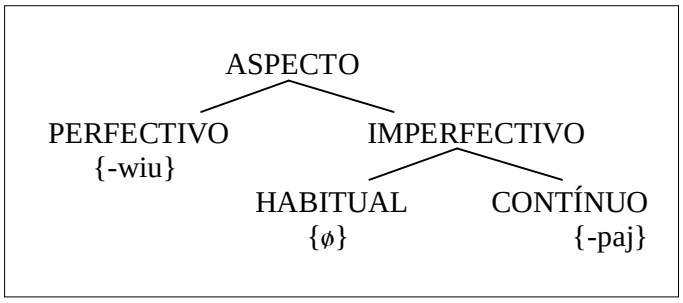
de comer peixe. Logo, o aspecto em (129b) é imperfectivo habitual, porém não há marcação morfológica, sendo representado por {ø}.

Vale dizer que o sufixo {-paj} 'IMPF' ocorre, foneticamente, como |-paj| e |-pej|. O alomorfe |-paj| ocorre com a maioria das palavras wauja, porém o alomorfe |-pej| possui uma ocorrência mais restrita, ocorrendo, geralmente, após palavras que terminam por sílabas com a vogal anterior baixa /e/, conforme os exemplos a seguir:

(130) (a) [juˌmekeˈ**pej** nutuˈkakalu]
/juˈmeke-**paj** nu-tuˈkaka-lu/
menstruar-IMPF 1s-irmão-FEM
'A minha irmã está menstruada/menstruando'

(b) [januˈmaka saˈja wekeˈ**pej** pejeteˈ**pej**]
/januˈmaka saˈja wekeˈ**paj** pejeteˈ**pej**/
onça parda grande-IMPF bravo-IMPF
'A onça-parda está grande e brava'

Para finalizar a descrição da ocorrência dos sufixos aspectuais em wauja, elaborou-se o seguinte quadro de resumo:



Quadro 34: Sufixos aspectuais em wauja

A partir do quadro de resumo, pode-se verificar que em wauja há os aspectos perfectivo e imperfectivo, sendo este último dividido em habitual e contínuo. O aspecto perfectivo é marcado com o sufixo {-wiu} 'PERF', o aspecto imperfectivo contínuo é marcado com o sufixo {-paj} 'IMPF' e o aspecto imperfectivo habitual não apresenta marca morfológica, sendo representado por {ø}.

5.1.1.3 Adjetivos

A determinação da classe dos adjetivos envolve certa complexidade. Enquanto todas as línguas parecem distinguir as classes "substantivos" e "verbos", apenas algumas línguas distinguem uma terceira classe de "adjetivos". Segundo Schachter e Shopen (2007, p.13):

> The traditional notional definition of adjectives identifies them as the class of words denoting qualities or attributes. This definition has some well-known shortcomings (see, for example, the discussions in Jespersen (1924)) and Lyons (1977), but no obviously better notional definition has been proposed. As a result, even in notionally based grammars, adjectives have usually been defined at least in part in functional terms, as words which modify nouns. Among the words which modify nouns, a distinction is sometimes made between *limiting adjectives* and *descriptive adjectives.*[100]

Em uma perspectiva tipológica, segundo Hofherr (2010, p.1) é crucial ter critérios que nos permitam distinguir substantivos e adjetivos, bem como diferentes tipos de adjetivos. Segundo Hofherr (2010), uma pesquisa mais recente sobre adjetivos tem defendido a ideia de que essa classe pode ser identificada em todas as línguas. Porém, como uma categoria lexical distinta de substantivos e verbos. Os critérios são baseados em Baker (2003) e Dixon (2004):

> i. Adjectives allow direct modification of nouns (Baker 2003:252–6, Dixon 2004:19–20);
> ii. Adjectives differ from other predicates in the comparative construction (Dixon 2004:11,21);
> iii. Adjectives do not have their own gender, they agree in gender with the modified noun (Baker 2003:247, Dixon 2004:23);
> iv. Adjectives can appear without a preposition in resultative predications (Baker 2003:219-30).[101]

Em wauja, a partir dos dados coletados, realizou-se uma análise preliminar, buscando descrever a realização dos adjetivos nessa língua. Assim, apresenta-se uma análise que pôde verificar que o comportamento dos adjetivos é, de certa forma, variado.

É importante dizer que, até o presente momento da pesquisa, não se pode detectar uma fronteira clara entre "nomes *vs* adjetivos" e "verbos *vs* adjetivos". O que ocorre na língua

---

[100] *"A definição nocional tradicional de adjetivos os identifica como a classe de palavras que denotam qualidades ou atributos. Esta definição tem algumas deficiências bem conhecidas (ver, por exemplo, as discussões em Jespersen (1924) e Lyons (1977)), mas nenhuma definição, obviamente, melhor nocional foi proposta. Como resultado, baseado nocionalmente nas gramáticas, adjetivos têm sido geralmente definidos, pelo menos em parte, em termos funcionais, como as palavras que modificam os substantivos. Entre as palavras que modificam os substantivos, uma distinção é, às vezes, feita entre 'adjetivos limitados' e 'adjetivos descritivos'"* (Tradução nossa).

[101] "(*i) Adjetivos permitem a modificação direta dos substantivos; (ii) Adjetivos diferem de outros predicados na construção comparativa; (iii) Adjetivos não têm seu próprio gênero, eles concordam em gênero com o*

wauja é um compartilhamento de características nominais e verbais para a realização dos adjetivos, como veremos a seguir.

Existem apenas dois tipos de sufixos que ocorrem com os nomes, mas não com os adjetivos, são eles: coletivizadores e avaliativos (Ver seção “4.1.1.1 Nomes”). Por outro lado, nomes e adjetivos apresentam, igualmente, prefixos pronominais, sufixos classificadores e de gênero feminino.

Os prefixos pronominais possuem a característica básica de indicar a posse quando são afixados aos nomes, porém, nos adjetivos indicam a pessoa. A seguir, apresentam-se alguns exemplos com o nome /ˈitsa/ “canoa” e os adjetivos /aˈwɨzɻɨ/ ‘bom’ e /mɨˈhɨzɻa/ ‘vermelho’:

(131) (a) /**n**-ˈitsa pisaˈha-wɨ/
1s-canoa afundar-PASS
‘Minha canoa afundou’

(b) /**p**-ˈitsa pisaˈha-wɨ/
2s-canoa afundar-PASS
‘Sua canoa afundou’

(c) /**n**-aˈwɨzɻɨ-ˈpaj/
1s-bom-IMPF
‘Eu som bom’

(d) /**pi**-mɨˈhɨzɻa-ˈpaj/
2s-vermelho-IMPF
‘Você está vermelho(a)’

Pode-se observar em (131a) e (131b) a ocorrência dos prefixos pronominais |n-| ‘1s’ e |p-| ‘2s’, que são alomorfes de {nu-} e {pi-}, respectivamente. Semelhante a esses, os dados em (131c) e (131d) também apresentam os mesmos prefixos. Assim, pode-se postular que tanto em nomes quanto em adjetivos há a presença de prefixos pronominais. Entretanto, vale reassaltar que em nomes os prefixos indicam posse (do elemento) e em adjetivos indicam a pessoa do discurso.

Os sufixos classificadores, por sua vez, apresentam as características, geralmente, físicas dos elementos aos quais estão afixados. Pode-se notar que em nomes e adjetivos os sufixos classificadores ocorrem de maneira semelhante. Para exemplificar, apresentam-se os sufixos {-ɢa} ‘CL.líquido’ e {-taɾi} ‘CL.esférico’, que ocorrem em nomes e adjetivos:

(132) (a) /n-ˈaiNtʃa-ˈpaj ai-ˈja-**ɢa**/

substantivo modificado; (iv) Os adjetivos podem aparecer sem preposição em predicações resultativas” (Tradução nossa).

1s-comer-IMPF pimenta-caldo-CL.líquido
‘Eu estou comendo caldo de pimenta’

(b) /nu-kaˈwala-ˈ**tari** kau-ˈpaj/
1sg-barriga- CL.esférico dor-IMPF
‘Minha barriga está doendo’

(c) /kuˈla-**ga**-ˈpaj ˈtiwi/
molhado-CL. líquido-IMPF cabelo
‘O cabelo está molhado’

(d) /ˈkamɨ ˈpaka-ka-ˈ**tari**/
sol redondo- CL.plano- CL.esférico
‘O sol é redondo’

Pode-se observar em (132a) e (132b) a ocorrência dos sufixos classificadores {-ga} e {-tari} caracterizando os nomes /ˈai/ ‘pimenta’ e /kaˈwala/ ‘barriga’, respectivamente. De maneira semelhante ocorre aos adjetivos, exemplificados em (132c) e (132d), nos quais os mesmos classificadores caracterizam os adjetivos /ˈkula/ ‘molhado’ e /ˈpaka/ ‘redondo’. Portanto, pode-se postular que a ocorrência dos sufixos classificadores é semelhante em nomes e adjetivos.

Em relação ao sufixo de gênero feminino {-lu} ‘FEM’, este ocorre em dois grupos de nomes: termos de parentesco e nomes próprios. E, ainda, nos adjetivos. Para exemplificar, apresentam-se, a seguir, os nomes que indicam termos de parentesco /iˈtsupa-lu/ ‘filha’ e /tukaˈka-lu/ ‘irmã’ e os nomes próprios ‘Ulepelu’ e ‘Temelu’. Em seguida, apresentam-se os adjetivos /aˈwɨzɨ/ ‘bom’, /mɨˈhɨzɨa/ ‘vermelho’ e /ˈweke/ ‘alto’.

(133) (a) /n-iˈtsupa-**lu** hu-aˈmaka-ˈpaj/
1s-filho-FEM VBL-rede-IMPF
‘Minha filha está dormindo’

(b) /nu-ˈpaj paˈwã nu-tukaˈka-**lu**/
1s-IMPF um 1s-irmão-FEM
‘Eu tenho uma irmã’

(c) /Uˈlepe-**lu** ˈweke-ˈpaj ˈTeme-**lu** ɨutsa/
Ulepelu alto-IMPF Temelu COMP
‘A Ulepelu é mais alta que a Temelu’[102]

(d) /pɨ-mɨˈhɨʒa-**lu**-ˈpaj/
2s-vermelho-FEM-MPF
‘Você está vermelha’

[102] Os nomes próprios podem ocorrer sem o sufixo {-lu} ‘FEM’, para referenciar homens: Ulepe e Teme. Vale dizer que tais palavras são formadas a partir de nomes: /ulepe/ ‘beiju’ e /teme/ ‘anta’.

(e) /aˈwɨzɻɨ-ˈtɨpa-**lu**-ˈpaj teˈnezɻu-tãj nu-tanuˈle-zɻu/
bom-aparência-FEM-IMPF mulher-DIM 1s-sobrinho-FEM
‘A menina bonita é minha sobrinha’

(f) /zɻa-ˈhaN ˈweke-**lu**-ˈpaj/
3s-ENF alto-FEM-IMPF
‘Ela é alta’

Pode-se observar em (133a) e (133b) a presença do sufixo de gênero {-lu} nos nomes que designam termos de parentesco e em (133c) a presença do mesmo sufixo em nomes próprios. Já em (133d), (133e) e (133f) pode-se observar o mesmo sufixo {-lu} ocorrendo nos adjetivos. Vale dizer que o sufixo {-lu} ‘FEM’ ocorreu antes de {-paj} ‘IMPF’. Ou seja, há uma ordem nessa língua, que tende a colocar o sufixo de gênero e, em seguida, o aspecto imperfectivo, na última posição do sintagma nominal.

A partir dos dados apresentados, portanto, as semelhanças entre nomes e adjetivos são bem interessantes, o que nos levaria a considerar os adjetivos como nomes. Entretanto, é necessário observar a relação entre “verbos *vs* adjetivos”, para uma visão mais ampla da realização dos adjetivos.

Em relação aos verbos, estes são caracterizados por apresentarem prefixos pronominais, para marcar a pessoa do discurso, sufixos de tempo e aspecto (Ver seção “5.1.1.2 Verbos”). Ao comparar verbos e adjetivos, podemos notar que há muitas semelhanças, principalmente em relação aos prefixos pronominais, sufixos de tempo e aspecto imperfectivo.

Os prefixos pronominais possuem a característica básica de marcar a pessoa do discurso. Assim como ocorre com os verbos, os adjetivos também apresentam prefixos pronominais. Exemplos:

(134) (a) /**n**-aˈiNtʃa-paj uˈlepe/
1s-comer-impf beiju
‘Eu estou comendo o beiju’

(b) /**n**-eˈjete-ˈpaj/
1s-bravo-IMPF
‘Eu estou bravo’

Como pode-se observar, em (134a) o prefixo pronominal {n-} ‘1s’ está ligado ao verbo /aˈiNtʃa/ ‘comer’, assim como em (134b) em que o mesmo prefixo está ligado ao adjetivo /eˈjete/ ‘bravo’. Em outras palavras, verbos e adjetivos ocorrem com prefixos pronominais.

Por sua vez, o tempo em wauja pode ser dividido em “passado” e “não-passado”, com o uso dos sufixos {-wɨ} ‘PASS’ e {-we} ‘FUT’, respectivamente. Semelhantemente ao que ocorre com os verbos, podemos observar o comportamento dos adjetivos e tais sufixos temporais. Exemplos:

(135) (a) /Wajaku'malu 'aiNtʃa-**wɨ** ku'patɨ/
Wajakumalu comer-PASS peixe
‘Wayakumalu comeu o peixe’

(b) /ʒa-'haN pu'leke-**we** utu'luN/
3s-ENF furar-PASS orelha
‘Ele furará a orelha’

(c) /'ata-'kahɨ i'tʃula-**wɨ**/
árvore-? verde
‘O capim estava/era verde’

(d) /'kata 'ata u'pulu weɾu'ja-**we**/
DEM árvore flor amarelo-FUT
‘Esta flor será amarela’

Ao observar os dados em (135a) e (135b) nota-se que o sufixo {-wɨ} ‘FUT’ e {-we} ‘FUT’ ocorreram nos verbos /a'iNtʃa/ ‘comer’ e /pu'leke/ ‘furar’. Semelhantemente, em (135c) e (135d) pode-se notar a ocorrência dos mesmos sufixos nos adjetivos /i'tʃula/ ‘verde’ e /weɾu'ja/ ‘amarelo’. Ou seja, verbos e adjetivos possuem a característica comum de marcar o tempo verbal por meio dos mesmos sufixos temporais.

Por fim, o imperfectivo é um aspecto gramatical, utilizado, geralmente, para descrever uma situação encarada como inacabada ou em curso. Tais atividades podem ser interpretadas e/ou traduzidas como, por exemplo, em inglês, pelo uso do sufixo *-ing*, ou como em português, pelo uso do sufixo *-ndo*. Em wauja, o imperfectivo é marcado pelo sufixo {-paj} ‘IMPF’, conforme os exemplos a seguir:

(136) (a) /ku'patɨ e'tsuna-'**paj**/
peixe nadar-IMPF
‘O peixe está nadando’

(b) /ni-'tʃetu 'kaw-'**paj**/
1s-joelho doer-IMPF
‘Meu joelho está doendo’

(d) /u'luhɨ-'**pai** 'tiwi/
seco-IMPF cabelo
‘O cabelo está seco/secando’

(e) /ˈmajki weɾuˈja-ˈ**paj**/
milho amarelo-IMPF
'O milho está amarelo/maduro'

Ao observar os exemplos, podemos notar que em (136a) e (136b), o imperfectivo {-paj} ocorre com os verbos /eˈtsuna/ 'nadar' e /ˈkaw/ 'doer'. Já em (136d) e (136e) o mesmo sufixo ocorre com os adjetivos /uˈluhɨ/ 'seco' e /weɾuˈja/ 'amarelo'. Ou seja, verbos e adjetivos ocorrem com o mesmo sufixo imperfectivo.

Após a descrição da ocorrência dos adjetivos, em comparação com nomes e verbos, elaborou-se o seguinte quadro de resumo, onde (+) indica presença e (-) ausência das características observadas:

CARACTERÍSTICAS	NOMES	VERBOS	ADJETIVOS
Prefixos pronominais	+	+	+
Classificadores	+	-	+
Sufixo de gênero	+	-	+
Sufixos avaliativos	+	-	-
Sufixos coletivizadores	+	-	-
Sufixos temporais	-	+	+
Sufixo de aspecto 'IMPF'	-	+	+

Quadro 35: Principais características dos adjetivos

A partir do quadro de resumo, pode-se chegar às seguintes conclusões acerca da realização dos adjetivos em wauja:

> (i) Os adjetivos assemelham-se aos nomes no que diz respeito aos prefixos pronominais, classificadores e sufixo de gênero feminino {-lu};
> (ii) Os adjetivos, diferentemente dos nomes, não apresentam sufixos avaliativos;
> (iii) Os adjetivos assemelham-se aos verbos no que diz respeito a todos os elementos possíveis na estrutura morfológica: prefixos pronominais, sufixos de tempo e aspecto.

Logo, podemos afirmar que os adjetivos em wauja compartilham mais semelhanças com os verbos que com os nomes. Porém, é necessária, ainda, uma análise mais detalhada sobre essa questão para que possamos afirmar se os adjetivos formam ou não uma classe distinta de nomes e verbos. Essa mesma problemática é discutida no trabalho de Chagas (2007), que descreve a língua Apurinã, língua também pertencente à família arawák.

Para finalizar, deixo alguns outros exemplos de adjetivos registrados em nosso *corpus*, para análises posteriores: /tukaˈwaka/ 'úmido'; /iˈjaNta/ 'quente'; /aˈmɨna/ 'frio'; /muNˈtɨ/

‘marrom’; /mu'iN/ ‘brilhante’; /'ɨhɨ/ ‘fétido’; /'puja/ ‘doce’; /ka'hala/ ‘azedo’; /itʃa'maN/ ‘amargo’; /ka'ki/ ‘salgado’, /e'muhu/ ‘cozido/mole’ e /ka'taiN/ ‘grávida’.

5.1.1.4 Advérbios

Na definição funcional de Lyons (1979, pp.342), o advérbio é tratado como modificador de verbos, adjetivos, outros advérbios ou sintagma adverbial. Essa definição é ampliada para caracterizar essa classe de palavras como modificadora também de orações e sintagmas verbais.

Schachter e Shopen (2007, pp.19-20) destacam que o rótulo “advérbio” é muitas vezes aplicado a diferentes conjuntos de palavras em uma língua. A questão levantada pelos autores é saber se há semelhança suficiente entre os vários tipos de advérbios para justificar o seu agrupamento em um classe única. Segundo esses teóricos, a definição funcional mais comum dos advérbios identifica-os como modificadores de verbos, adjetivos ou outros advérbios. Assim:

> The notional range of adverbs varies with the type of constituent modified. Sentence modifiers, for example, commonly express the speaker’s attitude toward the event being spoken of; modifiers of verbs or verb phrases commonly express time, place, direction, manner, etc.; and modifiers of adjectives and adverbs commonly express degree (SHACHTER; SHOPEN, 2007, pp.19-20) [103].

A seguir, alguns exemplos do wauja, que ilustram o emprego de cinco tipos de advérbios, são eles: locativos, temporais, intensificadores, afirmação e negação.

Primeiramente, apresentam-se os advérbios locativos, que denotam o posicionamento do falante em relação ao ser ou evento expresso na sentença. Em outras palavras, indicam o lugar em que se dá o evento expresso pelo verbo. Todos os advérbios locativos encontrados no *corpus* de dados podem receber o sufixo {-pai} ‘IMPF’. Exemplos:

(137) (a) /ke'je **ɨ-'taku**-'paj nee'tsei/
mesa 3s-ADV(LOC=em cima)-IMPF colar
‘O colar está em cima da mesa’

(b) /'kez̩e **ɨ-te'piga**-'paj 'neetsei/
mesa 3s-ADV(LOC =embaixo)-IMPF colar
‘O colar está embaixo da mesa’

[103] “*A série ideal de advérbios varia com o tipo de constituinte modificado. Modificadores de sentenças, por exemplo, comumente expressam a atitude do falante para o evento que está sendo falado; modificadores de verbos ou expressões verbais comumente expressam tempo, lugar, direção, modo, etc; e modificadores de adjetivos e advérbios comumente expressam grau*” (Tradução nossa).

(c) /se'pi **ɨ-ka'nɨ-**wa-'paj 'neetsei/
se'pi 3s-ADV(LOC =ao lado de cá)-DISTR-IMPF colar
'O colar está do lado de cá do banco'

(d) /se'pi **ɨ-ma'na-**wa-'paj 'neetsei/
se'pi 3s-ADV(LOC =do lado de lá)-DISTR-IMPF colar
'O colar está do lado de lá do banco'

(e) /ma'jaku **ɨ-na'ku**-wa-'paj nee'tsei/
cesto 3s-ADV(LOC=dentro)-DISTR-IMPF colar
'O colar está dentro do cesto'

Os advérbios temporais, por sua vez, indicam o posicionamento do falante em relação ao tempo, que pode ser: presente, passado longínquo, passado remoto, futuro (com verbo intransitivo) e fututo (imediato e remoto). Em outras palavras, esses advérbios fazem referência ao tempo em que o evento transcorre. Nos dados, encontrou-se apenas um advérbio temporal com o sufixo {-pai} 'IMPF', [ɨzɨ'paj] /ɨzɨ-'paj/ 'agora', que, por ser a única exceção dos dados, poderia ser considerado como um empréstimo da palavra "hoje" do Português. Porém, não temos mais dados para confirmar tal hipótese.

Os advérbios que fazem referência ao tempo presente são: [ɨzɨ'paj] /ɨzɨ'-paj/ 'agora' e [aũ'tsãjã] /au'tsajN/ 'hoje'. Exemplos:

(138) (a) /**ɨzɨ-**'paj Aɾapa'wa a'iNtʃa ku'patɨ/
ADV(TEMP=hoje) Arapawá comer peixe
'Arapawá comeu o peixe agora'

(b) /**au'tsajN**-ja Aɾapa'wa a'iNtʃa ku'patɨ/
ADV(TEMP=hoje)-? Arapawá comer peixe
'Arapawá comeu peixe hoje'

Por sua vez, os advérbios que fazem referência ao tempo passado são: [ka'paka] /ka'paka/, que significa que o acontecimento ocorreu exatamente há um dia atrás (24 horas atrás/ontem); ['kala ka'paka] /'kala ka'paka/, um composto que utiliza o termo /'kala/ para o qual ainda não temos um significado definido, que significa que o acontecimento ocorreu há alguns dias (2 ou 3 dias atrás); ['kala u'kaka] /'kala # u'kaka/, para se referir a algo que ocorreu há vários dias (uma semana atrás); [se'kũ] /se'kuN/, que se refere a algo que ocorreu há muitos dias (um mês atrás) ou muitos meses (há um ano atrás) ou há muitos anos atrás, em um tempo ancestral. Exemplos:

(139) (a) /Aɾapa'wa 'pitʃa **ka'pa-ka**/
Arapawá chegar ADV(TEMP=ontem)-VBL

‘Arapawá chegou ontem’

(b) /Aɾapa'wa 'pitʃa '**kala ka'pa-ka/**
Arapawá chegar antes ADV(TEMP=ontem)-VBL
‘Arapawá chegou há alguns dias’

(c) /aɾapa'wa 'pitʃa '**kala u'ka-ka/**
Arapawá chegar antes ADV(TEMP=semana)-VBL
‘Arapawá chegou na semana passada’

(d) /Aɾapa'wa 'pitʃa **se'kuN**-ja/
Arapawá chegar ADV(TEMP=antigamente)-?
‘Arapawá chegou no mês passado’

Para se referir ao futuro, a língua utiliza os seguintes advérbios: [misai'ki] /misai'ki/, quando o evento se realizará após um dia (amanhã) e é utilizado com verbos intransitivos; [mi'sajki] /mi'saiki/, quando o evento também se realizará após um dia (amanhã), porém este advérbio ocorre apenas com verbos transitivos; ['tɨzɻa 'wãjtsa] /'tɨzɻa 'waiNtsa/, quando o evento será realizado dentro de 2 a 3 dias ou ainda num futuro mais distante. Exemplos:

(140) (a) /Adriana Reinaldo ija-'pe **misai'ki**-ju/
Adriana Reinaldo ir-? ADV(TEMP=amanhã)-?
‘Adriana e Reinaldo vão embora amanhã’

(b) /Aɾapa'wa aiNtʃa-'we ku'patɨ **misai'ki**-ja/
Arapawá comer-FUT peixe ADV(TEMP=amanhã)-?
‘Arapawá vai comer peixe amanhã’

(c) /Aɾapa'wa aiNtʃa-'we ku'patɨ '**tizɻa='waiNtsa**/
Arapawá comer-FUT peixe ADV(TEMP-FUT)
‘Arapawá vai comer peixe daqui 2/3 dias’

Há, ainda, em wauja, o advérbio temporal [mijã'katɨ] /mijã'katɨ/ ‘sempre’, exemplificado a seguir:

(141) (a) /Wajaku'malu **mijaN'katɨ** umata'paj ma'kula-'taiN/
Wajakumalu ADV(TEMP=sempre)-IMPF fazer-IMPF panela-DIM
‘Wajakumalu sempre faz panelinhas’

(b) /Aɾapa'wa **mijaN'katɨ** ija-'paj ku'patɨ-'taku/
Aɾapa'wa ADV(TEMP=sempre) ir-IMPF pescaria
‘Arapawá sempre vai pescar’

Os advérbios de intensidade podem aumentar ou reduzir o conteúdo semântico de algum elemento da sentença que modificam. Ou seja, esses advérbios podem modificar

verbos (ou sintagmas verbais), adjetivos e outros advérbios. Durante a coleta, pôde-se observar apenas o advérbio de intensidade ['tuwa] ‘quase’, exemplificado em (142), a seguir:

(142) (a) /janu'maka '**tuwa** un'uka 'teme/
onça-pintata ADV(INT=quase) matar anta
‘A onça-pintada quase matou a anta’

(b) /awawluku'mã '**tuwa** u'nuka i'tʃehɨ/
cachorro ADV(INT=quase) matar capivara
‘O cachorro quase matou a capivara’

Os advérbios de afirmação e negação, como na grande parte das línguas do mundo, se referem a respostas polares de enunciados expressos anteriormente. Em wauja, há o advérbio de afirmação ['ẽẽhe] ‘sim’. Exemplos:

(143) (a) /p-a-tu'ku-ta-'paj 'unɨ/
2s-VBL-querer-VBL-IMPF água
‘Você quer água?’

(b) /'**eNhe**/
ADV(AF=sim)
‘Sim’

(c) /'**eNhe** n-a-tu'ku-ta-'pai unɨ/
ADV(AF=sim) 1s-VBL-querer-VBL-IMPF água
‘Sim, eu quero água’

Sobre a negação, há dois advérbios que se aplicam a contextos distintos. Primeiramente, vamos descrever o advérbio ['ajtsa] ‘não’, utilizado em respostas polares, que recebe o sufixo {-ha} ‘enfático’ (ENF). Exemplos:

(144) (a) /p-a-tu'ku-ta-'paj 'unɨ/
2s-VBL-querer-VBL-IMPF água
‘Você quer água?’

(b) /'**ajtsa**-ha/
ADV(NEG=não)-ENF
‘Não’

(c) /'**ajtsa** n-a-tu'ku-ta-'pai unɨ/
ADV(NEG=não) 1s-VBL-querer-VBL-IMPF água
‘Não, eu não quero água’

O advérbio [ajtsa] ‘não’ pode, ainda, ser encontrado com o sufixo temporal {-wɨ} ‘PASS’, que realiza-se foneticamente como [-wa] diante de palavras terminadas por vogal central baixa /a/. E, também, pode ocorrer com o sufixo perfectivo {-wiu} ‘PERF’. Exemplos:

(145) (a) /kama'laz̨ɨ i'tsama pu-nuka-'wɨ wa'lãma/
verdade contar 2s-matar-PASS sucuri
‘É verdade que você matou sucuri?’

(b) /'**ajtsa**-wɨ Kama'la nuka-'wɨ-nɨ/
não-PASS Kamalá matar-PASS-?
‘Não. Foi o Kamalá quem matou’

(146) (a) /'p-ija 'pitsu heta-wɨ ɨz̨ɨ-'paj/
2s-ir 2s pescar-FUT ADV(TEMP=hoje)-IMPF
‘Você vai pescar hoje?’

(b) /'**ajtsa**-'wiu/
não-PERF
‘Não!’

O segundo advérbio de negação é [a'mijã] /a'mijaN/ ‘não’, utilizado em sentenças imperativas. Exemplos:

(147) /a'm-ija 'p-ija-'wiu/
neg?-ir 2s-ir-PERF
‘Você não vai!’

Concluindo esta seção, é importante mencionar que foram abordados apenas os principais advérbios. Este estudo, portanto, dá o primeiro passo para a análise dos advérbios da língua wauja e em estudos futuros essa categoria gramatical deverá ser retomada.

5.1.2 Classes fechadas

Segundo Schacher e Shopen (2007, pp.22-23), “Languages differ more from one another in the closed-class distinctions they recognize than in the open-class distinctions”[104].

Para a descrição das classes fechadas em wauja, levou-se em consideração a estrutura e a função que as palavras desempenham. A partir da análise dos dados, pode-se identificar cinco classes de palavras fechadas: (i) os pronomes; (ii) as formas interrogativas e (iii) os quantificadores.

5.1.2.1 Pronomes

Embora o termo “pronome” seja bastante comum, nos modelos de descrições gramaticais ele é tratado como uma “pro-forma”. Como afirmam Schachter e Shopen (2007), o termo pró-forma cobre várias classes fechadas que possuem palavras que são usadas como substitutivas de classes abertas ou constituintes maiores. De acordo com o autor, o tipo mais comum de pró-forma é o “pronome”, utilizado para substituir um nome ou um sintagma nominal:

> By far the commonest type of pro-form is the *pronoun*, a word used as a substitute for a noun or noun phrase. Various subtypes of pronouns may be distinguished, among them *personal*, *reflexive*, *reciprocal*, *demonstrative*, *indefinite*, and *relative* (SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p.24). [105]

Na classe dos “Nomes”, descrita anteriormente (seção 3.1.1.1), vimos que essas palavras exercem a função de nomear pessoas, animais e objetos. Já a classe dos pronomes tem a função de substituir os “nomes” em um contexto.

Em wauja, os pronomes apresentam grande complexidade de análise, pois estão intimamente relacionados com a morfologia e a fonologia, o que dificulta a sistematização das ocorrências. A partir dos dados coletados e analisados nesta pesquisa, identificam-se os seguintes subtipos de pronomes: pessoais, demonstrativos e interrogativos, descritos nas próximas seções.

5.1.2.1.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais codificam as categorias de pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular e plural), são eles: /ˈnatu/ ‘1s’, /ˈajtsu/ ‘1p’, /ˈpitsu/ ‘2s’, /ˈjitsu/ ‘2p’, /ˈz̩a/ ‘3s’, /ˈnala/ ‘3p’. Exemplos:

(148) (a) /ˈ**natu** **n**-aˈwɨʒɨ-ˈpaj/
1s 1s-bom-IMPF
‘Eu sou bom’

(b) /ˈ**ajtsu** **aj**-aˈwɨʒɨ-ˈpaj/
1p 1p-bom-IMPF
‘Nós somos bons’

---

[104] “*As línguas diferem mais entre si nas distinções de classes fechadas que nas distinções de classes abertas*”. (Tradução nossa)

[105] “*De longe, o tipo mais comum de pro-forma é o pronome, uma palavra usada como um substituto para um nome ou sintagma nominal. Vários subtipos de pronomes podem ser distinguidos, entre eles, pessoal, reflexivo, recíproco, demonstrativo, indefinido e relativo”*. (Tradução nossa)

(c) /'**pitsu** **p**-a'wɨʒɨ-'paj/
2s 2s-bom-IMPF
'Você é bom'

(d) /'**jitsu** **j**-awɨʒɨ-'paj/
2p 2p-bom-IMPF
'Vocês são bons'

(e) /**ʒa**-haN **ø**-a'wɨʒɨ-'paj/
3s-ENF 3s-bom-IMPF
'Ele é bom'

(f) /'**nala**-haN **ø**-awɨʒɨ-paj/
3p-enf 3p-bom-IMPF
'Eles são bons'

A partir desses exemplos pode-se verificar a ocorrência dos pronomes pessoais concomitantemente com os prefixos pronominais ligados aos verbos. Essa dupla marcação pronominal pode ser um indício de marcação enfática, possivelmente.

Outro contexto de realização dos pronomes pessoais são nas perguntas e respostas. A seguir, apresentam-se alguns exemplos:

(149) (a) /**p**-a-tuku-ta-'paj 'unɨ/
2s-VBL-querer-VBL-IMPF água
'Você quer água?'

(b) /e'heN 'natu 'kuta-'paj 'unɨ/
AFIRM 1s querer-IMPF água
'Sim, eu quero água'

(c) /e'heN 'nu-'kuta-'paj 'unɨ/
AFIRM 1s-querer-IMPF água
'Sim, (eu) quero água'

A partir desses exemplos pode-se observar que em (149a) ocorreu o prefixo pronominal '2s' /p-/, em (149b) ocorreu o pronome /'natu/ '1s' e em (149c) ocorreu o prefixo pronominal /nu-/ '1s'. Isso evidencia que, em wauja, pode-se utilizar tanto o pronome quanto o prefixo pronominal em resposta à perguntas. Porém, em perguntas "Qu", há apenas o uso de pronomes e não de prefixos pronominais. Exemplos:

(150) (a) /'katsa 'pitsu/
QU 2s
'Quem é você?'

(b) /Ka'ɾĩ '**natu-'haN**/
Ka'ɾĩ 1s-ENF
'Eu sou o Karin'

Em (150a) pode-se observar a ocorrência do pronome /'pitsu/ '2s' e em (150b) a ocorrência do pronome /'natu/ '1s'. Para indicar a ênfase da resposta, o pronome realizou-se com o sufixo {-haN} 'ENF'.

A seguir, apresentam-se alguns exemplos com o pronome pessoal /'ajtsu/ '1p'.

(151) (a) /**ji**-a-tuku-ta-'paj 'unɨ/
2p-VBL-querer-VBL-IMPF água
'Vocês querem água?'

(b) /e'heN '**ajtsu** 'kuta-'paj 'unɨ/
AFIRM 1p querer-IMPF água
'Sim, nós queremos água'

(c) /e'heN '**aj**-'kuta-'paj 'unɨ/
AFIRM 1p-querer-IMPF água
'Sim, (nós) queremos água'

Semelhantemente ao que ocorre com o pronome pessoal /natu/ '1s', em (151a) ocorreu o prefixo pronominal /ji/ '2p' na pergunta, em (151b) ocorreu o pronome pessoal /ajtsu/ '1p' e em (150c) ocorreu o prefixo pronominal /aj-/ '1p'. Isso evidencia que, em wauja, pode-se utilizar tanto o pronome quanto o prefixo pronominal em resposta à perguntas. Porém, em perguntas "Qu", há apenas o uso de pronomes e não de prefixos pronominais. Exemplos:

(152) (a) /'katsa '**jitsu**/
QU 2p
'Quem são vocês?'

(b) /Wauja '**ajtsu**-'**haN**/
wauja 1p-ENF
'Nós somos wauja'

Em (152a) pode-se observar a ocorrência do pronome //jitsu/ '2p' e em (152b) a ocorrência do pronome /ajtsu/ '1p'. Para indicar a ênfase na resposta, utilizou-se o sufixo {-haN} 'ENF'.

A seguir, apresentam-se alguns exemplos com o pronome pessoal /zɨa/ '3s'.

(153) (a) /'katsa '**zɨa** 'tuma-paj-haN/
QU 3s fazer-IMPF-ENF
'O que ele está fazendo?'

(b) /'tuma-paj '**z̥a** 'itsa/
fazer-IMPF 3s canoa
'Ele está fazendo uma canoa'

(c) /'tuma-paj **ɸ**-'itsa/
fazer-IMPF 3s-canoa
'Ele está fazendo uma canoa'

Em (153a) pode-se observar o uso do pronome pessoal /'z̥a/ '3s' na elaboração da pergunta, que também ocorre em (153b) na elaboração da resposta. Porém, em (153c) não há a ocorrência do pronome ou do prefixo pronominal, assim, nesse caso, propõe-se a marca morfológica {**ɸ**}. Em perguntas do tipo "Qu", também há a ocorrência do pronome pessoal /z̥a/ '3s'. Exemplos:

(154) (a) /'katsa '**z̥a**/
QU 3s
'Quem é ele?'

(b) /Kama'la '**z̥a-haN**/
Kamalá 3s-ENF
'Ele é o Kamalá'

Em (154a) pode-se observar a ocorrência do pronome pessoal /z̥a/ '3s' e em (154b) a ocorrência do pronome, juntamente com o sufixo enfático {-haN} 'ENF'.

A seguir, apresentam-se alguns exemplos com o pronome pessoal /nala/ '3p'.

(155) (a) /'katsa '**nala** 'tuma-paj-haN/
QU 3p fazer-IMPF-ENF
'O que eles estão fazendo?'

(b) /'tuma-paj '**nala** 'itsa/
fazer-IMPF 3p canoa
'Eles estão fazendo uma canoa'

(c) /'tuma-paj **ɸ**-'itsa/
fazer-IMPF 3p-canoa
'Eles estão fazendo uma canoa'

Em (155a) pode-se observar a ocorrência do pronome pessoal /nala/ '3p' na pergunta e em (155b) na resposta. Em (155c), porém, não há marca morfológica, sendo representado por {ɸ}. Por sua vez, em perguntas do tipo "Qu", tem-se os seguintes exemplos:

(156) (a) /ˈkatsa ˈ**nala**/
QU 3p
‘Quem são eles?’

(b) /Mehinaku ˈ**nala-haN**/
Mehinaku 3p-ENF
‘Eles são Mehinaku’

Em (156a) pode-se observar a ocorrência do pronome pessoal /ˈnala/ ‘3p’ e em (156b) a ocorrência do pronome juntamente com o sufixo enfático {haN} ‘ENF’.

Para sistematizar a ocorrência dos pronomes pessoais em wauja, elaborou-se o seguinte quadro de resumo:

PRONOMES PESSOAIS			**PREFIXOS PRONOMINAIS**
1s	/ˈnatu/	‘eu’	/nu-/
1p	/ˈajtsu/	‘nós’	/aj-/
2s	/ˈpitsu/	‘você’	/pi-/
2p	/ˈjitsu/	‘vocês’	/ji-/
3s	/ˈʐa/	‘ele/ela’	ø
3p	/ˈnala/	‘eles/elas’	ø

Quadro 36: Pronomes e prefixos pronominais em wauja

Ao observar o quadro de resumo, pode-se notar que o wauja possui seis pronomes pessoais, sendo três no singular e três no plural. Outra observação importante é a repetição da sílaba [tu], que varia com [tsu] após vogal anterior alta [i], nos seguintes pronomes: /ˈna**tu**/ ‘1s’, /ˈaj**tsu**/ ‘1p’, /ˈpi**tsu**/ ‘2s’, /ˈji**tsu**/ ‘2p’. Embora tal sílaba seja bastante recorrente, não temos, ainda, uma explicação satisfatória. Assim, deixamos para estudos futuros uma análise mais aprofundada sobre essa questão.

5.1.2.1.2 Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são categorias dêiticas, que indicam a situação espacial e temporal dos participantes do discurso. Em wauja, pode-se distinguir dois graus de distância, ou seja, uma relação espacial entre o falante e o outro (pessoa ou objeto).

A partir dos dados coletados, foram observados dois pronomes demonstrativos: /ˈkata/ ‘este(a)’ e /ˈkala/ ‘aquele(a)’, que podem ocorrer com o sufixo de ênfase {-haN} ‘ENF’. Exemplos:

(157) (a) [ˈ**kata** nuˈmãna]
/ˈkata nuˈmana/
DEM direção
‘Esta direção’

(b) [**kata**ˈ**hã** uˈlepe iseˈpitsa]
/kata-ˈhaN uˈlepe i-seˈpi-tsa/
DEM-ENF Ulepe 3s-banco-?
‘Este banco é do Ulepe’

(c) [**kata**ˈ**hã** aɾapaˈwa eˈtene]
/ˈkata-ˈhaN Aɾapaˈwa eˈtene/
DEM-ENF Arapawá remo
‘Este remo é do Arapawá’

(158) (a) [ˈ**kala** jamuku-ˈtaj eteme'pej]
/ˈkala jamuku-ˈtai eteme-ˈpaj/
DEM criança-DIM ouvir-IMPF
‘Aquela criancinha está ouvindo’

(b) [ˈzɨa seˈpi ˈ**kala** keˈniu]
/ˈzɨa seˈpi ˈkala keˈniu/
3S banco DEM quebrar
‘Aquele banco dele está quebrado’

(c) [**ka:la**ˈ**hã** uˈlepe iseˈpitsa]
/kala-ˈhaN uˈlepe i-seˈpi-tsa/
DEM-ENF Ulepe 3s-banco-?
‘Aquele banco é do Ulepe’

A partir dos exemplos apresentados pode-se dizer que, em wauja, há, pelo menos dois pronomes demonstrativos: /ˈkata/ ‘este(a)’ e /ˈkala/ ‘aquele(a)’. Em geral, os demonstrativos costumam ocorrer no início das sentenças, porém sua ordem não é fixa, como exemplificado em (158b).

5.1.2.2 Formas interrogativas

As formas interrogativas conhecidas, tradicionalmente, como pronomes interrogativos (O quê? Quem? Quando? Onde? etc) ou “Qu”, correspondem semanticamente a algum termo ou expressão linguística. Sob o ponto de vista funcional, esses elementos exercem o papel de argumento nuclear ou advérbio.

Segundo Schachter e Shopen (2007, pp.33-34), as pro-formas interrogativas são palavras utilizadas no início de perguntas que, geralmente, são de outras partes do discurso. Segundo os autores (*Op.cit.*), “It appears that all languages have interrogative pro-forms, but

that the types of interrogative pro-forms that occur vary considerably from language to language".[106]

Em wauja, as formas interrogativas ocorrem sempre no início dos sintagmas. No *corpus* desta pesquisa pôde-se identificar cinco pro-formas básicas, descritas a seguir.

A pro-forma interrogativa /kaˈnai/ 'onde?' pode receber o sufixo {-paj} 'IMPF' e realizar-se como /kanai-ˈpai/. Exemplos:

(159) (a) [**kaˈnaj** huˈkaj ijaˈwiw]
/kaˈnai huˈkai ija-ˈwiu/
QU(onde) Hukai ir-PERF
'Onde o Hukai foi?'

(b) [**kanaiˈpaj** pɨˈpɨku]
/kaˈnai-ˈpaj p-ɨˈpɨku/
QU(onde)-IMPF 2s-casa
'Onde é a sua casa?'

(c) [**kanajˈpaj** pitʃutãˈkã ɨˈpɨku]
/kaˈnai-ˈpai pi-kuˈtãkã ɨˈpɨku/
QU(onde)-IMPF 2s-morar casa
'Onde você mora?

Outra forma de realização deste interrogativo é com o sufixo {-tsa}, realizando como [kaˈnatsa] /kaˈnai-tsa/ 'de onde'. Exemplo:

(160) [kaˈnatsa pitsuwaˈha]
/kaˈnaj-tsa pi-tuwa-ˈha/
QU(de onde) 2s-vir-ENF
'De onde você vem?'

A pro-forma /kaˈtsa/ 'o quê?/quem?/qual?' realiza-se, foneticamente, como [kaˈtsa] ou [kajˈtsa]. Exemplos:

(161) (a) [**kajˈtsa** huˈkaj unukaˈha]
[**kaˈtsa** huˈkaj unukaˈha]
/kaiˈtsa Huˈkai uˈnuka-ˈha/
QU(o quê) Hukai matar-ENF
'O quê o Hukai matou?'

[106] *"Parece que todas as línguas possuem pro-formas interrogativas, entretanto os tipos de pro-formas interrogativas que ocorrem variam consideravelmente de língua para língua".* (Tradução nossa)

(b) [**kaj'tsa** ɨnu'pawa kami'ɾu]
[**ka'tsa** ɨnu'pawa kami'ɾu]
/ka'tsa ɨ-'nupa-wɨ kami'ɾu/
QU(quem) 3s-ver-PASS Kamiru
'Quem viu o Kamiru?'

(c) [**kaj'tsa** ą̨make'pej patu̧kuta'paj]
[**ka'tsa** ą̨make'pej patu̧kuta'paj]
/ka'tsa a'maka-'paj p-a-tu'ku-ta-'pai/
QU(qual) rede-IMPF 3s-VBL-querer-VBL-IMPF
'Qual rede você quer?'

Essa pro-forma /ka'tsa/ pode ser combinada com outras palavras, formando novos significados, exemplificados a seguir:

(162) (a) [**ka'tsa u'kaka** awa'tu 'tuwa 'we]
/ka'tsa=u'kaka awa'tu 'tuwa-'we/
QU(quando) Awatú vir-FUT
'Quando o Awatú virá?'

(b) [**ka'tsa wa'kija** 'kata tɨ'nȩ̨u ɨ̨mata-'pai u'lepe]
/ka'tsa=wa'kija 'kata tɨ'nȩ̨u ɨ-'mata-'pai u'lepe]
QU(de que maneira) DEM mulher 3s-assar-IMPF beiju
'De que maneira essa mulher assa o beiju?'

(c) ['**katsa wa'kija** wa'hixa i'jawe pɨtaka'naku]
/'katsa=wa'kija wa'hixa i'ja-we p-ɨtaka'naku/
QU(como) Wahixa ir-FUT 2s-aldeia
'De que maneira Wahixa irá para a sua aldeia?'

(d) [**ka'tsa 'itsa** tonȩ̨u'nau tumaa'pai u'lepiu]
/ka'tsa='itsa tonȩ̨u-'nau tuma-'paj u'lepe-u/
QU(como) mulher-COL fazer-IMPF beiju-DAT
'Como as mulheres fazem o beiju?'

(e) **['ka'tsa 'itsa 'kala'paj** e'tene kaja'nã ɨ'wiw]
/ka'tsa='itsa='kala'pai e'tene ka'jana ɨ-'wiu/
QU(quantos) remo kajana 3s-PERF
'Quantos remos o Kajana tinha?'

(f) **[ka'tsa i'tsenu** ka'tsijã 'ija ulei'taku]
/ka'tsa=i'tsenu ka'tsijã 'ija ulei-'taku/
QU(Com quem) Katsijã ir mandioca-COL
'Com quem Katsijã vai na roça?'

(g) [**ka'tsa 'waka** pu'nuka 'teme]
/ka'tsa='waka pu'nuka 'teme/
QU(em que lugar) 2s-matar anta
'Em que lugar você matou a anta?'

Outras pro-formas interrogativas são /kama'nɨ/ ‘por quê?’ e /kanu'manɨ/ ‘onde’. Exemplos:

(163) [kama'nɨ 'katsu ije'new]
/kama'nɨ Katsu 'ija-wiu/
QU(por quê) Katsu ir-PERF
‘Por quê Katsu foi embora?’

(164) [kanu'manɨ pija'ha]
kanu'manɨ pi-ija-'ha
QU(onde) 2s-ir-ENF
‘Onde você vai?

A partir da sistematização das pro-formas interrogativas, encontradas em nosso *corpus*, elaborou-se o seguinte quadro de resumo:

[ka'naj]	/ka'naj/	‘Onde?’
[kanaj'paj]	/kanaj-'paj/	‘Onde?’
[ka'natsa]	/ka'na-tsa/	‘De onde?’
[kaj'tsa] ~ [ka'tsa]	/ka'tsa/	‘O quê? Quem? Qual?’
[ka'tsa u'kaka]	/ka'tsa u'ka-ka/	‘Quando?’
[ka'tsa wa'kija]	/ka'tsa wa'ki-ja/	‘De que maneira?’
[ka'tsa 'itsa]	/ka'tsa 'itsa/	‘Como? ‘
[ka'tsa 'itsa 'kala'paj]	/ka'tsa 'itsa 'kala'paj/	‘Quantos?’
[ka'tsa i'tsenu]	/ka'tsa i'tsenu/	‘Com quem?’
[ka'tsa 'waka]	/ka'tsa 'wa-ka/	‘Em que lugar?’
[kama'nɨ]	/kama'nɨ/	‘Por quê?’
[kanu'manu]	/kanu'manɨ/	‘Onde?’

Quadro 37: Pro-formas interrogativas em wauja

A partir do quadro de resumo pode-se observar que todas as pro-formas interrogativas iniciam-se por /ka/. A pro-forma /ka'naj/ ‘onde?’ foi a única que ocorreu com o sufixo imperfectivo {-paj} ‘IMPF’ e, ainda, a única que ocorreu com o sufixo {-tsa} para o qual ainda não estabelecemos uma glosa. A pro-forma /ka'tsa/, por sua vez, pode ser utilizada com outras palavras, formando novos significados. Por fim, há ainda, duas pro-formas livres, que não ocorreram com sufixos e, também, não ocorreram com outras palavras, são elas: /kama'nɨ/ e /kanu'manɨ/. Neste trabalho limitamo-nos à descrição das ocorrências encontradas. Em trabalhos futuros esse assunto poderá ser retomado.

5.1.2.3 Quantificadores

Os quantificadores, conforme Schachter e Shopen (2007, p.37) "[...] consists of modifiers of nouns that indicate quantity or scope: for example numerals, and words meaning 'many', 'much', 'few', 'all', 'some', 'each', etc. In some languages a quantifier is required if plurality is to be explicitly indicated[107].

Em wauja, pode-se identificar expressões numéricas e palavras quantificadoras, que serão apresentadas a seguir.

5.1.2.3.1 Expressões numéricas

Quanto ao uso de numerais ou expressões numéricas, em (156a-c) exemplificam-se os numerais 'um', 'dois' e 'três' com referência a nome de ser inanimado:

(165) (a) [**paˈwã** eˈtẽne]
/pa-ˈwaN eˈtene/
um-dedo remo
'um remo'

(b) [**meˌpiˈjãwã** eˈtẽne]
/mepiˈ-waN-waN eˈtene/
Dois-dedo-dedo remo
'dois remos'

(c) [**kaˌmawãˈkula** eˈtẽne]
/kama-waN-ˈkula eˈtene/
três-dedo-? remo
'três remos'

Com referência a nome de ser animado não-humano, seguem os exemplos:

(166) (a) [**paˈwã** kuˈpatɨ]
/pa-ˈwaN kuˈpatɨ/
um-dedo peixe
'um peixe'

(b) [**meˌpiˈjãwã** kuˈpatɨ]
/mepiˈjaN-waN kuˈpatɨ/
dois-dedo peixe
'dois peixes'

(c) [**kaˌmawãˈkula** kuˈpatɨ]
/kama-waN-ˈkula kuˈpatɨ/
três-dedo-? peixe
'três peixes'

[107] "*Os quantificadores consistem de modificadores de nomes que indicam quantidade ou extensão, numerais por exemplo, e palavras que significam 'muitos', 'muito', 'poucos', 'todos', 'alguns', 'cada', etc. Em algumas línguas um quantificador é necessário se a pluralidade é para ser indicada explicitamente*" (Tradução nossa).

Com referência a nome de ser animado e humano, seguem os exemplos:

(167) (a) ['natu nu'paj **pa'wã** nu'pawa]
/'natu nu-'paj pa-'waN nu-'pawa/
1s 1s-IMPF um-dedo 1s-irmão
'Eu tenho um irmão'

['natu nu'paj **meˌpi'jãwã** nuˌtuka'kalu]
/'natu nu-'paj mepi'jaN-waN nu-tuka-'ka-lu/
1s 1s-IMPF dois-dedo 1s-parente-RECIPR-FEM
'Eu tenho duas irmãs'

[nuˌtuka'kalu ɨu'paj **kaˌmawã'kula** tɨˌneʒu'tãj]
/nu-tuka-'ka-lu ɨu-'paj kama-waN-'kula tɨˌneʒu-'taiN/
1s-parente-RECIPR-FEM ter-IMPF três-dedo-? mulher-DIM
'A minha irmã tem três meninas'

No *corpus* de dados desta pesquisa, verificou-se que apenas as palavras 'um', 'dois' e 'três' possuem radicais totalmente distintos, as demais foram consideradas como expressões derivadas ou compostas.

Em (155a-d) verifica-se a ocorrência das formas derivadas a partir do radical 'um'. Exemplos:

(168) (a) [pa'wã] ~ [pã'wã] 'um'
/pa-'waN/
um-dedo

(b) [pawɨzˌũ'kũ] 'cinco'[108]
/pa-waN=zˌuN'kuN/
um-dedo=mão

(c) [pa'wã tapu'ta] 'seis'
/pa-'waN=tapu'ta/
um-dedo=soma.mão

(d) [pa'wãzˌũkũ pa'wãzˌũkũ] 'dez'
/pa-waN-zˌuN'kuN pa-waN-zˌuN'kuN/
um-dedo=mão um-dedo=mão

Em (169a-d) observa-se a ocorrência das formas derivadas a partir do radical 'dois'. Exemplos:

(169) (a) [meˌpiˈjãwã] ‘dois’
/mepiˈjaN-waN/
dois-dedo

(b) [meˌpijãˌwãˈwãka] ‘quatro’
/mepijaN-waN-ˈwaN-ka/
dois-dedo-dedo-VBL

(c) [meˌpijãˈwã tapuˈta] ‘sete’
/meˌpijaN-ˈwaN=tapuˈta/
dois-dedo=passa.para.outra.mão

(d) [meˌpijãˌwãˈwãka tapuˈta] ‘nove’
/mepijaN-waN-ˈwaN-ka=tapuˈta/
dois-dedo-dedo-VBL=passa.para.outra.mão

Em (170a-c) observa-se a forma derivada a partir do radical ‘três’. Exemplos:

(170) (a) [kaˌmãwãˈkula]
/kama-waN-ˈkula/
três-dedo-?
‘três’

(b) [kaˌmãwãˈkula tapuˈta]
/kama-waN-ˈkula=tapuˈta/
três-dedo-?=passa.para.outra.mão
‘oito’

Para uma melhor visualização das ocorrências dos numerais, elaborou-se o seguinte quadro de resumo:

[paˈwã]	/pa-ˈwaN/	‘um’
[meˌpiˈjãwã]	/mepiˈ-waN-waN/	‘dois’
[kaˌmãwãˈkula]	/kama-waN-ˈkula/	‘três’
[meˌpijãˌwãˈwãka]	/mepi-waN-waN=ˈwaN-ka/	‘quatro’
[pawɨˌzˌũˈkũ]	/pa-ˈwaN-zˌuNˈkuN/	‘cinco’
[pãˈwã tapuˈta]	/pa-ˈwaN=tapuˈta/	‘seis’
[meˌpijãˈwã tapuˈta]	/meˌpi-waN-ˈwaN=tapuˈta/	‘sete’
[kaˌmãwãˈkula tapuˈta]	/kama-waN-ˈkula=tapuˈta/	‘oito’
[meˌpijãˌwãˈwãka tapuˈta]	/mepi-waN-waN=ˈwaN-ka=tapuˈta/	‘nove’
[paˌwãzˌuˈkũ paˌwãzˌuˈkũ]	/pa-ˈwaN=zˌuNˈkuN # pa-ˈwaN=zˌuNˈkuN/	‘dez’

Quadro 38: Expressões numéricas em wauja

[108] A palavra /pawaN/ ‘cinco’ sofre um processo de assimilação vocálica, realizando-se como [pawɨ], por conta da sílaba seguinte, composta por uma consoante fricativa retroflexa e seguida de vogal posterior alta nasalizada [zˌũ].

Após a sistematização das expressões numéricas, notou-se que a sílaba [wã] /waN/ é bastante recorrente, sendo glosada como ‘dedo’. Em relação à sequência [ˈkula] /ˈkula/ que ocorreu nos dados ‘três’ e ‘oito’, não foi proposta uma glosa. Sobre o verbo [tapuˈta] /tapuˈta/ ‘atravessar’, que ocorrreu nos itens ‘seis’, ‘dez’, ‘sete’, ‘oito’ e ‘nove’, parece indicar que os valores estão sendo somados, ou seja, o valor que ultrapassa cinco (uma mão).

A seguir, apresentam-se algumas considerações sobre as palavras quantificadoras da língua wauja.

5.1.2.3.2 Palavras quantificadoras

De acordo com Corbett (2000, p.5), há problemas sutis relacionados com o numeral ‘três’, atualmente utilizado como um pequeno número (‘poucos’). Segundo o autor, “[…] the important thing in such cases is to be explicit about what is intended. As a general rule we shall give priority to meaning in our choice of terms” (CORBETT, 2000, p.5)[109].

No *corpus* de dados desta pesquisa, foram encontradas duas palavras quantificadoras. Tais palavras ocorreram com nomes de seres inanimados e animados (humanos e não-humanos). Em (171a-c) exemplifica-se o uso da palavra quantificadora [kijãˈkã] /kijaNˈkaN/ ‘muitas’:

(171) (a) [teˈnezu̯u tuma **kijãˈkã** maˈkula]
/teˈnezu̯u tuma kijaNˈkaN maˈkula/
mulher fazer muito panela
‘A mulher fez muitas panelas’

(b) [Arapaˈwa uˈnuka **kijãˈkã** kuˈpatɨ]
/Arapaˈwa uˈnuka kijaNˈkaN kuˈpatɨ/
Arapawá pegar muito peixe
‘Arapawá pegou muitos peixes’

(c) [**kijãˈkã** nutukaˈkalu]
/kijaNˈkaN nu-tu-kaˈka-lu/
muito 1s-parente-RECIPR-FEM
‘Eu tenho muitas irmãs’

A segunda palavra quantificadora observada nos dados foi [ahãˈtãj] /ahaNˈtajN/ ‘poucas’, exemplificada em (172a-c):

(172) (a) [teˈnezu̯u tuma **ahãˈtãj** maˈkula]
/teˈnezu̯u tuma ahaNˈtaiN maˈkula/
mulher fazer pouco panela
‘A mulher fez poucas panelas’

[109] “*O importante, nesses casos, é explicitar sobre o que é pretendido. Como regra geral, devemos dar prioridade ao significado em nossa escolha de termos”* (tradução nossa).

(b) [Aɾapa'wa u'nuka **ahã'tãj** ku'patɨ]
/Aɾapa'wa u'nuka ahaN'taiN ku'patɨ/
Arapawá pegar pouco peixe
'Arapawá pegou poucos peixes'

(c) [**ahã'tãj** nu'pawa]
/ahaN'taiN nu-'pawa/
pouco 1s-irmão
'Eu tenho poucos irmãos'

Esta palavra quantificadora pode, também, ser encontrada justaposta ao advérbio de intensidade ['hãta] /'haNta/ 'muito', formando a expressão [ahã'tãj 'hãta] /ahaN'tajN # 'haNta/ 'algumas' (Lit. 'muito poucas/muito poucos'), exemplificada em (173a-c):

(173) (a) [te'nezu̯ tuma **ahã'tãj 'hãta** ma'kula]
/te'nezu̯ tuma ahaN'taiN-'haNta ma'kula/
mulher fazer pouco- ADV(muito) panela
'a mulher fez algumas panelas'

(b) [Aɾapa'wa u'nuka **ahã'tãj 'hãta** ku'patɨ]
/Aɾapa'wa u'nuka ahaN'taiN-'haNta ku'patɨ/
Arapawá pegar pouco-ADV(muito) peixe
'Arapawá pegou alguns peixes'

(c) [**ahã'tãj 'hãta** nutuka'kalu]
/ahaN'taiN 'haNta nu-tuka-'ka-lu /
pouco-ADV(muito) 1s-parente-RECIPR-FEM
'Eu tenho algumas irmãs'

As palavras quantificadoras em wauja, portanto, são duas: /kijaN'kaN/ 'muitos(as)' e /ahaN'tajN/ 'poucos(as)'. A expressão [ahã'tãj 'hãta] 'algumas', por sua vez, é composta pela palavra /ahaN'tajN/ 'poucos(as)' e o advérbio de intensidade ['hãta] 'muito', formando a expressão /ahaN'tajN 'haNta/ 'algumas'.

Este trabalho limitou-se na descrição das ocorrências encontradas. Em trabalhos posteriores esse assunto poderá ser retomado.

SEÇÃO 6
ASPECTOS SINTÁTICOS

Figura 12: Cozinha externa em construção (POSTIGO, A. V. – janeiro/2012)

6 ASPECTOS SINTÁTICOS

Nesta seção, adotamos a definição de sintaxe dada por Givón (1984, p.29), que diz que "*syntax is the study of a unique and complex coding system. 'Coding' is a binary expression designating two entities holding a peculiar* semiotic *relation*.

6.1 A ordem dos constituintes

Uma das principais distinções que diferenciam as línguas naturais entre si é a ordem de seus constituintes (ou de suas palavras). Assim, a ordem dos constituintes de uma língua pode referir-se tanto ao sujeito, verbo e objeto quanto a ordem de qualquer conjunto de elementos.

A ordem dos constituintes toma como parâmetro a ordem relativa dos três principais constituintes da oração ou sentença: (S)sujeito, (V)erbo e (O)bjeto, sendo sujeito e objeto realizados como sintagmas plenos.

Em Greenberg (1966), há seis tipos de ordem, sendo três mais comuns (SVO, SOV, VOS) e três mais raros (VOS, OSV, OVS). Segundo ele: "*In declarative sentences with nominal subject and object, the dominant order is almost always one in which the subject precedes the object"*[110] (GREENBERG, 1966, p.76). Greenberg (1966) classifica os tipos mais comuns VSO, SVO e SOV como tipos I, II e III, respectivamente.

A partir dos trabalhos de Greenberg (19667) surgiram outras propostas de classificação para as ordens dos constituintes, dentre elas destaca-se a de Dryer (1985, 2007). O referido autor afirma que:

> When examining the word order of a language, there are two kinds of questions one can ask. The first question is simply that of what the order of elements is in the language. The second question is that of how the word order in the language conforms to cross-linguistic universals and tendencies. (DRYER, 2007, p.61)[111]

As línguas naturais, conforme apontado por Dryer (2007), podem ser 'verbo-finais', 'verbo-iniciais', 'SVO' e 'objeto-iniciais'.

---

[110] "Em sentenças declarativas com sujeito nominal e objeto, a ordem dominante é quase sempre aquela em que o sujeito precede o objeto (GREENBERG, 1966, p.76)" (Tradução nossa).

[111] "Ao examinar a ordem das palavras de uma língua, há dois tipos de questões que se pode pedir. A primeira questão é simplesmente a de que a ordem dos elementos é na língua. A segunda questão é a de como a ordem das palavras na língua está em conformidade com as tendências e universais *cross*-linguísticos" (DRYER, 2007, p.61). (tradução nossa)

As ‘verbo-finais’ são aquelas em que o verbo geralmente segue o sujeito e o objeto. Embora a maioria das línguas do mundo seja SOV, há, também, línguas OSV e outras em que há liberdade na ordem do sujeito em relação ao objeto. Exemplos deste tipo de ordem podem ser observados nas línguas Lezgian (HASPELMATH, 1993), Slave (RICE, 1989) e Siroi (WELLS, 1979).

Já as ‘verbo-iniciais’ são aquelas em que o verbo geralmente precede o sujeito e o objeto, ou seja, podem ser VOS ou VSO. Essas línguas são menos comuns e exibem características opostas às do tipo ‘verbo-finais’. Para exemplificar este tipo de ordem, pode-se observar as línguas Fijian (DIXON, 1988), Turkana (DIMMENDAAL, 1983) e Lealao Chinantec (RUPP, 1989)

O segundo tipo mais comum entre as línguas do mundo, o ‘SVO’, não pode ser considerado como ‘verbo-final’ ou ‘verbo-inicial’, porque, diferentemente, neste tipo, o sujeito precede o verbo enquanto o objeto segue o verbo. É interessante dizer que as línguas ‘SVO’ assemelham-se fortemente às línguas ‘verbo-iniciais’ em vez de as línguas ‘verbo-finais’ no que refere-se às características de ordem de constituintes. Além da língua inglesa, as outras línguas que exemplificam este tipo de ordem são: Hmong Njua (HARRIEHAUSEN, 1990) e Tetelcingo Nahuatl (TUGGY, 1977).

Por fim, as línguas do tipo ‘objeto-iniciais’ são aquelas em que o objeto precede o verbo ou o sujeito, ou seja, podem ser OVS ou OSV. Esse tipo é bastante raro e o número de casos é muito pequeno, dificultando, assim, uma descrição melhor das características esperadas para tais línguas. Exemplos deste tipo de ordem podem ser observados em Hixkaryana (DERBYSHIRE, 1979) e Parï (ANDERSEN, 1988).

À luz dessas das tipologias apresentadas, o wauja não apresenta diferenças significativas. Em wauja, a ordem predominante dos três principais constituintes parece ser, a partir da análise proposta, de tipo II na proposta de Greenberg (1966) e ‘SVO’ na proposta de Dryer (1985, 2007), como veremos nas seções subsequentes.

6.2 Tipos de predicados em wauja

Nessa seção, apresentam-se as setenças agrupadas em classes distintas, de acordo com os tipos de predicados analisados: “verbais” e “não-verbais”.

6.2.1 Predicados verbais

De acordo com Dryer (2007, p.250), a distinção mais básica entre os predicados verbais é feita, geralmente, entre predicados transitivos e intransitivos.

Segundo Givón (1984, p.96), o que caracteriza a transitividade verbal é a característica de os verbos transitivos possuírem dois argumentos: S (sujeito) e O (objeto). Tais verbos podem ocorrer com um ou mais objetos. Os verbos transitivos podem ser subdivididos conforme o tipo de complemento admitido em: transitivo direto, transitivo indireto e bitransitivo.

Em wauja, o verbo transitivo direto requer como complemento um sintagma nominal (objeto direto), exemplificado com os verbos /usitʃaˈtene/ ‘queimar’ e /ˈajNtʃa ‘comer’:

(174) (a) n-usitʃaˈtene ˈ**ata** (SVO)
1s-queimar madeira
‘Eu queimei a madeira’

(b) ˈkata kuhuˈpɨʐa ajNtʃa ˈ**ui** (SVO)
DEM pássaro comer cobra
‘Este pássaro come cobra’

É importante observar que, nesses exemplos, os sintagmas nominais, em negrito, ocorrem em suas posições básicas, ou seja, imediatamente após o verbo. E que, também, não há marcas morfológicas de caso nos argumentos S ou O, como pode-se observar, também, com a palavra /awawlukuˈmã/ ‘cachorro’ em (175a) e (175b):

(175) (a) januˈmaka uˈnuka **awawlu-kuˈmaN**
onça matar lobo-?
‘A onça matou o cachorro’

(b) **awawlu-kuˈmaN** uˈnuka ˈteme
lobo-? matar anta
‘O cachorro matou a anta’

O verbo transitivo indireto admite como complemento um sintagma nominal posposicionado (objeto indireto ou secundário), que ocorre após o objeto. Exemplos:

(176) (a) ʐaˈhã uˈputa uˈku pi-ˈj-u
3s-ENF dar flecha 2s-?- DAT
‘Ele dá a flecha a você(s)’

(b) ʐaˈhã uˈputa uˈku uˈpawa ˈɨ-u
3s-ENF dar flecha outro 3s- DAT
‘Ele dá a flecha a outro’

(c) Kamaˈla ˈputa awawlu-kuˈmaN a-u
Kamalá dar lobo-? 1p-DAT
‘Kamalá deu-nos o cachorro’

O verbo transitivo direto e indireto, ou “bitransitivo”, admite dois complementos, sendo um sintagma nominal (objeto direto) e outro sintagma nominal posposicional (objeto indireto).

Em wauja, os dados (176a) e (176b) podem ilustrar a ordem dos constituintes no que se refere as posições do sujeito/agente, verbo e objetos.

Em (176a), o objeto direto é /ɨ-tapɨzɨˈɢɨu/ ‘irmão mais velho’ e /ˈɨ-u/ ‘3s-DAT’ é o objeto indireto, formado pelo prefixo pronominal ‘3s’ e caso dativo {-u} ‘DAT’. Em (176b), o objeto direto é /uˈkuʐa/ ‘flechas’ e o objeto indireto é /ɨ-u-ˈhaN/ ‘3s-DAT-ENF’, formado pelo prefixo pronominal ‘3s’, o caso dativo/u/ ‘DAT’ e o sufixo enfático /haN/.

(177) (a) ɸ-ijaNka-ˈpaj ɨ-tapɨzɨˈɢɨu ˈɨ-u
3s-contar-IMPF 3s-irmão=mais=velho 3s-DAT
‘Ele está contando sobre o seu irmão mais velho para ele’

(b) ʐa-ˈhaN upuˈta-we uˈku-ʐa ɨ-u-haN
3s-ENF dar-FUT flechas-? 3s-DAT-ENF
‘Ele dará flechas para ele’

Em ambos os exemplos, em relação à ordem dos constituintes, pode-se notar que os objetos seguem o núcleo verbal.

Em relação ao verbo intransitivo, diferentemente do verbo transitivo, ele não requer complemento (objeto), pois é monovalente, ou seja, requer apenas um argumento: o sujeito. Em tais sentenças, os sintagmas nominais, que constituem o sujeito, encontram-se em sua ordem básica, precedendo o núcleo verbal. Exemplos:

(178) (a) sɨˈkutɨ ˈpitʃa-ˈwiu (SV)
Sɨkutɨ chegar-PERF
‘Sɨkutɨ chegou’

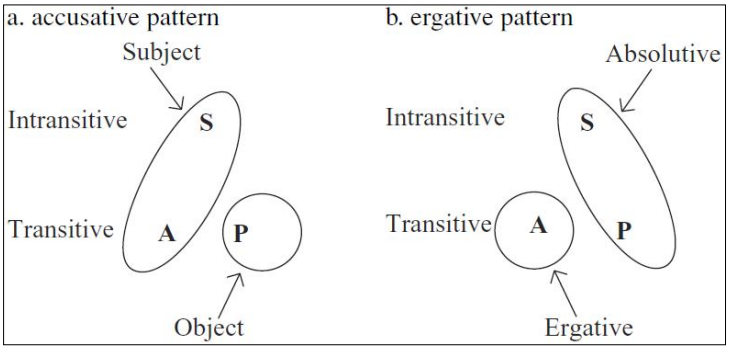
(b) ˈteme aˈkama-ˈwiu (SV)
anta morrer-PERF
‘A anta morreu’

(c) januˈmaka hu-aˈmaka-ˈpaj (SV)
onça VBL-rede-IMPF
‘A onça está dormindo’

A partir dos dados apresentados em (178a), (178b) e (178c), pode-se verificar que, em predicados com verbos intransitivos /ˈpitʃa/ ‘chegar’, /aˈkama/ ‘morrer’ e /hu-amaka/ ‘dormir’, o sintagma nominal, composto pelo sujeito, precede o verbo.

Após analisar a realização dos verbos transitivos e intransitivos, pode-se estabelecer qual é a ordem dominante na língua wauja. Dryer (2007, p.253) apresenta os dois padrões sintáticos: acusativo e ergativo.

No padrão acusativo, o sujeito do verbo intransitivo (S) e transitivo (A) são semelhantes, diferenciando-se apenas do objeto (P). Diferentemente, no padrão ergativo, o sujeito do verbo intransitivo (S) e o objeto (P) são semelhantes, diferenciando-se apenas do sujeito de transitivo (A). A seguir, apresenta-se o seguinte quadro esquemático:



Quadro 39: Padrões sintáticos (DRYER *apud* SHOPEN, 2007:253)

Em wauja, ao observar a ocorrência dos sujeitos nos verbos transitivos e intransitivos, pode-se chegar a conclusão de que, nesta língua, o padrão sintático predominante é, sem dúvida, o padrão acusativo. A proposta desse padrão quer dizer que, em wauja, os sujeitos de verbos transitivos e intransitivos são semelhantes, diferenciando-se apenas do objeto, como foi demonstrado nas seções anteriores.

6.2.1.1 Sentenças existenciais

As sentenças existenciais são formadas com o verbo /ˈwaka/ ‘existir’ e expressam “existência”. Exemplos:

(179) (a) waˈtana **waˈka**-ene
flauta existir-PONTUAL
‘Houve toque de flauta’

(b) ˈkaka **waka**-ˈpaj teˈnezu uni-ˈɢa-ma
ter existir-IMPF mulher água-líquido-LOC
‘Há mulher no rio’

(c) ˈajtsa ˈkaka **waka**-ˈpaj teˈnezu uni-ˈɢa-ma
NEG ter existir-IMPF mulher água-líquido-LOC
‘Não há mulher no rio’

(d) ˈajtsa ˈkaka **waka**-ˈwiu
NEG ter existir-PERF
‘Não há (mais nada)’ ou ‘acabou!’

A partir dos exemplos, pode-se observar que o verbo /ˈwaka/ ‘existir’ pode receber os sufixos {-ene} ‘PONTUAL’, {paj-} ‘IMPF’ e {wiu-} ‘PERF’. Em (179a) o verbo /ˈwaka/ ‘haver’ ocorreu após o sujeito. Nos exemplos (179b) e (179c) o verbo ocorreu antes do sujeito. Em (179d) não há sujeito e o verbo ocorreu no final da sentença. Vale dizer que o verbo /ˈwaka/ ‘haver’ ocorre raras vezes sozinho nas sentenças. Em geral, ele ocorre após o verbo /ˈkaka/ ‘ter’, formando a expressão /ˈkaka ˈwaka/ ‘ter existência’.

Assim, pode-se dizer que, nas sentenças existencias, a partir dos dados de que dispomos, a ordem sintática é flexível. Portanto, é necessária uma investigação mais aprofundada sobre essa flexibilidade nas orações existenciais.

6.2.1.2 Sentenças possessivas

Nas sentenças possessivas, a língua wauja faz uso de prefixos pronominais, que são ligados ao nome para marcar o possuidor. Exemplos:

(180) (a) **nu**-tuka-ˈka-lu ɨ-uˈ-paj mepiˈ-waN-wa teˈneʒu-ˈtajN
1s-parente-RECIPR-FEM 3-DAT-IMPF dois-dedo-DISTR mulher-DIM
‘Minha irmã tem duas filhinhas’

(b) kata-ˈhaN **n**-utunuma-la
DEM-ENF **1s**-rede-?
‘Esta rede é minha’ ou ‘Esta é a minha rede’

(c) **p**-uˈku-la/
2s-flecha-?
‘Sua flecha’

(d) jalaˈki-paj awaulu-kuˈmaN **i**-iˈtʃutɨ
preto-IMPF lobo? **3**-rabo
‘O rabo do cachorro é preto’

(e) ˈweke-paj Aɾapaˈwa **i**-ˈitsa
grande-IMPF Arapawá **3s**-canoa
‘A canoa do Arapawá é grande’

Em ambos os exemplos, pode-se notar que nas sentenças possessivas a ordem permanece SVO.

6.2.2 Predicados não-verbais

Dryer (2007, p.250) afirma que “Clauses with nonverbal predicates constitute the exception and are apparently less frequent in usage than clauses with verbal predicates, in all languages”[112].

Conforme Dryer (2007, p.224), há três tipos de predicados não-verbais, cujas propriedades, em geral, variam entre as línguas, são eles: predicados nominais, adjetivais e locativos.

Em wauja, os predicados nominais são justapostos. A primeira posição é ocupada pelo sujeito e a segunda pelo predicado, não apresentando cópula. Exemplos:

(181) (a) ali'tsali weɾu'ja i̵'taj (S-Pred.Nom)
alitsali amarelo fruto
‘Alitsali é um fruto amarelo’ (Lit. ‘Alitsali seu fruto’)

(b) pu'lama 'weke ku'pati̵ (S-Pred.Nom)
traíra grande peixe
‘A traíra (é um) peixe grande’

(c) iN'tsuku a'wi̵ʐi̵ kuhu'pi̵ʐa (S-Pred.Nom)
Bem-te-vi bonito pássaro
‘O Bem-te-vi é um pássaro bonito’

A partir dos exemplos expostos em (181a), (181b) e (181c), pode-se observar que, primeiramente ocorreram os nomes que ocupam a posição de sujeito e, em seguida, os nomes e adjetivos que ocupam a posição de predicado. Assim, postula-se uma ordem mais rígida para os predicados nominais, ou seja, primeiro o sujeito e depois o predicado, preferencialmente.

Em predicados nominais negativos, há o uso da negação ['ajtsa] ‘NEG’. Exemplos:

(182) (a) ali'tsali '**ajtsa** mi̵hi̵'ʐa i̵'taj (S-Neg.Pred.Nom)
alitsali NEG vermelho fruto
‘Alitsali não (é um) fruto vermelho’

(b) pu'lama '**ajtsa** kaʃutu'kalu (S-Neg.Pred.Nom)
traíra NEG sapo
‘A traíra não (é um) sapo’

(c) iN'tsuku '**ajtsa** jala'ki kuhu'pi̵ʐa (S-Neg.Pred.Nom)
Bem-te-vi NEG preto pássaro

[112] “Cláusulas com predicados não-verbais constituem a exceção e são, aparentemente, menos frequentes no uso do que as cláusulas com predicados verbais, em todas as línguas” (Tradução nossa).

‘O Bem-te-vi não (é um) pássaro preto’

A partir dos exemplos expostos, semelhantemente aos anteriores, há primeiramente a posição de sujeito e, em seguida, a posição de predicado. O uso da palavra negativa ocorre no início do predicado.

Os predicados adjetivais também são justapostos e não apresentam cópula. Porém, os adjetivos podem receber prefixos pronominais e o sufixo imperfectivo {-paj} ‘IMPF’ ou seu alomorfe |-pej|. Exemplos:

(183) (a) janu'maka p-e'jete-'paj (S-Pred.Adj)
onça 2s-bravo-IMPF
‘A onça está brava com você’

(b) 'majki weɾu'ja-'paj (S-Pred.Adj)
milho amarelo-IMPF
‘O milho está amarelo (maduro)’

(c) 'keʒɨ ala'mata-'paj (S-Pred.Adj)
lua grande-IMPF
‘A lua está grande (cheia)’

A partir dos exemplos apresentados, nota-se que os adjetivos /e'jete/ ‘bravo’, /weɾu'ja/ ‘amarelo’ e /ala'mata/ ‘grande’ ocorreram com o sufixo imperfectivo {-paj} ‘IMPF’. Porém, apenas o adjetivo /e'jete/ ‘bravo’ ocorreu com o prefixo pronominal {-pi} ‘2s’, podendo evidenciar, provavelmente, que este adjetivo pode comportar-se como um verbo.

A negação em predicados adjetivais utiliza a palavra /'ajtsa/ ‘NEG’. Exemplos:

(184) (a) aɾapa'wa '**ajtsa** p-e'jete-'paj (S-Neg.Pred.Adj)
Arapawá NEG 2s-bravo-IMPF
‘Arapawá não está bravo (com você)’

(b) 'majki '**ajtsa** weɾu'ja-'paj (S-Neg.Pred.Adj)
milho NEG amarelo
‘O milho não está amarelo’

(c) 'keʒɨ '**ajtsa** ala'mata-'paj (S-Neg.Pred.Adj)
lua NEG grande-IMPF
‘A lua não está grande (cheia)’

Em (184a), (184b) e (184c) pode-se observar que a negação /'ajtsa/ ‘NEG’ ocorre no início do predicado adjetival, semelhantemente ao que ocorre nos predicados nominais negativos.

Os predicados locativos, por sua vez, são justapostos e não apresentam cópula. O primeiro termo é o sujeito e o segundo é o predicado, que ocorre com o sufixo imperfectivo {-paj} ‘IMPF’. Exemplos:

(185) (a) 'uni ' iipi-'paj Si'kuti (Pred.Loc-S)
água LOC(margem)-IMPF Si'kuti
‘A Sikuti está na margem do rio’

(b) 'itsa i'naku-'paj e'tene (Pred.Loc-S)
canoa LOC(dentro)-IMPF remo
‘O remo está dentro da canoa’

Diferentemente do que ocorre nos predicados nominais e adjetivais, pode-se observar que em (185a) e (185b) o predicado locativo apresenta primeiramente o predicado e, em seguida, o sujeito.

A negação, em predicados locativos, ocorre utilizando a palavra /'ajtsa/ ‘NEG’. Exemplos:

(186) (a) '**ajtsa** 'uni 'iipi-'paj Si'kuti (Neg.Pred.Loc-S)
NEG água LOC(margem)-IMPF Si'kuti
‘A Sikuti está na margem do rio’

(b) '**ajtsa** 'itsa i'naku-'paj e'tene (Neg.Pred.Loc-S)
NEG canoa LOC(dentro)-IMPF remo
‘O remo está dentro da canoa’

A partir dos exemplos apresentados, nota-se que a palavra negativa /'ajtsa/ ‘NEG’ ocorre no início do predicado locativo.

Para finalizar a descrição dos predicados não-verbais, elaborou-se o seguinte quadro de resumo:

Predicados não-verbais		
NOMINAIS	Sujeito – Pred.Nom.	Sujeito – Neg.Pred.Nom.
ADJETIVAIS	Sujeito – Pred.Adj.	Sujeito – Neg.Pred.Adj.
LOCATIVOS	Pred.Loc – Sujeito	Neg.Pred.Loc - Sujeito

Quadro 40: Predicados não-verbais

A partir do quadro de resumo, podemos concluir que os predicados não-verbais podem ser divididos em três tipos: nominais, adjetivais e locativos. Os nominais e adjetivais possuem

a mesma ordem de constituintes, ou seja, Sujeito-Predicado e Sujeito-Negação-Predicado. Porém, os locativos apresentam uma ordem inversa, ou seja, Predicado-Sujeito e Negação-Predicado-Sujeito. Isto pode indicar que trata-se de apenas dois tipos de predicados não-verbais, porém são necessários mais estudos para comprovar essa hipótese.

6.3 Sentenças declarativas

As sentenças declarativas são responsáveis por expremirem julgamento acerca do valor de verdade expresso, podendo ser real ou falso. Segundo Köning and Siemund (2007, p.284):

> Declarative sentences are conventionally and typically used to perform representative (descriptive) speech acts such as assertions, reports, acts of complaining and bragging, but also acts of predicting and promising. All such acts convey the belief of the speaker that the proposition expressed is true or will turn out to be true. Of course, declarative sentences can also be used for directive speech acts, such as requests and commands.[113]

Em wauja, assim como em muitas línguas, as sentenças declarativas são do tipo *não-marcado*. Esta é, provavelmente, a forma mais básica de sentença empregada na língua. Exemplos:

(187) (a) 'Pitsa hu-amaka-'paj
Pitsa VBL-rede-IMPF
'Pitsa está dormindo'

(b) 'kata kuhu'pɨz̨a ajNtʃa 'ui
DEM pássaro comer cobra
'Este pássaro come cobra'

Ao observar os dados, pode-se notar que em (187a) a ordem é SV e em (187b) a ordem é SVO. A seguir, apresentam-se os outros tipos de sentenças que foram analisados.

6.4 Orações interrogativas

De acordo com Köning and Siemund (2007, p.291), a maioria das línguas tem tipos estruturais especiais para fazer perguntas, demonstrando claramente o quanto esta atividade é central na atividade humana.

---

113 "As sentenças declarativas são convencionalmente e, normalmente, usadas para executar atos de fala representativos (descritivos) como afirmações, relatos, atos de reclamar e de se gabar, e também atos de previsão e promessas. Todos esses atos transmitem a crença de que o falante da proposição expressa é verdade ou vai passar a ser verdade. Claro, sentenças declarativas também podem ser usadas para atos de fala diretivos, como as solicitações e os comandos". (Tradução nossa)

As sentenças interrogativas são convencionalmente formadas com a intenção de obter algum tipo de informação do interlocutor e podem ser divididas, dependendo de suas propriedades sintáticas e semânticas, em dois grupos principais: polares e não-polares.

6.4.1 As interrogativas polares

As interrogativas polares, também chamadas de globais ou nucleares, são aquelas formadas por sentenças declarativas, afirmativas ou negativas. Em outras palavras, requerem uma resposta fechada 'positiva' ou 'negativa' e/ou procuram obter algum comentário sobre o grau de verdade de uma proposição questionada.

Segundo Köning and Siemund (2007, p.291):

> Polar interrogatives are typically used to inquire about the truth or falsity of the proposition they express. It should be borne in mind, however, that answers to polar questions can plausibly assume any value on a scale between 'true' and 'false', as, for example, 'perhaps', 'possibly', 'quite likely', etc.[114]

Köning and Siemund (2007, p.292) afirmam que há, essencialmente, seis maneiras de expressar as interrogativas polares nas línguas do mundo, independentemente de sua filiação genética, são elas: (i) padrões especiais de entonação, (ii) partículas interrogativas, (iii) adição de etiquetas especiais, (iv) estruturas disjuntivas-negativas, (v) alteração na ordem relativa dos constituintes e (vi) flexão verbal particular.

Em termos gerais, a marcação entonacional é usada em sentenças interrogativas em oposição às sentenças declarativas. De acordo com Köning and Siemund (2007, p.292), na maioria das línguas, enquanto as declarativas apresentam uma entonação descendente ("caindo"), as interrogativas apresentam uma entonação ascendente ("subindo"). Porém, há algumas exceções, como as línguas Fanti e Grebo, faladas no Congo, Nigéria.

Köning and Siemund (2007, p.292) afirmam que:

[114] As interrogativas polares são normalmente utilizadas para saber sobre a verdade ou falsidade da proposição que elas expressam . Deve-se ter em mente, no entanto, que as respostas às perguntas polares podem plausivelmente assumir qualquer valor em uma escala entre "verdadeiro" e "falso", como, por exemplo, 'talvez', 'possivelmente', 'muito provável', etc. (Tradução nossa)

> The reason for the predominance of rising intonation in interrogatives is usually seen in the fact that high pitch signals uncertainty, indecision, hesitation and also insecurity. Low pitch, by contrast, is assumed to convey confidence, assurance and certainty (cf. Ohala (1983, 1994). The intonation contours of declaratives and interrogatives thus provide good illustration for the principle of iconic motivation. [115]

Em wauja, semelhantemente, ocorre como apontado pelos autores. As sentenças declarativas apresentam um contorno descendente e as sentenças interrogativas apresentam um contorno ascendente. Exemplos:

(188) (a) ˈPitsa hu- aˈ \ maka-ˈpaj
Pitsa VBL re de-IMPF
‘O Pitsa está domindo’

(b) ˈPitsa hu- aˈ / maka-ˈpaj
Pitsa VBL rede-IMPF
‘O Pitsa está domindo?’

Como ilustrado nos exemplos, em (188a) tem-se um contorno descendente, que caracteriza a sentença declarativa e, em (188b) tem-se um contorno ascendente, caracterizando, assim, por oposição, a sentença interrogativa.

Vale dizer que na ortografia da língua, geralmente, os wauja marcam o contorno entonacional com duas vogais. Exemplos:

(189) (a) ˈPitsa huˈ**ma**kaˈpaj
‘O Pitsa está domindo’

(b) ˈPitsa huˈ**maa**kaˈpaj
‘O Pitsa está domindo?’

Em relação à ordem dos constituintes das sentenças interrogativas, o wauja mantém o padrão SVO. Exemplos:

(190) (a) /p-a-tuˈku-ta-ˈpaj ˈuni/
2s-VBL-querer-VBL-IMPF água
‘Você quer água?’[116]

---

[115] A razão para a predominância de entonação ascendente em interrogativas é geralmente visto pelos sinais altos de “pitch”, assinalando incerteza, indecisão, hesitação e também insegurança. Já nos baixos “pitch”, por outro lado, presume-se que transmita confiança, garantia e certeza (cf. Ohala (1983, 1994)). Os contornos de entonação de declarativas e interrogativas, assim, proporcionam uma boa ilustração para o princípio de motivação icônica.

[116] Resposta dessa pergunta: eˈhẽ n-utukuta-pai ˈuni (AFIRM#1s-beber-IMPF#água) ‘Sim, eu quero beber água’.

(b) /janu'maka u' / nuka 'teme/
onçau matar anta
'A onça matou a anta?'

A partir dos exemplos, pode-se notar que em (190a) ocorreu primeiramente o (S)ujeito, representado pelo prefixo pronominal {p-} '2s', em seguida o (V)erbo /'tuku/ 'querer', com os verbalizadores afixados e o sufixo imperfectivo {-paj} 'IMPF', e, por último, o (O)bjeto /'uni/ 'água', ocorrendo portanto, o padrão predominante SVO. Em (189b) ocorreu primeiro o (S)ujeito /janu'maka/, em seguida o verbo /u'nuka/ 'matar', com o contorno entonacional, e, por, último o (Objeto) /'teme/ 'anta', apresentando, assim, o padrão predominante SVO.

6.4.2 As interrogativas não-polares

As interrogativas não-polares, conhecidas também como parciais, ou perguntas de conteúdo, ou de informação, ou não nucleares, requerem sempre uma resposta considerada "aberta". É importante mencionar que tais perguntas são utilizadas quando o falante pressupõe que ele e o ouvinte compartilham algum tipo de conhecimento sobre o assunto, porém o falante ainda desconhece um elemento do evento ou estado, como afirma Givón (2001b:300).

O elemento desconhecido, a ser indagado pelo falante, se torna foco de uma pro-forma interrogativa que pode ser qualquer um dos constituintes, ocorrendo sempre no início das sentenças.

Essas sentenças iniciam-se por partículas interrogativas **Qu-** (*que, quem, quando, quantos, qual, etc*), que substituem os elementos inquiridos da oração declarativa. Desse modo, nas construções interrogativas, os sintagmas **Qu-** antecedem o verbo.

Para perguntar o sujeito ou o objeto, a língua wauja emprega a proforma interrogativa /'katsa/, que realiza-se como ['katsa] ou ['kajtsa], que pode ser interpretada como 'quem?', 'qual?' ou 'o quê?' a depender do contexto. Exemplos:

(191) (a) '**katsa** ɨ-'nupa-wa Kami'ɾu
QU 3s-ver-DISTR Kamiru
'Quem viu Kamiru?'[117]

(b) '**katsa** amaka-'paj a-tuku-ta-'paj
QU rede-IMPF VBL-querer-VBL-IMPF
'Qual rede você quer?'[118]

[117] Resposta dessa pergunta: alapɨ ɨ-nupa-wa-nɨ kamiɾu (Alapo#3s-ver-?-?#Kamiru) 'Alapɨ viu Kamiru'.

(c) ˈ**katsa** ɨ-unuka-ˈwa-nɨ Huˈkai
QU 3s-matar-DISTR-REL Hukai
‘O que o Hukai matou?’[119]

Nos exemplos apresentados nota-se que as partículas interrogativas ocorreram no início das sentenças e não apresentaram nenhum tipo de marca morfológica.

Para perguntar a quantidade, o wauja faz uso da partícula interrogativa /ˈkatsa/ e, ainda, da palavra /itsaˈkala/ formando uma expressão para designar ‘quantos?/qual a quantidade?’. Exemplos:

(192) (a) ˈ**katsa itsakala**-ˈpaj haˈˈtiwi ˈEju iu-ˈwiu
QU **QU**-IMPF cocar Eju ter-PERF
‘Quantos cocares Eju tem?’[120]

(b) ˈ**katsa=itsakala**-ˈpaj pi-wiu
QU=QU-IMPF 2-PERF
‘Quantas canoas você tem?’[121]

(c) ˈ**katsa=itsaˈkala**-ˈpaj ˈpahɨ unuka-ˈwa-nɨ Maˈlalɨ
QU=QU-IMPF macaco matar-DISTR-REL Malalɨ
‘Quantos macacos Malalɨ matou’[122]

(d) ˈ**katsa=itsakala**-ˈpaj pi-tajN-ˈwiu
QU=QU-IMPF 2s-filho-PERF
‘Quantos filhos você tem?’[123]

A partir dos exemplos apresentados, observa-se que as partículas interrogativas ocorreram no início das sentenças. Vale dizer que a palavra /itsaˈkala/ ocorreu com o sufixo imperfectivo {-paj} ‘IMPF’ em todos os itens.

Para perguntar sobre o tempo ou o modo que transcorre um evento ou estado de uma proposição, o wauja utiliza a partícula interrogativa /katsa/ e a palavra /uˈkaka/, formando uma expressão para designar ‘quando?/como?’. Exemplos:

---

[118] Resposta dessa pergunta: natu kuta-paj kata amaka mɨhɨz̪a (1s#querer-IMPF#essa#rede#vermelho) ‘Eu quero essa rede vermelha’.
[119] Resposta dessa pergunta: hukaj ɨ-nuka mepijawã pahɨ (Hukai#3s-matar#dois#macaco). ‘Hukai matou dois macacos’.
[120] Resposta dessa pergunta: ˈeju ɨu-ˈpaj mepijãwãˈwãka haˈtiwi (Eju#ter#quatro#cocar) ‘Eju tem quatro cocares’.
[121] Resposta dessa pergunta: n-uˈpaj ˈitsa mepijãˈwã (1s-ter-IMP#canoa#dois) ‘Eu tenho duas canoas’.
[122] Resposta dessa pergunta: maˈlalɨ ɨˈnuka mepijãˈwã ˈpahɨ (malalɨ#matar#dois#macaco) ‘Malalɨ matou dois macacos’.

(193) (a) /'**katsa=u'kaka** pu-ma'ta-we ha'tiwi/
QU=QU 2s-fazer-FUT cocar
'Como você fará o cocar?'[124]

(b) /'**katsa=u'kaka** 'pi-ja Brasília/
QU=QU 2s-ir Brasília
'Quando você vai a Brasília?'[125]

Essas partículas interrogativas, como pode-se observar, ocorreram no início das sentenças e, também, não apresentaram nenhum tipo de marcação morfológica.

Para perguntar sobre como se dará a locomoção de alguém, o wauja utiliza a partícula interrogativa /'katsa/ e a palavra /wa'kija/ formando uma expressão que designa 'Como?'. Exemplo:

(194) '**katsa=wa'ki-ja** Wahitʃa i-ja-we pɨ'taka-'naku/
QU=QU Wahixa 3s-ir-FUT aldeia-dentro
'Como Wahitʃa irá para a aldeia?'

No exemplo apresentado nota-se que a partícula ocorreu no início da sentença e que não ocorreu com marcas morfológicas.

Sobre as perguntas a respeito de lugar, a língua wauja emprega a partícula interrogativa /ka'maj/ 'onde?' no início da sentença e recebe o sufixo imperfectivo {-paj} 'IMPF'. Exemplo:

(195) '**kamai-paj** 'pitsa una-'paj
QU-IMPF 2s morar-IMPF
'Onde você mora?'

Para perguntas a respeito de lugar de origem a língua utiliza a partícula /ka'natsa/ 'de onde?' no início da sentença, sem qualquer marca morfológica. Exemplo:

(196) **ka'natsa** 'pitsu Anai'ɾu/
QU 2s Anairu
'De onde você é, Anairu?'

---

[123] Resposta dessa pergunta: 'natu n-u'-paj mepijã'wã n-itsu'palu (1s#1s-Ter-IMPF#dois#1s-filha) 'Eu tenho duas filhas'

[124] Resposta dessa pergunta: 'natu nu-ma'tawe kijã'kã kazu̯'zu̯tɨ ɨ'tana (1s#1s-fazer#muita#arara#pena) 'Eu faço com muitas penas de arara'.

[125] Resposta dessa pergunta: 'natu#'n-ijã-we#Brasília#mesai'kija (1s#1s-ir- FUT #Brasília#amanhã) 'Eu vou a Brasília amanhã'.

Para perguntar a causa do evento, ou estado, a língua emprega a partícula interrogativa /kama'nɨ/ ‘por que?’ no início das sentenças e sem marcas morfológicas. Exemplos:

(197) (a) **kama'nɨ** 'katsu i-ja-'neu
QU Katsu 3s-ir-?
‘Por que Katsu foi embora?’

(b) **kama'nɨ** Ha'ʒ̰ĩ hu-kute-nei 'pi-tunumala
QU Haʒ̰ĩ VBL-lavar-? 2s-rede
‘Por que Kajĩ lavou a sua rede?

A partir da sistematização das ocorrências, elaborou-se o seguinte quadro de resumo:

'katsa	Quem? Qual? O que?
'Katsa u'kaka	Como? Quando?
'Katsa wa'kija	Como? (locomoção)
'Katsa itsa'kala-'paj	Quantos?
'Kamaj-paj	Onde?
kama'nɨ	Por que?
ka'natsa	De onde?

Quadro 41: Partículas interrogativas

A partir do quadro de resumo, pode-se observar que as partículas interrogativas /'katsa itsa'kala/ ‘quantos?’, /'katsa u'kaka/ ‘quando?/como?’ e /'katsa wa'kija/ ‘como (ir)’ são derivadas da proforma /'katsa/ ‘quem?/o que?/qual?’.

Além disso, é importante mencionar que há, pelo menos, três proformas básicas que se iniciam com a sílaba “ka”, são elas: /'Katsa/ ‘quem?/o que?/qual?’, /Ka'maj/ ‘onde?’ e /Ka'nãtsa/ ‘de onde?’. Embora todas as palavras interrogativas iniciem-se por “ka”, não podemos atestar que seja um morfema dotado de significação no estágio atual da língua wauja, pois não encontramos, em nosso *corpus*, palavras como: *tsa, *itsa, *maj e *nãtsa. Tal investigação, portanto, deverá ser retomada futuramente.

6.5 As sentenças imperativas

As sentenças imperativas são responsáveis por exprimir ordens, pedidos ou conselhos. Segundo Köning and Siemund (2007), as estratégias de formação imperativa são encontradas na maioria das línguas, assim como no caso de interrogativas. Assim, todas as línguas do mundo possuem pelo menos uma estratégia para identificar os imperativos. Os autores afirmam que:

> In most studies, the label ‘imperative’ is reserved for sentence types expressing such speech acts when they are directed to addressees in the narrow sense of the word (second person). Some authors extend this narrow definition to include commands, requests, etc., addressed to the first and sometimes even to the third person (Xrakovskij, 2001), i.e. to cases for which, traditionally, labels like ‘hortatives’, ‘optatives’, ‘jussives’ and the like would be used. In keeping with the traditional definition, we understand imperatives as sentences with an understood second person subject” (KÖNING and SIEMUND, 2007, p.303). [126]

Köning and Siemund (2007) afirmam que a estratégia mais comum para a marcação imperativos parece ser uma forma especial flexionada ao verbo. Isto inclui os casos de afixos imperativos verdadeiros ou, então, marcação morfológica tomada de domínios diferentes como, por exemplo, o subjuntivo, o perfeito e formas passivas.

Outra característica bastante comum é que a marcação morfológica para o imperativo é menos extensa, em comparação com outros modos, como o indicativo e o subjuntivo. Os afixos de pessoa, gênero e número também são reduzidos, assim como o tempo, aspecto e similares são frequentemente suprimidos. No entanto, o quadro é complicado pelo fato de que o tipo de estratégia para a formação do imperativo depende da polaridade da frase, se positiva ou negativa. Muitas línguas usam uma estratégia em frases positivas, mas recorrem a uma estratégia totalmente diferente em sentenças negativas.

6.5.1 Imperativas positivas

As imperativas positivas se referem a polaridade afirmativa, ou seja, um conselho, pedido ou ordem solicitada sem o uso da negação. Em outras palavras, a imperativa positiva exprime algo diretamente.

Em wauja, pode-se reconhecer que a sentença é do tipo imperativa em função de apresentar, geralmente, apenas o sujeito e de não apresentar, no verbo, qualquer marca morfológica de modo ou aspecto. Exemplos:

(198) (a) p-aˈiNtʃa
2s-comer
‘Coma!’

[126] Na maioria dos estudos, o rótulo ‘imperativo’ é reservado para os tipos de frases que expressam tais atos de fala, quando eles são direcionados para destinatários no sentido estrito da palavra (segunda pessoa). Alguns autores estenderm essa definição restrita para incluir comandos, pedidos, etc., dirigida a primeira e às vezes até a a terceira pessoa (XRAKOVSKIJ, 2001), ou seja, casos em que, tradicionalmente, rótulos como ‘hortativos’, ‘optativos’, ‘jussivos’ e similares seriam utilizados. De acordo com a definição tradicional, os imperativos são sentenças com um sujeito entendido como segunda pessoa. (Tradução nossa)

(b) pi-katuˈma-la
2s-trabalhar-?
‘Trabalhe!’

(c) aw-atuˈlu-ka
2p-dança-VBL
‘Dancem!’

A partir dos exemplos expostos verifica-se que, em wauja, as sentenças imperativas positivas ocorrem apenas com os prefixos pronominais e verbos sem marcas morfológicas de tempo ou aspecto.

6.5.2 Imperativas negativas

As sentenças imperativas negativas merecem uma atenção especial, pois podem ser semelhantes ou muito diferentes em oposição às imperativas positivas. Há, basicamente, quatro estratégias que codificam atos de fala como imperativas negativas. De acordo Köning and Siemund (2007, p.308) são:

> (i) the use of a positive imperative verb in combination with the negative strategy found in declaratives;
> (ii) the use of a positive imperative verb in combination with a negative strategy not found in declaratives;
> (iii) the use of a verb other than the positive imperative and the negative strategy found in declaratives;
> (iv) the use of a verb other than the positive imperative and a negative strategy not found in declaratives.[127]

Em wauja pode-se observar que as imperativas negativas ocorrem com o uso de /aˈmijaN/ ‘IMP.NEG’, que expressa que a sentença é imperativa e, também, negativa. Exemplos:

(199) (a) aˈmijaN p-aˈiNtʃa kata-ni
IMP.NEG 2s-comer DEM-REL
‘Não coma isso!’

(b) aˈmijaN p-aˈkunu-ˈtene kuˈnu
IMP.NEG 2s-fechar-? porta
‘Não feche a porta’

[127] (i) o uso de um verbo imperativo positivo em combinação com a estratégia negativa encontrada em declarativas; (ii) o uso de um verbo imperativo positiva em combinação com uma estratégia negativa não encontrada em declarativas; (iii) o uso de um verbo diferente do imperativo positiva e estratégia negativa encontrada em declarativas; (iv) o uso de um verbo diferente do imperativo positivo e uma estratégia negativa não encontrada em declarativas. (Tradução nossa)

(c) a'mijaN ji-ja-'neu
IMP.NEG 2p-ir-?
'Não vão embora!'

Observa-se, a partir dos exemplos, que /a'mijaN/ 'IMP.NEG' ocorre tanto em imperativas negativas com '2s', como em (199a) e (199b), quanto '2p' em (198c). Assim, parece que, em wauja, a estratégia para expressar a imperativa negativa é acrescentar no início da sentença imperativa positiva a palavra /a'mijaN/ 'IMP.NEG'.

6.6 Orações complexas

Nesta seção serão abordadas as orações complexas em wauja. Como afirma Lyons (1979, p.186), as orações complexas distinguem-se em dois tipos: coordenadas e subordinadas.

6.6.1 As construções coordenadas

De acordo com Payne (1985), todas as línguas, em geral, possuem estratégias de coordenação no nível do sintagma e/ou no nível da sentença. Assim, as línguas podem recorrer à justaposição de sentenças no enunciado ou utilizar conjunções, como em Português, para estabelecer uma relação de coordenação.

Haspelmath (2007, p.1) afirma que "The term *coordination* refers to syntactic constructions in which two or more units of the same type are combined into a larger unit and still have the same semantic relations with other surrounding elements"[128].

De acordo com o autor, "The three main semantic types of coordination are conjunction, disjunction and adversative coordination. But languages can make more fine-grained semantic distinctions"[129] (HASPELMATH, 2007, p.22).

Nas próximas subseções, apresenta-se uma análise para as orações coordenadas em wauja, são elas: conjuntiva, disjuntiva e adversativa.

[128] "O termo *coordenação* refere-se a construções sintáticas em que duas ou mais unidades do mesmo tipo são combinadas em uma unidade maior e, ainda, possuem as mesmas relações semânticas com os outros elementos circundantes". (Tradução nossa)
[129] "Os três principais tipos semânticos de coordenação são conjunção, disjunção e coordenação adversativa. Porém, as línguas podem fazer mais distinções semânticas mais específicas". (Tradução nossa)

6.6.1.1 Orações conjuntivas

As orações conjuntivas, do ponto de vista semântico, são ligadas por um conector que estabelece uma ligação, sendo o mais neutro em termos de dependência entre as orações que coordena.

Haspelmath (2007, p.23) afirma que:

> The most important distinction in conjunction is the difference between **natural conjunction** and **accidental conjunction** (Wälchli (2003)). In natural conjunction, the conjuncts 'habitually go together and can be said to form some conventionalized whole or "conceptual unit" ' (Mithun (1988:332)). Typical examples of natural conjunction are 'mother and father', 'husband and wife', 'boys and girls', 'bow and arrows', 'needle and thread', 'house and garden'. Natural conjunction generally consists of only two conjuncts (hence the term **binomial**; cf. Malkiel (1959); Lambrecht (1984)). [130]

Em wauja, as orações conjuntivas consideradas naturais, como as exemplificadas por Haspelmath (2007) não apresentam conectores, ocorrendo apenas a justaposição. Exemplos:

(200) (a) Araci Laul hu-aˈmakapaj
Araci Laul VBL-rede-IMPF
'A Araci e o Laul estão dormindo'

(b) Arapawá ˈija ˈwaku Wajakumalu iˈtsenu
Arapawá ir banho Wajakumalu juntos
'O Arapawá e a Wajakumalu vão tomar banho juntos'

Por outro lado, observou-se a ocorrência da partícula /ˈta/ 'CONJ', que ocorre como um conector entre as orações. Exemplos:

(201) (a) ɨmalu='wajNtsa aj-hu-amaˈka-neu mujaNˈka-we a-uˈtuka usitʃuwi-ˈwiu
manhã=seguinte 1p-VBL-rede-COL um=pouco- FUT 1p-beber mingau-PERF
'Na manhã seguinte dormimos, depois bebemos mingau de mandioca

ˈ**ta** ˈa-ja ˈaNjtʃa tuma-ˈla-wi
CONJ 1p-ir comer trabalhar-?-?
e fomos trabalhar'

(b) [ˈkata ˈjauN a-tuˈku-ta kuˈz̪uta] ihaweˈnez̪e
DEM homem VBL-querer-VBL espírito contactar

[130] "A difrença mais importante em conjuntivas é a diferença entre a conjunção natural e a conjunção acidental (Wälchli (2003)). Nas conjunções naturais, as orações 'habitualmente andam juntas e podem ser ditas para formar alguma regra convencionalizada ou "unidade conceitual"' (Mithun (1988:332)). Exemplos típicos de conjunções naturais são 'mãe e pai', 'marido e esposa', 'meninos e meninas', 'arco e fllechas', 'linha e agulha', 'casa e jardim'. Conjunções naturais, geralmente, consistem de apenas duas conjunções (por isso o termo binominal; cf. Malkiel (1959); Lambrecht (1984))". (Tradução nossa)

'**ta** 'ija jaka'pa ɨu'wiu
CONJ ir pajé 3s-DAT-PERF
'Esse homem queria ver os espíritos e foi até o pajé'

(c) mijaN'waNka kawiN'hene '**ta** i'ja-ne papɨtaN'keN eu'haN
depois acordar **CONJ** ir-? aldeia=dele ?-ENF
'Depois ele acordou e voltou para a aldeia dele'

A partir dos exemplos, observa-se que o conector /'ta/ '**CONJ**' ocorrreu em todos os exemplos, ligando duas orações. Assim, pode-se postular que esse seja um conector conjuntivo.

6.6.1.2 Orações adversativas

As orações adversativas são caracterizadas, comumente, pela presença de um contraste entre as sentenças que compõem os enunciados. Embora seja bastante comum para as línguas ter um conectivo adversativo, outras línguas podem expressar o mesmo contraste exclusivamente por meio de orações subordinadas, segundo Haspelmath (2007, pp.28-29).

Em wauja, as orações coordenadas adversativas utilizam a partícula /pa'weNtse/ 'ADVS', que parece possuir a função de conector adversativo. Exemplos:

(202) (a) 'natu 'kuta 'n-ija n-itsu'heta-'pai **pa'wẽtse** 'ajtsa pa'pa pɨ'tapa 'natu
1s querer 1s-ir 1s-pescar-IMPF ADVS NEG pai deixar 1s
'Eu quero ir pescar, mas meu pai não deixa'

(b) n-a'kama tu'wa-wiu **pa'wẽtse** nu-tanu'le ekepe'jete 'natu-'wiu
1s-morrer ADV(quase)-PERF ADVS 1s-irmão salvar 1s-PERF
'Eu quase morri, mas meu irmão me salvou'

(c) 'n-ija ulei-ki'tsai ɨu'kala **pa'wẽtse** mane-'wiu
1s-ir polvilho-saco trazer ADVS acabar-PERF
'Eu fui buscar o saco de polvilho, mas acabou'

A partir dos exemplos apresentados, pode-se notar que a primeira oração apresenta sempre uma sentença declarativa, que é ligada a outra sentença à qual possui um contraste. Esse contraste é exprimido com o uso da partícula /pa'weNtse/ 'ADVS'. Em nosso corpus de dados não encontramos nenhuma marca morfológica (de tempo, modo ou aspecto) afixada à essa partícula.

6.6.1.3 Orações disjuntivas

As orações disjuntivas são caracterizadas por exprimirem uma alternância, geralmente traduzida em Português por “ou” e em Inglês por “or”. A diferença mais importante na disjunção é estabelecida entre disjunção interroogativa e disjuntiva padrão. De acordo com Haspelmath (2007, p.25), “The distinction between standard and interrogative disjunction cannot be reduced to the occurrence in declarative vs interrogative clauses, because standard disjunction may occur in questions as well”. [131]

Em wauja, a partir de nosso *corpus* de dados, não identificamos conjunções disjuntivas. Para expressar a alternância nos enunciados, a língua utiliza a justaposição, conforme os seguintes exemplos:

(203) (a) p-a'nata-'paj pi-ta-tu'ma-la-paj
2s-estudar- IMPF 2s-?-trabalhar-?-IMPF
‘Ou você estuda ou você trabalha’

(b) 'p-ɨzɨ 'ija i'tsuhi-ta-ha 'ija ka-ta'taku-wa
2s-pai ir pescar?-ENF ir VBL-caçar-DISTR
‘Seu pai foi pescar ou caçar?’

(c) Laul atu'kuta-paj 'itsa ahaN'taiN 'weeke
Laul querer-IMPF canoa pequena grande
‘Laul quer a canoa pequena ou grande?’

Nos exemplos observa-se que, como dito anteriormente, não há marcas morfológicas ou partículas disjuntivas que ocorram em enunciados para exprimir a disjunção. Nota-se que para exprimir essa alternância, a língua wauja utiliza a estratégia da justaposição das orações. Assim, a segunda oração é uma opção de alternância em relação à primeira.

6.6.2 As construções subordinadas

As construções subordinadas, conhecidas também como dependentes, são caracterizadas pela presença de propriedades sintáticas semelhantes a um nome, adjetivo ou advérbio. Assim, as sentenças subordinadas podem ser definidas com base em suas funções semânticas e gramaticais.

Segundo Thompson e Longacre (1985, p.172), as orações subordinadas são classificadas da seguinte maneira:

> We can distinguish three types of subordinate clauses: those which function as nouns phrases (called complements), those which function as modifiers of nouns (called relative clauses), and those which function as modifiers of verb phrases or entire propositions (called adverbial clauses).[132]

Há, pelo menos, três tipos de construções subordinadas: (i) orações que envolvem uma sentença matriz e uma subordinada em função de SN complemento da matriz, ou seja, semelhante a um nome; (ii) orações constituídas pela matriz e uma subordinada que funciona como modificador de um SN integrante da sentença matriz, ou seja, semelhante a um adjetivo e (iii) orações representadas pela matriz e uma outra sentença na posição de modificador de um SV ou mesmo da sentença matriz inteira, ou seja, semelhante a um advérbio.

6.6.2.1 As construções complemento

As construções complemento, também chamadas de "completivas", possuem a função de argumento de um predicado. Segundo Noonan (1985, p.44), a ligação entre essas sentenças e o predicado, em geral, ocorre com o auxílio de complementizadores, que podem ser palavras, clíticos ou afixos, que relacionam o predicado e o seu complemento.

Esses tipos de construções podem exercer funções distintas sintaticamente, são elas: sujeito (S ou A) e objeto (direto ou indireto).

Em wauja, as construções complemento exercem as funções de S e O. Exemplos:

		S		
		Or. Compl.		Or. Matriz
(204)	(a)	ja'muku-'taj	hu-a'maka	a'wɨzɨ̨ɨ
		criança-DIM	VBL-dormir	bom
		'É bom que a criança durma'		

			O
		Or. Matriz	Or. Compl.
	(b)	pi'tsana-'paj	u'nuka 'teme
		achar-IMPF	matar anta
		'Eu acho que ele matou a anta'	

[131] A diferença entre disjunção interrogativa e padrão não pode ser reduzida à ocorrência em sentenças declarativas vs interrogativas, porque a disjunção padrão pode ocorrer também em questões. (Tradução nossa)

[132] "Podemos distinguir três tipos de orações subordinadas: aquelas que funcionam como frases nominais (chamadas de complementos), aquelas que funcionam como modificadores de nomes (chamadas de orações relativas) e aquelas que funcionam como modificadores de sintagmas verbais ou proposições inteiras (chamadas de orações adverbiais)" (Tradução nossa).

Como afirmam Thompson e Longacre (1985:172), há três dispositivos que podem atuar na indentificação das sentenças subordinadas: (i) os morfemas subordinativos, (ii) as formas especiais de verbos e (iii) a ordem dos constituintes. Como pode-se observar nos exemplos apresentados, as orações complemento não apresentam marcas morfológicas que codifiquem a subordinação, ou seja, não há morfema subordinador ou forma verbal especial. Assim, em wauja, parece que a identificação está na ordem dos constituintes.

6.6.2.2 As construções relativas

As construções relativas são formadas por um núcleo e uma oração restritiva, em que *"[...] the head in itself has a potential range of referents, but the restricting clause restricts this set by giving a proposition that must be true of the actual referents of the over-all construction"*[133], como afirma Comrie (1981, p.136).

Em wauja, as construções relativas ocorrem com o uso do sufixo /nɨ/ 'REL', sufixado a verbos e pronomes demonstrativos. Exemplos:

(205) (a) ˈkala eˈnɨzo̞a a-ˈkama-ˈ**nɨ** nu-tukaˈka kala-ˈ**nɨ**
DEM homem VBL-morrer-REL 1s-irmão DEM-REL
'Esse homem que morreu era meu irmão'

(b) ˈkata eˈnɨzo̞a uˈnuka januˈmaka paˈpa unuka-ˈwa-**nɨ**
DEM homem matar onça pai matar-DISTR-REL
'Aquele homem que matou a onça é meu pai'

(c) ˈkala teneˈzo̞u anaˈtape-**nɨ** maˈkula-ˈtaiN ija uˈlei-ˈtaku
DEM mulher pintar-REL panela-DIM ir mandioca-COL
'A mulher que pintou a panelinha foi na roça'

A partir dos dados expostos, portanto, pode-se notar que, em wauja, há um sufixo relativizador, que ocorre em verbos e pronomes demonstrativos. Em (205a) pode-se observar a ocorrência do sufixo no verbo /aˈkama/ 'morrer' e no pronome demonstrativo /ˈkala/ 'DEM'. Em (205b) o sufixo ocorreu apenas no verbo /uˈnuka/ 'matar' e, por último, em (205c) o relativizador foi sufixado ao verbo /anaˈtape/ 'pintar'

[133] "[...] a cabeça em si mesma tem um alcance potencial de referentes, porém a oração restritiva restringe esse conjunto, dando uma proposição que deve ser verdadeira aos referentes reais de todas as construções" (Tradução nossa)

6.6.2.3 As orações adverbiais

As orações adverbiais, como apontam Thompson e Longacre (1985, p.176), são subordinadas que possuem a característica básica de modificar um verbo, um sintagma verbal ou uma outra oração, ou seja, semelhantemente aos advérbios, as orações adverbiais atuam como modificadores.

De acordo com Thompson e Longacre (1985), todas as línguas, em geral, possuem contruções formadas por duas sentenças em que uma delas exerce a função de um modificador da outra. Segundo os autores, as orações adverbiais podem ser divididas em 12 tipos básicos, distribuídos em duas classes: (i) aquelas que podem ser substituídas por uma única palavras, como as temporais, locativas e de modo; e (ii) aquelas que não podem ser substituídas por uma única palavra, como as objetivas, explicativas, circunstanciais, simultâneas, condicionais, concessivas, substitutivas, aditivas e absolutivas.

A partir da análise do nosso *corpus*, pudemos identificar as orações adverbiais temporais e causais, descritas adiante.

6.6.2.3.1 Adverbiais temporais

As orações subordinadas temporais caracterizam-se por localizar temporalmente o evento que está expresso pela oração principal. Em wauja, as adverbiais temporais ocorrem, geralmente, com a realização da partícula /'**pa**/ 'TEMP', que desempenha a função de conjunção temporal. Exemplos:

(206) (a) 'uni take'neu '**pa** a'kajN 'taka-'wiu
água época TEMP pequi cair-PERF
Quando chega a chuva, o pequi cai

(b) 'a-ja 'kata 'napu-wa 'tiki 'tiki 'tiki 'tiki '**pa** a-u'nupa aa'hati
10-ir DEM caminho-DISTR (som do gafanhoto) TEMP 1p-ver gafanhoto
'Estávamos andando neste caminho, quando vimos gafanhotos'

Em (206a) pode-se observar a ocorrência da conjunção temporal /'**pa**/ 'TEMP'entre as duas orações, estabelecendo entre elas uma ligação. Semelhantemente ao que ocorre em (206b). Assim, pode-se dizer que, em wauja, as adverbiais temporais são marcadas pelo uso da partícula /'**pa**/ 'TEMP', que desempenha a função de conjunção temporal nos enunciados.

6.6.2.3.2 Adverbiais causais

Em wauja, as adverbais causais são expressas por meio da partícula /ɨuˈkaka/ ‘porque’. Exemplos:

(207) (a) kuˈlepe-paj **ɨuˈkaka** Kaʐ̃ĩ huˈkute-nɨ
sujo-IMPF porque Kaʐ̃ĩ VBL-lavar-REL
‘Kaʐ̃ĩ lavou a rede porque estava suja’

(b) ˈauta-paj Katsu **ɨuˈkaka** ja-nɨ
doente-IMPF Katsu porque ir-REL
‘Katsu foi embora porque está doente’

Em (207a) e (207b) pode-se observar a ocorrência da partícula /ɨuˈkaka/ ‘porque’, estabelecendo uma ligação entre as orações nos enunciados. Assim, em wauja, as adverbiais causais são marcadas pelo uso dessa partícula.

CONCLUSÕES

Esta tese é o resultado de uma pesquisa que teve por objetivo descrever a língua wauja (Arawak) em seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Trata-se de uma descrição panorâmica sobre os principais aspectos linguísticos.

Os objetivos, a justificativa e a relevância da pesquisa são apresentadas na primeira seção “1 Introdução”, juntamente com uma breve descrição sobre as seções que compõem a tese.

A seção “2 O povo e a língua wauja” está dividida em duas partes. Na primeira, foram abordadas algumas características etnográficas, sem a pretensão de realizar um estudo antropológico completo. Foram feitos breves apontamentos sobre a cultura material, as relações sociais, as práticas de subsistência, as crenças e os rituais. Na segunda parte, por sua vez, foram abordadas questões referentes à língua wauja, com apontamentos bibliográficos sobre as listas de palavras, os estudos prévios e a filiação genética, bem como uma descrição da situação linguística do povo wauja, que pode ser considerada privilegiada em relação aos outros povos indígenas no Brasil, pois mantém vivo o uso da língua materna. O português é aprendido na escola, a partir dos nove anos de idade, e, também, nas poucas viagens que fazem até a cidade de Canarana-MT. Na aldeia, há poucas pessoas que falam português, geralmente, pessoas que prestam serviços para a FUNAI, a FUNASA, o ISA e a Escola Piyulaga. Foram expostas, também, algumas características sobre a escola na aldeia, sua organização, infraestrutura, projeto político-pedagógico e sobre a educação escolar indígena no Brasil.

A terceira seção, “3 Fundamentação teórico-metodológica”, apresenta algumas considerações sobre as abordagens teóricas que foram seguidas durante a pesquisa. Na análise fonológica, foram utilizados os procedimentos metodológicos propostos por Pike (1947) e Clements e Hume (1995). Na análise morfológica, para a depreensão das classes de palavras, foram utilizados os procedimentos expostos em Shopen (2007a) e a análise sintática foi baseada nos procedimentos expostos em Shopen (2007b). Além desses, seguiu-se, também, outros teóricos que estão alinhados à abordagem funcional-tipológica, tais como Foley e Van Valin (1984), Comrie (1989), Dryer (1991), Givón (2001), Haspelmath (2002) e outros.

Os principais aspectos fonológicos foram tratados na quarta seção, “4 Aspectos fonológicos”. Primeiramente, foi realizada uma análise fonêmica para a elaboração dos inventários fonéticos e fonológicos. Assim, pôde-se postular 15 segmentos consonantais: /p/, /t/, /ts/, /tʃ/, /k/, /ɢ/, /s/, /h/, /ʐ/, /m/, /n/, /w/, /l/, /ɾ/, /j/ e 5 segmentos vocálicos: /a/, /e/, /i/, /ɨ/,

/u/, os padrões silábicos V e CV, e os processos de ressilabificação. Em relação ao acento, verificou-se a ocorrência de raras palavras monossilábicas e uma ampla frequência de palavras dissilábicas, em que o acento não é previsível. Entretanto, em palavras trissilábicas, o acento ocorre sempre na penúltima sílaba e nas fronteiras morfológicas ocorre sempre na última sílaba, sendo considerado, portanto, previsível apenas nesses casos. Sobre a nasalidade, foram considerados os dados do Proto-Arawak de Payne (1991), propondo uma análise mais abstrata, em que não são consideradas vogais nasais na língua.

Em relação aos processos morfofonológicos, foram abordadas a africação e a palatalização, que ocorrem na fronteira morfológica após vogal anterior alta /i/. Assim, foneticamente, /p/ realiza-se como [ts], /k/ e /p/ realizam-se como [tʃ], /n/ e /w/ realizam-se como [j]. Após a análise fonêmica, foi feita a representação dos respectivos processos pela Geometria de Traços, proposta por Clements e Hume (1995).

No que se refere às convenções ortográficas, foi apresentado um quadro comparativo com os segmentos fonéticos e os símbolos ortográficos utilizados pelos wauja. Foram propostas apenas duas modificações, que podem tornar a leitura dos grafemas mais próxima da leitura de outras línguas indígenas, que é a substituição de <x> por <tx> para representar a consoante africada /tʃ/ e, também, a eliminação do traço subscrito na vogal "o" <o̲> para representar a vogal central alta /ɨ/. Essas alterações já estavam sendo feitas por alguns professores indígenas antes desta pesquisa, porém cabe à comunidade wauja, a partir do uso da língua, a decisão de qualquer mudança que venha a ocorrer na ortografia.

Na seção "5 Aspectos morfológicos", foram abordadas as classes de palavras, em que apesar da busca pela definição de cada categoria, a análise evidencia como as categorias gramaticais não são discretas, ou seja, apresentam um limite tênue entre uma categoria e outra. Foram descritas as seguintes classes de palavras: (1) nomes; (2) verbos; (3) adjetivos; (4) advérbios, (5) pronomes, (6) formas interrogativas, (7) expressões numéricas e (8) palavras quantificadoras.

Ao analisar a categoria "Nome" pode-se observar a ocorrência de prefixos pronominais, sufixos de gênero masculino {-hɨ} e gênero feminino {-lu} e {-tsu}, os sufixos coletivizadores {-taku}, {-tsaku}, {-pahɨ} e {-nauN}, o sufixo avaliativo {-tajN} e os sufixos classificadores {-Ga}, {-ka}, {-kana}, {-taɾi}, {-pana}.

Na categoria "Verbo", observou-se a ocorrência de prefixos pronominais, sufixos de tempo {-wɨ} 'PASS' e {-we} 'FUT' e os sufixos de aspecto {-wiu} e {-paj.}

Sobre a realização dos adjetivos, foi elaborado um quadro com as principais características em comparação com os nomes e verbos. Pode-se concluir que os adjetivos

assemelham-se aos nomes no que diz respeito aos prefixos pronominais, classificadores e sufixo de gênero feminino {-lu}, porém não ocorrem com o sufixo avaliativo {-tajN} e, ainda, assemelham-se aos verbos no que diz respeito a todos os elementos possíveis na estrutura morfológica: prefixos pronominais, sufixos de tempo e aspecto. Como dito anteriormente, as categorias gramaticais não são bem delimitadas, permitindo, assim, que os adjetivos se comportem ora como nomes e ora como verbos.

Foram identificados cinco tipos de advérbios, são eles: locativos (/ˈtaku/, /teˈpiga/, /kaˈnɨ/, /maˈna/, /ˈnaku/), temporais (/ˈɨʐɨ/, /auˈtsajN/, /kaˈpaka/, /seˈkuN/, /misaiˈki/, /ˈtɨʐa ˈwaiNtsa/, /mijaNˈkatɨ/), intensificador (/'tuwa/), afirmação (/'eNhe/) e negação (/'ajtsa/).

Na análise dos pronomes, foram identificados três tipos: pessoais (/'natu/, /'ajtsu/, /'pitsu/, /'jitsu/, /'ʒa/, /'nala/), demonstrativos (/'kata/, /'kala/) e interrogativos /ka'nai/, /kanaj-'paj/, /ka'na-tsa/, /ka'tsa/, /ka'tsa u'ka-ka/, /ka'tsa wa'ki-ja/, /ka'tsa 'itsa/, /ka'tsa 'itsa 'kala'paj/, /ka'tsa i'tsenu/, /ka'tsa 'wa-ka/, /kama'nɨ/, /kanu'manɨ/).

Na subseção referente aos quantificadores, foram descritas as expressões numéricas (/pa-'waN/, /mepi'-waN-waN/, /kama-waN-'kula/, /mepi-waN-waN='waN-ka/, /pa-'waN-ʐuN'kuN/, /pa-'waN=tapu'ta/, /meɲpi-waN-'waN=tapu'ta/, /kama-waN-'kula=tapu'ta/, /mepi-waN-waN='waN-ka=tapu'ta/, /pa-'waN=ʐuN'kuN # pa-'waN=ʐuN'kuN/) e as palavras quantificadoras (/kijaN'kaN/, /ahaN'tajN/).

Na última seção, “6 Aspectos sintáticos”, são apresentadas algumas considerações sobre a ordem dos constituintes das sentenças, com base em tipologias linguísticas, concluindo que o wauja pode ser considerado como uma língua “tipo II” na proposta de Greenberg (1966) e como uma língua “SVO” na proposta de Dryer (1985).

Nas subseções seguintes foram abordados os tipos de predicados (verbais e não-verbais). Nos predicados verbais foram descritas as sentenças existenciais, que são formadas com o verbo /'waka/ ‘existir’ e as sentenças possessivas, que fazem uso de prefixos pronominais para expressar a posse. Nos predicados não-verbais, foram descritas as sentenças que apresentaram predicados nominais, adjetivais e locativos. Em relação à ordem dos constituintes, os predicados nominais e adjetivais são semelhantes, pois há, primeiramente, a ocorrência do argumento externo e, em seguida, o argumento interno. Entretanto, nos predicados locativos essa ordem apresenta-se de forma invertida, ou seja, ocorre primeiramente o argumento interno e, depois, o argumento externo.

Foram descritas, também, as sentenças declarativas, consideradas como do tipo “não-marcado”, sendo a forma de sentença mais básica empregada na língua, com predominância de ordem SV.

Sobre as orações interrogativas, foram descritas as “polares”, que requerem uma resposta que pode ser considerada “fechada” (positiva ou negativa) e as “não-polares”, que são utilizadas quando o falante pressupõe um conhecimento compartilhado com o ouvinte sobre o assunto. As sentenças não-polares apresentaram as seguintes partículas interrogativas: /'katsa/, /'katsa u'kaka/, /'katsa wa'kija/, /'katsa itsa'kala-'paj/, /'kamaj-paj/, /kama'nɨ/ e / ka'natsa/.

Em relação às sentenças imperativas, em wauja, são caracterizadas por apresentarem, geralmente, apenas o argumento interno, por meio de prefixos pronominais e de não apresentarem sufixos de modo ou aspecto. Assim, as imperativas positivas são caracterizadas pela ocorrência de prefixos pronominais ligados aos verbos. As imperativas negativas, por sua vez, ocorrem com o uso de /a'mijaN/ ‘IMP.NEG’, que expressa que a sentença é imperativa e, também, negativa.

Na análise das orações complexas, foram descritas as orações coordenadas e subordinadas. A partir dos dados pode-se observar a ocorrência de orações coordenadas conjuntivas (que utilizam a partícula /'ta/), adversativas (que ocorrem com a partícula /pa'weNtse/) e disjuntivas (que expressam alternância por meio de justaposição). Nas orações subordinadas, por sua vez, foram descritas as construções complemento (que exercem as funções de S e O), as construções relativas (com o uso do sufixo /-'nɨ/ ‘REL’, ligado a verbos e pronomes demonstrativos) e as construções adverbiais temporais (com a partícula /'pa/) e causais (com a partícula /ɨu'kaka/).

Para concluir, vale dizer que ao propor a descrição de uma língua, muitas vezes não sabemos o que vamos encontrar nas análises. Muitas vezes, as análises são refeitas ao passo que novos dados são inseridos ao *corpus*. Assim, esta tese buscou analisar os principais aspetos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua wauja.

Apesar do tempo limitado que a pesquisa impõe, foi possível apresentar uma visão panorâmica da língua, em seus principais aspectos linguísticos. Em estudos posteriores, todas as seções poderão ser aprofundadas e, ainda, abordar outros aspectos que não foram tratados nesta tese, tais como: harmonização vocálica, acento secundário, a distinção entre nomes alienáveis e inalienáveis, a posse para os termos de parentesco e outros.

Este trabalho, portanto, é uma contribuição válida, pois trata-se de um trabalho acadêmico, que analisou dados pela própria pesquisadora, por meio de trabalho de campo *in locu*, e abordou aspectos da língua que não haviam sido tratados antes.

Esperamos que as análises apresentadas contribuam para o conhecimento das línguas indígenas arawak, em especial, as faladas em nosso território brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADAM, L. Trois familles linguistiques des bassins de l'Amazone et de l'Orénoque. *Annales du Congrès International des Américanistes,* 7, 489-96, 1890.

AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers*: a typology of noun categorization devices. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press, 2000.

AIKHENVALD, A. Y. Arawak Languages. In: *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Second Edition. Edition in Chief Keith Brown. Vol.1. Elservier. Amsterdam, 2006. (p.446-449)

AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language family. In R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ANDERSEN,T. Ergativity in Parï, a Nilotic OVSlanguage. *Lingua* 75, 1988 (p.289-324).

BAKER, M. *Lexical Categories. Verbs, Nouns and Adjectives*. Cambridge: CUP, 2003.

BALL, C. G. *Out of the park*: trajectories of Wauja (Xingu arawak) language and culture. The faculty of the division of the social sciences department of anthropology and the faculty of the division of the humanities department of linguistics. Chicago, Illinois, 2007.

BARCELOS NETO, A. *A arte dos sonhos*: uma iconografia ameríndia. Lisboa: Assírio e Alvim/Museu Nacional de Etnologia, 2002.

BARCELOS NETO, A. A cerâmica wauja: etnoclassificação, matérias-primas e processos técnicos. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16, 2006.

BARCELOS NETO, A. *Apapaatai*: rituais de máscaras no Alto Xingu. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo, FFLCH-USP, 2004a.

BARCELOS NETO, A. *Arte e Mito no Alto Xingu*: coleções etnográficas do Museu de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia/Universidade Federal da Bahia, 1999.

BARCELOS NETO, A. *Com os índios Wauja: objectos e personagens de uma colecção amazónica.* Lisboa, Museu Nacional de Etnologia (versão inglesa *Visiting the Wauja Indians: masks and other living objects from an Amazonian collection*, tradução de David Rodgers). Apresentação de Joaquim Pais de Brito, 2004b.

BARCELOS NETO, A. Monstros amazônicos: imagens Waurá da (sobre)natureza. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro: SBPC, v. 27, n.162, jul. 2000. (p.48-53)

BARCELOS NETO, A. O universo visual dos xamãs wauja (Alto Xingu). *Journal de la Société des Américanistes*, n.87, 2001. (p.137-160)

BARCELOS NETO, A. Processo criativo e apreciação estética no grafismo wauja. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.12, São Paulo, 2004c. (p.87-108)

BAUER, L. Derivational paradigms. In G. Booij and J. van Marle (eds.). *Yearbook of Morphology.* Dordrecht: Kluwer, 1997. (p.243-256)

BICKEL, B.; NICHOLS, J. Obligatory Possessive Inflection. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online.* Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Chapter 58. Disponível em: http://wals.info/chapter/58.

BICKFORD, J. Albert.*Tools for analyzing the world's languages: Morphology and syntax.* Online book (pdf format) and hard copy. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1998.

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. GOLDSMITH, John A. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

BOOIJ, G. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology.* Oxford University Press, 2005.

BOSQUE, I. *Las categorías gramaticales.* Madrid: Editorial SINTESIS, 1991.

BOWERN, C. *Linguistic Fieldwork*: a practical guide. Palgrave Macmillan. Rice University, 2008.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília-DF. 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI)*. 2ed. Brasília, 2005.

BRIDGEMAN, L. *Lista de palavras waurá*. MS, s/d.

BRINTON, D. G. Studies in South American native languages. *Proceeding of the American Philosophical Society*, 30, 45-105, 1892.

CAGLIARI, L. C. *Questões de morfologia e fonologia*. Edição do autor. Coleção Espiral. Série Lingüística, v.5, Campinas-SP, 2002.

CARVALHO, J. C. M. Relações entre os índios do Xingu e a Fauna Regional. *Publicações avulsas*, n.7. Museu Nacional, 1951.

CARVALHO, J. C. M.; LIMA, P. E..; GALVÃO, E. Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu. *Museu Nacional, publicações avulsas*, n.5. Rio de Janeiro, 1949.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In: John Goldsmith (ed.). *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Basil Blackwell, Oxford, 1995. (p.245-306)

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. CV Phonology. *A generative theory of the syllable*. Cambridge: MIT Press, 1983.

COELHO, V. P. A festa do pequi e o zunidor entre os índios Waurá. *Bulletin de la Soc. Suisse des Américanistes*. Genebra: Soc. Suisse des Américanistes, n.55/56, 1992. (p.37-56)

COELHO, V. P. Algumas histórias Waurá. *Publicações do Museu Municipal de Paulínia*, n.19. Paulínia, 1982. (p.7-12)

COELHO, V. P. Alguns aspectos de cerâmica dos índios Waurá. *Coleção Museu Paulista*. Série Ensaios, n.4. Egon Schaden Festschrift. São Paulo, 1981. (p.55-83)

COELHO, V. P. Figuras antropomorfas nos desenhos dos índios Waurá. *Bulletin de la Soc. Suisse des Américanistes*. Genebra: Soc. Suisse des Américanistes, n.55/56, 1991. (p.57-77)

COELHO, V. P. Figuras zoomorfas na arte Waurá: anotações para o estudo de uma estética indígena. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n.5. São Paulo: USP, MAE, 1995. (p.267-281)

COELHO, V. P. Informações sobre um intrumento musical dos Índios Waurá. *Publicações do Museu Municipal de Paulínia*, n.33. São Paulo, 1988. (p.193-224)

COELHO, V. P. Motivos geométricos na arte Uaurá. In: COELHO, Vera Penteado (Org.). *Karl von den Steinen*: um século de antropologia no Xingu. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1993. (p.591-629)

COELHO, V. P. Um eclipse do sol na Aldeia Waura. *Publicações do Museu Municipal de Paulínia*, n.69. 1983. (p.149-167)

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. (p.101-129)

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

COMRIE, B.; SMITH, G. Questionnaire. *Lingua Descriptive Studies*, 1977.

COMRIE. B. *Tense*. Cambridge textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORBERA MORI, A. A posse nominal em línguas arawák do sul e arawák central: uma abordagem descritiva. *Estudos lingüísticos*. Campinas-SP, v.34, p.263-268, 2005.

CORBERA MORI, A. Correspondencias entre grafemas y segmentos en los vocabularios Waurá e Mehináku de Steinen (1866[1940]). *Baciyelmo* (Letras. Imágenes. Creación), 2008.

CORBERA MORI, A. Estrutura silábica e nasalidade em Waurá. *Signótica* 15(2): 143-152, 2003.

CORBERA MORI, A. Relações entre grafemas e segmentos nos vocabulários Waurá e Mehináku de Steinen (1866[1940]). *Revista de Estudos da Linguagem.* UESB Bahia, n.3, p.143-157, 2006.

CORBETT, G. G. Gender and noun classes. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description*: Grammatical Categories and Lexicon. Second Edition, v.3. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 (p.241-279).

CORBETT, G. G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CORBETT, G. G. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. 2ed. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DERBYSHIRE, D. *Hixkaryana*. Lingua Descriptive Studies 1. Amsterdam: North-Holland, 1979.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA . CD-ROM. Versão 1.0. Instituto Antônio Houaiss. Produzido e Distribuído por Editora Objetivo Ltda, 2001.

DIMMENDAAL, G. J. *The Turkana Language*. Dordrecht: Foris Publications Holland, 1983.

DIXON, R. M. W. *A Grammar of Boumaa Fijian*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

DIXON, R. M. W. Field linguistics: a minor manual. *Spractypologie und Universalienforschung. Language Typology and Universals*, n.60, vol.1, 2007. (p.12-31)

DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. (eds) *Adjective Classes: A Cross-linguistic Typological Study*. Oxford: OUP, 2004.

DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. *Word*: a Cross-Linguistic Typology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DIXON, R.M.W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DRYER, M. S. Word order. In: SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description*. Vol. 1: Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1985] (p.61-131).

DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online (WALS)*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Versão online disponível em: http://wals.info/.

DRYER, Matthew S. SVO Languages and the OV/VO Typology. *Journal of Linguistics* 27, 1991. (p.443-482)

DUBOIS, J.; GIACOMO, L.; GUESPIN, L. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1987.

EWEN, C.; HULST, H. van der. *The phonological structure of words*. Cambridge: CUP, 2001.

FACUNDES, S. S. Historical linguistics and its contribution to improving knowledge of arawak. In Jonathan D. Hill; Fernando Santos-Granero (eds.) *Comparative arawakan histories. Rethinking language family and culture area in Amazonia*. Chicago: University of Illinois Press, 2002, p.74-96.

FARGETTI, C. M. Grupo de pesquisa: LINBRA - Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras. Em: *Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil*. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2011.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R., D. Jr. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FUDJE, E. Syllables. *Journal of Linguistics 5*, 1969 (p.253-287).

GIVÓN, T. *Syntax. An Introduction.* Vol.1-2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. *Syntax:* a functional typology introduction.Vol.I-II. Amsterdam: Jonh Benjamins Publishing Company, 1990 [1984].

GOEJE, C. H. de. *The Arawak language of Guiana*. Amsterdam: Koninklijke Akademic van Wetenschappen, 1928.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

GOLDSMITH, J. A. *The Handbook of Phonological Theory.* Oxford: Blackwell, 1995.

GREENBERG, J. H. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

GREENBERG, J. H. The general classification of Central and South American Indian Languages. *Men and cultures:* selected papers of the 5th International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences, 1956. Ed. by Anthony Wallace, 791-794. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1960.

HALE, K. On endangered languages and the importance of linguistic diversity. In: Lenore A. Grenoble e Lindsay J. Whaley (eds.). *Endangered Languages. Language loss and community response*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *Metrical Structures in Phonology*. Cambridge: MIT, 1978.

HARRIEHAUSEN, B. *Hmong Njua*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1990.

HASPELMATH, M. 1993. A Grammar of Lezgian. Berlin: Mouton de Gruyter. In: HASPELMATH, M. *et al.* (eds.) *The World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. Arnold Publishers, 2002.

HAUGEN, E. *Bilingualism in the Americas*: a bibliography and research guide. University of Alabama Press, 1956.

HAYES, B. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT, 1980.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory (Principles and Case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory: principles and case studies.* Los Angeles, University of California, 1991.

HERNANDORENA, C. L. Introdução à teoria fonológica. In Leda Bisol (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999.

HOCKETT, C. *A Manual of Phonology*. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

HOFHERR, P. C.; MATUSHANSKY, O. *Adjectives*: formal analyses in syntax and semantics. Linguistik Aktuell. Linguistics Today 153. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 2010.

HOOPER, J. B. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.

HOOPER, J. B. The syllable in phonological theory. *Language 48*, 1972 (p.525-540).

HYMAN, L. *Phonological theory and analysis*. Fort Worth, TX, Holt, Rinheart and Winston, 1981.

HYMAN, L. *Phonology*: Theory and Analysis. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

IDS - Intercontinental Dictionary Series. Language: Waura. Disponível em: http://lingweb.eva.mpg.de/ids/, s/d.

IPEAX – Instituto de Pesquisa Etno Ambiental do Xingu. Censo publicado no Instituto Socioambiental. *Povos indígenas no Brasil*. Verbete: Wauja. Disponível no link: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wauja. Acesso em 22/10/2011.

IRELAND, E. M. Neither Warrios nor Victims, The Wauja Peacefully Organize to Defend their Land. *Cultural Survival Quarterly*, 15(1), 1991. (p.54-60)

ISA - Instituto Socioambiental. *Wauja Ogatakojataku*: livro para alfabetização na língua wauja. São Paulo: ISA/MEC/ATIX, 2004.

JACKSON, E.; RICHARDS, J. *Waurá tentative phonemics statement.* Arquivo Lingüístico n.104. Brasília-DF, SIL, 1966.

JESPERSEN, O. *The Philosophy of Grammar*. London: Allen and Unwin, 1924.

KAHN, D. *Syllable based generalizations in English phonology*. Cambridge: Mass: MIT, 1976.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1994.

KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics*: *setting up the problem*. Mouton: The Hague-Paris, 1977.

KIPARSKY, P. Metrical structure assignment is cyclic. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, Mass., n.10, 1979 (p.421-441)

KRAUSE, F. Die *Waurá-Indianer des Schingú-Quellgebietes, Zentral-Brasilien*. Mitteilungsblatt der Gesellschaft für Völderkunde, Heft 7, Leipzig, 1936. (p.14-33)

KRAUSE, F. *Gegenslände der Waurá-Indianer, Schingú-Quellgebiet, Zentralbrasilien.* Mitteilungsblatt der deutschen Gesellschaft für Völkerkunde, 9, Leipzig, 1939. (p.25-40)

KRAUSS, M. The world's languages in crisis. *Language* 68(1*)*, 1992 (p.4-10).

KURYLOWICZ, J. Contribution à la théorie de la syllabe. *Bulletin de la Société Polonaise de Linguistique 8*, 1948 (p.80-114).

LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. Fort Worth, TX, Harcourt Brace College Publishers, 1993.

LANGACKER, R. W. *Non-distinct Arguments in Uto-Aztecan*. University of California Publications in Linguistics 82. Berkeley: University of California Press. Nouns and verbs. *Language* 63, 1976, 1987. (p.53-92)

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry*, n.8, 1977. (p.249-336)

LIMA, P. E. Grupos sanguíneos dos índios do Xingu. *Boletim do Museu Nacional.* Nova Série, Antropologia, n.11. Rio de Janeiro, 1950b.

LIMA, P. E. Os índios Waurá. Observações gerais. A cerâmica. *Boletim do Museu Nacional.* Nova Série, Antropologia, n.9. Rio de Janeiro, 1950a.

LOUKOTKA, Č. *Classification of South American Indian languages* (Johannes Wilbert, editor). Los Angeles: UCLA Latin American Center, 1968.

LYONS, J. *Introduction to Theorical Linguistics*. Cambrigde: Cambridge University Press, 1979.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTINET, A. *Elements of General Linguistics*. Originally published in French. Paris: Librairie Armand Colin. Translated by Elisabeth Palmer. Chicago: University of Chicago Press, 1960/1964.

MASON, J. A. The languages of South American Indians. *Handbook of South American Indians*, vol.VI, ed. J. H. Steward. Bureau of American Ethnology. Bulletin 143. Washington, D.C.:Smithsonian Institution, 1950.

McCARTHY, J. J. *Formal problems in Semitic phonology and morphology*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Mass, 1979.

MCCARTHY, J. J. McCarthy. OCP effects: Gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry, n.* 17, 1986. (p.207-263)

MCCARTHY, J. J.; Prince, A. Prosodic morphology. *Rutgers Technical Report TR-32*. New Brunswick, Rutgers University Center for Cognitive Science, 1986.

MCCAWLEY, J. D. "What is a tone language?" Paper presented at the Summer Linguistic Society of America Meeting, 1964.

MCCAWLEY, J. D. Some tonal systems that come close to being pitch accent but don't quite make it. In: CAMPBELL, M. *et al* (eds.). *Papers From the Sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 1970. (p.526-532)

MCCAWLEY, J. D. *The Phonological Component of a Grammar of Japanese.* Monographs on Linguistic Analysis 2. The Hague: Mouton, 1968.

MELLO, M. I. C. *Música e mito entre os Wauja do Alto Xingu*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 1999.

MOORE, D.; GALUCIO, A. V.; GABAS JR., N. Desafio de documentar e preservar línguas. *Amazônia*: destinos, vol.3: 36-43, 2008.

MOSELEY, C. (ed.) *Atlas of the World's Languages in Danger*. Paris: UNESCO Publishing, 3ed. 2010. Versão online: http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlangua ges/atlas. Acesso em 22/10/2011.

MYAZAKI, N. *Cerâmica Waurá*: mudanças de tipos. Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, n.2. São Paulo: Museu Paulista, 1978.

MYAZAKI, N. *Mundo cromático Waurá*. Publicações do Museu Municipal de Paulínia, n.16. Paulínia: Museu Municipal, 1981. (p.1-9)

MYAZAKI, N. *The Waura and Mehinaku - Ethnological Study of two Aruak tribes in the Upper Xingu, State Mato Grosso, Brazil*, Tókio, 1965.

MYAZAKI, N. *The Waurá and Mehinaku*. Tese de doutorado. Toquio: Universidade de Tóquio, 1966.

NICHOLS, J.; BICKEL, B. Locus of Marking in Possessive Noun Phrase. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online.* Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Chapter 24. Disponível em: http://wals.info/chapter/24.

NICHOLS, J.; BICKEL, B. Possessive Classification. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Chapter 59. Disponível em: http://wals.info/chapter/59.

NOBLE, G. K.. Proto-Arawakan and its descendants. Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics, Publication 38. *International Journal of American Linguistics*, 31:3, parte 2. Bloomington, 1965.

PAYNE, D. L. A classification of maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In Desmond C. Derbyshire e Geoffrey K. Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 3: 355-499. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1991.

PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax*: a guide for field Linguistics. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

PERNISS, P. M.; Z., U. Possessive and existential constructions: introduction and overview. In: *Possessive and existential constructions in sign languages*. Nijmegen: Ishara Press, 2008 (p.1-31).

PETRULLO, V. M. Primitive Peoples of Matto Grosso, Brazil. *The Museum Journal*, XXIII, n.2. University Museum, Philadelphia, 1932. (p.83-173)

PIGGOTT, G. Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural Language and Linguistic Theory*, n.10, 1992 (p.33-77)

PIKE, K. L. *Phonemics*: a technique for reducing languages to writing. The University of Michigan Press, 1947.

POSTIGO, A. V. Uma análise fonológica das listas de palavras Wauja (Arawák). Em: *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*, Curitiba-PR, 2011.

PPP - *Projeto Político Pedagógico*. Documento elaborado pela Escola Estadual Indígena Educação Básica Piyulaga e liderança da aldeia. Gaúcha do Norte-MT, 2011 (não publicado).

PRINCE, A. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*, v.14, n.1, 1983 (p.19-100).

RAMIREZ, H. *Línguas arawak da Amazônia Setentrional*: comparação e descrição. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

RICE, K. *A Grammar of Slave*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989.

RICHARDS, J. A estrutura verbal em Waurá. *Série Lingüística* 9 (2): 192-218, 1988.

RICHARDS, J. Dificuldades na análise da possessão nominal na língua Waurá. *Série Lingüística* 1: 11-29, 1973.

RICHARDS, J. Orações em Waurá. *Série Lingüística* 7:141-184, 1977.

RICHARDS, J.; JACKSON, E. *Fomulário dos vocábulos padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras. Língua Waurá*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

RIVET, P. Langues americaines. In *Les Langues du monde*, ed. Antoine Meillet and Marcel Cohen, 597-712. (Collection Linguistique n.16.) Paris: Champion, 1924.

ROBINS, R. H. *General Linguistics*: An Introductory Survey. London: Longmans, Green and Co, 1964.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras*: *para o conhecimento das línguas indígenas*. Edições Loyola, São Paulo, 1986.

RONDON, C. M. S. *Índios do Brasil*, I: do Centro, Noroeste e Sul de Mato-Grosso. Rio de Janeiro, 1946. *Índios do Brasil*, II: das Cabeceiras do Rio Xingu, dos Rios Araguáia e Oiapóque. Rio de Janeiro, 1953.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

RUPP, J. E. *Lealao Chinantec Syntax*. Studies in Chinantec Languages 2. Dallas: Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington, 1989.

SAILDP. South American Indian Languages Documentation Project (Projeto de documentação das línguas indígenas da América do Sul). *Questionário Gramatical*. Berkely University, s/d.

SAMARIN, W. J. *Field linguistics*: a guide to linguistic field work. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.

SCHACHTER, P.; SHOPEN, T.. Parts-of-Speech systems. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description*: Clause Structure. Second Edition, v.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, 2007.

SCHMIDT, M. Los Waurá. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, I. São Paulo, 1947. (p.61-64)

SCHMIDT, M. Resultados da minha expedição bienal a Mato Grosso, de setembro de 1926 a agosto de 1938. *Boletim do Museu Nacional*, XIV-XVII (1938-1941). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

SCHULTZ, H. Lendas Waurá. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: Museu Paulista, v.4, 1965. (p.21-149)

SCHULTZ, H. The Waurá: brazilian indians of the hidden Xingu. *National Geographic*, s.l.: s.ed., n.129, 1966. (p.150-52)

SCHULTZ, H.; CHIARA, V. A pá semilunar da mulher waurá. *Revista do Museu Paulista*, N.S.XVII. São Paulo, 1967.

SCHULTZ, H.; CHIARA, V. Mais lendas Waura. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tomo 60, 1971. (p.105-135)

SEKI, L. A Lingüística Indígena no Brasil. In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999. (p.257-290)

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá*: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Imprensa Oficial SP, Editora UNICAMP. 2000.

SELKIRK, E. O. *The role of prosodic categories in English word stress*. LI 11, 1980. (p.563-605)

SELKIRK, E. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington: IULC, 1980.

SELKIRK, E. The syllable. HULST, Harry Van der; SMITH, Norval. *The structure of phonological representations* (part II). Foris, Dordrecht, 1982 (p.337-383).

SHAFER, R. Algumas equações fonéticas em Arawakan. *Anthropos*, 54:542-62, 1959.

SHOPEN, T. Language typology and syntactic description. Vol. 1: Clause Structure. Vol II. Complex constructions. Vol. III. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SPENCER, A.; ZWICKY, Arnold M. *The Handbook of Morphology*. Blackwell Reference Online, 2001.

STASSEN, Leon. Predicative possession. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online.* Munich: Max Planck Digital Library, 2011, Chapter 117. Disponível em: http://wals.info.chapter/117.

STEINEN, K. von den. *Entre os aborígenes do Brasil central*. Trad. Egon Schaden. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940 [1894].

STEINEN, K. von den. *Unter den naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Berlin, 1894.

TALLERMAN, M. *Understanding Syntax*. London: Arnold, 1998.

TRIGO, R. *On the phonological derivation and behavior of nasal glides.* MIT Ph. D. Dissertation, 1988.

TUGGY, D. H. Tetelcingo Nahuatl. In RonaldW. Langacker (ed.), *Modern Aztec Grammatical Sketches*. Studies in Uto-Aztecan Grammar 2. Arlington: Summer Institute of Linguistics, 1977 (p.1-140).

UMAÑA, A. C. La restituición: un método lingüístico reconstructivo sincrónico. Em: Filología y Lingüística XXVI (2), 2000. (p.161-180)

VASCONCELOS, V. P. T. F. Expedição ao Rio Ronuro. *Conselho Nacional de Proteção aos Índios*, publicação n.90. Rio de Janeiro, 1945.

VAUX, B.; COOPER, Justin. *Introduction to Linguistic Field Methods.* Lincom Coursebooks in Linguistics. Lincom Europa, 1999.

VENNEMANN, T. On the Theory of Syllabic Phonology. *Linguistische Berichte*, 18.1, 1972 (p.1-18).

VENNEMANN, T. *Preference laws for syllable structure and the explanation of sound change*: with special reference to German, Gernanic, Italian, and Latin. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.

VOORHOEVE, J. Historical and linguistic evidence in favour of the relexification theory in the formation of creoles. *Language in Society* 2, 1973.(p.133-145)

WEBER, I. *Escola Kaxi. História, cultura e aprendizado escolar entre os kaxinawá do rio Humaitá (Acre).* Dissertação de mestrado, UFRJ. Rio de Janeiro, 2004.

WELLS, M. A. *Siroi Grammar*. Pacific Linguistics, Series B 51. Canberra: The Australian National University, 1979.

WELMERS, W. Tonemics, morphotonemics and tonal morphemes. *General Linguistics*, n.4, 1959. (p.1-19)

WOO, N. *Prosody and phonology*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1969.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (orgs). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, vol.1, 1990.

ANEXO

ANEXO: Formulário padrão

Num.	Português	Wauja
1.	cabeça	['tiwi]
2.	a cabeça é redonda	['tiwi ˌpakaka'taɾi]
3.	cabelo	[ˌtiwi'tʃahi]
4.	o cabelo é preto	[ˌtiwi'tʃahi jala'kĩ]
5.	orelha	[tu'lũj]
6.	ele furou a orelha	[ʐa'hã pu'lɛke tu'lũj]
7.	olho	[ʐu'taj]
8.	o olho é bom	[ʐu'taj a'wɨtʃɨ]
9.	nariz	[a'kitsi]
10.	o nariz está inchado	[a'kitsi 'jãku ˌmapɨ'hɨne]
11.	boca	[aka'natɨ]
12.	língua	[ɨˌɢata'kɨʐa]
13.	a língua está na boca	[aˌɢatakɨ'ʐa aˌkanatɨ'paj]
14.	dente	[ˌitse'wej]
15.	cinco dentes	[ˌitsei'wej paˌwãˌwɨʐukũ'paj]
16.	saliva	[aɢa'numa]
17.	pescoço	[piɢũ'wĩ]
18.	o pescoço é comprido	[piɢũ'wi awa'pa]
19.	peito	[aˌnupana'taku]
20.	costas	[tana'kaj]
21.	mão	[wɨʐɨ'kuwi]
22.	ele está apertando a mão	[ʐa'hã hana'paj pawɨ'ʐɨku]
23.	perna	[ka'ti]
24.	ele está coçando a perna	[ʐa'hã eˌwejehe'pej pa'katɨ]
25.	joelho	[tʃe'tuwi]
26.	o joelho está mau	[tʃe'tuwi kaw'paj]
27.	pé	[kitsa'paj]
28.	ele está lavando os pés	[ʐa'hã huˌkutehe'nej ˌpaki'tsapa]
29.	coração	[ãj'wĩtsi]
30.	o coração do jacaré	[ja'kaˈĩ'wĩtsi]
31.	fígado	[tuku'tɨ]
32.	o fígado do macaco	['pahɨ uˌtuku'tɨ]
33.	barriga	[kawa'laj]
34.	tripas, intestinos	[sitʃa'pi]
35.	pele	[amã'i]
36.	ele cortou a pele	[ʐa'hã hɨkɨta pamã'i]
37.	osso	[na'pi]
38.	o osso é pesado	[na'pi ɨˌmɨna'paj]
39.	sangue	[ɨ'ʐaj]
40.	o sangue é vermelho	[ɨ'ʐaj mɨ'hɨʐa ɢa'paj]
41.	bicho	[a'papa'taj 'mɨna]
42.	ele viu alguns bichos	[ʐa'ha u'nupa aˌpapa'taj 'mɨna]
43.	jacaré	[ja'ka]
44.	cachorro	[awˌawluku'mã]
45.	ele bate no cachorro	[ʐa'hã majtʃa'paj awˌawluku'mã]
46.	onça	[janu'maka]
47.	a onça está bebendo água	[janu'maka tukapaj unɨ]

48.	macaco	[ˈpahɨ]
49.	anta	[ˈteme]
50.	chifre	[ˈɨuta]
51.	dois chifres	[meˌpijãwãˈpaj ˈɨuta]
52.	rabo	[ĩˈtʃutɨ]
53.	o menino está puxando o rabo do macaco	[ˌjamukuˈtaj ãtaˈpaj pahɨ ˌĩtʃuˈtitsa]
54.	pássaro	[ˌkuhuˈpɨzˌa]
55.	os pássaros estão voando	[kuhuˌpɨzˌatɨˈtɨpe walaˈpaj]
56.	papagaio	[saˈkalu]
57.	garra, unha de bicho	[uˈkalu ɨˈhupa]
58.	as unhas do papagaio	[uˈzˌaw ˈɨhupaˈzˌata]
59.	asa do papagaio	[kazˌuˈzˌutɨ ɨˈtana]
60.	as asas são brancas	[ˈupi ɨˈtana kitsuˌwaˈpaj]
61.	pena, pluma	[ɨˈmapɨ]
62.	esta pluma é pequena	[jakawaˈka ahãˈtaj]
63.	ovo	[iˈtsaj]
64.	ele está contando ovos	[zˌãˈhã ɨˌjãkaˈpaj iˈtsaj]
65.	peixe	[kuˈpatɨ]
66.	o peixe está nadando	[kuˈpatɨ eˌtsunaˈpaj]
67.	cobra	[ˈuwi]
68.	ele tem medo de cobra	[zˌãˈhã mɨzˌaˈpaj ˈuwi ˈɨutsa]
69.	piolho	[neˈtsej]
70.	poucos piolhos	[ˈajtsa ɨˌkumaˈpaj neˈtsej]
71.	verme / milhoca	[ˌpujepujeˈlej] / [ĩˈjẽj]
72.	quatro vermes	[ahaˈtãj haˈtãj ˌpujepujeˈlej]
73.	milho	[ˈmajki]
74.	o milho é amarelo	[ˈmajki weɾuˈja]
75.	mandioca	[uˈlej]
76.	ele apanha a mandioca	[zˌaˈhã paˈhaka uˈlej]
77.	fumo / tabaco	[hɨːˈka] / [taˈpepe]
78.	o fumo está aqui	[kataˈpaj hɨːkaˈhã]
79.	árvore	[ˈata]
80.	a árvore está queimando	[ˈata uˌsitʃeheˈnej]
81.	pauzinho	[aˈtatɨ]
82.	o pau é grosso	[awtɨˈpaj ˈata]
83.	capim, grama	[ataˈkahɨ]
84.	o capim é verde	[ataˈkahɨ itʃuˈla]
85.	flor	[ɨˈpulu]
86.	esta flor	[kataˈhã ɨˈpulu]
87.	a outra flor	[ɨˈpawa ɨˈpulu]
88.	fruta	[ɨˈtaj]
89.	a fruta está estragada	[kaˈta ataɨˈtaj aˈitsa awɨzˌɨˈwiw]
90.	semente	[panaˈkati]
91.	muitas sementes	[ɨkumaˈpaj panaˈkati]
92.	folha	[ataˈpana]
93.	a folha é fina	[ataˈpana aˈhã pijãpɨˈtãj]
94.	raiz	[ɨˈtapa]
95.	três raízes	[kaˌmawkulaˈpaj ɨˈtapa]
96.	casca	[ɨˈzˌata]
97.	a casca é grossa	[iˈtsaku ɨˈzˌata]
98.	céu	[enuˈtaku]

99.	sol	[ˈkamɨ]
100.	o sol é redondo	[ˈkamɨ pakakataˈɾi]
101.	lua	[ˈkezɻɨ]
102.	a lua é grande	[ˈkezɻɨ ˈweke]
103.	estrela	[kaˈlũtɨ]
104.	todas as estrelas	[ɨkumaˈpaj kaˈlũtɨ]
105.	dia	[kamɨmaˈwã]
106.	um dia	[pawãhaˈtaj jɨˈjawa taj muʃ̃wɨˈpáj kaˈlũtɨ]
107.	noite	[jɨˈjawa]
108.	a noite é curta	[jɨˈjawa wɨˌtʃanapɨˈpaj]
109.	ano / mês	[kamɨˈkaki] / [ˈkejɨ]
110.	nuvem	[iˈjepe]
111.	a nuvem está no céu	[iˈjepe enuˈpaj]
112.	chuva	[ˈunɨ]
113.	a chuva é fria	[ˈunɨ katɨkaˈpaj]
114.	nevoeiro (fumaça da terra)	[amiˌjãmiˈjã]
115.	vento	[isiˈjã]
116.	o vento está soprando	[isiˌjãwakaˈpaj]
117.	gelo	[enuˈzɻutɨ]
118.	a água está gelada	[ˈunɨ ˌkatɨkaˈpaj]
119.	rio	[unɨˈɢene]
120.	o rio é estreito (apertado)	[ˌuniɢeneˈtẽj]
121.	água	[ˈunɨ]
122.	a água está correndo	[ˈunɨ miˌjãɢãˈpaj]
123.	a folha está boiando na água	[ataˈpana alaˌkijaˈpaj ˌunɨɢamaˈwã]
124.	lagoa	[maɢãˈpɨna]
125.	a lagoa é longe	[maɢaˈpɨna ˌkamakaˈpaj]
126.	mar	[awakuˈma]
127.	terra	[keˈhɨtɨ]
128.	a terra é seca	[keˈhɨtɨ uluˈhɨ]
129.	pó, poeira	[tɨmuˈkaj]
130.	tem muita poeira	[kiˌjãkaˈpaj tɨmuˈkaj]
131.	areia	[kehɨˈpenu]
132.	o mato	[ataˈtaku]
133.	o outro está no mato	[kataˌtakuˈpaj uˈpawa]
134.	monte, morro	[ˌpenuˌpenuˈkatɨ]
135.	aquele monte	[ˈkala ˌpenuˌpenuˈkatɨ]
136.	pedra	[ˈtɨpa]
137.	ele está jogando pedras	[zɻaˈhã wasitʃaˈpaj ˈtɨpa]
138.	caminho	[ahɨˈnapu]
139.	ele está andando no caminho	[zɻaˈhã eˌtsunaˈpaj aˌhɨnaˈpuwa]
140.	o caminho é amplo (largo)	[ˌawnapuˈpaj ahɨˈnapu]
141.	casa	[ˈpãj]
142.	a casa é nova	[ˈpãj awtsaˈpazɻɨ]
143.	a casa é velha	[ˈpãj mɨˈhɨzɻa]
144.	canoa	[ˈitsa]
145.	a canoa está cheia de areia	[ˈitsa puˌɾitʃaˈpaj kehɨˈpenu ˈɨw]
146.	arco	[ɾɨːˈtaj]
147.	ele esfregou o arco	[zɻaˈha kiˌtsitsehɛˈnej ɾɨːˈtaj]
148.	o arco é mau	[ɾɨˈtaj ˌkawkapaˈpaj]
149.	flecha	[uˈku]

150.	a flecha é reta	[ˌkatɨzˌɨˌzˌɨkaˈpaj uˈku]
151.	machado	[eˈpi]
152.	o machado está aí	[kataˈpaj ɨzˌɨˈnaj eˈpihã]
153.	a faca	[tʃeˈhɨ̃]
154.	a faca está cega	[tʃeˈhɨ̃ ˈajtsa keˌkitsiˈpaj]
155.	a faca está afiada	[ˈkata tʃeˈhɨ̃ keˌkitsiˈpaj]
156.	corda	[nutaˈi]
157.	amarrado com corda	[iˌtsitʃaˈkɨna nutaˈi iˈtsenu]
158.	panela (de barro)	[maˌkulaˈtãj]
159.	banha	[aˌpapataj ˈmɨna uˈmaku]
160.	a panela cheia de banha	[maˈkula ˌɨnakuˈpaj uˈmaku]
161.	carne	[hɨˈtaj]
162.	sal	[ɨˈhɨwɨ]
163.	fogo	[iˈtsej]
164.	ele está sentado perto do fogo	[zˌaˈhã ˌpataka'paj iˈtsei ɨkaˈnutsa]
165.	ele está soprando o fogo	[zˌaˈhã aˌmusaˈpaj iˈtsej]
166.	fumaça	[sijãˈlaku]
167.	fumaça na casa	[paˌjãkuˈpaj sijãˈlaki]
168.	cinza	[weˈhepe]
169.	as cinzas são quentes	[ijãtaˈpaj weˈhepe]
170.	pessoa, gente	[iˈjãw]
171.	homem	[eˈnɨzˌa]
172.	mulher	[tɨˈnezˌu]
173.	a criança / menino / menina	[jamukuˈnaw] / [enɨzˌaˈtãj] / [tɨnezˌuˈtãj]
174.	a criança está vomitando	[ˌjamukuˈtaj sitʃekeˈpej]
175.	este menino está cantando	[ˌjamukuˈtaj apakaˈpaj]
176.	aquele menino está ouvindo	[kalaˌjamukuˈtaj eteme'pej]
177.	marido	[uˈmezˌɨ]
178.	esposa	[ˈɨnu]
179.	aquela mulher é esposa dele	[kalatɨˈnezˌu ɨnuˈhã]
180.	pai	[ɨˈnezˌɨ]
181.	mãe	[ˈɨnu]
182.	nome	[ukupɨˈna]
183.	eu	[ˈnatu]
184.	você	[ˈpitsu]
185.	ele	[ˈzˌaha]
186.	nós você e eu vocês e eu eu e outro eu e outros	[ˈajtsu] [pitsu natu] [jitsutɨˈpe natu] [ˈnatu ɨˈpawa] [ˈnatu ɨˈpawatɨˈpe]
187.	vocês	[ˌjetsutɨˈpe]
188.	eles	[nalatɨpeˈhẽ]
189.	quem está ouvindo?	[ˈkatsa eˌtemeˈpej]
190.	quem está empurrando?	[ˈkatsa tuˌnukawãˈpaj]
191.	como costuram vocês?	[ˈkatsa itsaˈpaj pisepepeˈnej]
192.	como se racha pau?	[ˈkatsa ˈitsa halakaˈpaj ˈata]
193.	quando vai caçar?	[ˈkatsa waˈkija pijaˈwe ukujãˈwã]
194.	quando vai ficar em pé?	[ˈkatsa waˈkija pɨhɨˈzˌɨzˌɨ kataˈwe]
195.	onde está brincando as crianças?	[kaˈnaj amasiˌtʃutuwaˈpaj jamukuˈnaw]
196.	onde vai cavar?	[kaˈnaj patɨkaˈwe]

197.	o que é que ele sabe?	['katsa u:ta'paj]
198.	o que é que está cheirando?	['katsa 'kata kajˌjãlaˌwa'paj]
199.	ele está morrendo porque caiu	[ʐa'hã akama'paj ka'manɨ ta'kene]
200.	ele está molhado porque nadou	[ʐa'hã kahakene ka'manɨ ɾ̃ikata'hã]
201.	ele ouvirá se cantasse	[eteme¸we'nezɨ 'maka apa'kata]
202.	ele mataria o cachorro se o mordesse	[ʐa'ha unukatu'wa awawluku'ma]
203.	não	[ajtsa'ha]
204.	ele não está rindo	['ajtsa azatɨwa'paj]
205.	não é o pai dele	['ajtsa ɨne'zɨha]
206.	outro	[ɨpa'wa]
207.	ele matou jacarés ele matou antas ele matou antas e jacarés	[ja'ka ʐa'hã] ['teme ʐa'hã] [ʐa'ha unuka teme ja'ka]
208.	ele come carne ele come sal ele come carne com sal	[ʐa'hã ãjtʃa'paj hɨ'taj] [ʐa'hã ãjtʃa'paj ɨ'hɨwɨ] [ʐa'hã ãitʃa'paj ɨ'hɨwɨ oka'hɨɢa hɨ'taj]
209.	ele anda com a mãe	[ʐa'hã estuna'paj pa'kɨnɨ i'tsenu]
210.	está em casa vai à casa	[pãjãku'taj] ['pija pã'jãku]
211.	ele está na canoa	[ʐa'hã 'itsa ɨˌnakuwa'paj]
212.	um	[pã'wã]
213.	dois	[mepijã'wã]
214.	três	[kamaw'kula]
215.	quatro	[meˌpijãwã'wãka]
216.	cinco	[pɨwɨzɨ'kũ]
217.	nós contamos (enumerar)	['ajtsu ajˌjãka'paj]
218.	ele está em pé	[ʐa'hã 'hɨzɨ zɨkata'paj]
219.	ele está sentado	[ʐa'hã ˌpataka'taj]
220.	ele está deitado	[ʐa'hã aˌmakuwa'taj]
221.	ele dorme	[ʐa'hã ˌhumaka'taj]
222.	ele deitou-se para dormir	[ʐa'hã aˌmakuwa'paj 'maka huma'kene]
223.	ele vê	[ʐa'hã unu'pawɨ]
224.	ele ouve	[ʐa'hã ete'mewɨ]
225.	nós (eu e você) sopramos	['ajtsu 'natu 'pitsu aˌwamu'sawɨ]
226.	ele respira	[ʐa'hã aˌmɨna pata'paj]
227.	ele cheira	[ʐa'hã kajˌjã'lapa]
228.	ele come	[ʐa'hã ˌãjtʃa'paj]
229.	ele bebe	[ʐa'hã tuka'paj]
230.	ele chupa	[ʐa'hã utaka'paj]
231.	ele está vomitando	[ʐa'hã sitʃeke'pej]
232.	ele morde	[ʐa'hã taluka'paj]
233.	ele está inchado	[ʐa'hã saˌnana'paj]
234.	ele sabe	[ʐa'hã uta'paj]
235.	ele está pensando	[ʐa'hã kaˌkãjtsitʃu'paj]
236.	ele pensa bem	[ʐa'hã kaˌkãjtsitʃu'paj a'wɨzɨ]
237.	ele tem medo	[ʐa'hã mɨʐa'paj]
238.	ele está falando	[ʐa'hã kiˌtʃekɨʐa'paj]
239.	ele fala certo (não erradamente)	[ʐa'hã kiˌtʃekɨʐa'paj a'wɨtɨ]
240.	ele diz “não”	[ʐa'hã uma'hã]
241.	ele está cantando	[ʐa'hã aˌpaka'paj]
242.	ele está rindo	[ʐa'hã a:ˌʐatuwa'paj]

243.	ele está esfregando	[ʐa'hã aˌmatɨka'taj]
244.	ele raspa, coça	[ʐa'hã aˌmalaka'paj]
245.	ele aperta	[ʐa'hã haka'paj]
246.	ele está furando	[ʐa'hã piˌhɨkehe'nej]
247.	ele está limpando (com pano)	[ʐa'hã ˌhukute'hej]
248.	ele corta	[ʐa'hã hɨkɨ'tawɨ]
249.	ele está costurando	[ʐa'hã ˌsepehe'nej]
250.	ele está amarrando	[ʐa'hã ˌitsitʃa'paj]
251.	ele está lavando	[ʐa'hã ˌhukute'hej]
252.	ele está rachando	[ʐa'hã ˌhalaka'paj
253.	ele está cavando aqui	[ʐa'hã aˌtɨkaˌpaj katanaj'hã]
254.	eçe está jogando (coisas)	[ʐa'hã ˌwasitʃa'paj]
255.	ele está batendo (alguma coisa)	[ʐa'hã ˌmajtʃa'paj]
256.	ele dá	[ʐa'hã pu'tawɨ]
257.	ele está andando	[ʐa'hã ˌetsuna'taj]
258.	ele está dando volta	[ʐa'hã aˌtɨpuˌkuwa'paj]
259.	eles estão ouvindo	[nalã'hã eteme'tej]
260.	ele está puxando	[ʐa'hã ã:ta'paj]
261.	ele está empurrando	[ʐa'hã tunuka'paj]
262.	ele cai	[ʐa'hã ta'kene]
263.	ele está brigando	[ʐa'hã ˌpejete'pej]
264.	ele está brincando	[ʐa'hã aˌmasiˌtʃutuwa'paj]
265.	ele está caçando	[ʐa'hã 'ija 'uku jã'wã]
266.	ele mata	[ʐa'hã unuka'paj]
267.	ele está voando	[ʐa'hã a:la'paj]
268.	o homem está nadando	[e'nɨzʐa ˌɾ̃ikata'paj]
269.	ele está vivo	[ʐa'hã kutɨ'paj]
270.	ele está morrendo	[ʐa'hã ˌakama'paj]
271.	bom	[a'wɨzʐɨ]
272.	mau	['ajtsa a'wɨzʐɨ]
273.	novo	[awtsa'pazʐɨ]
274.	velho	[awtu'pazʐɨ]
275.	estragada	['ajtsa a'wɨzʐɨ]
276.	redondo	[ahã'taɾi]
277.	reto	[katɨzʐɨzʐi'ka]
278.	frio	[a'mɨna]
279.	quente	[ijã'ta]
280.	amarelo	[weɾu'ja]
281.	verde	[sa'kalu ˌisitʃa'tɨpe]
282.	vermelho	[mɨ'hɨzʐa]
283.	preto	[jala'ki]
284.	branco	[kisu'wa]
285.	sujo a água está suja a panela está suja	[kule'pe] [unɨ kule'peɢe] [ma'kula ku'lepe]
286.	molhado	[ku'laɢa]
287.	seco	[u'luhɨ]
288.	liso	[kaˌmijulu'luka]
289.	pesado	[ɨmɨ'na]
290.	é certo (não errado)	[ẽ:'he kama'lazʐɨ]
291.	todos	[katatɨ'pe]

292.	muito	[kijãˈkã]
293.	poucos	[ahãˈtãj]
294.	alguns	[jaˌkawakaˈhata]
295.	espesso, grosso	[ˈawtɨ]
296.	fino	[mujiˈpe]
297.	comprido	[awaˈpa]
298.	curto	[aˌhãtɨpuˈku]
299.	largo, amplo	[aˌhãpɨˈna]
300.	estreito, apertado	[paˌkahɨkaˈka]
301.	grande	[ˈweke]
302.	pequeno	[ahãˈtãj]
303.	aqui	[kataˈnajha]
304.	aí	[zˌaˈnajnu]
305.	mão direita	[ˌwɨjɨkuˈwiw iˌkijezˌẽˈpelu]
306.	mão esquerda	[ˌwɨzˌɨkuˈwiw waˈhulu]
307.	longe	[kaˈwaka]
308.	perto	[ɨˈkanu]
309.	meu nariz teu nariz seu nariz (dele) nossos narizes (de mim e você) nossos narizes (de mim e outros) seus narizes (de vocês) seus narizes (deles)	[niˈkitsi] [piˈkitsi] [ˈzˌa iˌkitsiˈhã] [aˈkitsi] [aˈkitsi] [jiˈkitsi] [ˈnala iˌkitsiˈhã]
310.	meu pé teu pé seu pé (dele) nossos pés (de mim e você) nossos pés (de mim e outros) seus pés (de vocês) seus pés (deles)	[nikiˈtsapa] [pikiˈtsapa] [ˈzˌa iˌkitsapaˈhã] [akiˈtsapa] [akiˈtsapa] [jiˈkitsa] [jiˈkitsa]
311.	a minha boca sua boca (de você) sua boca (dele) nossas bocas (de mim e você) nossas bocas (de mim e outros) suas bocas (de vocês) suas bocas (deles)	[nukaˈnatɨ] [pitʃaˈnatɨ] [ˈzˌa ɨkanatɨhã] [akaˈnatɨ] [akaˈnatɨ] [pitʃaˈnatɨ] [ɨkaˈnatɨ]
312.	minha mãe sua mãe (de você) sua mãe (dele) nossas mães sua mãe (de vocês) sua mãe (deles)	[ˈnatu maˈma] [ˈpɨnu] [ˈjɨnɨ] [aˈkɨnɨ] [akɨnɨˈnaw] [ɨnuˈwaw]
313.	meu pai seu pai (de você) seu pai (dele) nossos pais	[ˈnatu paˈpa] [ˈpɨzˌɨ] [ˈpɨzˌɨ] [aˈkɨzˌɨ]
314.	meu peixe seu peixe (de você) seu peixe (dele) nosso peixe (de mim e você) nosso peixe (de mim e outros)	[ˈnatu kuˈpatɨ] [ˈjitsu kuˈpatɨ] [ˈpitsu kuˈpatɨ] [ˈajtsu kuˈpatɨ]

	seu peixe (de vocês) seu peixe (deles)	['ajtsu ku'patɨ] ['jitsu ku'patɨ] ['pitsu ku'patɨ]
315.	minha casa sua casa (de você) sua casa (dele) nossa casa (de mim e vocês) nossa casa (de mim e outros) sua casa (de vocês) sua casa (deles)	[nɨ'pɨna] [pɨ'pɨna] [pɨ'pɨna] [jɨ'pɨna] [a'pɨna] [jɨ'pɨna] [pɨ'pɨna]
316.	minha canoa sua canoa (de você) sua canoa (dele) nossas canoas (de mim e você) nossas canoas (de mim e outros) suas canoas (de vocês) suas canoas (deles)	['nitsã] ['pitsã] ['pitsã] ['ajtsã] ['ajtsã] ['jitsã] ['jitsã]
317.	meu arco seu arco (de você) seu arco (dele) nossos arcos (de mim e você) nossos arcos (de mim e outros) seus arcos (de vocês) seus arcos (deles)	['nɨ̃ɨ̃ta] ['pɨ̃ɨ̃ta] ['pɨ̃ɨ̃ta] [aɨ̃ɨ̃'tata] [aɨ̃ɨ̃'tata] ['jɨ̃ɨ̃ta] ['jɨ̃ɨ̃ta]
318.	eu sou grande você é grande ele é grande nós (eu e você) somos grandes nós (eu e outros) somos grandes vocês são grandes eles são grandes	['natu we'nezɻɨ] ['pitsu ˌpijeke'pej] ['zɻaha weke'pej] ['ajtsu ˌaijeke'pej] ['ajtsu ˌaijeke'pej] ['jitsu ˌjijeke'pej] [na'laha ˌwekepe'pej]
319.	eu estou sujo você está sujo ele está sujo nós (eu e você) estamos sujo nós (eu e outros) estamos sujos vocês estão sujos eles estão sujos	['natu nuˌkulepe'pej] ['pitsu piˌtʃulepe'pej] [zɻa'hã ˌkulupe'pej] ['ajtsu ajˌtʃulepe'pej] ['ajtsu ajˌtʃulepe'pej] ['jitsu jeˌtʃulepe'pej] [nala'hã ˌkulepe'pej]
320.	eu sou bom você é bom ele é bom nós (eu e você) somos bons nós (eu e outros) somos bons vocês são bons eles são bons	['natu ˌnawɨzɻɨ'paj] ['pitsu ˌpawɨzɻɨ'paj] [zɻa'hã ˌawɨzɻɨ'paj] ['ajtsu ˌawawɨzɻɨ'paj] ['ajtsu ˌawawɨzɻɨ'paj] ['jitsu ˌjawɨzɻɨ'paj] [na'laha ˌawɨzɻɨpa'paj]
321.	eu sou velho você é velho ele é velho nós (eu e você) somos velhos nós (eu e outros) somoos velhos vocês são velhos eles são velhos	['natu awtuˌpazɻɨ'wiw] ['pitsu awtuˌpazɻɨ'wiw] [zɻa'ha awtupa'hã] ['ajtsu awtupa'zɻɨha] ['ajtsu awtupa'zɻɨha] ['jitsu awtupa'zɻɨha] [na'laha awtuˌpazɻɨ'wiw]

322.	eu estou vermelho (com urucum) você está vermelho ele está vermelho nós (eu e você) estamos vermelhos nós (eu e outros) estamos vermelhos vocês estão vermelhos eles estão vermelhos	['natu nɨˌmɨhɨzˌa'paj 'juku 'ɨu] ['pitsu pɨˌmɨhɨzˌa'paj] [zˌa'ha ˌmɨhɨzˌa'paj] ['ajtsu aɨˌmɨhɨzˌa'paj] ['ajtsu aɨˌmɨhɨzˌa'paj] ['pitsu pɨˌmɨhɨzˌa'paj] [nala'hã ˌmɨhɨzˌa'paj]
323.	eu lavo você lava ele lava nós (eu e você) lavamos nós (eu e outros) lavamos vocês lavam eles lavam	['natu ˌnuhuku'tanɨ] ['pitsu puˌhukute'penɨ] [zˌa'hã ˌhukuteˌpenɨ'hã] ['ajtsu aɨˌhukute'penɨ] ['ajtsu aɨˌhukute'penɨ] ['jitsu juˌhukute'penɨ] ['nala ˌhukutepe'nɨha]
324.	eu caço você caça ele caça nós (eu e você) caçamos nós (eu e outros) caçamos vocês caçam eles caçam	['natu 'nija ˌukujã'wã] ['pitsu 'jija ˌukujã'wã] [zˌa'ha 'ija ˌukujã'wã] ['ajtsu 'aja ˌukujaˌwã] ['ajtsu 'aja ˌukujaˌwã] ['jitsu 'jija ˌukuja'wã] [na'laha i'japa 'ukujã'wã]
325.	eu caio você cai ele cai nós (eu e você) caímos nós (eu e outros) caímos vocês caem eles caem	['natu nuta'kene] ['pitsu ˌpitsa'kene] [zˌa'ha ta'kene] ['ajtsu ˌajtsa'kene] ['ajtsu ˌajtsa'kene] ['pitsu ˌpitsa'kene] [nala'hã ta'kene]
326.	eu tenho medo você tem medo ele tem medo nós (eu e você) temos medo nós (eu e outros) temos medo vocês tem medo eles tem medo	['natu ˌnɨmɨzˌa'paj] ['pitsu ˌpɨmɨzˌa'paj] [zˌa'ha mɨzˌa'paj] ['ajtsu ˌaɨmɨzˌa'paj] ['ajtsu ˌaɨmɨzˌa'paj] ['jitsu ˌjɨmɨzˌa'paj] [nala'hã ˌmɨzˌapa'paj]
327.	eu puxo você puxa nós (eu e você) puxamos nós (eu e outros) puxamos vocês puxam eles puxam	['natu nata'nɨ] ['pitsu pãta'nɨ] ['ajtsu aˌwãta'nɨ] ['ajtsu aˌwãta'nɨ] ['jitsu ˌjãta'nɨ] [nala'hã ˌãta'nɨ]
328.	eu estou em pé você está em pé ele está em pé nós (eu e você) estamos em pé nós (eu e outros) estamos em pé vocês estão em pé eles estão em pé	['natu nɨˌhɨzˌɨˌzˌɨkata'paj] ['pitsu pɨˌhɨzˌɨˌzˌɨkata'taj] [zˌa'hã hɨzˌɨˌzˌɨkata'taj] ['ajtsu aɨzˌɨˌzˌɨkata'taj] ['ajtsu aɨzˌɨˌzˌɨkata'taj] ['jitsu jɨhɨzˌɨˌzˌɨkata'taj] [nala'hã hɨzˌɨˌzˌɨkata'taj]
329.	eu ando você anda nós (eu e você) andamos nós (eu e outros) andamos vocês andam	['natu ˌnetsuna'paj] ['pitsu ˌpetsuna'paj] [zˌa'hã ˌetsuna'paj] ['ajtsu eˌwetsuna'taj] ['ajtsu eˌwetsuna'taj]

	eles andam	[nala'hã ˌetsuna'taj]
330.	o cachorro mordeu a mim o cachorro mordeu você o cachorro mordeu a ele o cachorro mordeu à cobra o cachorro mordeu à nós (eu e você) o cachorro mordeu à nós (eu e outros) o cachorro mordeu a vocês o cachorro mordeu a eles	[awˌawluku'ma ta'luka 'natu] [awˌawluku'ma ta'luka 'pitsu] [awˌawluku'ma ta'luka ʐa'hã] [awˌawlu'kuma ta'luka 'uwi] [awˌawluku'ma ta'luka 'ajtsu] [awˌawluku'ma ta'luka 'ajtsu] [awˌawluku'ma ta'luka 'jitsu] [awˌawluku'ma ta'luka ʐa'hã]
331.	ele dá flechas a mim ele dá flechas a você ele dá flechas ao outro ele dá flechas a nós (a mim e você) ele dá flechas a nós (a mim e outros) ele dá flechas a vocês ele dá flechas a ele	[ʐa'hã u'puta u'ku nu:] [ʐa'hã u'puta u'ku pi'ju] [ʐa'hã u'puta u'ku u'pawa 'ɨw] [ʐa'hã u'puta u'ku 'aw] [ʐa'hã u'puta u'ku 'aw] [ʐa'hã upu'tawe u'ku 'piju] [ʐa'hã uputa'we u'ku ʐa'hã 'ɨw]
332.	eu queimei o pau você queimou o pau ele queimou o pau nós (eu e você) queimamos o pau nós (eu e outros) queimamos o pau vocês queimaram o pau eles queimaram o pau	['natu ˌnusitʃa'tene 'ata] ['pitu ˌpusitʃa'tene 'ata] [ʐa'hã ˌusitʃa'tene 'ata] ['ajtsu ˌawsitʃa'tene 'atiw] ['ajtsu ˌawsitʃa'tene 'atiw] [ʝisitʃa'tena 'ata] [nala'hã uˌsitʃata'pene 'atiw]